

#1 BESTSELLING AUTHOR

FREIDA McFADDEN

A photograph of a prison hallway with metal bars on both sides. A bright light emanates from the end of the hallway, creating a strong lens flare effect. The floor is dark and reflective.

THE
INMATE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SUSPENSE

SINOPSE

Existem três regras que Brooke Sullivan deve seguir como nova enfermeira em uma prisão masculina de segurança máxima:

- 1) Tratar todos os prisioneiros com respeito.
- 2) Nunca revelar qualquer informação pessoal.
- 3) Nunca se tornar muito amigável com os presos.

Mas nenhum dos funcionários da prisão sabe que Brooke já violou as regras. Ninguém sabe sobre sua ligação íntima com Shane Nelson, um dos presos mais notórios e perigosos da penitenciária.

E eles certamente não sabem que Shane era o namorado de Brooke no ensino médio – o astro quarterback que agora passará o resto da vida na prisão por uma série de assassinatos terríveis. Ou que o testemunho de Brooke foi o que o colocou ali.

Mas Shane sabe.

E ele nunca esquecerá.

CAPÍTULO UM

DIAS DE HOJE

À medida que as portas da prisão se fecham atrás de mim, questiono todas as decisões que tomei na minha vida.

Não é aqui que quero estar agora. De forma alguma. Quem quer estar numa penitenciária de segurança máxima? Aposto que ninguém quer isso. Se você está dentro dessas paredes, pode ter feito algumas escolhas erradas na vida ao longo do caminho.

Claro que sim.

— Nome?

Uma mulher com uniforme azul de oficial correcional está olhando para mim por trás da divisória de vidro logo na entrada da prisão. Seus olhos estão opacos e vidrados, e ela parece não querer estar aqui mais do que eu.

— Brooke Sullivan. — Eu limpo minha garganta. — Eu deveria me encontrar com Dorothy Kuntz?

A mulher olha para uma prancheta de papéis à sua frente. Ela examina a lista, sem reconhecer que me ouviu ou que sabe alguma coisa sobre por que estou aqui. Olho para trás, para a pequena área de espera, que está vazia, exceto por um velho enrugado sentado em uma das cadeiras de plástico, lendo um jornal como se estivesse sentado no ônibus. Como se não houvesse uma cerca de arame farpado ao nosso redor, repleta de torres de guarda gigantescas.

Depois do que pareceram vários minutos, um zumbido ecoa pela sala – alto o suficiente para que eu pule e dê um passo para trás. Uma porta à minha direita com barras verticais vermelhas se abre lentamente, revelando um corredor longo e mal iluminado.

Olho para o corredor, meus pés congelados no chão. — Devo... devo entrar?

A mulher olha para mim com seus olhos opacos. — Sim, vá. Você passa pela verificação de segurança no final do corredor.

Ela acena na direção do corredor escuro, e um arrepio passa por mim enquanto caminho hesitantemente pela porta gradeada, que se fecha novamente e tranca com um baque retumbante. Eu nunca estive aqui antes. Minha entrevista de emprego foi por telefone, e o diretor estava tão desesperado para me contratar que nem se sentiu obrigado a me conhecer primeiro – meu currículo e cartas de recomendação eram suficientes. Assinei um contrato de um ano e enviei-o por fax na semana passada.

E agora estou aqui. Para o próximo ano da minha vida.

Isto é um erro. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

Olho para trás, para as barras de metal vermelhas que já foram fechadas atrás de mim. Não é tão tarde. Mesmo tendo assinado um contrato, tenho certeza que conseguirei sair dele. Eu ainda poderia me virar e sair deste lugar. Ao contrário dos residentes desta prisão, não preciso estar aqui.

Eu não queria esse trabalho. Eu queria qualquer outro trabalho, menos este. Mas me candidatei a todos os empregos num raio de sessenta minutos da cidade de Raker, no norte do estado de Nova Iorque, e esta prisão foi o único lugar que me chamou de volta para uma entrevista. Foi minha última escolha e me senti sortuda por consegui-la.

Então continuo andando.

Há um homem no controle de segurança no final do corredor, guardando uma segunda porta trancada. Ele está na casa dos quarenta, tem um corte de cabelo curto estilo militar e usa o mesmo uniforme azul impecável da mulher de olhos mortos na recepção. Olho para o crachá preso em seu bolso: Oficial correcional Steven Benton.

— Oi! — digo, com uma voz que percebo ser um pouco alegre demais, mas não consigo evitar. — Meu nome é Brooke Sullivan e é meu primeiro dia trabalhando aqui.

A expressão de Benton não muda enquanto seus olhos escuros me examinam. Eu me contorço enquanto repenso todas as escolhas de moda que fiz esta manhã. Trabalhando numa prisão masculina de segurança máxima, achei que era melhor não me vestir de uma forma que pudesse ser interpretada como sugestiva. Então, estou vestindo uma calça social preta com corte curto, combinada com uma camisa preta de botões de mangas compridas. Faz quase trinta graus lá fora, um dos últimos dias quentes do verão, e estou arrependida de todo aquele preto, mas me pareceu a maneira de chamar o mínimo de atenção para mim. Meu cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo simples. A única maquiagem que uso é um corretivo para esconder as olheiras e um pedaço de batom quase da mesma cor dos meus lábios.

— Da próxima vez — diz ele — sem salto alto

— Oh! — Olho para meus sapatos pretos. Ninguém me deu nenhuma orientação sobre o código de vestimenta, muito menos sobre o código do *calçado*. — Bem, eles não são muito altos. E eles são grossos - não são *afiados* nem nada. Eu realmente não acho...

Meus protestos morrem em meus lábios enquanto Benton me encara. Sem salto alto. Entendi.

Benton passa minha bolsa por um detector de metais, e então eu mesma passo por um muito maior. Faço uma piada nervosa sobre como me sinto no aeroporto, mas tenho a sensação de que esse cara não gosta muito de piadas. Da próxima vez, sem salto alto, sem piadas.

— Eu deveria conhecer Dorothy Kuntz — digo a ele. — Ela é enfermeira aqui.

Benton grunhe. — Você também é enfermeira?

— Enfermeira clínica — eu o corrijo. — Vou trabalhar na clínica aqui.

Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Boa sorte com isso.

Não tenho certeza do que isso significa exatamente.

Benton aperta um botão e, novamente, aquele zumbido ensurdecedor soa, pouco antes de o segundo conjunto de portas trancadas se abrir. Ele me direciona por um corredor até a ala médica da prisão. Há um estranho cheiro químico no corredor, e as luzes fluorescentes no teto continuam piscando. A cada passo que dou, tenho medo de que algum prisioneiro apareça do nada e me espanque até a morte com um dos meus sapatos de salto alto.

Quando viro à esquerda no final do corredor, uma mulher está me esperando. Ela tem mais ou menos sessenta anos, cabelos grisalhos cortados rente e uma constituição robusta — há algo vagamente familiar nela, mas não consigo identificar o que é. Ao contrário dos guardas, ela está vestida com um uniforme azul marinho. Como todas as outras pessoas que conheci até agora nesta prisão, ela não está sorrindo. Eu me pergunto se isso é contra as regras aqui. Eu deveria verificar meu contrato. *Funcionários podem ser demitidos por sorrirem.*

— Brooke Sullivan? — ela pergunta com uma voz entrecortada que é mais profunda do que eu esperava.

— Isso mesmo. Você é Dorothy?

Assim como o guarda da frente, ela me olha de cima a baixo. E assim como ele, ela parece totalmente desapontada com o que vê. — Sem salto alto — ela me diz.

— Eu sei. Eu...

— Se você sabe, por que os usou?

— Quero dizer... — Meu rosto queima. — Eu sei agora.

Ela aceita relutantemente esta resposta e decide não me forçar a passar a orientação descalça. Ela acena com a mão e eu obedientemente troto atrás dela pelo corredor. Todo o exterior da enfermaria médica tem o mesmo cheiro químico que o resto da prisão e as mesmas luzes fluorescentes tremeluzentes. Há um conjunto de cadeiras de plástico alinhadas contra a parede, mas estão vazias. Ela abre a porta de uma das salas.

— Esta será sua sala de exames — ela me diz.

Eu olho para dentro. A sala tem cerca de metade do tamanho da clínica de atendimento de urgência onde eu trabalhava no Queens. Mas fora isso, parece o mesmo. Uma mesa de exame no centro da sala, um banquinho para eu sentar e uma pequena escrivaninha.

— Terei um escritório? — Eu pergunto.

Dorothy balança a cabeça. — Há uma mesa lá. Você não vê isso?

Então devo documentar com os pacientes olhando por cima do meu ombro? — Que tal um computador?

— Os registros médicos estão todos em papel.

Estou surpresa ao ouvir isso. Nunca trabalhei em um lugar com registros médicos em papel. Eu nem sabia mais que era permitido. Mas suponho que as regras sejam um pouco diferentes na prisão.

Ela aponta para uma sala ao lado da sala de exame. — Essa é a sala de registros. Seu crachá de identificação irá abri-la. Vamos comprar um desses para você antes de partir.

Ela aponta seu crachá de identificação para o scanner na parede e ouve um clique alto. Ela abre a porta para revelar uma pequena sala empoeirada cheia de arquivos. Toneladas e toneladas de arquivos. Isso vai ser uma agonia.

— Tem um médico aqui supervisionando? — Eu pergunto.

Ela hesita. — Dr. Wittenburg abrange cerca de meia dúzia de prisões. Você não o verá muito, mas ele está disponível por telefone.

Isso me deixa desconfortável. No pronto atendimento, nunca fiquei sozinha. Mas suponho que os problemas eram mais agudos do que verei aqui. Pelo menos é isso que espero.

Nossa próxima parada do passeio é o almoxarifado. É quase igual à sala da clínica de atendimento de urgência, mas, claro, menor – também com acesso a crachá de identificação. Existem bandagens, materiais de sutura e vários recipientes, tubos e produtos químicos.

— Só eu posso distribuir medicamentos — Dorothy me diz. — Você escreve o pedido e eu distribuo o medicamento ao paciente. Se há algo que não temos, podemos colocá-lo em pedido.

Esfrego minhas mãos suadas contra minha calça preta. — Certo, ok.

Dorothy me lança um longo olhar. — Eu sei que você está ansiosa por trabalhar em uma prisão de segurança máxima, mas você precisa saber que muitos desses homens ficarão gratos pelo seu cuidado. Contanto que você seja profissional, não terá problemas.

— Certo...

— *Não* compartilhe nenhuma informação pessoal. — Seus lábios formaram uma linha reta. — Não diga a eles onde você mora. Não conte *nada* sobre sua vida a eles. Não coloque fotos. Você tem filhos?

— Eu tenho um filho.

Dorothy me olha com surpresa. Ela esperava que eu dissesse não. A maioria das pessoas fica surpresa quando digo que tenho um filho. Embora eu tenha vinte e oito anos, pareço muito mais jovem. Embora eu me sinta muito mais velha.

Pareço que estou na faculdade e sinto que tenho cinquenta anos. História da minha vida.

— Bem — diz Dorothy — não fale sobre seu filho. Mantenha o profissionalismo. Sempre. Não sei com o que você está acostumada no seu antigo emprego, mas esses homens não são seus amigos. São criminosos que cometeram crimes gravíssimos e muitos deles estão aqui para o resto da vida.

— Eu sei. — Cara, eu sei.

— E acima de tudo... — Os olhos azuis gelados de Dorothy me encararam. — Você precisa se lembrar que, embora a maioria desses homens vá vê-la por motivos legítimos, alguns deles estão aqui para conseguir drogas. Temos uma pequena quantidade de entorpecentes na farmácia, mas são reservados para raras ocasiões. Não deixe que esses

homens a engane para que prescreva narcóticos para eles abusarem ou venderem.

— Claro...

— Além disso — acrescenta ela — nunca aceite qualquer tipo de pagamento em troca de narcóticos. Se alguém fizer uma oferta como essa para você, venha direto até mim.

Eu respiro fundo. — Eu nunca faria isso.

Dorothy me lança um olhar aguçado. — Sim, bem, foi o que a última disse. Agora ela mesma vai acabar em um lugar como este.

Por um momento, fico sem palavras. Quando o diretor me entrevistou, perguntei sobre a última pessoa que trabalhava aqui e ele disse que ela havia saído por – motivos pessoais – Ele não mencionou que ela foi presa por vender narcóticos a prisioneiros.

É preocupante pensar que a última pessoa que teve este emprego antes de mim está agora encarcerada. Ouvi dizer que, uma vez no sistema prisional, é difícil sair dele. Talvez o mesmo seja verdade para as pessoas que trabalham aqui.

Dorothy percebe a expressão em meu rosto e sua expressão suaviza um pouquinho. — Não se preocupe — ela diz. — Não é tão assustador quanto você pensa. Na verdade, é como qualquer outro trabalho médico. Você atende os pacientes, os melhora e depois os manda de volta para suas vidas.

— Sim... — Esfrego minha nuca. — Eu só estava pensando... Serei responsável por ver todos os presos da penitenciária? Tipo, eu apenas cubro um segmento ou...?

Seus lábios se curvam. — Não, é você, garota. Você atenderá com todo mundo. Algum problema com isso?

— Não, de jeito nenhum — eu digo.

Mas isso é mentira.

A verdadeira razão pela qual estava relutante em aceitar este trabalho não é porque tenho medo de que um prisioneiro me mate com o meu próprio sapato. É por causa de um dos presos desta prisão. Alguém que conheci há muito tempo, que não estou ansiosa para ver nunca mais.

Mas não posso dizer isso a Dorothy. Não posso revelar a ela que o homem que foi meu primeiro namorado é presidiário da Penitenciária de Segurança Máxima Raker, atualmente cumprindo prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

E fui eu quem o colocou aqui.

CAPÍTULO DOIS

Quando entro na rua da casa dos meus pais no meu velho Toyota azul, tenho na bolsa um crachá laminado da Penitenciária Raker. Dorothy me deu um aviso ameaçador sobre não deixá-lo cair em mãos erradas, mas com base nos meus privilégios de acesso, tenho quase certeza de que a única coisa que alguém poderia fazer com ele seria roubar alguns band-aids e usar o banheiro dos funcionários. Ainda assim, vou protegê-lo com a minha vida.

Apesar do tom amargo com que deixei a cidade há mais de uma década, adorei crescer em Raker. É uma cidade linda, com árvores em cada esquina, casas antigas pitorescas e vizinhos que não desviam os olhos automaticamente quando passam por você na rua, como no Queens. E quando você olha para o céu à noite, você pode ver as constelações individuais, em vez de apenas alguns pontos aleatórios de luz que provavelmente são apenas aviões.

Este é exatamente o tipo de lugar onde uma criança deveria crescer. Isso é exatamente o que minha pequena família precisava.

Estaciono do lado de fora da garagem para dois carros, o que é uma reminiscência dos velhos tempos, quando meus pais estacionavam na garagem e eu tinha que estacionar do lado de fora ou na rua. Velhos hábitos são difíceis de morrer. Ainda penso nisso como a casa deles, embora não seja mais. É minha, toda minha.

Afinal, os dois estão mortos agora.

Quando destranco a porta da frente, o som da TV chega ao hall de entrada, junto com o cheiro de carne sendo cozida. Fecho os olhos e, por um momento, me permito fantasiar sobre algum universo alternativo em que estou voltando para casa, para minha família, e meu parceiro está na cozinha, preparando o jantar.

Mas é claro que não passa de uma fantasia. Nunca houve um parceiro em minha vida que estivesse por perto o suficiente para preparar o jantar. Estou começando a me perguntar se algum dia

haverá. O cheiro delicioso é cortesia da babá, que teve a gentileza de preparar o jantar.

— Olá? — Eu chamo. — Estou em casa!

Espero um momento, me perguntando se Josh virá me cumprimentar. Houve uma época em que a volta da mamãe para casa era seguida pelo barulho de pezinhos e de um corpo quente se atirando sobre meus joelhos. Esse tipo de saudação é menos comum agora que Josh completou dez anos. Ele ainda me ama, não me entenda mal, só que não tão *enfaticamente*.

Com certeza, um segundo depois, Josh tropeça no hall de entrada com os pés descalços. Esta é a última semana antes do início das aulas, e ele está aproveitando isso para passar noventa por cento do tempo no sofá. Seja assistindo televisão ou jogando Nintendo. Eu não deveria deixá-lo fazer isso, mas em breve haverá escola, dever de casa e equipes esportivas. O grande negócio dele é a liga infantil, e isso só começa na primavera, mas quando chegar mais perto, ele vai querer que eu o leve ao parque para treinar.

— Oi, mãe!

Estendo os braços e ele cai neles, sem muita relutância. — Ei, garoto. Como foi o seu dia?

— Bem.

— Você fez alguma coisa além de sentar no sofá?

Ele sorri para mim. — Por que eu deveria?

Josh afasta o cabelo castanho dos olhos. Ele precisa de um corte de cabelo que, se a história servir de indicação, será feito no banheiro, em cima da pia. Mas ele definitivamente vai cortar o cabelo antes do início das aulas. A cada dia o garoto se parece um pouco mais com o pai, e com o cabelo desgrenhado daquele jeito, a semelhança é suficiente para fazer meu peito doer.

Um cronômetro dispara na cozinha e vou naquela direção enquanto o cheiro de frango assado se intensifica. Deus, sinto falta de

refeições caseiras. Minha mãe costumava cozinhar quase todas as noites, mas eu não morava sob o teto dela há muito tempo antes de me mudar para cá definitivamente no mês passado, após a morte dela.

Aproximo-me da cozinha no momento em que Margie tira uma bandeja do forno. Margie é uma avó local que cuidará de Josh enquanto eu estiver trabalhando. Ele tentou protestar dizendo que não precisava de uma babá, mas não me sinto confortável com ele ficando sozinho por horas enquanto estou a quarenta e cinco minutos de distância – em uma *prisão*. Além disso, Josh tem apenas dez anos. E ele não é exatamente um dez maduro.

— Isso tem um cheiro incrível, Margie — eu digo.

Margie sorri para mim e coloca uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha. — Ah, não é nada. Basta assar pedaços de frango com molho de manteiga e alho. E claro, arroz e aspargos como acompanhamento. Você não pode simplesmente comer frango.

Hum, você não pode? Porque tenho certeza de que, nos últimos dez anos, houve muitas noites em que Josh e eu não comemos nada além de frango. De um balde com um coronel sorridente ao lado.

Mas isso está no passado. As coisas vão ser diferentes agora. Este é um novo começo para nós dois.

Josh respira de forma exagerada. — Tem um cheiro muito atrevido.

Eu fico olhando para ele. — O que isso significa? Você não pode sentir muito cheiro de molho.

Margie pisca. — Acho que ele está sentindo o cheiro de manteiga de alho.

Ele torce o nariz. — Eu não gosto de alho. Não podemos simplesmente ir ao McDonald's?

Não entendo muito bem como você pode amar tanto alguém, mas com tanta frequência deseja estrangulá-lo.

— Em primeiro lugar — digo — não há McDonald's em Raker, então não, não podemos ir ao McDonald's. E segundo, Margie nos preparou uma deliciosa refeição caseira. Se você não quiser, pode fazer seu próprio jantar.

Margie ri. — Você parece minha filha.

Espero que isso seja um elogio. — Muito obrigada por ter vindo hoje, Margie. Você estará aqui para encontrar Josh depois da escola na segunda-feira? O ônibus escolar deveria chegar aqui por volta das três.

— É um encontro! — ela confirma.

Acompanho Margie até a porta, embora ela tenha sua própria chave. Pouco antes de eu me despedir dela, ela hesita, um sulco entre as sobrancelhas grisalhas. — Escute, Brooke...

Se ela me disser que vai desistir, vou me enrolar e chorar. Ela era a única babá disponível, mesmo que remotamente, na minha faixa de preço, e mal posso pagar por ela como está. — Sim...?

— Josh parece muito nervoso com a ideia de começar a escola — diz ela. — Eu sei que é difícil estar em uma cidade nova e tudo, especialmente na idade dele. Mas ele parecia ainda mais ansioso do que eu esperava.

— Oh...

— Não quero preocupar você, querida — diz ela. — Eu só queria que você soubesse.

Meu coração está com meu filho de dez anos. Não posso culpá-lo por sentir falta do McDonald's. O McDonald's é familiar. Raker não o conhece, nem esta casa. Em toda a sua vida, meus pais nunca nos deixaram visitá-los – eles sempre iam nos procurar na cidade, até que eu lhes disse que não podiam mais. Esta cidade é o meu lar, mas para Josh é uma cidade cheia de estranhos.

E posso pensar em alguns outros motivos pelos quais ele ficaria com medo de começar a estudar depois do que aconteceu no Queens.

— Eu cuidarei disso — eu digo. — Obrigada novamente, Margie.

Volto para a cozinha, onde Josh está sentado à mesa, brincando com os saleiros e pimenteiros. Ele está fazendo uma pequena pilha de sal e pimenta, o que eu lhe disse várias vezes para não fazer, mas não estou zangada com isso agora. Deslizo para o assento em frente a ele.

— Ei, amigo — eu digo. — Você está bem?

Josh traça sua primeira inicial, J, na pilha de condimentos sobre a mesa. — Sim.

— Está nervoso com a escola?

Ele levanta um dos ombros magros.

— Ouvi dizer que as crianças são muito legais aqui — digo. — Não será como em casa.

Ele levanta os olhos castanhos. — Como você poderia saber disso?

Eu estremeço, sentindo sua dor como se fosse minha. No ano passado, na escola, Josh sofreu bullying. *Seramente*. Eu nem sabia que isso estava acontecendo porque ele não falava sobre isso em casa. Ele simplesmente começou a ficar cada vez mais quieto. Eu não conseguia entender o porquê até o dia em que ele chegou em casa com um olho roxo.

Mesmo com o olho roxo, Josh tentou negar que algo estava acontecendo. Ele ficou com muita vergonha de me contar por que as outras crianças o estavam intimidando. Eu não tinha ideia do que aconteceu. Meu filho é um pouco quieto, mas não há nada nele que se destaque – eu não tinha ideia do que o tornava um alvo. Até eu descobrir o nome que todas as outras crianças o chamavam:

Bastardo.

Foi uma faca no meu coração que as outras crianças o intimidassem por minha causa. Pela minha história e pelo fato de meu filho nunca ter tido pai. Tive alguns pensamentos sombrios depois disso, acredite.

A escola tinha uma política de não tolerância ao bullying, mas, aparentemente, isso foi apenas algo que eles disseram para parecer que

estavam fazendo a coisa certa. Ninguém parecia ter qualquer compulsão de fazer nada para ajudar meu filho. E não ajudou o fato de o diretor ter julgamento quando notou que as outras crianças estavam simplesmente apontando uma realidade infeliz sobre a minha situação.

Quando você é uma mãe solteira que mal consegue se controlar, é difícil lidar com uma escola que finge que nada está errado. E um monte de outros pais vinte anos mais velhos que você e que têm muito mais dinheiro. Até consultei um advogado, o que acabou com a maior parte da minha conta corrente, mas o resultado foi que eles recomendaram transferir Josh para uma nova escola.

Então, depois que um acidente de carro matou meus pais no final do ano letivo, decidi não vender a casa onde cresci. Este era o novo começo que Josh e eu precisávamos.

— Você vai fazer amigos — digo ao meu filho.

— Talvez — ele diz.

— Você vai — eu insisto. — Eu prometo.

O problema de seu filho envelhecer é que ele sabe que há algumas coisas que você não pode prometer.

Josh não tira os olhos da pequena pilha de sal e pimenta. Desta vez ele escreve um S como seu sobrenome. — Mãe?

— Sim, docinho?

— Agora que estamos morando aqui, vou conhecer meu pai?

Quase engasgo com minha própria saliva. Nossa, eu não sabia que esse pensamento passava pela cabeça dele. Por mais que eu tenha tentado ao máximo ser pai ou mãe desse garoto, houve momentos na vida de Josh em que ele parecia obcecado por quem é seu pai. Quando ele tinha cinco anos, não consegui fazê-lo parar de falar sobre isso. Todos os dias ele voltava para casa com um novo desenho de seu pai e como ele imaginava que ele seria. Um astronauta. Um policial. Um veterinário. Mas ele não menciona seu pai há algum tempo.

— Josh — eu começo.

— Porque ele mora aqui? — Ele levanta os olhos da mesa. — Certo?

Cada palavra é como uma pequena adaga em meu coração. Eu deveria ter contado a ele que seu pai estava morto. Isso teria tornado as coisas muito mais fáceis. Eu poderia ter inventado uma história maravilhosa sobre como o pai dele foi um herói que morreu, não sei, tentando salvar um cachorrinho de um incêndio. Ele teria ficado feliz com isso. Talvez se eu contasse a ele a história do incêndio do cachorrinho, as crianças não o tivessem intimidado no ano passado.

— Querido — digo — seu pai morava aqui, mas agora não mora. Não mais.

Não consigo ler a expressão no rosto de Josh. O outro problema com o envelhecimento do seu filho é que ele percebe quando você está mentindo.

CAPÍTULO TRÊS

O homem à minha frente tem exatamente um dente.

Ok, isso não é totalmente verdade. Henderson tem alguns dentes na parte de trás que são pretos e precisam de cuidados dentários sérios, mas quando ele sorri, tudo que consigo ver é aquele dente amarelo na fileira superior de sua boca.

— Você é um salva-vidas, doutora — o Sr. Henderson me diz enquanto mostra o velho Chomper para mim mais uma vez. Já disse a ele duas vezes que não sou médica, mas ele parece gostar de me chamar assim. — Eu não posso te dizer o quanto eu aprecio isso.

— Fico feliz em ajudar — eu digo.

Não fiz praticamente nada pelo Sr. Henderson. Tudo o que fiz foi prescrever-lhe um novo inalador para o enfisema, que parece ter piorado nos últimos meses. Os prisioneiros têm que preencher um formulário de pipa, que é uma requisição para vir me ver se não for uma visita agendada regularmente, e o formulário que o Sr. Henderson preencheu diz apenas: — Não consigo respirar

Todos os pacientes que atendi no meu primeiro dia foram assim. Não sei o que estes homens fizeram para acabar na prisão de segurança máxima, mas são todos extremamente educados e gratos pelo cuidado que presto. Não sei que crime terrível cometeu este homem de sessenta e três anos e não quero saber. No momento, eu gosto do cara.

— Estou tossindo e ofegando desde que a outra garota foi embora — me conta o Sr. Henderson. Como que para demonstrar seu ponto de vista, o Sr. Henderson dá uma tosse alta, úmida e seca. Adoraria fazer uma radiografia de tórax, mas o técnico não está aqui hoje, então terei que esperar até amanhã.

O pessoal aqui é péssimo. Um dia de trabalho, e isso é dolorosamente óbvio. Antes de eu começar, o Dr. Wittenburg passava por aqui ocasionalmente e, fora isso, eles enviavam presos para o

pronto-socorro ou para atendimento urgente para cuidados médicos básicos – com um custo enorme para a prisão. Não admira que parecessem tão desesperados para me contratar.

Desesperados o suficiente para ignorar minha ligação íntima com um dos presos.

— E quanto a Dorothy? — Eu pergunto. — Você contou a ela sobre seus problemas respiratórios?

Ele acena com a mão. — Ela apenas disse para parar de ser um bebê.

Embora os homens sejam bastante educados, já ouvi muitas reclamações sobre Dorothy hoje. Nenhum deles parece gostar muito dela.

— Mas você é ótima, doutora — diz o Sr. Henderson.

— Obrigada. — Eu sorrio para ele. — Você tem alguma outra dúvida ou preocupação?

— Sim, tenho uma pergunta. — Ele coça o ninho de rato de cabelos grisalhos em sua cabeça. — Você é casada?

O alerta de Dorothy sobre não fornecer informações pessoais a nenhum dos pacientes ainda ressoa em meus ouvidos. Mas esta parece ser uma pergunta bastante inofensiva. E ele pode ver claramente que não estou usando aliança.

— Não — eu digo. — Solteira.

— Bem, tenho certeza que você encontrará alguém em breve, doutora — diz ele. — Você é muito jovem e bonita. Você não precisa se preocupar.

Ótimo.

O Sr. Henderson salta da mesa de exame e eu o levo para fora da sala, fazendo algumas anotações rápidas de última hora em seu prontuário. Os requisitos de documentação aqui são bastante limitados, pelo que vi. A última enfermeira, Elise, apenas fez algumas anotações

com sua grande caligrafia curvada para cada uma de suas visitas. Seja lá o que for que Elise seja culpada, estou grata por ela ter uma boa caligrafia.

O oficial correcional Marcus Hunt está esperando do lado de fora da sala de exames. Hunt é o oficial designado para a unidade médica, o que significa que ele leva os pacientes para a área de espera (ou seja, as cadeiras de plástico alinhadas do lado de fora da sala de exame) e fica em posição de sentido do lado de fora da sala enquanto estou com os pacientes.

Hunt é alto e, embora não seja exatamente largo, parece forte sob o uniforme azul de guarda. Ele deve ter trinta e poucos anos, o crânio raspado e uma barba de alguns dias no queixo. Não há janelas nas portas, por isso é reconfortante deixar a porta da sala de exame aberta e saber que Hunt está do lado de fora. Tenho notado que às vezes Hunt deixa a porta aberta e outras vezes, como no caso do Sr. Henderson, ele apenas a abre um pouco. Imagino que ele saiba mais sobre os presos do que eu, então deixo isso a seu critério.

Cerca de um terço dos homens hoje chegaram com os pulsos algemados. Alguns deles também tiveram os tornozelos algemados. Não perguntei como eles determinam quem fica algemado e quem não fica.

Entrego o Sr. Henderson ao oficial Hunt, e ele acena para mim sem expressão. Assim como Dorothy, ele não sorri muito, ou nem sorri. As únicas pessoas que sorriram para mim desde que cheguei aqui foram os prisioneiros.

— Vou levá-lo de volta para sua cela — Hunt me diz.

Verifico as cadeiras de plástico do lado de fora da sala de exame.
— Ninguém mais está esperando?

— Não, você tem uma folga.

Observo Hunt desaparecer por um corredor com o Sr. Henderson, me deixando sozinha. Não que eu não esteja feliz por fazer uma pausa, mas não há muito o que fazer por aqui. O sinal Wi-Fi é praticamente inexistente e não há ninguém por perto com quem conversar. Eu

deveria começar a trazer um livro para ler se houver uma folga na agenda.

A sala de registros médicos está localizada à esquerda. Estive lá algumas vezes hoje para localizar fichas, já que ninguém faz isso por mim. Olho para o relógio – ainda falta uma hora para o horário de encerramento. Então olho para os dois lados do corredor.

Não há ninguém aqui além de mim.

Vou até a sala de registros médicos e uso meu crachá para destrancar a porta. É uma sala dolorosamente claustrofóbica, repleta de tantos arquivos quanto possível, iluminados por uma única lâmpada no teto. Há também uma pilha de arquivos jogados no canto da sala, com as páginas espalhadas. Dorothy me disse que são de presidiários que não estão mais aqui. Como a maioria desses homens cumpre pena de prisão perpétua, suponho que isso significa que estão mortos.

Não tenho muito tempo aqui antes que Hunt retorne. Felizmente, sei exatamente o que estou procurando.

Vou direto para a gaveta marcada com N. Abro-a, expondo uma pilha grossa de gráficos bem embalados na gaveta. Eu folheio os nomes. Nash. Nabb. Napier. Neil.

Nelson.

Pego a ficha, minhas mãos tremendo levemente. O nome rabiscado na guia é Shane Nelson. É *ele*. Ele ainda está aqui. Não que eu deva ficar surpresa, já que da última vez que o vi, ele estava sendo condenado a passar o resto da vida aqui.

Fecho os olhos e ainda posso ver seu rosto bonito e robusto. Seus olhos olhando nos meus. *Eu te amo, Brooke.*

Foi o que ele me disse poucas horas antes de tentar me matar.

E isso nem foi a pior coisa que ele fez.

Olho para a ficha de papel, querendo abri-la e olhar dentro, mas sabendo que não deveria. Moralmente, eu definitivamente não deveria. Legalmente... É uma área cinzenta. Tecnicamente, como prisioneiro

desta instalação, ele é um dos meus pacientes. Mas se eu abrir este arquivo, não o olharei como um praticante.

Só estou aqui há um dia. É um pouco cedo para quebrar as regras.

Quando me candidatei a este emprego, não pensei que o conseguiria, dada a minha ligação com um dos reclusos. Mas eu era menor de idade na época do julgamento de Shane, e meus pais trabalharam duro para manter meu nome fora dos registros públicos. Mesmo assim, eu acreditava que uma verificação de antecedentes me denunciaria. Mas eu estava errada.

Ou então o diretor sabia da ligação, mas eles estavam tão desesperados para contratar alguém que deixaram passar.

Ouçõ um clique e percebo que alguém usou seu crachá de identificação para abrir a porta dos registros médicos. Em pânico, coloco o prontuário de Shane de volta no arquivo e bato a gaveta assim que a porta se abre. O oficial Hunt está parado ali, sua silhueta alta preenchendo a porta.

— Temos outro paciente para você. — Na penumbra da sala, seus olhos parecem duas órbitas escuras. — O que você está fazendo aqui?

— Eu, uh... — Olho de volta para o arquivo. — Havia apenas algo que pensei sobre um paciente desta manhã e que gostaria de anotar.

Tenho todo o direito de estar nesta sala de arquivo. Não há como ele saber que o que eu estava fazendo nesta sala estava longe de ser legítimo, embora eu suspeite que minhas bochechas vermelhas estejam me denunciando.

Hunt estreita os olhos para mim. — Apresentei todos os arquivos das visitas agendadas. Se você precisar de outros, posso trazê-los para você.

— Oh! — Forço um sorriso. — Bem, obrigada então. Eu realmente aprecio isso.

Ele não retribui o sorriso.

Bem, ótimo. Estou aqui há menos de um dia e o guarda já pensa que sou um problema. Mas parece que eles precisam mais de mim do que eu deles, então meu trabalho está seguro. Por agora.

Contanto que Shane Nelson não precise ser visto na enfermaria médica tão cedo.

CAPÍTULO QUATRO

ONZE ANOS ATRÁS

Meus pais me matariam se soubessem o que estou fazendo agora.

Acham que estou estudando depois da escola com minha melhor amiga Chelsea. Eles acham que Chelsea está me dando uma carona para casa, então vou pegar uma muda de roupa e dormir na casa dela.

Se eles soubessem que eu estava sentada em um carro a um quarteirão de distância da minha casa com Shane Nelson, seria ruim. E se eles soubessem que seria na *casa de Shane* onde eu passaria a noite... bem, eu nem quero saber o que eles fariam. Para começar, eu estaria de castigo. E não o tipo de castigo onde não posso jogar videogame ou ser privada de uma porção extra de sobremesa. Eu seria arrancada do ensino médio, provavelmente estudaria em casa e nunca mais teria permissão para sair do meu quarto. *Esse* tipo de castigo.

Então é por isso que quando Shane me leva para casa, ele sempre estaciona a um ou dois quarteirões de distância. Mesmo isso é um risco, mas quando se trata de Shane, eu gosto de correr riscos estúpidos. Sempre fui uma boa garota – nota máxima, sociedade de honra, clube de debate. Nunca conheci um cara que me fizesse querer quebrar todas as minhas regras antes. E quando Shane olha para mim do banco do motorista de seu Chevy, percebo que não há muito que eu não faria por ele.

— Estou realmente ansiosa por esta noite — digo a ele, com uma voz que espero que pareça madura e sexy, mas que provavelmente soe estridente e nervosa. Não posso evitar: nunca passei a noite na casa de um menino antes.

— Eu também. — Ele traça a curva do colar dourado de floco de neve que sempre uso no pescoço. — Muito.

Os olhos castanhos vívidos de Shane encontram os meus. Conheço Shane desde o ensino médio e juro que ele fica mais bonito a cada ano. Cabelo escuro desgrehado, um sorriso perigoso e agora todos aqueles

malditos músculos. Quando tínhamos doze anos, ele era apenas um punk que não conseguia parar de se meter em encrencas na escola. Depois, no ensino médio, ele se juntou ao time de futebol e se tornou o zagueiro estrela. Eu o vejo todos os dias enquanto Chelsea eu torcemos nas arquibancadas, e ele é muito talentoso. Ainda não é bom o *suficiente* para meus pais.

— Sabe — Shane diz — podemos ser apenas nós na minha casa esta noite. Você diz a palavra...

Quando Chelsea descobriu que a mãe de Shane estaria fora da cidade visitando sua avó no fim de semana, foi sua brilhante ideia dar uma festinha na casa dele esta noite. Ela rapidamente convidou a si mesma e a seu namorado estrela do futebol, Brandon. Brandon é particularmente habilidoso em sempre ter uma garrafa de algo alcoólico em todas as festas.

— Não sei se é uma boa ideia — digo. — Se Chelsea não vier, ela vai me delatar para meus pais.

Shane faz uma careta. — Ela é sua melhor amiga. Você realmente acha que ela faria isso?

Oh, ela absolutamente faria. Chelsea pode ser minha melhor amiga, mas ela está sempre em busca do número um. Mas, pela primeira vez, estou feliz. Shane e eu estamos juntos há três meses e estou nervosa por ficar sozinha com ele. Acho que ele nem sabe que ainda sou virgem. Ele não é um deles – ele não disse isso, mas tenho certeza disso. Não é possível.

— Está tudo bem — eu digo. — Será divertido sair com Chelsea e Brandon.

Shane não protesta porque Brandon é um de seus bons amigos. Mas ele não está nervoso por ficar sozinho comigo. Ele parece animado com qualquer tempo que passa comigo. É lisonjeiro o quanto ele parece gostar de mim. Eu namorei alguns caras antes, mas Shane é meu primeiro *namorado* de verdade. Ele nem parece se importar que tenhamos que nos esgueirar porque meus pais não o aprovam.

Olho para o relógio: disse à minha mãe que chegaria em casa às cinco. — É melhor eu ir.

— Só mais cinco minutos?

— Melhor não.

Não quero dar nenhuma desculpa aos meus pais para me dizerem que não posso sair esta noite. Só recentemente eles aliviaram as restrições deste verão, quando uma adolescente chamada Tracy Gifford, de uma cidade vizinha, foi encontrada assassinada na floresta. Durante um bom mês depois disso, todos ficaram absolutamente aterrorizados. Mas agora já se passaram quatro meses e é quase como se nada tivesse acontecido. Tracy Gifford era importante e agora é como se ela nunca tivesse existido.

— Certo, tudo bem. — Ele agarra meu ombro e me puxa para perto dele. Eu o beijo profundamente e com fome, como se estivéssemos competindo para ver quem engolirá o outro primeiro. Parece que não nos cansamos um do outro. — Vou vê-la hoje a noite.

— Até mais.

Começo a abrir a porta do carro e sinto sua mão em meu ombro. — Brooke?

Eu me viro para olhar para ele. — Sim?

— Brooke, eu lopei você.

Não posso deixar de sorrir para ele. Isso é uma piada particular entre nós dois. Certa vez, eu estava mandando uma mensagem para ele dizendo que adoro sorvete, mas digitei errado e escrevi — Eu *lope*¹ sorvete — Você pensaria que meu telefone corrigiria isso automaticamente, mas isso não aconteceu. E então virou piada. *Eu lope batatas fritas. Eu lope fazer mensagens nos pés.* E então, algumas semanas atrás, ele deixou escapar:

Eu lope você, Brooke.

Ele não me ama. Obviamente não. Quero dizer, temos apenas dezessete anos e namoramos há apenas três meses. Mas ele me ama. E isso é quase melhor que o amor.

— Eu também *lope* você — eu digo.

Shane ri e solta meu ombro para me deixar sair do carro. Quando bato a porta do Chevy, todo o carro treme. O carro de Shane é um lixo. Ele literalmente comprou no ferro-velho e usou suas habilidades nas aulas de mecânica de automóveis para reconstruir o motor e fazer a maldita coisa funcionar. Ele o pintou, e parece meio decente agora, mas estou sempre um pouco preocupada se ele vai morrer no meio da estrada e terei que voltar para a civilização com sapatos que quase certamente serão incrivelmente desconfortáveis, porque essa é apenas a minha sorte.

Mas Shane não pode comprar um carro novo. Ou até mesmo um carro usado. Embora trabalhe todo fim de semana na pizzeria, o único carro que pode comprar é aquele que comprou no ferro-velho.

E agora você sabe por que meus pais nunca o aprovarão. Porque segundo eles, assim como seu carro, Shane é “lixo”.

Shane abaixa a janela do passageiro do carro. — Vejo você hoje à noite, Brooke! Sete e meia!

— Sete e meia — repito obedientemente.

Após essa confirmação, o carro de Shane se afasta, fazendo muito mais barulho do que um carro deveria fazer porque seu silenciador também é do ferro-velho. Vejo o Chevy desaparecer na esquina porque estou meio apaixonada por ele. Do tipo em que tenho que vê-lo desaparecer ao longe. É doentio, eu sei.

— Então, o que você vai fazer às sete e meia, Brooke?

Eu desço da minha nuvem de amor (quero dizer, *lope*) ao som da voz atrás de mim. Eu não percebi que Shane tinha estacionado perigosamente perto da casa dos Reese, o que ele normalmente toma cuidado para não fazer. Tim Reese está parado no gramado da frente, varrendo as últimas folhas do outono.

Tim. Droga.

— Nada — eu digo.

Tim arqueia uma sobrancelha para mim enquanto olho para ele. Ainda não estou acostumada a olhar para Tim. Eu o conheço desde que usávamos fraldas, quando ele se chamava Timmy e tinha o rosto cheio de sardas, como se uma bomba de sardas tivesse explodido em seu rosto. Ele sempre foi alguns centímetros mais baixo do que eu, mas de repente aumentou há cerca de um ano. Ainda não consigo me acostumar.

— Você vai se encontrar com Shane às sete e meia? — Tim me pressiona.

Eu desvio meus olhos. Chelsea pode ser minha melhor amiga, mas Tim me conhece melhor do que qualquer pessoa no mundo. — Talvez...

Os olhos azuis de Tim escurecem. — Não acredito que você ainda está namorando aquele idiota.

Meus pais odeiam Shane, mas Tim o odeia ainda mais. Ele o odeia com uma paixão estranha que não entendo inteiramente. Tim não é o tipo de cara que julgaria alguém porque ele dirige um carro usado e mora em uma velha casa de fazenda que está a uma pedra solta de ser condenada. Existem outras razões pelas quais ele odeia Shane.

— Tim — murmuro — pare com isso

Ele esfrega o queixo. A maioria das sardas desapareceu nos últimos anos, em parte porque ele toma cuidado para ficar longe do sol. Mas sinto falta das sardas do Tim. As sardas eram adoráveis. Sem elas e agora meia cabeça mais alto do que eu, ele ficou bonito, mas não é mais adorável. Além disso, ele parece uma pessoa diferente. Um garoto diferente daquele com quem passei os verões, correndo e gritando pelos irrigadores do quintal.

— Shane é um idiota — ele declara.

— Oh vamos lá...

— Ele é — Tim responde. — Ele e todos os seus companheiros de futebol são um bando de valentões. Não acredito que você não vê isso, Brooke.

Eu me movo entre os pés no quintal de Tim, que está lamacento por causa da umidade do ar. O ar está pesado e úmido, e posso sentir meu cabelo começando a enrolar. A previsão era de fortes chuvas e trovoadas esta noite, e Chelsea e eu pretendemos chegar à casa da fazenda antes de começar. Então eu deveria seguir em frente, mas odeio o julgamento no rosto de Tim e estou desesperada para provar que ele está errado. Ele não conhece Shane como eu. Eu costumava pensar que Shane era um idiota, mas ele não é. Ele é um cara legal e eu gosto muito dele. Eu *lope* ele. Tim simplesmente não consegue ver. Eu gostaria que ele pudesse.

— Se você conhecesse Shane — eu digo — aposto que você gostaria dele.

Tim bufa e balança a cabeça.

— Escute — eu digo — você deveria ir hoje à noite

Ele estreita os olhos. — Ir para onde?

As palavras saem antes que eu possa pensar demais nelas. — Vamos nos encontrar na casa de Shane esta noite. A mãe dele vai estar fora da cidade. Seremos eu, Shane, Chelsea e Brandon. — Eu levanto uma sobancelha esperançosamente. — E você?

— Desculpe, vou passar.

— Vamos, vai ser divertido! Basta dizer a seus pais que você foi à casa de Jordan – eles nunca vão verificar. Todos nós vamos passar a noite.

Tim inclina a cabeça para o lado, considerando isso. Ele costumava fazer a mesma expressão quando éramos crianças. Costumava ser tão fácil naquela época. Eu ia até a casa do Tim e não havia discussão sobre namorados, valentões ou qualquer coisa assim. Eu ia e *brincávamos*. E naquela época, eu senti que sempre seria assim. Parecia que Tim e eu sempre seríamos amigos assim.

Foi Tim quem me comprou o colar de floco de neve que sempre uso. Ele me deu no meu aniversário de dez anos, porque uma das coisas favoritas que fazíamos juntos era brincar na neve – andar de trenó, construir bonecos de neve, brigar com bolas de neve – sempre que nevava, a primeira coisa que eu fazia era calçar as botas e roupa de neve e ir para a casa de Tim. O colar foi a primeira joia genuína que alguém comprou para mim. Considerando que tenho usado todos os dias desde então e meu pescoço não ficou verde, suspeito que ele deve ter gasto uma fortuna com isso. Ele provavelmente estava economizando o ano todo para comprá-lo para mim.

— Tudo bem — ele diz. — Por que não?

Vagamente, estou ciente do fato de que Tim nunca, jamais diz não para mim. Mas tento não pensar nisso. Há certos aspectos do meu relacionamento com o vizinho que é melhor não analisar muito profundamente.

— Isso é ótimo! — Eu bato palmas. — Chelsea vem me buscar às sete e quinze. Passaremos para buscá-lo depois.

Tim não poderia parecer menos animado com isso. — Ok.

Tim acha que tudo é um erro, mas ele está errado. Ele vai se divertir muito esta noite, e vou provar a ele que Shane é um cara legal. E direi a Chelsea para levar uma garota para ele também. Afinal, é melhor mostrar a ele um bom momento.

CAPÍTULO CINCO

DIAS DE HOJE

Se fosse socialmente aceitável, Josh se esconderia entre minhas pernas.

Mas ele tem dez anos, então, em vez disso, está parado perto de mim, os dedos agarrados à manga da minha camisa, ainda relutante em se juntar à multidão de crianças que estarão na turma da quinta série. Sua professora, a Sra. Conway, me lança um olhar solidário. Ela parece bastante legal – uma professora experiente na casa dos quarenta anos que parece ser hábil em manter a turma na linha. Ela não estava por perto quando eu era estudante na escola, mas suspeito que ela deve ter começado logo depois.

— Ele vai ficar bem, Senhorita Sullivan — ela me garante. — Prometo que ficarei de olho nele.

— Obrigada — eu digo.

Não me escapa que ela me chamou de *Senhorita* Sullivan em vez da *Senhora* Sullivan. Ela sabe que sou mãe solteira? Ela sabe que Josh não tem pai na foto? Ela conhece toda a história sórdida? As pessoas falam em cidades como esta, embora meus pais tenham feito tudo o que puderam para esconder minha gravidez.

E se ela sabe, então talvez todos os outros pais saibam. E então as crianças saberão. E então os xingamentos começarão tudo de novo.

Não, estou sendo paranoica. Josh vai ficar bem.

O burburinho animado das crianças é interrompido pelo som estridente de uma campainha tocando no ar. O primeiro dia de aula começou oficialmente. Preciso de todo o meu autocontrole para não esmagar Josh em um embaraçoso abraço de urso. Ele é um pouco pequeno para sua idade, na altura dos meus ombros, e às vezes ainda parece dolorosamente jovem. Jovem demais para enfrentar algo assustador como uma sala de aula com estranhos que se conhecem desde os últimos cinco anos de escola.

— Boa sorte — eu sussurro em seu ouvido. — Lembre-se: todo mundo gosta do novo garoto legal.

O queixo de Josh treme ligeiramente – ele está tentando não chorar. Quando ele tinha dois anos, ele costumava chorar descaradamente, mas é ainda mais doloroso vê-lo como uma criança grande, lutando para conter as lágrimas. Dou um beijo no topo de sua cabeça e dou um leve empurrão em suas costas. Ele sai para seguir seus colegas até a escola como se estivesse sendo levado para sua execução.

Ele vai ficar bem. As outras crianças vão amá-lo, mesmo que ele tenha nascido fora do casamento. Foi absolutamente a decisão certa mudar para cá.

Continue dizendo isso a si mesma, Brooke.

Observo até que a mochila verde de Josh não esteja mais visível. Eu adoraria me plantar fora de sua sala de aula para estar disponível se ele precisar de mim durante o dia. Mas eu não poderia fazer isso quando ele estava no jardim de infância e certamente não é aceitável agora. Só vou confiar que tudo ficará bem. Ele vai superar isso.

— Brooke? Brooke Sullivan?

Meu queixo aperta ao som do meu nome. A pior coisa de voltar para a cidade onde cresci é que as pessoas ocasionalmente me reconhecem. Felizmente, é uma cidade grande o suficiente para que isso não aconteça com muita frequência, mas suponho que deveria esperar isso quando estou diante da escola primária que frequentei quando tinha a idade de Josh.

Viro-me para cumprimentar a professora que me reconheceu. Mas antes que eu possa dizer olá, fico de boca aberta.

— Tim? — Eu falo.

É Tim. Tim Reese. Que morou perto de mim durante toda a minha infância. Meu melhor amigo.

Bem, até eu sair da cidade sem dizer uma palavra a ele sobre isso.

— Brooke! — Seu rosto se ilumina. — É você mesmo!

Enquanto Tim corre pela grama ao redor da escola, consigo vê-lo melhor. E... bem, uau. Quando éramos pequenos, Tim era um garoto fofo. Muitas sardas e um sorriso que fez com que todos os adultos o amassem. E então, perto do final do ensino médio, ele cresceu quinze centímetros praticamente da noite para o dia e se tornou um pouco menos fofo e um pouco mais bonito, mas ainda muito magro e desengonçado. Mas agora ele está completamente preenchido, ganhou o peso que precisava e ainda por cima alguns músculos. As sardas já desapareceram há muito tempo.

Tim Reese é *gostoso*.

Conscientemente passo a mão pelo meu cabelo escuro, que preendi em um rabo de cavalo bagunçado antes de sair de casa. Também estou vestindo uma camiseta grande e calça de ioga. Não é isso que eu gostaria de usar para encontrar Tim Reese pela primeira vez em dez anos. Mas é o que é.

— Ei — ele diz quando se aproxima de mim. — Isso é tão selvagem. Eu vi você do outro lado do gramado e pensei comigo mesmo: Essa não pode ser Brooke Sullivan. Estou imaginando coisas. Mas é você. É você mesmo.

— Sou eu — eu digo rigidamente.

Ele sorri. — Eu posso ver isso.

E então ficamos ali parados sem jeito. Bem, estou me sentindo estranha. Tim não consegue parar de sorrir. Não entendo por que ele está tão feliz e isso está me irritando.

— Então. — Coço meu cotovelo. — Você é professor aqui ou...?

Ele passa a mão pelo cabelo, que sempre me lembra a cor de um bordo. — Bem, na verdade, sou o diretor assistente.

— Oh! — Eu conserto meus lábios em um sorriso. Meus lábios parecem massa. — Fantástico. Parabéns.

— Ah, obrigado. — Ele esfrega o queixo e não posso deixar de notar que não há anel no quarto dedo esquerdo. — E você?

— Eu? Sou enfermeira.

Seus olhos se iluminam. — Você é nossa nova enfermeira?

— Não, não sou — digo rapidamente. — Eu trabalho... em outro lugar. — Tenho certeza de que não vou contar a ele que consegui um emprego na prisão de segurança máxima, a quarenta e cinco minutos daqui.

Ele franze a testa. — Oh.

Leva um segundo para descobrir por que ele parece tão confuso. Ele não sabe por que estou aqui. Vou ter que contar a ele.

— Eu estava aqui deixando meu filho — explico. — É o primeiro dia de aula dele, então, você sabe, ele está muito nervoso.

— Oh! — Ele sorri novamente, mas desta vez parece um pouco mais forçado. — Bem, o primeiro dia no jardim de infância é sempre assustador para as crianças. Tenho certeza que ele se sairá muito bem.

Quando eu disse a ele que era o primeiro dia de aula de Josh, ele presumiu que eu queria dizer que ele estava começando o jardim de infância. Ele não percebe que meu filho tem dez anos. Ele vai descobrir eventualmente, e estou com medo disso. Não quero que ele faça as contas.

Afinal, ele também estava lá naquela noite. Ele tem as cicatrizes para provar isso.

— Eu ouvi sobre o acidente dos seus pais, Brooke. Eu sinto muito. Eu estava fora do país, senão teria ido ao funeral.

— Tudo bem — murmuro. — Não éramos exatamente próximos. Eles não eram os melhores pais do mundo. — Não menciono que não via ou falava com meus pais há cinco anos. Não há necessidade de entrar em detalhes.

— Foi... foi um acidente de carro, não foi?

Eu concordo. — Eles morreram juntos, o que é irônico porque sempre senti que eles não se suportavam. Meu pai costumava trair

minha mãe o tempo todo.

— Ainda. — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Deve ter sido difícil para você. Você está hospedada na casa deles?

— Sim. Mais fácil do que vender nesse mercado, sabe?

— Ah com certeza. — Ele balança a cabeça. — Eu também vou ficar na antiga casa dos meus pais. Eles se mudaram para a Flórida há dois anos, então, oficialmente, estou cuidando da casa. Mas acho que neste momento preciso parar de me enganar e admitir que moro lá.

— Sempre gostei da sua antiga casa.

— Sim. — Ele dá de ombros. — Está bem. É simplesmente grande. Você sabe, só para mim.

Como se eu precisasse de outra pista de que ele é solteiro. Ele está se certificando absolutamente de que eu sei.

— Então, hum... — Seus olhos percorrem o gramado que se esvazia lentamente ao redor da escola, que foi pisoteado por pequenas pegadas. — Seu marido também trabalha por aqui?

— Eu não sou casada.

— Realmente...

— Isso mesmo.

Nós nos encaramos por mais alguns segundos, então o rosto de Tim abre um sorriso tímido. — Muito tranquilo como descobri que você ainda está solteira, né? Você ficou impressionada com essas habilidades?

Apesar de tudo, tenho que rir. Tim sempre soube como me fazer sorrir. — Extremamente impressionante. Você deve ser um grande jogador.

— Todos os diretores assistentes do ensino fundamental são.

— Eu presumo isso.

Seu sorriso se alarga. — Olha, eu tenho que entrar, mas nós realmente precisamos nos atualizar. Podemos tomar um café algum dia?

A última coisa que quero é conversar com alguém da minha antiga vida, especialmente alguém de quem eu era tão próxima quanto Tim. — Estou muito ocupada.

— Bem, o café não demora muito, não é? Vinte minutos... no máximo.

Isso não pode levar a nada de bom. Não tenho espaço na minha vida para o que Tim quiser. Além disso, tenho a sensação de que quando ele descobrir a verdade sobre Josh, ele vai se sentir diferente em relação a mim. Mas quero encerrar esta conversa, então tenho que jogar um osso para ele.

— Talvez — digo finalmente — depois de me acomodar

— Bem... — Seu rosto ainda está brilhando. Deus, esqueci como ele costumava olhar para mim. — Foi muito bom ver você de novo, Brooke. *Muito bom*. E eu vou cobrar isso de você, *talvez*.

Há um salto extra em seu passo enquanto ele corre de volta para a escola primária. Tim Reese. Uau. Eu realmente nunca acreditei que o veria novamente.

CAPÍTULO SEIS

Estou indignada.

O paciente que estou atendendo agora é o Sr. Carpenter. Ele tem quase trinta anos e levou um tiro na coluna enquanto fazia... bem, o que quer que o tenha levado a uma prisão de segurança máxima pelo resto da vida. Foi ruim, tenho certeza. Eu não quero saber.

Mas nada disso é da minha conta. O que me preocupa é que o Sr. Carpenter é paraplégico e usa cadeira de rodas. Então ele fica sentado de bunda o dia todo, e à noite ele fica deitado em um colchão que é fino como papel, e agora ele tem uma ferida bastante impressionante no cóccix que não foi tratada há Deus sabe quanto tempo.

— O que você acha, Brooke? — O Sr. Carpenter me pergunta. Ele está deitado de lado na mesa de exame com a calça abaixada, esperando minha avaliação. Infelizmente não tenho nada de bom a dizer.

— É uma ferida de pressão — eu digo. — Podemos colocar um curativo, mas nunca vai sarar se você não tirar a pressão.

— Sim, bem, como devo fazer isso? A almofada da minha cadeira é meio decente, mas o colchão da minha cama é horrível. Basicamente, estou deitado diretamente sobre molas de metal.

— Então você precisa de um colchão melhor.

O Sr. Carpenter bufa. — Por quanto tempo você trabalhou aqui? Ninguém vai me comprar um colchão novo.

— Eles têm que conseguir para você se eu prescrever.

— Qualquer coisa que você diga...

Apesar do ceticismo do Sr. Carpenter, ele vai conseguir aquele colchão. É negligência médica não dar a um paraplégico um colchão decente com alívio de pressão. Pode envolver uma pilha de papelada, mas vou fazer com que isso aconteça.

Assim que termino com o Sr. Carpenter, confirmo que ninguém está esperando para ser atendido e sigo pelo corredor até o escritório de Dorothy. Sim, ela tem um *escritório* e eu tenho uma mesa na minha sala de exames. Mas reconheço que ela tem antiguidade, então não vou falar nada. Espero não trabalhar aqui por tempo suficiente para conseguir uma mesa.

Bato na porta do escritório de Dorothy e espero ouvi-la dizer para entrar. Depois do que parecem cinco minutos, ela me chama para entrar. Quando entro no escritório, ela está sentada à sua mesa, com um par de óculos em forma de meia-lua equilibrados na ponta do nariz bulboso.

— Estou muito ocupada, Brooke — diz ela.

— Isso não vai demorar muito — eu digo. — Só preciso descobrir como posso conseguir um colchão de alívio de pressão para Malcolm Carpenter.

Ela me olha por cima da borda dos óculos. — *Um colchão de alívio de pressão?*

Ela diz isso como se eu estivesse falando em uma língua desconhecida. Ela sabe muito bem do que estou falando. — Ele é paraplégico e desenvolveu uma ferida de pressão no cóccix. Ele precisa de um colchão decente ou não sarará.

— Brooke — ela diz categoricamente — este não é o Ritz Carlton. Não podemos conseguir colchões de sonho para todos os reclusos.

Um músculo se contrai sob meu olho. — Não estou pedindo um item de luxo. Isso é clinicamente indicado.

— Receio que não.

— Claro que é! — Eu explodi. — Ele não consegue mover ou sentir a metade inferior do corpo. A ferida só vai piorar se não aliviarmos a pressão sobre ela. Conseguir um colchão decente para ele é o mínimo que podemos fazer.

— Receio que um colchão novo não esteja no orçamento. Você terá que encontrar uma solução mais criativa. — Ela balança a cabeça. — Você não tem nenhuma habilidade para resolver problemas?

Eu olho para ela, atordoada demais para responder. O problema é que o homem tem úlcera de pressão. A solução simples é um colchão decente. O que há de errado com essa mulher? Ela não se importa com esses prisioneiros? Afinal, eles são seres humanos.

O telefone toca na mesa de Dorothy. Ela atende sem dizer outra palavra para mim. Eu fico lá enquanto ela ouve a outra pessoa falando. Finalmente, ela diz: — Sim, vou mandá-la imediatamente

Droga. Ela provavelmente se refere a mim.

Com certeza, quando Dorothy desliga o telefone, ela levanta os olhos para me olhar por cima dos aros dos óculos. — Houve um incidente no pátio. O policial Hunt está trazendo um dos presos para ver você por causa de um ferimento.

Ótimo.

Meus ombros caem em derrota enquanto caminho de volta para minha sala/escritório de exames. Eu ainda não desisti. Vou descobrir uma maneira de conseguir aquele colchão para o Sr. Carpenter nem que seja a última coisa que eu faça. Mas primeiro tenho que tratar desse cara que se machucou no quintal.

Eu me pergunto como ele se machucou. Foi uma fechadura em uma meia? Isso é algo real que eles fazem na prisão?

Assim que chego ao meu escritório, avisto o policial Hunt vindo pelo corredor com um dos prisioneiros. Deve ser o cara que se machucou no quintal. O preso está vestindo o macacão cáqui padrão da prisão e, diferentemente da maioria dos prisioneiros, seus pulsos e tornozelos estão algemados, então ele se arrasta lentamente ao lado de Hunt.

À medida que ele se aproxima, posso ver o curativo colado em sua testa, que está saturado de sangue vermelho vivo. O que quer que esteja

lá embaixo, quase certamente precisará de pontos. Então meus olhos caem para o rosto do prisioneiro.

Oh. Oh não. Não não não...

É Shane.

CAPÍTULO SETE

ONZE ANOS ANTRÁS

De alguma forma, não é possível para Chelsea parar na frente da minha casa sem apoiar todo o seu peso na buzina do carro. Saio correndo pela porta da frente, com a mochila pendurada no ombro direito, e corro pela passarela, xingando baixinho. Ela não solta a buzina até que eu abro a porta do passageiro do carro e me sento ao lado dela.

— Oh meu Deus! — Eu bato no braço de Chelsea. — Eu te ouvi. Você está perturbando toda a vizinhança!

Chelsea revira os olhos dramaticamente. Ela está usando tanto rímel ao redor dos olhos castanhos escuros que seus cílios são pelo menos três vezes mais longos do que seriam de outra forma. Chelsea usa uma quantidade absurda de maquiagem – meus pais nunca me permitiriam sair de casa assim. Se eu quiser um batom mais escuro que o nude, tenho que passar no banheiro da escola.

— Posso ajudar se você for lenta? — Chelsea diz.

Olho para o banco de trás em busca de apoio. Chelsea me mandou uma mensagem dizendo que estava trazendo Kayla Olivera como sexta para Tim. Kayla é outra líder de torcida – morena, pequena e muito bonita. Quando estico o pescoço, fico perturbada pelo fato de ela estar mandando mensagens no celular, alheia ao volume da buzina de Chelsea.

— Ei, Kayla — eu digo.

— Ei — ela diz sem olhar para cima.

Eu limpo minha garganta. — Obrigada por ter vindo.

Kayla finalmente desvia os olhos da tela do telefone. — Chelsea disse que Tim Reese estará lá, certo?

Sinto uma onda de surpresa. Eu imaginei que Chelsea havia recrutado alguma garota desavisada para nossa festa para ser o encontro Tim. Mas esse não é o caso. Kayla quer estar aqui. Ela está

interessada em Tim. Aparentemente, quando Tim cresceu aqueles quinze centímetros extras, ele também se tornou o tipo de cara por quem as garotas se interessam. Nunca percebi isso antes, mas agora vejo isso escrito no rosto de Kayla. Tim está *gostoso* agora.

A ideia disso não me cai bem.

Não tenho certeza do porquê. Eu tenho Shane, afinal.

— Então a mãe de Shane saiu? — Chelsea me pergunta. — Podemos ir até lá?

Enfio a mão na bolsa e tiro meu telefone. Com certeza, há uma mensagem de Shane que chegou há cerca de um minuto.

SHANE

Acabei de pegar Brandon e minha mãe já está na estrada. Venha!

Eu respondo:

EU

Estarei aí em breve! Lope você!

Sua resposta vem instantaneamente.

SHANE

Lope você também.

Chelsea dirige o quarteirão extra até a casa de Tim. Posso vê-la se preparando para tocar a buzina, mas ela não precisa. Tim já está sentado nos degraus da frente de sua casa e se levanta de um salto

quando vê o Fusca de Chelsea. Kayla o observa pela janela, um sorriso brincando em seus lábios.

Tim entra no banco de trás do carro, ao lado de Kayla. Ela se aproxima dele tanto quanto o cinto de segurança permite. — Ei, Tim — ela diz.

— Ei... — Ele franze a testa, obviamente lutando para lembrar o nome dela. Viro-me e murmuro — Kayla — tão enfaticamente quanto posso, mas ele não consegue me entender. Finalmente, ele tenta: — Kara?

As bochechas de Kayla ficam levemente rosadas. — *Kayla*.

— Certo. Desculpe. — Mas ele não parece arrependido. Ele não parece se importar nem um pouco. Tim nunca gostou de líderes de torcida. Eu pude vê-lo segurando a língua quando eu disse que estava fazendo um teste.

— Onde está sua bolsa? — Kayla pergunta a ele.

Ele franze a testa. — Bolsa?

— Vamos passar a noite. — Kayla olha para Chelsea em busca de confirmação. — Certo?

— Isso mesmo, *Timothy* — diz Chelsea. — Esta é uma festa noturna. Brooke não te contou?

— Sim... — Ele dá de ombros. — Está bem. Eu não preciso de nada.

Kayla parece escandalizada. — Que tal uma muda de roupa?

Tim olha para sua jaqueta, que está aberta para revelar uma camiseta cinza e calça jeans. — Não sei. Vou usar isso amanhã.

— *Rapazes*. — Chelsea me lança um olhar. — Às vezes me pergunto o que vemos neles.

Eu rio junto com Chelsea, mas quando olho para Tim, há algo em sua expressão que me deixa um pouco desconfortável. Eu disse a ele que iríamos passar a noite. Quando éramos muito mais jovens e essas

coisas eram permitidas, Tim costumava passar a noite na minha casa e sempre levava tudo, menos a pia da cozinha. Sim, muito tempo se passou desde então, mas ainda parece estranho que ele esteja indo para uma festa do pijama na casa de Shane e não leve nada além de si mesmo. Não parece nada com Tim.

Talvez eu não conheça mais Tim.

Ou talvez ele não planeje ficar.

CAPÍTULO OITO

DIAS DE HOJE

Eu esperava que levasse meses antes de encontrar Shane Nelson – se é que algum dia. Mas aqui estou, apenas na minha segunda semana, e aqui está ele. Ao vivo e em carne e osso.

O homem que tentou me matar.

Por um momento, sinto um aperto no pescoço. O colar que ele tentou me sufocar cortando minha traqueia. Eu não consigo respirar. Agarro-me ao batente da porta, respirando fundo. Não posso deixar isso me afetar. Eu tenho que ser uma profissional.

Estou bem. *Estou bem.* Ele não pode mais me machucar.

Shane me nota uma fração de segundo depois que eu o reconheço. Ele parece tão chocado quanto eu. Talvez mais, porque ele não tinha ideia de que eu trabalhava aqui. Ele estava se mexendo nas algemas, mas quando me vê, ele para e fica boquiaberto.

— Vamos. — Hunt lhe dá um empurrão para fazê-lo se mover novamente. — Não temos o dia todo, Nelson. Mova-se.

Eles continuam andando até chegarem à sala de exame, onde param abruptamente. Os olhos castanhos de Shane estão cheios de dor quando encontram os meus.

— Oi, sou Brooke — digo rigidamente. Sinto-me um pouco ridícula ao me apresentar ao homem com quem perdi a virgindade, mas aqui estamos.

Antes que Shane possa abrir a boca, Hunt grita: — Este é Shane Nelson. Ferimento no pátio, na testa.

— Ok. — Minha voz soa estranhamente calma, considerando que meu coração está fazendo polichinelos. — Entre, Sr. Nelson.

Shane novamente parece congelado no lugar. Hunt tem que lhe dar outro empurrão para fazê-lo se mover novamente.

Subir na mesa de exame é complicado, pois ele está com os pulsos e os tornozelos algemados. Já vi Hunt ajudar outros homens nesta posição antes, mas ele não faz nada para ajudar Shane. São necessárias algumas tentativas, mas Shane consegue subir na mesa.

Assim que Shane está situado, Hunt sai da sala de exame. Começo a fechar a porta atrás dele, mas ele levanta a mão para impedir que a porta feche.

— Você deveria manter a porta aberta com este — diz Hunt.

Olho para Shane, que está sentado na minha mesa de exame, com a cabeça baixa, os pulsos e os tornozelos amarrados. Senti pontadas de medo perto de alguns dos presos, mas não sinto isso agora. Apesar do que eu sei que ele é capaz.

— Vou ficar bem — digo, esperando não me arrepender de minhas palavras.

Hunt mantém a mão na porta, ainda me impedindo de fechá-la. Nossos olhares se cruzam e, por um momento, tenho certeza de que ele vai entrar. Mas então ele solta a porta. — Estarei lá fora — ele me diz. — Se você tiver algum problema, me dê um grito.

— Eu vou ficar bem — digo novamente. Mas não fecho a porta completamente. Eu a mantenho aberta só um pouquinho.

Agora Shane e eu estamos sozinhos na sala de exame. É a primeira vez que ficamos sozinhos desde que ele... bem, não precisamos reviver aquela noite. Ele parece diferente de quando tinha dezessete anos. Diferente e igual. Seu cabelo é muito mais curto, cortado a apenas alguns centímetros do crânio, e há uma dureza em seu rosto que não existia antes.

Eu odeio que ele ainda seja tão bonito quanto era naquela época.

Eu odeio ainda mais o quanto ele se parece com meu filho.

Por um momento, nós dois apenas nos encaramos. Gritante, mais como se seus olhos estivessem pingando veneno. Não sei por que ele está tão chateado. Eu deveria ser a única com raiva – se dependesse

dele, eu estaria morta. Suponho que ele esteja furioso por eu ter dito a verdade naquele tribunal.

— Olá — digo com a voz mais plana e sem emoção que consigo reunir.

Shane não levanta os olhos. — Oi.

Eu endireito meus ombros. Isso era o que eu temia quando aceitei esse emprego. E agora aqui estou, e só tenho que lidar com isso. Cuidarei do ferimento dele como uma profissional e o mandarei embora.

— Como você está? — Eu digo.

Com a minha pergunta, ele levanta a cabeça e olha para mim. — Bem, Brooke, estou passando minha vida na prisão por algo que não fiz, então como diabos você acha que eu estou? Eu não estou ótimo.

Eu devolvo seu olhar fervilhante. — Eu quis dizer sua cabeça.

— Oh. — Ele levanta a mão algemada para tocar o curativo em sua testa. — Isso também não é ótimo.

Coloco minhas mãos em um par de luvas azuis de látex. Atravesso a pequena sala para dar uma olhada em sua testa. Este é o mais próximo que estive dele em muito tempo, exceto em meus pesadelos. Uma década atrás, a ideia de estar tão perto dele teria feito minha pele arrepiar. Mas posso lidar com isso agora. Estou mais forte do que costumava ser. Este monstro não vai levar a melhor sobre mim.

A última vez que estive perto de Shane assim, ele estava usando uma loção pós-barba que cheirava a sândalo. Se fechar os olhos, quase consigo imaginar aquele aroma profundo, amadeirado, mas floral. Não aguento mais esse cheiro. Certa vez, saí com um cara que usava uma colônia de sândalo e nunca mais sairia com ele. Evitei seus telefonemas em vez de explicar o porquê.

Retiro a fita do ferimento em sua testa, sem me preocupar em ser tão gentil como normalmente seria. Parece muito ruim. Apesar do curativo, ainda sangra bastante. Definitivamente precisa de pontos. Ele

também tem o que parece ser o início de um olho roxo se formando no mesmo lado.

— Como isso aconteceu? — Eu pergunto.

— Eu corri para a cerca.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Sério?

Ele me encara, me desafiando a questioná-lo ainda mais. — Isso mesmo.

— Porque parece que alguém fez isso com você.

— Se alguém tivesse feito isso comigo — diz ele — e eu o denunciasse para você, da próxima vez, o que quer que eles fizessem comigo seria pior. Então, você sabe, que bom que isso aconteceu depois de bater na cerca.

Percebo agora que ele tem outras cicatrizes no rosto. Ele tem uma cicatriz dividindo a outra sobrancelha e outra ao longo da curva da mandíbula, quase escondida pela barba por fazer no queixo. Há também uma longa cicatriz branca na base da garganta.

Por alguma razão, penso em Josh. Sobre as outras crianças intimidando-o na escola e dando-lhe um olho roxo como o de Shane está agora. Shane, que também cresceu sem pai. E sinto uma leve pontada de...

Bem, não simpatia. Eu nunca sentiria simpatia por um monstro como esse. Alguém capaz de fazer o que fez.

— Shane — eu digo — se alguém está batendo em você...

— Pare com isso, Brooke. — Sua voz é firme. — O que quer que você pense que está tentando fazer, apenas pare. Apenas me costure e me deixe voltar para minha cela, ok?

— Tudo bem.

Ele tem razão. Não posso fazer nada para ajudá-lo, mesmo que quisesse, e não faço. Meu trabalho é costurá-lo e levá-lo de volta à cela, como ele disse. E isso é tudo que vou fazer.

Eu dou conta disso.

Deixo Shane sozinho na sala enquanto vou pegar algum material de sutura. Tudo o que preciso está no almoxarifado, exceto a lidocaína para anestesiá-lo. Como se trata de um medicamento, precisarei que Dorothy o distribua. Então volto ao escritório dela, onde ela novamente se demora me dizendo para entrar.

— Já terminou? — ela me pergunta.

Eu pressiono meus lábios. — Preciso costurar uma laceração na testa. Preciso de um pouco de lidocaína.

— Estamos sem estoque.

Eu pisco para ela. — Com licença?

Ela dá de ombros. — Temos uma pequena quantidade de anestésico, mas no momento estamos sem estoque.

— Então, o que devo fazer?

— Costure-o sem isso.

Meu maxilar aperta. O que há de errado com essa mulher? Esses homens são seres humanos. Como ela poderia ser tão arrogante com a saúde deles? Tenho mais motivos para odiar Shane Nelson do que qualquer outra pessoa aqui, e talvez devesse ficar feliz por ter a chance de torturá-lo um pouco depois do que ele fez comigo, mas até eu acho que ele merece ser tratado com dignidade. — É desumano.

Dorothy ergue os olhos para o céu. — Não seja tão dramática, Brooke. São algumas picadas de agulha. Tenho certeza que ele não vai se importar. Ou você pode colar, se quiser.

Esta laceração está muito suja para ser colada, mas Dorothy não se importa com meus protestos. E se ela me disser que preciso resolver o problema novamente, vou gritar. Mesmo que aparentemente seja isso que eu tenho que fazer.

Volto para a sala de exame, onde Shane ainda está sentado na mesa com o ferimento aberto na cabeça. Ele olha para cima quando eu

entro, e grande parte da raiva que vi em seu rosto quando nos olhamos pela primeira vez se dissipou. Talvez ele não esteja tão furioso comigo quanto eu pensava, embora tenha sido meu testemunho que o colocou aqui. Todos esses anos, imaginei que ele estava sentado em uma cela de prisão, tatuando ameaças de morte contra mim em seu corpo, mas ele não parece tão zangado. Apenas... bem, meio triste. Abatido.

— Então a situação é a seguinte — digo a ele. — Eu tenho o material de sutura, mas estamos sem lidocaína. Então...

— Está tudo bem — Shane me interrompe antes que eu possa lhe contar suas opções. — Costure-me sem ele.

— Tem certeza? Porque...

— Sim, está tudo bem. Eles estão sempre sem lidocaína.

Ele não parece nem um pouco perturbado com isso. Eu me pergunto como foi ter aquela cicatriz longa e irregular na base da garganta suturada sem lidocaína.

— Tudo bem — eu digo. Vamos acabar com isso. — Vou precisar que você se deite.

Ele tenta se inclinar para trás, mas é difícil para ele com os pulsos amarrados. Ele começa a escorregar na mesa e, instintivamente, estendo a mão e coloco a mão em suas costas para ajudá-lo a descer.

Eu toquei nele. Depois de todos esses anos, toquei em Shane Nelson novamente.

Espero pela onda de repulsa. Eu odeio esse homem – tive pesadelos com ele durante anos. Não seria exagero dizer que ele arruinou a minha vida, e se dependesse dele eu nem teria vida.

Mas a repulsa não vem. Tocar o ombro de Shane não é diferente de tocar qualquer outra pessoa. Acho que realmente superei isso, todos esses anos depois.

Já estava na hora. Estou orgulhosa de mim mesma.

Eu preparo o material de sutura enquanto Shane me observa. Ele não parece tão nervoso com o fato de que vou costurar sua testa sem anestesia. Eu certamente estaria. Nunca levei pontos antes, exceto os que levei depois do parto.

— Este deve ser o seu sonho, hein? — ele diz. — Conseguir enfiar uma agulha em mim sem anestesia.

— Eu tentei conseguir — digo defensivamente.

— Tenho certeza.

— Eu tentei. — Eu me viro para encará-lo. — Eu não sou como você – não gosto de machucar as pessoas.

— Bem — ele diz, — não é como se eu pudesse culpar você depois do que você acha que eu fiz com você

Há algo em seus olhos que não consigo interpretar. É o suficiente para me fazer desviar o olhar.

— Então você é enfermeira agora, hein? — ele diz. — Bom para você.

— Obrigada — eu digo rigidamente.

— Eu, uh... — Um canto de seus lábios se curva. — Eu consegui meu GED enquanto estive aqui. E tenho ensinado outros presos para que eles possam fazer o mesmo.

Ele diz isso quase como se estivesse tentando me impressionar, do jeito que costumava fazer quando lançava um passe pelo campo de futebol e olhava em minha direção para ter certeza de que eu vi.

— Oh — eu digo, porque não tenho certeza do que mais dizer.

— Não importa — ele murmura. — Não sei por que pensei que você gostaria de saber disso.

Limpo a laceração com um pouco de água estéril antes de costurar. Deve ser doloroso, mas Shane mal recua. Preparo minha agulha para fazer o primeiro ponto. — Vai ser uma pequena cutucada — eu o aviso.

— Vá em frente.

Costurei muitas pessoas durante minha gestão no atendimento de urgência. Já vi homens adultos chorarem, mesmo com lidocaína para anestesiar a área. Shane estremece um pouco quando a agulha entra, mas ninguém poderia dizer que ele não está aceitando isso como um homem.

— Então — ele diz enquanto eu amarro o primeiro ponto. — Você não é casada, hein?

Meus dedos congelam na agulha. — *Desculpe?*

Ele começa a encolher os ombros, mas depois pensa melhor com a agulha ainda enfiada na pele. — Sem anel. E ouvi alguns caras falando sobre a nova e fofa enfermeira que também é solteira.

— Isso realmente não é da conta deles.

— Ei, foi você quem deve ter dito a um deles que não é casada.

Ele está certo, é claro. A primeira coisa que Dorothy me avisou foi para não compartilhar nenhuma informação pessoal, mas fui descuidada. Para ser justa, muitos destes homens não parecem criminosos. Eles apenas parecem velhos inofensivos.

— E você tem um filho — acrescenta ele.

Agora vou ficar realmente doente. Eu sou uma idiota. O que devo dizer quando um paciente me pergunta se tenho um filho? Não é da sua conta? Bem, essa provavelmente é a resposta certa, mas é difícil não falar do meu filho quando estou longe dele o dia todo. Estou aprendendo esta lição da maneira mais difícil.

— De qualquer forma, parabéns — diz Shane. Não há amargura ou raiva em sua voz, o que é um alívio. — Quantos anos ele tem?

Eu me encolho com essa pergunta. Como Tim, ele não é estúpido. Se eu contar a ele que tenho um filho de dez anos, ele vai descobrir. Mas, ao contrário de Tim, ele não tem como descobrir a verdade sozinho. — Ele tem cinco anos.

Ele estremece ligeiramente quando a agulha passa por sua pele novamente. — Eu sempre quis filhos. Acho que isso nunca vai acontecer.

Eu não respondo a isso. Eu simplesmente amarro a sutura silenciosamente.

— Não acredito que você está morando aqui de novo — ele comenta. — Achei que você iria embora para sempre. Exceto, talvez, para visitar seus pais.

— Meus pais morreram em um acidente de carro — deixo escapar. Eu não deveria ter lhe dado mais informações, mas esta parece ser a coisa mais inócua que já disse a ele. Quero que ele saiba que tive outras tragédias na última década que não o envolveram. Que o que ele fez não definiu minha existência.

Ele franze a testa. — Sinto muito, Brooke.

— Está tudo bem — murmuro. — Não éramos próximos.

Não consigo explicar a ele por que meu relacionamento com meus pais acabou. Parcialmente, eles estavam com raiva porque eu os desafiei e namorei Shane em primeiro lugar. Que eu tinha mentido e ido para a casa dele, o que quase resultou no fim da minha vida. Mas o que os deixou furiosos – algo pelo qual nunca me perdoaram – é que, quando descobri que estava grávida, decidi que queria ficar com ele. Não me arrependo de ter feito isso, mas o amor dos meus pais por Josh sempre foi reservado. Mesmo quando Josh fazia parte da família, eles deixavam claro que achavam que cometi um erro. Meu filho foi um erro e uma vergonha – filho de um monstro.

E foi por isso que eu não pude perdoá-los. É a razão pela qual acabei eliminando-os da minha vida

— Minha mãe também morreu há alguns anos — diz Shane.

Amarro outra sutura. — Sinto muito por ouvir isso.

Quero dizer. Shane era próximo de sua mãe – depois que seu pai foi embora, ficaram apenas os dois. Se ela morreu, isso significa que ele

não tem ninguém.

Ele sustenta meu olhar por um momento. — Ela morreu acreditando que eu havia matado aquelas pessoas.

Minha mão segurando a agulha treme, quase acertando sua pele. *Mas você matou aquelas pessoas.* Eu quero dizer isso, mas seria pouco profissional. E não adianta. Apesar de todas as evidências, Shane nunca confessaria o que fez naquela noite.

Mas isso não importa. Shane é culpado. Eu estava lá naquela noite. Se dependesse dele, eu estaria morta agora.

Nunca poderei esquecer isso. E eu nunca vou perdoá-lo.

CAPÍTULO NOVE

ONZE ANOS ATRÁS

A casa de fazenda onde moram os Nelsons fica a cerca de um quilômetro e meio da estrada principal.

Está em uma estrada de terra. Uma que você sentiria falta se não soubesse exatamente onde estava. Shane me contou que quando ele estava no ensino fundamental, o ônibus escolar não percorria aquele quilômetro extra pela estrada de terra até a casa da fazenda. Ele costumava caminhar um quilômetro todas as manhãs para chegar ao ponto de ônibus, e depois outro quilômetro de volta para casa à tarde. Mesmo que houvesse trinta centímetros de neve no chão.

Me senti culpada quando Shane me contou sobre isso. Afinal, o ônibus escolar parava bem na minha porta. Caminhava exatamente cinco metros e meio para ir da minha porta até o ônibus pela manhã e ainda costumava reclamar disso. E Shane caminhava um *quilômetro*. Mas ele não me disse para me fazer sentir mal. Ele apenas disse isso daquele jeito prosaico que sempre me conta coisas sobre sua vida.

— Tem certeza que a mãe de Shane saiu? — Chelsea pergunta enquanto os pneus de seu Fusca escorregam na estrada de terra. A chuva ainda não começou, mas o ar lá fora se transformou em uma névoa fina.

— Sim. Ele me mandou uma mensagem dizendo que ela saiu.

A Sra. Nelson é legal. Nas vezes que estive na casa dela, ela sempre foi gentil comigo de uma forma que meus pais nunca seriam gentis com Shane. Mas ela não é legal o suficiente para aceitar que seis adolescentes aleatórios passem a noite em sua casa. Especialmente porque Brandon certamente trouxe álcool.

A casa de fazenda onde Shane mora parece já ter visto dias melhores. Pode ter sido outrora um vermelho brilhante, mas agora a tinta desgastou-se, ficando praticamente branca em alguns lugares e

apenas madeira nua em outros. O telhado é torto e coberto de musgo, e parece que uma forte tempestade poderia facilmente arrancá-lo. Os caixilhos das janelas também parecem um pouco tortos, como se quem construiu a casa da fazenda não tivesse certeza de como montar tudo corretamente, mas estivesse dando o melhor de si na faculdade.

Quando Chelsea para ao lado do Chevy de Shane, a porta da casa da fazenda se abre. Shane aparece na porta e seus olhos brilham. Ele acena vigorosamente. — Vamos! Antes que a chuva comece!

Pego minha mochila e saio do carro, batendo a porta atrás de mim. Olho para o céu e as nuvens parecem pesadas — estão prestes a se abrir a qualquer momento. Abro caminho pelo caminho de terra até a porta da frente, com a mochila no ombro. Shane o pega de mim quando chego à porta.

— Deixe-me atender, Brooke — ele diz com um sorriso.

— Que cavalheiro! — Chelsea declara. Ela lança um olhar aguçado para Tim, e ele obedientemente estende o braço para Kayla, que joga sua mochila gigante em seus braços. Juro por Deus, aquela garota empacotou coisas suficientes para um mês.

Depois de entrarmos em casa, fechei a porta de tela atrás de nós. Embora eu tenha visto Shane consertar aquela porta de tela com meus próprios olhos, ela sempre parece estar pendurada nas dobradiças. Suspeito que toda a porta precise ser substituída, mas ele não tem dinheiro para isso. Dona Nelson já trabalha em dois empregos com salário mínimo e eles precisam do salário de Shane na pizzeria só para pagar o aluguel e a alimentação.

Quando fecho a porta da frente, Shane me agarra e me puxa para um beijo. Eu derreto como sempre faço. E ele cheira bem esta noite. Não que ele nem sempre cheire bem, mas ele cheira muito bem esta noite. É aquela loção pós-barba que ele usa às vezes.

— Eu amo sua loção pós-barba — murmuro.

— Tem cheiro de sândalo.

Eu franzo a testa. — O que é sândalo?

— Não sei. A madeira com a qual você faz sandálias?

— Então, basicamente, você cheira a pés?

Ele ri. — Ei, você é a esquisita que gosta disso...

Shane me beija novamente, mas quando me afasto, tenho uma sensação desconfortável. Uma sensação de formigamento na nuca. Como se alguém estivesse me observando.

Eu viro minha cabeça. Tim está parado do outro lado da sala, olhando para nós, com uma expressão ilegível no rosto. Mas quando nossos olhos se encontram, ele rapidamente desvia o olhar. Ainda bem, porque eu não gostaria que Shane soubesse que ele estava olhando para nós daquele jeito.

— Então — Shane diz — você trouxe Tim, hein?

Há desaprovação nos olhos escuros de Shane. Tim odeia Shane, mas Shane também não é um grande fã de Tim. Eu preciso mudar isso.

— Ele é um cara legal — eu digo, um pouco defensivamente.

— Hum.

— Além disso, Chelsea trouxe Kayla para ele. Pois, você sabe...

Shane fica quieto por um momento. — Tudo bem — ele diz. — Isso é bom. De qualquer forma, temos três quartos.

Deixei escapar um suspiro de alívio. Shane geralmente não fica muito preocupado com as coisas, mas nunca se sabe. Afinal, estou namorando com ele há apenas três meses. Ainda há muito tempo para seu lado negro aparecer. Mas até agora não vi. Apesar dos avisos ameaçadores de Tim.

— Ei, Reese! — Shane levanta a mão em saudação. — Que bom que você conseguiu.

Eu coloco o colar de floco de neve em volta da minha garganta enquanto Shane caminha até Tim. Shane está se esforçando porque sabe que Tim é importante para mim, e eu agradeço isso. Os dois começam a conversar e parece bastante amigável. Não consigo ouvir o

que eles estão dizendo – Shane está falando baixo e Tim está respondendo em um tom igualmente abafado. Eu me esforço para ouvi-los apesar do som de Chelsea e Kayla conversando a poucos metros de mim, mas não adianta. Eles estão conversando muito baixo.

Mas não importa o que eles estão dizendo. Eles não estão brigando e isso é o que importa.

Penso em me juntar a eles, mas antes que possa pensar mais nisso, a porta da cozinha se abre com um rangido alto. Brandon irrompe na sala, carregando duas caixas de pizza equilibradas em uma mão e uma garrafa de vodca na outra.

— Preparados para se divertirem? — ele grita.

Shane levanta a cabeça ao som da voz de Brandon. Ele se afasta de Tim como se eu o tivesse pego fazendo algo ilícito e vai direto para a pizza e a vodca. Qualquer que seja a conversa que os dois estavam tendo, aparentemente acabou.

CAPÍTULO DEZ

DIAS DE HOJE

Termino de suturar o resto da laceração de Shane em silêncio. Ele não me faz outras perguntas e fico grata. Eu nunca deveria ter contado a ele nada sobre minha vida. Isso foi um erro. Fiquei desconcertada ao vê-lo novamente. É como se tudo voltasse correndo. As coisas boas ao longo do nosso relacionamento e as ruins no final.

— Tudo pronto. — Amarro a última sutura e passo em sua testa para limpar o sangue. — Bom como novo.

— Sim...

— Você precisa de alguma coisa para dor?

Ele faz uma careta. — Não, obrigado. Se eu pedir analgésicos, serei rotulado como um buscador de drogas.

Ele tem razão. Cada vez que um preso pede um analgésico, um alarme dispara na minha cabeça. Afinal, a última pessoa que trabalhou aqui foi presa por vender entorpecentes. Mesmo assim, Shane tem uma laceração significativa na cabeça que costurei sem anestesia. Não seria terrível para ele pedir analgésicos. Mas a escolha é dele.

— De qualquer forma — eu digo — vou pedir ao policial Hunt...

— Espere! — A voz de Shane é baixa, mas urgente. — Espere, Brooke. Escute, preciso dizer uma coisa.

Meus olhos voam na direção da porta. Hunt está esperando do outro lado, caso eu precise dele. — Shane, eu não posso...

— Não. *Não*. Por favor, apenas me escute, ok?

Eu balanço minha cabeça. — Não posso. Isso não é uma boa ideia.

— Eu só preciso que você saiba... — sua voz de repente parece rouca — Não fui eu quem tentou matar você, Brooke. Eu juro para você. Juro pela minha vida.

Dou um passo para trás da mesa. — Eu estava lá. Eu sei que foi você.

— Você *não* sabe disso. — Ele cerra os dentes. — Eu não fiz nada. Aquele idiota do Reese me nocauteou com um taco de beisebol, e a próxima coisa que percebi foi que a polícia estava me sacudindo e me acordando e me dizendo que eu estava preso.

— Shane — eu sibilo. — Pare com isso agora.

— Eu nunca teria machucado você, Brooke. — Seus olhos são arregalados e sérios, e ele se parece muito com o garoto de dezessete anos por quem me apaixonei. — Eu queria dizer isso a você nos últimos dez anos. Você tem que acreditar em mim. Eu nunca teria feito algo assim. Eu não consegui. Eu te amei.

Minha mão direita se fecha em punho. Como ele ousa? Como ele ousa mentir na minha cara desse jeito? — Você acha que sou uma completa idiota? — digo em voz baixa o suficiente para que Hunt não ouça.

— Brooke...

O que quer que Shane esteja prestes a dizer é interrompido por Hunt batendo na porta da sala de exame. Sem esperar por uma resposta, ele enfia a cabeça. — Já terminou?

— Sim — eu sufoco. — Foram realizadas.

Ajudo Shane a se sentar na mesa. Agora ele tem que sair da mesa, o que é um desafio com os tornozelos algemados. Ele está fazendo isso com cuidado, tentando não cair. Hunt o observa, os lábios torcendo-se para baixo.

— Depressa, seu pedaço de merda — Hunt cospe nele.

Olho surpresa para o guarda. Hunt não é exatamente uma imagem de compaixão com esses prisioneiros, mas é bastante educado. Esta é a primeira vez que o ouço lançar palavrões contra um deles. E quando Shane finalmente se levanta, Hunt o empurra para frente com muito mais força do que o necessário.

Por que Hunt o odeia tanto? O que Shane fez para provocar esse tipo de resposta?

Os dois saem da sala de exame. Observo Hunt levar Shane pelo corredor com as luzes fluorescentes piscando, de volta à sua cela. Quando ele chega na metade do corredor, Shane vira brevemente a cabeça para olhar para mim.

Eu toco minha garganta. Às vezes ainda acordo à noite, coberta de suor, com a lembrança do colar apertando minha traquéia ainda fresca em minha mente. Foi há muito tempo, mas ainda posso sentir que aconteceu como se fosse ontem. Eu podia sentir os elos do colar de ouro cavando em meu pescoço, eu podia sentir o cheiro da loção pós-barba de Shane fazendo cócegas em meu nariz, e eu podia sentir seu hálito quente em meu pescoço.

Mas há uma coisa que não posso fazer. Não consigo ver o rosto dele.

Nunca vi o rosto do homem que tentou me matar. Faltou energia naquela noite e tudo estava escuro como breu. Mas eu conhecia Shane muito bem. Eu conhecia a sensação de seu corpo. O cheiro dele. Eu sabia que era ele.

Tinha que ser.

Porque se não fosse ele, cometi um erro terrível.

CAPÍTULO ONZE

Durante todo o caminho da Penitenciária Raker para casa, não consigo parar de pensar em Shane. Eu realmente acreditava que nunca mais o veria depois que sua sentença fosse cumprida. Eu certamente nunca pensei que estaria a centímetros de seu rosto novamente.

Após a visita, Hunt me trouxe o prontuário de Shane. Desta vez tive permissão para examiná-lo sem culpa. Era bastante vago, o que fazia sentido, visto que Shane ainda é jovem e está com boa saúde. A maioria das notas eram de ferimentos, provavelmente sofridos pelas mãos de outros presidiários.

A última nota foi escrita pela minha antecessora, Elise. Shane veio até ela reclamando de dor abdominal. Ela lhe receitou medicamentos para refluxo ácido, mas no final da página escreveu: — Manipulador, em busca de drogas — E ela sublinhou a palavra – manipulador.

Não tenho certeza se concordaria com essa avaliação. Até ofereci analgésicos ao Shane e ele não aceitou. Mas ver essas palavras escritas em seu prontuário me deixou inquieta.

Assim que estou entrando na minha garagem, meu telefone vibra na minha bolsa. Uma mensagem de texto chegou enquanto eu dirigia. Examino um número surpreendente de lenços de papel soltos em minha bolsa (você nunca pode ter lenços demais quando tem um filho pequeno) antes de pegar meu telefone.

TIM

Ei, é Tim Reese. Peguei seu número na lista dos pais. Espero que isso não seja muito assustador.

Apesar de tudo, tenho que sorrir. Tim é muitas coisas, mas não é assustador. Mas se ele me procurou na lista dos pais, deve ter descoberto que Josh não está no jardim de infância. E inexplicavelmente, ele ainda quer falar comigo.

EU

Apenas um pouco assustador.

Ele responde quase instantaneamente:

TIM

Então eu estava pensando, o café à noite só vai nos manter acordados. Que tal tomar uma bebida uma noite esta semana?

Uma bebida. Isso é um pouco mais sério do que café. Esse é um tipo de reunião muito datada. Eu quero isso?

Eu não faço ideia. Mas eu sei que se há um cara em quem posso confiar para recuar se eu precisar, é Tim. E não me relaciono fora do trabalho há muito tempo. Talvez eu devesse apenas me divertir um pouco pelo menos uma vez. Eu não mereço isso?

EU

Deixe-me verificar com a babá e entrarei em contato com você.

Qualquer sentimento negativo do trabalho hoje e o choque de ver Shane depois de tantos anos (e saber que terei que vê-lo novamente em uma semana para tirar as suturas) desaparecem enquanto penso em sair à noite com Tim. Será bom sair com ele novamente. Enquanto crescia, Tim sempre foi minha pessoa favorita no mundo inteiro.

Eu me sinto mal por tê-lo excluído por quase onze anos. Mas não era como se eu tivesse escolha.

Entro em casa e dessa vez Josh não vem correndo quando chamo o nome dele. Eu considero isso um bom sinal. Se ele fosse pegajoso,

seria pior. Mas ele já tem alguns dias de aula e parece mais confiante.

Chego à cozinha, onde Margie está tirando outra de suas deliciosas misturas do forno. Parece uma espécie de lasanha. Está fervendo quando ela o coloca na bancada da cozinha.

— Ei, Margie — eu digo. — Isso parece ótimo. Você não precisa cozinhar todas as noites.

— Oh, eu gosto disso! — ela diz. — Quando meus filhos eram pequenos, eu fazia uma refeição caseira para eles todas as noites. A comida caseira previne o câncer, você sabe.

Não tenho tanta certeza disso, mas não vou dizer mais nada para dissuadi-la de cozinhar para nós. Estou obscenamente grata por ela fazer isso.

— Escute — eu digo — você acha que poderia olhar Josh uma noite esta semana? Eu quero sair para tomar uma bebida com um amigo. Não deve demorar muito.

Os olhos de Margie brilham. — Um amigo ou um *homem*?

Oh Deus. Quando contratei essa mulher, tive a sensação de que ela seria meio chata. — Só um amigo.

— Um amigo homem?

— Sim...

— Então é um encontro! — Ela bate palmas. — Isso é maravilhoso, Brooke! Uma jovem solteira como você deveria estar namorando.

— Não é um encontro — eu digo entre dentes. — Ele é um amigo. Um velho amigo.

— Qualquer coisa que você diga.

Não gosto da expressão de conhecimento no rosto redondo de Margie. — Não é um encontro.

— Bem, porque não? — Ela pisca para mim. — Ele é feio? Homens feios são bons de cama, você sabe.

Oh Deus. — Margie...

— Só estou dizendo — diz ela — que não há nada de errado em sair para um encontro. Você não precisa se sentir mal por isso.

Estranhamente, ela acertou em cheio. Já sinto que estou dispersa, entre o trabalho e a maternidade. — Simplesmente não parece justo com Josh eu estar namorando.

— Não pense assim — ela diz. — Aquele menino poderia usar um pai.

Eu me irrita com o comentário dela – ela tocou num ponto sensível. Sempre tentei ser o suficiente para Josh. Mãe e pai. Mas vejo essa saudade nos olhos dele quando estamos no parque e avistamos um garotinho brincando com o pai.

— Amanhã está tudo bem? — pergunto a Margie.

— Absolutamente — ela diz. — E fique fora o quanto quiser. Josh e eu faremos biscoitos de chocolate.

Há uma parte de mim que quer dispensar Tim e ficar em casa para fazer biscoitos de chocolate com Margie e Josh. Mas Margie está certa. Eu mereço sair à noite para me divertir. Então, assim que Margie sai, mando uma mensagem de texto.

EU

Amanhã à noite, ok?

Tim responde um segundo depois:

TIM

É isso aí.

CAPÍTULO DOZE

ONZE ANOS ATRÁS

— Vamos brincar de Eu Nunca.

Chelsea faz a declaração depois que todos nós temos algumas fatias de pizza na barriga, e Brandon preparou xícaras para todos nós com algo chamado “screwdrivers.” Aparentemente, são uma mistura de vodca e suco de laranja e têm gosto de removedor de tinta.

Estamos reunidos na sala de estar, sentados em pares ao redor da frágil mesa de centro. Shane e eu estamos espremidos no minúsculo sofá. Todos os outros estão amontoados no sofá velho, que distribuiu um monte de penas perdidas quando se sentaram. Tim está perto do apoio de braço e Kayla está tão perto dele que suas coxas ficam presas uma na outra. Chelsea está com as pernas no colo de Brandon, e elas são todas amorosas, embora Chelsea tenha me confidenciado que está cansada de ele a trair e que vai terminar com ele depois do próximo grande jogo.

— O que é Eu Nunca? — Eu pergunto.

Chelsea aperta o peito em choque com a minha ingenuidade. — Brooke, sério?

Encolho os ombros, tentando ignorar a sensação de calor em minhas bochechas. Não tenho tanta experiência em beber ou em festas como meus amigos ou namorado. Esta é apenas a segunda vez que bebo álcool e nunca fiquei bêbada antes. Para ser justa, meus pais mal me deixaram sair no início do ano porque ficaram em pânico depois que aquela garota, Tracy Gifford, foi encontrada morta.

— É muito simples — explica Chelsea. — Então eu digo algo que nunca fiz, e qualquer pessoa do círculo que tenha feito isso tem que beber. Por exemplo, se eu dissesse: 'Nunca tirei cem em uma prova de matemática', então vocês dois nerds — ela olha incisivamente para mim e para Tim, — têm que tomar um gole. Entendeu?

Brandon passa uma das mãos grandes pela curva da coxa de Chelsea. — Não é exatamente ciência de foguetes.

— Claro — eu digo. — Soa bem. — Mesmo que eu esteja com medo de que este jogo revele minha embaraçosa falta de experiência com quase tudo. O melhor que posso dizer é que não tenho segredos.

Bem, não muitos.

— Ei. — Kayla está olhando para seu telefone. — Não estou recebendo nenhum sinal, Shane. O que está acontecendo?

— Oh. — Shane olha por cima do ombro para a janela, onde a chuva cai em baldes. — Desculpe, o sinal aqui está irregular. Ele morre completamente sempre que há algum tipo de tempestade. Mas temos um telefone fixo se você precisar fazer uma ligação.

Kayla resmunga algo baixinho e depois bate o telefone na mesa de centro. Mas ela se recupera rapidamente e sorri docemente para Tim. Agora que ela não tem o telefone para distraí-la, ela concentrou toda a sua energia nele.

E essa ideia não me deixa particularmente feliz.

Brandon esfrega as mãos. — Eu vou primeiro. Mas será difícil inventar algo que nunca fiz.

Os olhos de Tim encontram os meus por uma fração de segundo e ele os vira para o céu. Eu tenho que reprimir uma risada. Chelsea acha que Brandon é gostoso e ele é um figurão no time de futebol, mas a verdade é que não o suporto.

— Eu entendi. — Brandon levanta o copo de papel que contém sua chave de fenda. — Eu nunca... fui abandonado. O que posso dizer? As mulheres me amam.

Chelsea e Kayla bebem por isso. Tim e eu mantemos nossas xícaras na mesa. Shane é meu primeiro namorado de verdade, então nunca tive a oportunidade de levar um fora antes. Olho para Shane e ele também não bebe. Interessante. Este jogo com certeza será uma oportunidade de aprender um pouco mais sobre meu namorado.

Damos uma volta no círculo, recitando nossas quase-confissões. Kayla nunca nadou nua, mas para meu horror, Chelsea sim (com Brandon, aparentemente). Shane nunca colou em uma prova e ninguém mais assumirá essa honra também. Admito que nunca usei uma identidade falsa, e Brandon fica entusiasmado com isso. Shane não, e estou um pouco aliviada – talvez ele não seja tão selvagem quanto eu pensava.

— Eu tenho um. — Chelsea tem um sorriso malicioso nos lábios brilhantes, que já mancharam a borda da xícara. — Nunca beijei meu vizinho.

Ela está olhando para mim e para Tim enquanto diz isso. Tim olha para mim e suas sobrelanceiras se erguem cerca de um milímetro. Balanço a cabeça, também por cerca de um milímetro. Nenhum de nós bebe.

O rosto de Chelsea cai. — Mentirosos — ela diz baixinho.

Ela está absolutamente certa. Estamos mentindo. Tim e eu nos beijamos uma vez, mas foi há muito tempo. Ele foi, na verdade, meu primeiro beijo. Mas não foi um beijo de *verdade*.

Aconteceu no verão antes do início do ensino médio. Tim e eu estávamos no meu quarto e eu lamentava o fato de estar começando o ensino médio sem nunca ter beijado um garoto. Tim admitiu que estava no mesmo barco e então teve uma ideia brilhante:

Deveríamos praticar um com o outro!

Eu pensava nele como um irmão, mas não havia nada de questionável nele. Ele era fofo. Então, sem muita persuasão, concordei.

Foi bom termos decidido praticar juntos porque o primeiro beijo foi decididamente estranho. Eu não sabia o que fazer com as mãos, não tinha certeza se deveria manter os olhos abertos ou fechados e não sabia exatamente para onde meu nariz deveria ir. E assim que nossos lábios fizeram contato, fiquei confusa sobre o que fazer com minha língua. Devo colocar na boca dele? Isso seria estranho, não seria? Mas seria ainda mais estranho não beijar de língua? Foi Tim quem

finalmente me deu um pouquinho de língua. E foi muito bom, depois que me acostumei.

Depois de vinte minutos, parecia que estávamos realmente pegando o jeito do beijo. E, claro, esse foi o momento exato que minha mãe escolheu para invadir meu quarto sem bater. Foi também a última vez que pudemos ficar sozinhos no meu quarto com a porta fechada, embora eu continuasse explicando que estávamos apenas *praticando*.

Tim e eu nunca conversamos sobre isso. É como se isso nunca tivesse acontecido. Afinal, era apenas um treino.

Agora que nosso segredinho ainda está seguro, é a vez de Tim. A certa altura, vi a mão de Kayla subir em sua perna, mas não sei o que aconteceu porque ela não está mais lá. Tim considera sua confissão, olhando para o líquido laranja em seu copo. Finalmente, ele diz: — Nunca bati tanto em uma criança que ela teve que ir para o hospital

Brandon começa a rir. Ele levanta a xícara e toma um longo gole daquela horrível chave de fenda. Então ele cutuca Shane. — Tome uma bebida, Nelson.

Shane se contorce ao meu lado. Enquanto olho para ele, ele levanta lentamente o copo de plástico e bebe dele.

— Shane? — Eu digo.

Brandon toma outro gole, mesmo que não seja necessário. — Não foi grande coisa. Foi só aquele idiota pervertido, Mark. E ele mereceu.

Tim arqueia uma sobrancelha. — Ele *mereceu*?

— Nós o ouvimos falando sobre a mãe de Shane — diz Brandon. — Contar a alguns de seus amigos esquisitos que ele a acha gostosa. Ele tem comprado muitos enlatados naquela loja onde ela trabalha, se é que você me entende.

Olho para Shane e há um lampejo de raiva em seus olhos, mas ele não diz uma palavra.

— O cara é tão esquisito — Brandon continua. — Você sabe que ele está sempre tentando espiar o vestiário das meninas, certo?

Chelsea dá um tapa no braço dele. — Vocês são tão idiotas. Você sabe disso?

Não consigo parar de olhar para Shane. O lampejo de raiva desapareceu e agora ele está abaixando a cabeça. Eu sabia que ele era um garoto meio selvagem no ensino médio, mas agora esperava que, depois de ingressar no time de futebol, ele mantivesse o nariz limpo. Mas talvez Tim esteja certo. Talvez ele seja um valentão.

— De qualquer forma, foi apenas uma costela quebrada — diz Brandon. — Ele nem passou a noite.

— Ah, isso é tudo? — Tim retruca. — Apenas uma costela quebrada?

Os olhos de Brandon brilham quando um raio faz seu rosto brilhar assustadoramente. Ele joga a xícara na mesinha de centro com tanta força que o líquido laranja espirra. — Você quer ser o próximo, Reese?

— Pelo amor de Deus, cale a boca, Brandon — Shane rosna. Ele se vira para olhar para mim. — Foi estúpido. Realmente estúpido. Tínhamos acabado de perder um jogo no dia anterior e quando o ouvi dizer aquelas coisas sobre a minha mãe... quero dizer, é a minha *mãe*... de qualquer maneira, eu simplesmente... como disse, estávamos sendo estúpidos.

Os olhos de Tim encontram os meus. Posso ver a pergunta escrita em seu rosto. *Você está acreditando nessa besteira?* Eu tenho que desviar o olhar.

— Brooke? — Shane diz.

— Só... — Toco meu colar de floco de neve – meus dedos sempre vão para lá sempre que estou ansiosa. — Não faça isso de novo.

Afinal, ele está arrependido. Todo mundo faz coisas estúpidas no ensino médio. Não posso esperar que Shane seja perfeito. Tenho certeza que não.

— Tudo bem. — Shane limpa a garganta alto. — É a minha vez novamente.

Todos nos viramos para olhar para ele, nossas bebidas prontas.

— Nunca — diz ele — tive um encontro com Tracy Gifford

Shane está olhando para Tim enquanto um trovão sacode a sala. Tim levanta os olhos e um olhar passa entre eles que não consigo identificar. Todos nós ficamos ali sentados, com as mãos congeladas nos copos de papel. Tracy Gifford é a garota que foi encontrada morta durante o verão. Obviamente, nenhum de nós teve um encontro com ela.

Mas então Tim levanta o copo. E ele toma um gole.

CAPÍTULO TREZE

DIAS DE HOJE

Não acredito que depois de todos esses anos, vou sair com Tim Reese.

Não, correção: não é um encontro. Estamos apenas pegando bebidas. Como amigos. Pelo que sei, Tim tem namorada. Afinal, ele é bonito e charmoso e tem um emprego decente. Tim é um bom partido. Parece quase impossível que ele ainda esteja solteiro.

Mas tenho a sensação de que ele é.

Eu queria ir em carros separados, mas Tim ressaltou que estamos saindo praticamente do mesmo quarteirão, então – pelo bem do meio ambiente, deveríamos ir juntos – eu não poderia argumentar contra essa lógica. E não discuti quando ele se ofereceu para dirigir.

Então é por isso que estou vestindo um jeans skinny preto e uma blusa lisonjeira enquanto estou parada na frente da minha casa, esperando Tim chegar. Eu não usava muita maquiagem no ensino médio e não vou usar muita agora. Só um pouco de delineador e um pouco de batom. Não quero parecer que estou me esforçando demais.

Um Lincoln Continental branco para na frente da casa, e antes que eu tenha a chance de me surpreender ao saber que este é o carro que Tim dirige, percebo que há uma mulher de cabelos brancos atrás do volante. Quando ela sai do carro, ela empurra os óculos enormes até a ponta do nariz e alisa o terno rosa.

— Brooke? — Ela estende os braços como se eu fosse correr até eles para um abraço. — Brooke! Não acredito que é você!

Eu olho para ela sem expressão. — Olá...?

— É Estelle! — Ela sorri para mim com lábios vermelhos brilhantes. Ela não era tão sutil na aplicação de maquiagem quanto eu. — Estelle Greenberg! Conversamos por telefone.

Eu me encolho, desejando poder voltar para dentro de minha casa. Estelle Greenberg é a principal corretora imobiliária de Raker. No testamento de meus pais, eles reservaram dinheiro para pagar a Estelle a venda de sua casa e me deram o lucro. Ela me ligou enquanto eu estava de volta à cidade, garantindo que cuidaria da venda da casa e que eu nem precisaria colocar os pés em Raker se não quisesse.

Ela ficou bastante chocada quando eu lhe disse que não só não queria que ela vendesse a casa, mas que iria morar lá.

— Oh, Brooke — ela suspira. — Eu me lembro de você quando você estava tão chapada!

Ela levanta a mão no meio do quadril, para indicar o quão grande eu era em sua memória. Eu suprimo a vontade de revirar os olhos.

— Tenho que lhe dizer, Brooke — diz ela — o mercado imobiliário está uma loucura neste momento. Você nem imagina o preço que eu poderia conseguir por esta casa. O suficiente para você comprar o apartamento dos seus sonhos na cidade. Você poderia até morar em Manhattan, se quisesse.

Uma veia pulsa em minha têmpora. — Agradeço isso, mas não estou interessada.

— Você sabe, a bolha imobiliária não durará para sempre. Você deveria ser esperta sobre isso.

— Estou bem — digo com firmeza. — Realmente.

— Afinal, o que você quer com aquela casa velha e empoeirada?

Estelle fixa seus olhos castanhos em mim, esperando minha resposta. Não é uma pergunta totalmente injusta. Não é como se minhas memórias mais recentes desta cidade fossem boas. Mas houve um tempo em que fui feliz aqui. De certa forma, passei os anos mais felizes da minha vida nesta casa. Quando eu era jovem e despreocupada.

Ou talvez parte de mim ainda seja uma adolescente rebelde, que quis voltar para cá apenas porque meus pais nunca permitiram depois

que engravidei.

— Esta é a porcaria da minha casa, Estelle — digo em voz baixa.
— E posso fazer o que quiser com isso, sem ter que justificar para você.

Os cílios postiços de Estelle tremulam como se ela estivesse chocada por eu ter falado com ela daquele jeito. Eu certamente não teria dito algo assim quando estava tão chapada.

— Sabe — ela diz — seus pais ficariam muito desapontados se você desobedecesse aos desejos deles.

Na verdade, estou chocada que meus pais tenham me deixado a casa. Depois que comecei a enviar-lhes os cheques mensais, não descontados, percebi que estava fora do testamento. Mas não havia mais ninguém para quem eles pudessem deixar sua propriedade. Então eu entendi tudo por padrão.

Cruzo os braços sobre o peito. — Por favor, não me incomode de novo, Estelle.

Seus lábios vermelhos brilhantes se abrem e, por um momento, tenho certeza de que ela vai discutir comigo. Mas, em vez disso, ela dá meia-volta e volta para seu Lincoln. O carro dela se afasta no momento em que o Prius de Tim entra na minha garagem. Respiro fundo, tentando dissipar a tensão do nosso confronto. Funciona – um pouco.

— Uau — Tim diz quando subo no banco do passageiro. — Faz muito tempo que não vejo você arrumada.

Eu me contorço enquanto coloco o cinto de segurança no lugar. — Eu não estou arrumada.

— Certo. Eu também.

Embora ele pareça um pouco arrumado. Ele está vestindo uma camisa azul clara e até colocou uma gravata. Quando éramos crianças, nunca o vi usar nada além de camiseta e jeans, mas isso combina com ele.

Não o convido para entrar e ele não parece chateado com isso. Não sei o que Josh achará se eu trazer um cara para casa,

especialmente se esse cara for o diretor assistente da escola dele. No mínimo, isso poderia dar início a alguns rumores desconfortáveis.

— Onde estamos indo? — Pergunto-lhe.

— É um bar que abriu há alguns anos – o Shamrock. É uma comida bastante tranquila e decente. Ou apenas cerveja, se é tudo o que você quer.

Concordo com a cabeça, pensando comigo mesma que a última vez que vi Tim, nenhum de nós tinha idade suficiente para beber legalmente. Agora esse marco veio e se foi.

— Então, como Josh está se adaptando à escola? — Tim pergunta.

— Tudo bem — eu digo. — Ele está fazendo alguns amigos.

— Isso é ótimo. O jardim de infância é uma transição muito difícil, mas tenho certeza de que ele se sairá muito bem.

Eu congelo. Eu presumi que quando Tim me procurou nos registros escolares, ele descobriu que Josh estava na quinta série. Aparentemente não. Ele ainda acha que meu filho tem cinco anos. O que significa que ele não sabe que Josh é filho de Shane.

E eu realmente não quero contar a ele. Ainda não. Não quando ele está olhando para mim durante o sinal vermelho e sorrindo para mim daquele jeito.

O Shamrock fica a apenas cinco minutos de carro. Tim estaciona no estacionamento em frente ao bar e corre para a lateral do carro para abrir a porta para mim, embora eu já tenha conseguido abri-la. Isto não é um encontro, mas ele está sendo um cavalheiro, o que é incrivelmente gentil. Os homens não são assim na cidade de Nova Iorque. Você tem que ir para o norte do estado por boas maneiras, aparentemente.

Dentro do bar é o que eu esperava. Escuro, um leve toque de fumaça pairando no ar e muitas mesas pegajosas espalhadas pelo salão. Pegamos uma mesa nos fundos e desta vez não é nenhuma surpresa quando Tim puxa minha cadeira para mim.

— Quando você se tornou um cavalheiro? — Eu o provoco.

— Eu não era antes?

— Ah! — Eu bufo. — Tive sorte se você não puxou minha cadeira debaixo de mim.

— Brooke! — Ele aperta o peito fingindo horror. — Eu nunca teria feito isso. A menos que você merecesse, é claro.

— Só estou dizendo... — Olho para seus brilhantes olhos azuis do outro lado da mesa. — Você não precisa agir de forma totalmente formal comigo. Nós nos conhecemos desde que usávamos fraldas. Nós nos conhecemos muito bem.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Nós costumávamos. Agora... nem tanto.

Antes que eu possa descobrir o que dizer sobre isso, uma pequena garçonete com uma camiseta justa que mostra um busto impressionante para seu tamanho se aproxima para anotar nosso pedido. Ela parece vagamente familiar, como muitas pessoas nesta cidade parecem – acho que talvez tenhamos cursado o ensino médio juntas. Deixo meu cabelo cair no rosto enquanto faço meu pedido, esperando parecer diferente o suficiente para que ela não me reconheça.

Antes de sair, ela pousa a mão com unhas vermelhas no ombro de Tim. — Já volto, Timmy.

— Obrigado, Kelli — diz ele.

Kelli. Isso me lembra num piscar de olhos: ela estava na equipe de líderes de torcida como eu e Chelsea, mas dois anos atrás de nós. Ela parece quase a mesma de quando estava no ensino médio – o mesmo cabelo loiro e rosto em formato de coração, embora seios muito maiores. Felizmente, ela não está olhando para mim e não parece me reconhecer.

Na verdade, ela está apenas olhando para Tim. Ela dá a ele um olhar inconfundível e fico surpresa com o lampejo de ciúme. Faz séculos que não vejo Tim. Não tenho o direito de me sentir proprietária perto dele.

— Eu tentei encontrar você, você sabe — ele diz depois que Kelli sai com nossos pedidos de bebidas.

Tento não reagir a essa revelação. — Você fez?

— Você é realmente difícil de encontrar. — Ele me olha do outro lado da mesa. — Sem mídia social, hein?

Meus pais fizeram o possível para manter meu nome fora dos noticiários quando tudo aconteceu, já que eu era menor de idade. E enquanto eu estava na escola, eles também me deram uma pequena bolsa – um cheque mensal que, junto com meu trabalho de garçoneiro, mal cobria minhas despesas sem deixar um centavo sobrando – e uma condição era que eu não poderia estar nas redes sociais... Sem Facebook, sem Twitter, sem Instagram. Foi fácil concordar com isso porque eu também não queria estar nas redes sociais. A última coisa que eu queria era conversar com meus antigos colegas de classe. *Ei, Brooke, lembra quando seu namorado tentou te matar? Cara, aqueles foram bons tempos.*

— Desculpe — eu digo. — Eu estava sendo cautelosa.

— Eu sei. Mas sou eu, Brooke. Eu só queria saber que você estava bem. Você poderia ter entrado em contato.

Quando eu estava grávida de nove meses, prestes a dar à luz o filho de um assassino condenado, não tinha interesse em conversar com velhos amigos. Até Tim. Mas não posso explicar isso a ele. — Sinto muito — digo novamente. — Eu precisava de tempo para me curar.

Ele fica quieto por um momento, refletindo sobre minha resposta. — Justo.

A garçoneiro/ex-líder de torcida, Kelli, retorna com nossas bebidas. Ela coloca o copo dele com cuidado na frente dele e joga o meu sem cerimônia na mesa. Ela volta sua atenção para Tim. — Você vai comer alguma coisa hoje, Timmy?

Ele olha para ela e sorri. — Não agora.

— Não posso tentá-lo com anéis de cebola?

Tim balança a cabeça negativamente.

Ela pisca para ele. — Asas de búfalo?

— Não...

— Batatas fritas?

Ai meu Deus, essa garçonete vai oferecer a ele todos os itens do cardápio, um por um? Mas, felizmente, depois que ele recusou as batatas fritas, ela finalmente foi para outra mesa.

— Fizemos o ensino médio com ela, não foi? — Eu digo.

Tim olha para Kelli, que bate o pé impacientemente no chão enquanto espera que duas mulheres decidam seus pedidos. — Isso mesmo. Você tem uma boa memória.

— Acho que ela estava flertando com você.

— Na verdade... — Ele abaixa um pouco a voz. — Saímos algumas vezes.

Minhas sobrancelhas se levantam. — Sério?

Ele dá de ombros. — Não foi grande coisa. Bem casual.

— Você a beijou?

Eu rio da maneira como seu rosto fica levemente rosado na penumbra do bar. As sardas podem ter desaparecido, mas ele ainda é louro e seu tom de pele mostra suas emoções com muita facilidade.

— Ela e o namorado estavam dando um tempo — explica ele. — Saímos duas vezes, depois ela voltou para o namorado.

— Ela terminou com você?

— Ela não me largou. Foram dois encontros. — Ele olha para trás, onde Kelli está anotando o pedido de outro cliente. — E mesmo que ela não voltasse para o namorado, não acho que haveria um terceiro encontro. Não éramos pares.

— Oh, entendi. Eu não sabia que você era tão exigente, Reese.

— Eu não sou exigente! — Ele toma um gole de cerveja e lambe a espuma do lábio superior. — Estou apenas esperando pela pessoa certa. E Kelli era legal o suficiente, mas não era ela. Isso é horrível?

— Não, não é horrível.

Ele traça um padrão na condensação de seu copo. — Então e você? Você foi casada antes?

— Não.

— Oh. — Ele concorda. — Então o pai de Josh...

— Não está na foto — eu deixo escapar. — De forma alguma.

E também cumprindo pena de prisão perpétua por assassinato. Isso também.

Estou acostumada a receber um olhar de simpatia quando digo às pessoas que estou fazendo isso sozinha, mas não é esse o olhar que Tim me dá. É algo diferente. Não consigo definir o que é.

— Isso parece difícil — ele finalmente comenta.

— Estamos bem.

— Eu não disse que você não estava.

— Olha... — Tomo um gole da minha própria bebida alcoólica para ter coragem. — Só quero deixar claro que minha vida está meio complicada agora e não estou procurando... você sabe, nada. Exceto amizade.

— Ah, que bom. — Ele se recosta no assento, que range sob seu peso. — Porque é exatamente isso que estou procurando também. Amizade.

— Bom então.

— Perfeito.

Eu o estudo do outro lado da mesa enquanto ele sorri de volta para mim. Tim é um cara legal, sempre foi, e acredito que se eu disser a

ele que tudo que quero é amizade, ele não vai insistir mais. Ele respeitará meus desejos.

Afinal, há dez anos ele salvou minha vida.

CAPÍTULO QUATORZE

É triste que num sábado não tenha nada melhor para fazer do que ir às compras. A viagem de compras é literalmente o destaque do meu fim de semana.

Foi Josh quem me convenceu a ir. Primeiro, ele descobriu que estávamos sem Lucky Charms e escreveu em letras maiúsculas na lista de compras que guardo na geladeira. Ele mencionou ontem à noite que não tínhamos nenhum. Então, esta manhã, ele parecia especialmente desamparado enquanto se servia de uma tigela de Cheerios em vez de Lucky Charms, mencionando repetidamente que gostaria que houvesse alguns marshmallows coloridos em seu cereal. Então ele escreveu na lista de compras pela segunda vez.

Ele também ressaltou que eu poderia fazer compras sem precisar de uma babá. Josh tem pressionado por um pouco mais de liberdade e, para ser justo, ele tem idade suficiente para ficar sozinho por uma hora enquanto estou no supermercado. Então aqui estou eu, comprando Lucky Charms e acho que ovos e queijo e pão e algumas outras coisas que precisamos.

Enquanto inspeciono um pé de alface no corredor dos produtos, tenho a nítida sensação de que estou sendo observada. Olho por cima do ombro e estremeço ao ver um rosto familiar. É Kelli, aquela garota que nos atendeu outra noite no Shamrock. Aquela que estava comigo na torcida, antes de toda a minha vida ir para o inferno.

Nossos olhos fazem contato. Neste ponto, seria pior ignorá-la, então aceno hesitante. — Oi...

A mulher atira punhais em mim com os olhos. — Eu conheço você.

Eu congelo, sem saber como responder. Ela quer dizer que me conhece desde quando eu saí com Tim? Ou ela me reconhece de todos aqueles anos atrás? Espero que seja o primeiro.

— Você é a mulher que estava bebendo com Tim outra noite — diz ela.

Deixei escapar um suspiro de alívio. — Ah, sim.

Seus lábios se curvam em desgosto. — Então, o que você é... *namorada* dele?

— Não — eu digo rapidamente. Não que eu deva alguma explicação a essa mulher, mas gostaria de sair deste supermercado sem que ela arranhe meus olhos com aquelas longas unhas vermelhas. — Tim e eu somos apenas velhos amigos.

— Não me pareceu assim.

— É verdade. — Olho por cima do ombro dela, tentando chamar a atenção de um segurança. — Se você quiser Tim, ele é todo seu. Ele me disse que você tinha um namorado.

Seu rosto se enche de raiva. — Ele estava falando sobre mim para você?

Oh Deus. — Não. De jeito nenhum. Ele mencionou que vocês tinham saído, mas agora você tinha namorado. É isso.

Kelli parece completamente furiosa. Posso ver por que Tim não estava ansioso para sair com ela novamente, se foi assim que ela se comportou. Claro, ela parecia super legal perto dele. Tenho certeza de que se eles comessem a namorar, ela teria mantido esse lado dela longe dele enquanto pudesse.

— Sabe — diz Kelli — Tim leva muitas garotas para o Shamrock. Não pense que você é tão especial.

Ele faz? Não sei por que essa revelação me deixa triste. Talvez eu esperasse que a outra noite fosse mais do que apenas uma bebida com um velho amigo. — Como eu disse, não foi um encontro nem nada.

Kelli estreita os olhos para mim. Seus lábios se curvam para baixo. — Nós nos conhecemos de outro lugar? Você parece familiar.

Tento deixar minha expressão vazia. — Não, eu não penso assim. Acabei de me mudar para cá.

Agora seria um bom momento para fazer uma saída elegante, antes que Kelli descubra quem eu sou. Mas então seus olhos se arregalam e percebo que é tarde demais.

— Você é aquela garota! — Ela estala os dedos. — Você é... Bridget alguma coisa. Foi você quem mandou Shane Nelson para a prisão.

É claro que ela interpretaria meu nome errado, mas lembre-se perfeitamente do nome do belo quarterback. Por um momento, considero negar tudo, mas é inútil. Ela sabe que sou eu. — Isso foi há muito tempo.

— Isso foi uma besteira total. — Kelli praticamente cospe as palavras. — Eu conhecia Shane. Ele era um cara legal. Ele nunca teria feito aquelas coisas.

Não digo a ela que o objeto de seu flerte, Tim Reese, foi ainda mais importante para mandar Shane para a prisão do que eu. Mas a transgressão de Tim foi mais perdoável que a minha porque ele é gostoso.

De qualquer forma, não estou surpresa que ela esteja defendendo Shane. Isso não é novidade: muitas pessoas em Raker, especialmente pessoas que conheciam bem Shane, ficaram furiosas comigo por testemunhar contra ele. Shane era uma estrela do futebol e todos o amavam. Eu era namorada dele e as pessoas achavam que eu o estava traindo. Mesmo que eu não tivesse que sair por outros motivos, eu nunca poderia ter ficado em Raker depois do que fiz com ele.

Mas eu tive que testemunhar. Eu tinha que contar a verdade sobre aquela noite e prender aquele monstro para sempre.

— Você não estava lá naquela noite — eu digo calmamente.

— Eu não precisava estar — ela retruca. — Você entendeu errado. Shane era inocente.

— Não — eu digo — ele não era. Acredite em mim.

Antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, viro meu carrinho de compras e caminho rapidamente para outro corredor. Depois de

tudo que passei, a última coisa que preciso é de uma garota maluca me perseguindo, além de todos os meus outros problemas. Ando pelos corredores o mais rápido que posso, reunindo os itens da lista de compras, principalmente de memória.

Só quando entro no carro é que percebo que esqueci o Lucky Charms.

CAPÍTULO QUINZE

ONZE ANOS ATRÁS

— Você saiu com Tracy Gifford?

A voz de Kayla é tão estridente que, se ficar mais alta, apenas os cães conseguirão ouvi-la. Mas não posso culpá-la porque estou me sentindo da mesma maneira. Tim saiu com *Tracy Gifford*? Como isso aconteceu? Em que universo meu vizinho saiu com uma garota morta?

— Dois encontros. — Parece que Tim quer desaparecer nas dobras do sofá. — É isso. Não é grande coisa.

— Não é grande coisa! — Kayla explode. Percebo que a coxa dela não está mais tocando a dele. — Sinto muito, mas isso é muito importante.

Tim se contorce. — Realmente não é.

As feições esculpidas de Brandon estão distorcidas em diversão. Sempre pensei que ele se parecia com o garoto bonito e rico de todos os filmes de John Hughes. — Eu subestimei você, Reese. Boa viagem. Você marcou com ela?

— Não! — O rosto de Tim está ficando vermelho. — Eu te disse, foram apenas dois encontros.

— Exatamente — diz Brandon.

— Cristo. — Tim passa a mão pelo cabelo curto, que agora está um pouco espetado. — Estou lhe dizendo, não foi nada. *Nada*. Nos encontramos na biblioteca, conversamos e saímos duas vezes. Então ela parou de retornar minhas ligações.

— Porque ela estava morta? — Chelsea fornece.

Todo mundo está fazendo perguntas para Tim, mas estou completamente sem palavras. Eu nunca poderia ter imaginado isso em um milhão de anos. E como Shane sabia disso? Ele devia saber, porque quando disse isso, estava olhando diretamente para Tim. Olho para

Shane agora, e ele está observando tudo se desenrolar, com uma expressão divertida em seus olhos.

— A polícia interrogou você? — Kayla pergunta.

— Não.

— Eles sabiam que você saiu com ela? — ela o pressiona.

— Eu não faço ideia. — Ele se contorce no sofá. — Quer tenham feito ou não, não foi grande coisa. Quero dizer, dois encontros, e demorou cerca de um mês para ela morrer.

— Você quer dizer — diz Chelsea — antes de ela ser morta.

Tim me lança um olhar de dor, mas tenho que desviar o olhar. Achei que o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, mas não sabia disso. Estou me recuperando do choque. Eu não consigo entender isso.

— Você deveria ir à polícia — diz Kayla. — Dizer a eles o que você sabe.

Tim faz uma careta. — Eu não sei de nada. Não tenho nada para contar a eles.

Com essas palavras, ele pula do sofá e vai em direção à cozinha. Ele empurra a porta e desaparece lá dentro.

— Uau — Kayla respira. — Isso apenas mostra, nunca se sabe...

Não posso ficar aqui sentada nem mais um segundo enquanto eles especulam sobre o que Tim pode ter feito. Levanto-me do sofá e sigo Tim de volta à cozinha. Posso sentir os olhos de Shane nas minhas costas, mas não me viro.

Dentro da cozinha escura, Tim está encostado no balcão, a cabeça baixa sobre a pia enferrujada. Parece que ele está tentando se controlar. Eu já o vi assim antes. Ele tinha a mesma expressão no rosto quando seu cachorro de doze anos, Rusty, desenvolveu tumores por todo o corpo e tiveram que sacrificá-lo.

— Ei — eu digo.

Tim se vira para olhar para mim no momento em que um raio ilumina seu rosto. — Ei.

— Você está bem?

O trovão que sacode a sala é quase ensurdecador. — Me desculpe por não ter contado que saí com Tracy.

— Por que você não fez isso?

Ele esfrega as mãos no rosto. — Eu fiquei assustado. Saímos no início do verão e, um mês depois, encontraram-na morta. Achei que poderia ter sido o último cara com quem ela saiu. E eu... achei que não ficaria bem para mim. Além disso, não era como se eu soubesse de algo que pudesse ajudar.

Faz sentido, mas ao mesmo tempo me deixa um pouco desconfortável. Se ele é completamente inocente, por que não iria querer contar à polícia o que sabe? Por que ele esconderia isso?

— Eu me senti péssimo quando descobri. — Ele baixa os olhos. — Não deu certo entre mim e Tracy, mas ela não merecia morrer. Ela era uma pessoa legal. Isso me destruiu.

— Sim — eu respiro. — Tenho certeza...

— Eu não sei como Shane sabia disso. — Seu rosto escurece. — Eu não posso acreditar que ele está sentado nisso, esperando o momento perfeito para me fazer ficar mal.

Eu franzo a testa. — Não acho que essa fosse a intenção dele.

— Ah, não era? — Tim zomba. — Brooke, talvez eu tenha saído com alguma garota, mas ele realmente bateu naquele garoto. Por nenhuma razão. Coloco-o no maldito hospital. É realmente alguém com quem você deseja estar?

Eu estremeço com suas palavras. — Ele disse que se arrependeu.

— Besteira! — A voz de Tim é alta o suficiente para que eu tenha medo de que os outros ouçam através da porta. — Shane Nelson é um

valentão e um pedaço de merda. Ele só lamenta que você tenha descoberto isso porque ele quer dormir com você.

Meu rosto queima. Tim odeia Shane, mas não acredito que ele diria isso para mim. — Isso não é nada verdade. E você não tem o direito de dizer isso.

Nós nos encaramos por um momento. Um músculo se contrai sob meu olho. Tim quebra primeiro.

— Desculpe. — Ele solta um suspiro. — Sinto muito, Brooke. Você tem razão. Eu não deveria ter dito isso.

— Com certeza.

— Só estou preocupado com você. — O medo em seus olhos é real. Eu o conheço bem o suficiente para saber disso. — Estou preocupado com você estar com Shane. Não acho que seja seguro.

— Não é seguro? — Achei que ele só estava preocupado que Shane partisse meu coração. — O que você está falando?

— Escute-me, Brooke. — Ele abaixa um pouco a voz. — Shane é...

Antes que Tim possa dizer o que quer dizer, a porta da cozinha se abre. Shane está parado ali, parecendo ainda mais loucamente sexy do que normalmente, com seu cabelo escuro levemente despenteado e um sorriso torto no rosto. — Ei, Brooke — ele diz. — Você vai voltar?

É difícil não notar que ele não se preocupa em perguntar a Tim se ele vai voltar.

— Sim — eu digo. Olho para Tim. — Você vem?

Tim faz uma careta. Ele parecia ter algo importante para me dizer antes de Shane irromper na cozinha, mas ele não pode fazer isso agora. E a verdade é que não quero ouvir isso. Tim e Shane têm uma pequena rivalidade estúpida, mas isso não é problema meu. Tim precisa superar isso.

— Tudo bem — Tim finalmente diz. — Vamos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

DIAS DE HOJE

Hoje devo retirar os pontos da testa de Shane Nelson.

Eu me revirei a noite toda pensando nisso. Sonhei em voltar àquela casa de fazenda. No meu sonho, o colar apertava minha garganta e o cheiro de sândalo enchia minhas narinas. Então ouvi o estrondo de um trovão e algum outro ruído de fundo que não consegui distinguir, e então...

Eu estava acordada.

Depois da terceira vez que acordei suando frio, desisti de dormir. Levantei-me e preparei uma xícara de café. Isso foi às quatro da manhã e agora estou correndo de estômago vazio. Na verdade, é uma coisa boa. Se eu estiver exausta, entrarei menos em pânico quando Shane aparecer.

Por volta das duas da tarde, o policial Hunt conduz Shane pelo longo corredor até a área de espera do lado de fora da sala de exame. Ele se senta, com os pulsos e tornozelos algemados mais uma vez, esperando sua vez depois dos outros dois homens à sua frente. Claro, depois que vejo Shane sentado ali, não consigo mais pensar direito. Tenho que continuar pedindo aos presos que repitam o que acabaram de dizer cinco segundos antes.

Quando é a vez de Shane me ver, Hunt o agarra pelo braço e o arranca da cadeira. Shane precisa de um pouco de ajuda para se levantar, já que seus braços e pernas estão contidos, mas Hunt é muito mais rude do que precisa. E o que há com as algemas todas as vezes? Antes pensei que fosse porque ele havia brigado, mas agora ele ainda está algemado.

Eles realmente acham que ele é tão perigoso? O único outro cara que vi nos últimos dias que estava algemado assim tinha um sorriso de raiva e símbolos de ódio tatuados por todo o rosto.

Mas o que estou dizendo? *Claro* que Shane é perigoso. Eu sei disso melhor do que ninguém.

Mas ele não parece perigoso quando entra na minha sala de exame e se esforça para subir na maca, com uma expressão de dor no rosto. Quando ele escorrega, ele me pede desculpas. — Desculpe, sou tão lento. É simplesmente difícil fazer qualquer coisa acorrentado assim.

Você merece isso. As palavras estão em meus lábios, mas não as digo. Seria pouco profissional. Em vez disso, murmuro: — Vamos fazer isso.

Ele está lutando para encontrar o equilíbrio na maca de exame e, mais uma vez, tenho que estender a mão para ajudá-lo. Ele me lança um sorriso agradecido, e parece tanto com o antigo Shane, minhas bochechas queimam, e tenho que desviar o olhar.

— Obrigado, Brooke — diz ele. — Eu agradeço.

— Uh-huh — murmuro.

— Ok. Vamos acabar logo com isso.

Eu o vejo tentar coçar o nariz com as mãos algemadas. Por fim, faço a pergunta que está na minha cabeça desde a semana passada: — Por que fazem isso com você?

Shane levanta as sobrancelhas. — Fizeram o que?

Aceno para as algemas em seus pulsos. — Praticamente nenhum dos outros homens fica algemado desta forma. E presumo que todos sejam tão ruins quanto você aqui.

Ele abre um sorriso torto. — Oh, eu sou o pior.

Eu fico olhando para ele.

— Isso é o que você pensa, não é? — As pontas dos dedos dele cavam o macacão cáqui de sua prisão. — Que eu sou um monstro? Que eu mereço tudo isso?

Seus olhos castanhos prendem os meus e desta vez me recuso a desviar o olhar. — Tudo bem, não responda à pergunta. Esse é o seu direito.

Eu esperava alguma resposta desagradável de Shane, mas em vez disso, seus ombros caíram. Ele acena com a cabeça em direção à porta fechada que nos separa do guarda. — Você quer saber por que eu sempre uso algemas? É porque ele me odeia.

— Quem?

— Hunt. Ele me odeia.

— Mas por que?

Ele levanta um ombro. — Quem diabos sabe? Talvez eu o lembre de alguém. Às vezes as pessoas simplesmente não gostam umas das outras. Mas é uma pena se você é um prisioneiro e o cara que não gosta de você é um dos agentes penitenciários. Torna toda a sua vida um inferno. Quero dizer, ele tem o poder de tornar as coisas realmente ruins para mim.

Espero que ele faça isso. Considero dizer essas palavras, mas qual é o sentido? Houve um tempo em que eu gostaria de cuspir na cara dele, mas os anos tiraram um pouco da minha luta. Afinal, Shane está na prisão. Ele está cumprindo pena pelas coisas terríveis que fez. Tudo o que aconteceu está no passado.

Eu queria que Shane sofresse depois do que ele fez, e meu desejo foi realizado. Ele está preso aqui, dia após dia, à mercê de um bando de guardas que pensam que ele é a escória da terra. Levar uma surra e ele não poderá fazer nada a respeito, senão será pior da próxima vez. Dormir numa cela todas as noites.

A vida dele é um inferno.

— Então como você tem estado? — Shane me pergunta enquanto abro o kit de remoção de sutura.

— Bem. — *Não converse com este homem.*

— Gostas de trabalhar aqui?

— Sim. — É a verdade. Embora ainda tenha um pouco de medo dos prisioneiros e sinta falta dos meus saltos altos, acho que é um trabalho gratificante. E quero que Shane saiba que sua presença aqui não me intimida. — Os presos são legais.

— Sim. Para *você*.

Chego o mais perto de Shane que posso. Não é minha primeira escolha, mas você tem que ser próximo e pessoal ao remover os pontos. — Eles não são legais com você?

— Você vê os pontos na minha cabeça?

Pego o primeiro ponto com a pinça e o solto. — Achei que você tivesse batido em uma cerca.

— Sim, bem.

Eu quebro o segundo ponto. — Sabe, meu filho sofreu muito bullying no ano passado. Foi muito difícil. As outras crianças até lhe deram um olho roxo.

Shane pisca para mim. — Eles deram a ele um olho roxo na *pré-escola*?

Por um segundo, estou sem palavras. Não sei por que contei isso a ele. Cinco minutos atrás, jurei para mim mesma que não compartilharia mais nenhuma informação pessoal com esse homem. Especialmente não sobre meu filho.

Nosso filho.

O que Shane diria se soubesse a verdade? Se ele soubesse disso, algumas semanas depois daquela noite horrível, comecei a vomitar no banheiro. Eu esperava que fosse um problema estomacal, mas quando não melhorou, cedi e comprei um teste de gravidez. E quando vi as duas linhas azuis na tira de teste, meu mundo inteiro se despedaçou.

Eu tive que contar aos meus pais. Eles se apoiaram muito em mim para fazer um aborto, mas eu não faria isso. Mas uma coisa em que todos concordamos é que Shane nunca poderia saber. Escolhemos cuidadosamente a roupa que usei no julgamento de Shane para que

ninguém visse minha barriga crescendo. E depois que o julgamento acabou, deixei Raker e não voltei.

Até agora.

Shane está olhando para mim com curiosidade. Preciso dizer algo para consertar isso. Então eu sorrio e dou de ombros. — As crianças são mais difíceis do que costumavam ser.

— Acho que sim.

Corto os próximos pontos em silêncio. Quando me inclino sobre ele para pegar o último, noto seu olhar baixando. Olho para baixo para ver para onde ele está olhando e...

Oh Deus.

Minha camisa está aberta apenas o suficiente para lhe dar uma visão fantástica do meu decote. E cara, ele está se aproveitando. Eu limpo minha garganta ruidosamente.

Shane desvia o olhar dos meus seios. — Merda. Desculpe.

Ele não é o primeiro prisioneiro a olhar para mim dessa forma, embora seja o primeiro a pedir desculpas. — Nunca deixe isso acontecer de novo — eu digo bruscamente.

— É só... — Ele coça o pescoço que está ficando vermelho. — Não há muitas, você sabe, *mulheres* aqui. E eu nunca...

O último ponto se solta e eu me endireito. Eu percebo o que ele está dizendo. Ele nunca mais estará com outra mulher. Nunca. Pelo resto de sua vida.

— Sinto muito — ele diz novamente. — Isso foi incrivelmente rude e... eu deveria ter me controlado.

Não, ele deveria ter se controlado há onze anos. Se tivesse, talvez não estivesse aqui agora. Ignoro seu segundo pedido de desculpas enquanto passo um dos meus dedos enluvados sobre a laceração. — Parece muito bom. Haverá uma cicatriz, mas espero que não seja tão ruim.

— Eu não me importo, mas obrigado. — Ele hesita. — E sinto muito pelo que disse da última vez. Sobre aquela noite...

Coloquei minhas mãos nos quadris. — Então você admite o que fez.

— Não, eu não matei ninguém. Mas eu entendo que você não quer ouvir que você entendeu errado.

Ele está tão cheio disso. Ele não está se desculpando por pedir desculpas. Ele está se desculpando porque quer falar mais sobre isso. Lembro-me da palavra que Elise sublinhou em seu prontuário:

Manipulador.

— Eu estava lá, Shane. — Jogo a bandeja com os pontos no lixo e coloco a tesoura e a pinça no recipiente para objetos cortantes. — Eu sei o que aconteceu.

— Obviamente não. Você mesmo disse que não conseguia ver nada.

Eu removo minhas luvas com um estalo alto. — Então, se você não fez isso, quem fez?

— Você sabe quem foi, Brooke.

Eu balanço minha cabeça.

— Foi Reese. — Seus olhos são como pires, agora que ele tem minha atenção. — Tinha que ser. Ele é o único que...

Esta não é a primeira vez que ele acusa Tim. Esse foi o ponto crucial de sua defesa anos atrás. Mas ele não conseguiu convencer o júri e certamente não me convencerá agora. Ele acha que sou idiota?

— Shane, pare com isso — eu rosno.

— Não, por favor, Brooke. Você tem que acreditar que eu...

— Pare com isso!

Ao som da minha voz elevada, o oficial Hunt irrompe na sala, pronto para a ação. Ele se eleva sobre mim e seu rosto está curvado em

um sorriso de escárnio. Ele tem pequenos semicírculos de suor sob as axilas. — O que está acontecendo aqui? Há algum problema?

Shane fecha os lábios. Eu balanço minha cabeça. Não quero que Hunt saiba sobre o passado que Shane e eu tivemos juntos. — Não, está tudo bem.

Hunt estreita os olhos para Shane. — Você terminou aqui?

— Sim, tudo pronto — eu digo com firmeza. — Leve-o embora.

Hunt assente rapidamente. — Ótimo, vamos lá.

Vejo o que vai acontecer a um quilômetro de distância. Hunt agarra Shane pelo braço para tirá-lo da mesa de exame, mas como há um degrau para descer e suas pernas estão algemadas, ele não consegue manter o equilíbrio. Ele cai da mesa e bate a cabeça na lateral da minha mesa com um baque nauseante.

Entro em ação, me abaixando ao lado de Shane, que agora está no chão. Ele geme, com os olhos entreabertos, mas está tonto e há um galo subindo logo abaixo da linha do cabelo.

Isso aconteceu uma vez no campo de futebol durante o treino. Eu estava afastada da minha amiga Chelsea quando Shane foi derrubado por um ataque brutal. Assim como agora, houve um estalo nauseante quando seu corpo fez contato com o chão. Corri pelo campo para ter certeza de que ele estava bem, meu coração batendo forte no peito. Eu estava com tanto medo de que ele tivesse se machucado gravemente, e ainda me lembro da onda de alívio quando deslizei minha mão na dele, e seus olhos se abriram quando ele apertou minha mão. Foi a primeira vez que percebi que estava me apaixonando por Shane Nelson.

— Que diabos está errado com você? — Eu respondo a Hunt.

Hunt não parece nem um pouco perturbado por ter causado uma concussão em um dos prisioneiros. — Relaxe. Foi um acidente.

Eu olho para o rosto de Shane – suas pálpebras tremem do jeito que fizeram todos aqueles anos atrás, quando ele foi nocauteado no campo de futebol. — Shane, você está bem?

— Estou bem — ele murmura.

— Nelson é durão — Hunt fala. — Ele vai ficar bem.

Justamente quando penso que esta situação não pode ficar mais desconfortável, ouço passos vindo pelo corredor. Um segundo depois, Dorothy espia para dentro. Ela ainda está usando aqueles óculos de meia-lua e nos espia por cima da borda, de forma um tanto acusadora.

— O que é toda essa comoção? — ela exige saber.

Shane está lutando para se sentar, mas está passando por momentos difíceis, entre a batida na cabeça e as algemas. Eu me endireito para olhar Dorothy nos olhos. — O policial Hunt fez com que o Sr. Nelson caísse e, como resultado, ele sofreu um golpe significativo na cabeça. Ele definitivamente teve uma concussão. Gostaria de interná-lo em um dos leitos da enfermaria para observação esta noite.

Pela primeira vez, Hunt parece se importar com o que acabou de acontecer. — Dorothy, isso não é absolutamente verdade. Eu estava ajudando o preso a se levantar e ele tropeçou. Foi totalmente involuntário.

Os perspicazes olhos azuis de Dorothy olham Hunt de cima a baixo, depois percorrem o resto da sala, absorvendo toda a situação. Prendo a respiração – esta mulher não é conhecida por defender os prisioneiros.

— Marcus — ela diz bruscamente. — Por que diabos Nelson fica algemado para consultas médicas? Ele não é um risco.

— Acredito que sim — diz Hunt.

— Com base *no que*? — ela retruca.

Ele não tem uma resposta para isso, o que é um certo alívio. Dorothy cruza os braços grossos sobre o peito e faz uma careta para nós dois, embora eu não tenha feito nada de errado.

— Marcus, quero que você tire as algemas do preso imediatamente — ela retruca. — Brooke, admita-o na enfermaria durante a noite. Vocês dois podem cuidar disso ou preciso ser babá?

Hunt e eu trocamos olhares. A julgar pela sua expressão, ele quer me derrubar no chão ao lado de Shane. Para minha sorte, não sou prisioneira na Penitenciária Raker.

— Nós cuidaremos disso — ele grunhe.

— Bom.

Ajudo Shane a se sentar e Hunt pega a chave para destravar as algemas em seus pulsos e tornozelos. Hunt hesita por uma fração de segundo antes de fazer isso, lançando um olhar em minha direção. Observo-o colocar a chave na fechadura e meus dedos voam para meu pescoço. A última vez que estive sozinha com Shane, ele tentou me estrangular. De repente, não estou tão animada para que suas mãos estejam livres.

Mas nada acontece. Quando as algemas são retiradas, tudo o que Shane faz é esfregar os pulsos, parecendo aliviado por finalmente estar livre. Ele não tenta me sufocar. Ele nem tenta sair do chão imediatamente. Parece que ele mal consegue recuperar a consciência.

— Você pode andar? — Pergunto-lhe.

Ele esfrega a cabeça. — Eu acho que sim. Estou apenas tonto.

Hunt me ajuda a levar Shane pelo corredor até a enfermaria, e nós o acomodamos em uma cama. O galo em sua cabeça está inchando e ele tem que parar duas vezes no caminho para a enfermaria porque está tonto demais para continuar. Isso me faz pensar na noite em que alguém tentou me matar. Naquela noite, Shane levou uma pancada na cabeça da mesma forma que hoje – os paramédicos no local encontraram o caroço em seu crânio para provar isso. Ele afirma que ficou inconsciente antes mesmo que algo acontecesse comigo.

E pela primeira vez em dez anos, parte de mim se pergunta se ele estaria dizendo a verdade.

Mas ele não pode estar dizendo a verdade. Porque se estiver, o homem que tentou me estrangular tantos anos atrás ainda está por aí.

CAPÍTULO DEZESSETE

ONZE ANOS ATRÁS

Depois de mais algumas rodadas de Eu Nunca, nós seis estamos suficientemente arrasados. O encontro de Tim com a garota assassinada foi esquecido e Kayla está em cima dele novamente. No início, ele a estava afastando gentilmente, mas agora está deixando isso acontecer. Quanto a Brandon e Chelsea, eles estão praticamente fazendo sexo no sofá.

— Ei. — Shane dá um soco no ombro de seu amigo. — Leve para cima. Não no meu sofá.

Brandon dá uma risadinha. — Melhor no quarto da sua mãe?

Shane dá de ombros, mas estou aliviada por nós dois não estarmos no quarto da Sra. Nelson. Mesmo que a cama dela seja melhor, eu não acho que iria gostar sabendo que estava na cama da mãe de Shane.

Shane se vira para mim, com as pálpebras ligeiramente caídas. — Quer subir?

Meu estômago se revira, o que pode ser por causa da vodca na minha barriga, mas não totalmente. Afinal, nem terminei um screwdriver. (Brandon conseguiu guardar seis deles.) De repente, desejei ter bebido um pouco mais, porque talvez assim eu não ficasse tão nervosa.

— Claro — eu digo.

Shane estende a mão para pegar minha mão. A palma da mão é quente, seca e reconfortante. Deixei que ele me levasse para fora da sala até o lance de escadas para chegar ao segundo andar. A madeira da escada se deforma levemente quando meus pés fazem contato – um dia desses estarei subindo a escada e a maldita coisa toda vai desabar. Mas não hoje, aparentemente.

Ao subir as escadas, tenho novamente aquela sensação de que alguém está me observando. Aquele arrepio na minha nuca. Viro a

cabeça, esperando ver Tim olhando para mim. Mas em vez disso, ele está no sofá beijando Kayla. Bem, bom para ele.

Quando entramos no quarto de Shane e ele fecha a porta atrás de nós, minha ansiedade aumenta ainda mais. Seu quarto é o típico quarto de um adolescente. Ele tem uma cama de solteiro com estrutura de madeira lascada e um cobertor listrado preto e branco espalhado sobre o colchão, sem nenhuma tentativa de arrumar a cama. Há uma pilha de roupas sujas enfiadas em um canto do quarto, que suspeito ter sido uma tentativa dele de — limpar — para mim. Alguns pôsteres de bandas estão pregados na pintura descascada de suas paredes, e o topo de sua cômoda está forrado com um monte de troféus de ouro que brilham brevemente quando um raio enche a sala.

Shane estende a mão para acender a luz, mas um segundo depois a lâmpada pisca e apaga. Ele xinga baixinho. — A energia deve ter acabado.

— Oh. — Aperto as palmas das mãos suadas. Já estive sozinha com Shane no quarto dele antes, mas sempre estava com a mãe dele no quarto ao lado ou prestes a voltar para casa a qualquer minuto. Nunca estivemos sozinhos desta forma antes. — Nós deveríamos...?

— Está bem. — Mal consigo distinguir a ascensão e queda dos ombros largos de Shane. — Todo mundo vai para a cama, de qualquer maneira. A energia provavelmente voltará pela manhã.

— Sim. — Puxo a corrente do meu colar de floco de neve. — Isso é verdade.

Shane estende a mão para minha mão novamente. Ele me puxa para sua cama, mas não me empurra para deitar. Eu me sento na beira da cama e ele se senta ao meu lado. Ele estende a mão e gentilmente passa o dedo ao longo da curva do meu queixo.

— Eu lope você, Brooke — ele diz.

Eu tremo um pouco, nervosa, mas também incrivelmente excitada. — Eu também lope você.

Um sorriso brinca em seus lábios. — Bom.

— Eu, uh... — Eu limpo a garganta. — Sinto muito, Shane. Estou super nervosa porque... bem, você sabe, eu nunca...

— Sim — ele diz. — Eu também.

Eu olho para ele com absoluto espanto. Ele está realmente me dizendo que ele...?

— Você nunca fez sexo antes? — Eu deixo escapar.

— Não... — Ele franze a testa. — Eu não fiz.

— Mas você... — Estou totalmente confusa. Shane já namorou outras garotas antes. Talvez ele não esteja com ninguém há muito tempo, mas já saiu com muitas garotas que não são exatamente exigentes, se é que você me entende. E Shane é gostoso. Seu melhor amigo, Brandon – de acordo com Chelsea – dormiu com pelo menos cinco ou seis garotas durante o tempo em que os dois namoraram.

— Não sei. — Seu rosto está subitamente cheio de incerteza. — Eu não queria um caso estúpido de uma noite. Quero estar com alguém de quem realmente gosto. Isso é tão louco?

— Não. — Aperto seu joelho. Ainda estou nervosa, mas me sinto muito melhor depois da confissão dele. Isso é assustador, mas vamos descobrir isso juntos. — Não é nada louco.

Ele aperta minha mão na dele. — Eu te amo, Brooke.

Demoro um momento para perceber o que ele disse. Ele não me disse que me — lope — como costuma fazer. Ele disse que me ama. Ele me ama.

— Eu também te amo — eu respiro.

Ele se inclina em minha direção. — E eu vou te mostrar o quanto.

E ele faz.

CAPÍTULO DEZOITO

DIAS DE HOJE

Antes de sair, verifico Shane na enfermaria.

A enfermaria está relativamente vazia hoje. Havia dois pacientes lá esta manhã, mas ambos estavam bem o suficiente para voltar para suas celas à tarde, então agora, Shane é o único ocupante de uma das seis camas. As outras camas de hospital alinhadas contra a parede estão vazias.

Há uma enfermeira que chega à noite, mas ela ainda não apareceu para o seu turno, então a única pessoa por perto é um guarda que reconheço vagamente, que está sentado do lado de fora da porta, lendo um grosso romance de bolso. O guarda acena para mim quando entro, mas depois volta para seu livro. Eu olho para o título – *Moby Dick*.

As luzes estão diminuídas na enfermaria e, como o sol se pôs, a sala está escura. Da porta, mal consigo distinguir Shane deitado na segunda cama no final da fileira. Quando chego mais perto, posso ver todas as características de seu rosto bonito – na penumbra, ele se parece muito com o antigo Shane. O cara por quem me apaixonei anos atrás.

Seus olhos estão fechados e, por um momento, uma onda de medo percorre meu peito. Não o vejo há mais de duas horas. E se ele tiver um hematoma crescendo no cérebro e tiver perdido a consciência enquanto estiver deitado aqui? Ele parecia neurologicamente estável quando o deixei, mas muita coisa pode acontecer em duas horas. E como fui a última praticante a vê-lo, tudo estaria sobre meus ombros. Afinal, foi minha decisão vigiá-lo em vez de mandá-lo fazer um exame da cabeça. Se ele morresse, seria por minha conta.

Dou passos rápidos até sua cama. Ele não se mexe quando estou de pé sobre ele. — Shane — eu digo.

Suas pálpebras tremeram? Eu não posso dizer. Oh Deus, por favor, deixe-o apenas dormindo e não inconsciente.

— Shane — eu digo novamente, e desta vez eu balanço seu ombro.

Meus joelhos quase dobram de alívio quando suas pálpebras se abrem. Ele está bem. — Ah — ele diz. — Ei, Brooke.

Ele está acordado e me reconhece. — Ei — eu digo. — Eu... eu estava com medo de que você estivesse inconsciente ou algo assim.

— Não, apenas dormindo. — Ele aperta um botão na lateral da cama que eleva sua cabeça para a posição sentada. — Você estava preocupada comigo?

— Não — eu digo muito rapidamente. — Quero dizer, sim, eu estava preocupada que você pudesse precisar de uma tomografia computadorizada.

Mas, ao dizer as palavras, percebo que não é inteiramente verdade. Sim, eu estava preocupada por ter estragado tudo e feito o julgamento errado. Eu estava preocupada com ele da mesma forma que me preocupo com todos os meus pacientes. Mas essa não foi a única razão pela qual eu estava pirando. Ele está certo, eu estava preocupada com ele.

E não entendo inteiramente o porquê.

Durante muito tempo, senti apenas uma emoção por este homem. Ódio. Eu o odiei pelo que ele tentou fazer comigo. Eu o odiei pelo que ele fez com meus amigos. Eu o odiei por me engravidar e me deixar lidar com as consequências sozinha. Eu o odiei por nem ter tido coragem de admitir o que fez e por me fazer depor durante um julgamento cansativo para reviver cada momento.

Mas olhando para ele agora, deitado nesta cama de hospital, com um hematoma na testa por causa da queda que sofreu, seus olhos castanhos olhando para mim...

Eu...

Eu não...

— Preciso fazer um exame neurológico. — Eu limpo minha garganta. — Eu preciso ter certeza de que você está bem.

— Divirta-se.

Faço o exame, certificando-me de que suas pupilas estão iguais, que ele não ficou fraco em um lado do corpo, e o faço responder algumas perguntas básicas para ter certeza de que sua cognição está intacta. Ocorre-me que esta é a primeira vez que interajo com ele sem algemas. Se ele quisesse, ele poderia estender a mão e passar os dedos em volta do meu pescoço e apertar o mais forte que pudesse – bem, pelo menos até o guarda nos ouvir e vir correndo. Mas de alguma forma, não estou preocupada que ele faça isso. Nem um pouco.

— Eu passei? — ele me pergunta quando eu me afasto dele.

— Você passou — eu confirmo.

— Ótimo. — Ele acena para o relógio na parede. — Eu queria sair daqui antes do jantar. É noite de taco.

Não consigo evitar de abrir um sorriso. — Taco terça-feira?

— Você entendeu. — Ele ajusta sua posição na cama. — Não quero perder a noite do taco. Eu *lope* tacos.

Minha respiração fica presa na garganta. Eu *lope* tacos. Quando foi a última vez que Shane e eu brincamos sobre trotar um com o outro? Essa costumava ser nossa coisa. Lembro-me da última vez que disse as palavras para ele: *eu lope você*. Contra a minha vontade, sinto uma onda repentina de afeto.

Sim, Shane Nelson fez coisas indescritíveis. Mas antes que ele fizesse essas coisas, eu o havia *loped*.

Não, eu o *amava*.

Desvio o olhar antes que ele possa ler a expressão em meu rosto. — Não se preocupe. Vou garantir que eles tragam uma bandeja de comida para você.

— Ótimo. Muito obrigado, Brooke. Realmente.

— Sim...

Ele alcança atrás da cabeça o travesseiro em que está encostado, que é quase plano como uma panqueca. Ele está tentando ajustá-lo para ficar mais confortável neste colchão duro de cama de hospital. Observo-o lutar por um momento, depois me inclino e arrumo o travesseiro para ele.

Meu rosto se aproxima do de Shane enquanto ajusto o travesseiro – mais perto do que quando costurei sua cabeça. Eu me preparo para o cheiro de sândalo, mas tudo que consigo sentir é sabonete e creme de barbear. A última vez que estive tão incrivelmente perto dele foi há mais de uma década. A noite em que perdi minha virgindade com ele. E ele perdeu a dele comigo.

Quando acabou, me senti tão bem. Fiquei tão feliz que este foi o garoto a quem me entreguei. Eu estava tão apaixonada por ele.

Por uma fração de segundo, nossos olhos se cruzam. E me ocorre que somos as únicas duas pessoas nesta sala. Há um guarda, e se ele fosse um problema, ele estaria aqui num instante, mas não ouviria nada baixo.

Como se Shane se inclinasse e me beijasse.

Eu empurro minha cabeça para trás, chocada com os pensamentos que passam pela minha cabeça. O que há de errado comigo? Shane Nelson tentou me matar. Ele é um monstro. Ele está passando a vida na prisão por assassinato. Mesmo que eu pudesse perdoá-lo pelo que ele fez, eu nunca poderia...

Tusso alto – o som ecoa pela enfermaria vazia e escura. — Acho que terminamos aqui.

— Ótimo. Muito obrigado.

— Vou garantir que você jante — digo a ele com uma voz esganiçada que mal soa como a minha.

Um sorriso brinca em seus lábios. — Meus tacos.

— Certo. Tacos.

— Obrigado, Brooke. — Seus olhos permanecem fixos nos meus.
— Agradeço tudo que você fez por mim.

— Sem problemas.

De alguma forma, consigo desviar meu olhar do dele. Mas quando saio da sala, com minhas sapatilhas batendo no chão de linóleo, posso senti-lo me observando.

CAPÍTULO DEZENOVE

Não consigo parar de tremer depois do meu encontro com Shane na enfermaria.

Passei mais de uma década odiando-o. Ainda bem que ele estava apodrecendo na prisão porque era o que ele merecia. E mesmo quando o vi na semana passada e confirmei que ele não tinha chifres brotando na cabeça ou uma cauda de demônio, ainda pensava nele como o homem que tentou me matar.

Hoje foi a primeira vez desde aquela noite que pensei nele como o garoto que eu amava.

Quando saio para o carro no estacionamento da penitenciária, não quero nada além de ir para casa, comer um dos deliciosos jantares de Margie e me deitar na cama. Ooh, e talvez tomar um banho quente. Quando Josh era pequeno, tomar banho era impossível porque eu não podia deixá-lo sozinho por tanto tempo e não havia nenhum pai reserva para cuidar dele. Mas agora que ele está mais independente, fiquei viciada.

Quando estou a dois metros de distância do meu carro, uma mão grande se fecha em volta do meu braço. Imediatamente entro em alerta máximo, virando-me para enfrentar quem me agarrou. Mas quando me viro, fico cara a cara com o policial Marcus Hunt.

Fora dos muros da prisão, ele parece ainda mais imponente. Ele se eleva sobre mim, seus lábios curvados em um perpétuo sorriso de escárnio, e seus bíceps têm aproximadamente a mesma circunferência das minhas coxas. Ele não tem nenhuma arma com ele no momento, mas não precisa delas. Ele poderia me esmagar com uma mão.

E somos as únicas duas pessoas no estacionamento.

— Brooke — ele diz. — Eu preciso falar com você.

— Não tenho nada a dizer a você — sibilo para ele.

— Não seja assim...

Minha bolsa está jogada sobre meu ombro. Tenho um frasco de spray de pimenta nela, mas não tenho certeza se conseguirei pegá-lo com ele me segurando. — Você precisa me deixar ir.

— Brooke...

— Me solte ou eu vou gritar!

Os olhos de Hunt se arregalam quando ele finalmente coloca na cabeça que precisa me deixar ir. Ele solta meu braço e levanta as mãos no ar. — Desculpe. Eu não queria assustar você. Eu só quero conversar.

Ele não queria me *assustar*? Ele tem ideia de quão assustador ele é? Não consigo imaginar como é para Shane lidar com esse cara todos os dias de sua vida.

— Por favor, Brooke. — Ele dá um passo para trás, com as mãos ainda no ar. — Eu só preciso falar com você.

Não quero falar com Hunt. Quero ir para casa, jantar e possivelmente tomar um banho de espuma. Mas preciso trabalhar com esse cara – não posso ser inimiga dele. E estou reconhecidamente curiosa sobre o que ele tem a dizer.

— Tudo bem — eu digo. — O que é?

— Brooke. — Sua testa enruga. — Olha, sinto muito pelo que aconteceu com Nelson hoje. Não era como se eu quisesse machucá-lo.

— Okay, certo.

— Eu não quis. — Ele balança a cabeça raspada. — Mas quer saber, mesmo que eu quisesse, ele merece. Você tem alguma ideia do que aquele cara fez para chegar aqui?

Eu tenho uma ideia. — Todos esses homens cometeram crimes...

— Isso é diferente. Nelson é diferente. Ele é... ele é realmente manipulador.

É a mesma coisa que Elise escreveu em seu prontuário. E ela sublinhou. — Eu não o vi agir dessa maneira.

— Certo, porque ele está manipulando você. Ele está fazendo você confiar nele, mas você não deveria.

Estico o pescoço para olhar para o rosto de Hunt. Não importa o que mais eu possa dizer, não acho que ele esteja inventando isso. Ele parece realmente acreditar nisso. Mas a questão é: eu acredito nisso?

— Não vou deixar que ele me manipule — digo.

— Isso foi o que Elise disse. Agora ela provavelmente irá para a prisão. Ou, pelo menos, ela perderá a licença.

O que ele está dizendo? Que Shane enganou Elise, e foi por isso que ela se meteu em problemas? Acho isso difícil de acreditar, especialmente depois do que ela escreveu no prontuário dele. E Shane não me manipulou. Até lhe ofereci analgésicos na semana passada e ele recusou. — Não se preocupe com isso.

— Eu estou preocupado. — Ele olha por cima do meu ombro para o meu Toyota. — Olha, não quero falar sobre isso no estacionamento. Por que não vamos tomar uma bebida juntos e podemos, você sabe, conversar mais sobre isso?

Oh. Agora eu entendi.

— Não, obrigada. — Ajusto a alça da minha bolsa no ombro. — Eu tenho que ir para casa. A babá está esperando.

— Outra noite então?

A preocupação em seu rosto desapareceu e agora ele tem uma expressão esperançosa. Então este é o jogo dele. Ele está torturando Shane para me impressionar e conseguir um encontro. É desprezível, mas não quero humilhá-lo abertamente. Eu tenho que trabalhar com ele e também conto com ele para me proteger caso eu esteja em uma situação perigosa.

— Talvez no próximo mês — digo vagamente. — Estou muito ocupada agora. E minha babá não pode ficar até tarde.

— Ah, certo, claro. — Hunt esfrega a cabeça raspada. — Sim, tenho um mês agitado este mês também. Teremos que fazer isso no próximo mês. Ou no mês seguinte. Qualquer que seja. Nada demais.

— Sim... — Enfio a mão na bolsa em busca das chaves. — De qualquer forma, eu vou indo. Acho que te vejo amanhã.

— Claro. — Ele concorda. — E Brooke?

— Sim?

— Tome cuidado.

CAPÍTULO VINTE

Eu não consigo dormir.

É muito mais silencioso aqui do que quando eu morava no Queens. O quartoirão em que morávamos tinha muito trânsito à noite, e pelo menos uma vez por semana eu poderia ter certeza de ser acordada por uma buzina de carro, ou pior, por um alarme que não parava de soar durante a maior parte do tempo. Mas neste quartoirão tranquilo da nossa pequena cidade, a única coisa que você pode ouvir à noite é o chilrear de alguns grilos.

Então não sei por que tenho dormido tão mal desde que me mudei para cá.

Parte disso pode ser o quão estranho é dormir no quarto dos meus pais. No início, relutei em ficar no quarto principal, exatamente por esse motivo. Mas era de longe o maior dos três quartos do andar de cima e o único com uma cama queen-size. Então tentei redecorá-lo para torná-lo meu. Retirei o quadro à beira-mar que meus pais sempre mantinham em cima da cama, troquei a colcha pelo meu próprio edredom azul royal e recoloquei quase todas as fotografias emolduradas na cômoda.

Isso não ajuda. Ainda é o quarto dos meus pais. Ainda cheira a eles. O cheiro do perfume da minha mãe ainda paira no ar, por mais que eu esfregue o chão e os móveis.

Eu gostaria que as coisas não tivessem acontecido como aconteceu na última década. Nunca fui próxima dos meus pais. Minha mãe era rígida e meu pai sempre viajava a trabalho. E se os rumores fossem verdadeiros, ele traiu bastante minha mãe. Mas ainda assim, não esperava o tratamento que me deram quando decidi manter o bebê crescendo dentro de mim.

Você está cometendo um erro horrível, Brooke, minha mãe me dizia praticamente toda vez que conversávamos.

Eu queria enfrentá-los, mas mal conseguia manter minha sanidade do jeito que estava. Tudo que eu sabia era que queria o bebê. E eu faria qualquer coisa pelo meu filho ainda não nascido, inclusive concordar em morar com um parente na cidade, e aceitei seus cheques mensais para sobreviver e estudar. Eu não queria fazer isso, mas também não queria que meu filho sofresse por causa do meu orgulho.

Até aceitei que não tinha permissão para voltar para Raker. Nem mesmo para uma visita.

Mas quando terminei a faculdade de enfermagem e finalmente consegui um salário decente que me permitiria me sustentar sem a ajuda dos meus pais, enfrentei-os. Eu disse a eles que não aceitaria mais o dinheiro deles. E eu queria o direito de voltar para Raker para visitá-los com Josh, ou então não teríamos nenhum relacionamento. Eu estava cansada de ser o segredinho sujo deles.

Eu realmente pensei que eles iriam concordar. Eu era filha única e Josh era o único neto. Eu acreditava que o amor deles por nós deveria ser maior do que a vergonha de ter uma filha que engravidou no ensino médio.

Eu estava errada.

Alguns meses depois de começar a devolver os cheques, meu pai foi até o Queens para me surpreender quando eu voltava do trabalho para casa. Sempre considerei meu pai bonito comparado aos pais dos meus amigos — as mulheres costumavam se virar para vê-lo na rua — mas, pela primeira vez, percebi como ele parecia velho. Ele tinha olheiras e uma barriga forçando os botões da camisa. Seu cabelo sempre pareceu prateado, mas agora parecia apenas grisalho.

Não faça isso, Brooke, ele me implorou. Sua mãe e eu amamos você. Você sabe disso.

Eu bufei. Se vocês me amassem, não teriam vergonha de mim.

Não temos vergonha de você. Simplesmente não achamos que seja uma boa ideia você ir para Raker.

Mas por que?

A ruga que sempre existia entre as sobrancelhas do meu pai ultimamente ficou mais profunda. *Você não pode confiar em nós pelo menos uma vez, Brooke? Estamos fazendo isso para o seu próprio bem.*

Não fiquei nada surpresa por meu pai não ter me dado uma razão lógica para que eu nunca pudesse visitar a casa de minha infância com meu filho. Então eu o rejeitei e continuei devolvendo os cheques, não descontados. Depois de um ano, tiveram a ideia e os cheques pararam de chegar.

Agora aqui estou, poucos meses após suas mortes, de volta à minha cidade natal. Apesar de tudo ter dado errado, tive uma infância feliz até aquela noite. Este é o tipo de cidade onde você deseja que seu filho cresça.

Mas não consigo deixar de sentir que este quarto está assombrado pela presença deles. Ou realmente, a casa inteira.

Saio da cama e vou até a cômoda do outro lado do quarto. Quando cheguei aqui depois de receber a notícia do acidente de carro, encontrei esta cômoda cheia de fotos minhas e de Josh. As fotos pararam depois que eu as cortei, cinco anos atrás, mas havia dezenas de fotos por toda a casa, abrangendo minha vida desde quando nasci até aquele dia em que mandei meu pai embora porque eles não conseguiam aceitar minhas escolhas de vida. Retirei a maioria delas, mas deixei algumas. Por exemplo, uma fotografia na cômoda de quando eu tinha a idade de Josh, posando com meus pais para receber um cartão de Natal.

Pego a fotografia agora, olhando para meu rosto sorridente e sem rugas. Cada um dos meus pais tem uma mão em meu ombro e estão radiantes de orgulho por nossa pequena família. Eu nem consigo me lembrar deles olhando assim.

Apesar de tudo, acredito que meus pais me amavam. Posso ver isso em seus olhos nesta fotografia. Mas o orgulho estúpido deles atrapalhou nosso relacionamento. Eles escolheram romper completamente nossos laços em vez de se sentirem humilhados por me fazer desfilar na frente de seus amigos com meu filho órfão de pai.

Só que agora, quando olho para esta fotografia, penso naquele dia em que meu pai veio me ver no Queens. Ele dirigiu por pelo menos cinco horas seguidas para chegar até mim porque isso era muito importante para ele. Pela primeira vez, me pergunto se a motivação dele não era completamente egoísta.

*Você não pode confiar em nós pelo menos uma vez, Brooke?
Estamos fazendo isso para o seu próprio bem.*

Ele quase parecia...

Com medo.

Mas isso é bobagem. Não havia nada a temer. Shane estava atrás das grades naquele momento, pelo resto da vida. Não havia como ele chegar até mim. Eu estava a salvo daquele homem.

E ainda estou.

CAPÍTULO VINTE E UM

ONZE ANOS ATRÁS

Depois de fazer sexo com seu namorado pela primeira vez, a última coisa que você quer ouvi-lo dizer é: — Merda — Bem, talvez — eu tenho herpes — estivesse um pouco mais acima na lista, mas isso também não é bom.

— O que? — Eu digo. — O que está errado?

Shane sai de cima de mim, suado e corado. Eu já estava com tanto medo antes, mas não havia nada para ter medo. Ele era doce e atencioso, sempre se certificando de que eu estava bem e que tudo parecia bem... ou pelo menos não era ruim. Não sei se diria que foi alucinante, mas foi muito bom pela primeira vez. E agora esta é a parte em que ele deveria estar me abraçando e me dizendo o quanto ele me ama e ainda me respeita, mas em vez disso, ele parece decididamente perturbado.

— O que? — Eu o pressiono.

— Eu acho... — Ele franze a testa. — Acho que a camisinha saiu.

— *O que?*

— Não tenho certeza — ele diz rapidamente. — Mas... bem, está fora. E eu não tirei. Então, estou me perguntando quando isso aconteceu e...

— Merda — eu digo.

Minha cabeça está girando. Tenho dezessete anos. Não posso estar grávida aos dezessete anos. Tenho planos para os próximos dez anos da minha vida, nenhum dos quais envolve uma criança aos gritos. Eu quero ir para a faculdade. Pós-graduação. Eu quero viajar o mundo. Oh meu Deus, isso é ruim.

— Não surte, Brooke — Shane diz. — Ficar tudo bem.

Sinto que mal consigo respirar. — Como exatamente tudo ficará bem?

— Olha. — Ele agarra meu braço, que está tremendo. — Foi só uma vez. Eu nem tenho certeza se saiu. Tenho certeza de que tudo ficará bem.

— Você está brincando comigo. As meninas engravidam o tempo todo, 'apenas uma vez'.

— Tudo bem — diz ele com uma calma enlouquecedora. — Então vamos descobrir.

— *Como?*

— Não sei — ele admite. — Mas o que quer que você decida fazer, eu vou apoiá-la.

Minha boca se abre ligeiramente. Eu olho em seus olhos e posso dizer que ele está falando sério. Shane também tem planos para o futuro. Ele espera conseguir uma bolsa de futebol para a faculdade, para poder ter uma vida melhor do que aquela com a qual cresceu. Essas oito palavras são capazes de destruir todos os seus planos. *O que quer que você decida fazer, eu vou apoiá-la.* Mas ele disse isso de qualquer maneira.

Naquele momento, eu sei que escolhi o cara certo para perder minha virgindade.

— Eu te amo — deixa escapar.

Ele passa os dedos pela minha bochecha. — Eu também te amo.

Mesmo que eu ainda esteja pirando com isso, me forço a me acalmar. Shane está certo. Foi apenas uma vez e as chances são pequenas de eu ter engravidado. E se de alguma forma eu fiz isso, ele me apoiará. Não importa o que eu decida.

Apesar do trovão lá fora e dos meus pensamentos acelerados, adormeço nos braços de Shane. E não acordo de novo até ouvir os gritos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

DIAS DE HOJE

Josh está no paraíso enquanto mastiga uma das almôndegas de Margie enquanto nós dois jantamos na mesa da cozinha. — Mãe — ele diz. — Estas são as melhores almôndegas que já comi.

— Oh, sim?

— Você sabe como Margie as fez? — Sem esperar resposta, ele responde à sua própria pergunta: — Ela colocou carne, mas também ovos, pão ralado e também queijo parmesão. Ela disse que o queijo parmesão era o ingrediente secreto.

— Sim, elas são deliciosas.

Josh dá outra mordida na almôndega com o garfo e mastiga pensativo. — Como você faz suas almôndegas, mãe?

Bem, abro o pacote de almôndegas congeladas, coloco algumas em um prato e coloco no micro-ondas por sessenta segundos. Se não estiverem prontas, coloco-as por mais trinta segundos. — Praticamente da mesma forma, mas sem o queijo.

— Da próxima vez que você fizer isso — ele diz — eu vou te ajudar. Margie me disse exatamente o que fazer.

É bom que Margie seja tão boa com ele, mas fico triste porque, quando minha mãe estava viva, ela nunca pareceu se relacionar com Josh. Ela nunca teria feito almôndegas com ele. Ela nem se importou muito quando eu a interrompi.

A campainha toca e Josh salta da cadeira com uma energia surpreendente para um garoto que acabou de comer cerca de trinta almôndegas. Ele adora atender a porta. É uma de suas coisas favoritas no mundo, se você pode acreditar nisso. Não sei por que, porque quase sempre é apenas um cara entregando um pacote.

Ouçõ a porta da frente sendo destrancada, seguida pelo som de uma conversa suave. Isso é estranho. Por que Josh está falando com o

entregador?

A menos que não seja um entregador.

Eu me esforço para ficar de pé, o que não é fácil, considerando que comi cerca de vinte e nove almôndegas. (Elas eram realmente boas. Deve ter sido o queijo parmesão.) Vou até a porta da frente e fico de boca aberta quando ninguém menos que Tim Reese está parado na porta da frente, conversando com Josh. Congelo a cerca de três metros de distância da porta, incapaz de me mover.

— Mãe! — Josh grita. — Olha quem está aqui! É o Sr. Reese – ele é nosso diretor assistente!

Olho para Tim, que tem um sorriso tenso nos lábios. — Isso mesmo. Eu, uh... moro aqui perto, e minha mãe mandou esses cookies da Flórida, e pensei...

Ele pensou em me trazer alguns biscoitos. Exceto que ele conseguiu mais do que esperava.

— Cookies? — Josh pergunta esperançosamente. Será um dia triste quando meu filho ficar velho demais para ficar entusiasmado com biscoitos. Embora, para ser sincera, ainda fico um pouco entusiasmada com os cookies. Mas, no momento, estou tendo dificuldade em despertar qualquer entusiasmo por eles. — Posso comer um pouco, mãe?

— Claro — eu digo sem emoção.

Tim olha para a caixa branca em sua mão, como se tivesse esquecido que a estava segurando. Ele enfia a caixa nos braços de Josh sem tirar os olhos de mim. — Eles são todos seus — diz ele.

— Mãe. — Josh puxa meu braço. — Quantos posso ter?

— Hum, um...

— Um? Só *isso*?

— Ok, uh... dois, eu acho.

— Mas e se eles forem pequenos?

Oh meu Deus, eu deixaria ele ficar com a caixa inteira se ele saísse da sala agora mesmo. — Você pode ter três se forem pequenos.

— Yay!

Josh sai correndo pelo corredor com a caixa de cookies, deixando Tim e eu nos encarando no corredor. Tim balança a cabeça. — Esse é o seu filho? Esse é Josh?

— Sim...

A confusão em seu rosto quase me faz querer estender a mão e abraçá-lo. — Você me disse que ele estava no jardim de infância.

— Eu nunca te disse isso.

— Mas você... — Ele olha por cima do meu ombro. — Podemos conversar lá fora por um minuto?

Eu *realmente* preferiria não, mas tenho a sensação de que não tenho escolha. Esta é uma conversa que precisamos ter, por mais que eu tema. E não quero falar sobre isso perto do meu filho, e Tim sabe disso.

Saímos para a varanda da frente, fechando a porta atrás de mim. Estou a apenas trinta centímetros de distância de Tim e quase consigo distinguir os restos das sardas que ele costumava ter. Eu conhecia seu rosto tão bem, até melhor que o meu.

Éramos inseparáveis quando éramos crianças. E pensamos que seria sempre assim – especialmente Tim. Quando tínhamos seis ou sete anos, ele falava sobre o futuro de uma forma que sempre me incluía. Ele dizia coisas como: *Quando nos casarmos, deveríamos comprar uma casa grande com cinco quartos*. Às vezes eu tinha a sensação de que ele nunca parava de pensar dessa forma — ele simplesmente parava de dizer isso em voz alta.

— Brooke — ele diz baixinho — quantos anos Josh tem?

Fecho os olhos por um momento, esperando que, quando os abrir, tudo isso seja um sonho realmente estranho. Então abro os olhos novamente.

Não. Não é um sonho.

— Ele tem dez anos — eu digo.

— *Dez?* — A mão de Tim treme enquanto ele a passa pelo cabelo.

— Ele tem dez anos?

— Certo.

— Então isso significa que Shane é...?

Ele não precisa terminar a pergunta. Nós dois sabemos o que ele está pensando. Posso muito bem contar-lhe a verdade. Ele merece isso.

— Sim — eu digo. — Ele é.

— Oh Deus. — Parece que Tim vai ficar doente. — Eu não tinha ideia de que você...

— Bem, agora você sabe por que saí da cidade.

— Sim, mas... — Ele olha para a porta da minha casa. — Josh sabe quem é o pai dele?

— Não. E eu gostaria de continuar assim.

— Shane sabe?

Balanço minha cabeça vigorosamente. — Não. Sem chance.

Tim olha novamente para a porta da minha casa, seus olhos ficando mais selvagens a cada segundo. — Cristo, ele até se parece com Shane.

— Eu sei. — Eu mordo meu lábio. — Ele se parece com ele, mas não é nada parecido com Shane. Ele é um garoto muito bom.

— Oh *Deus*.

Sua reação é sobre o que eu esperava que fosse. Tim nunca gostou de Shane, mesmo antes de todas as coisas terríveis que ele fez. Eu deveria saber que ele reagiria dessa maneira. Mas ainda é difícil de assistir. Às vezes as pessoas fazem exatamente o que você pensa que farão e ainda assim conseguem decepcioná-las.

— Olha... — Tim dá um passo para trás. — Acho que talvez eu devesse ir. Esta foi uma má ideia.

Ele não está mais pensando em como, quando nos casarmos, vamos construir uma casinha de cachorro gigante de dois andares no quintal. O que está bem. De qualquer forma, uma casinha de cachorro tão grande não era prática.

Tim está prestes a ir embora quando Josh sai de casa. Ele parece um pouco sem fôlego e seus lábios estão cobertos de migalhas de biscoito. — Mãe! — ele diz. — A pia da cozinha está quebrada.

Ah, ótimo. Esta noite está cada vez melhor. — Tem certeza?

Josh acena solenemente. — Sim. Quando eu ligo a água, ela sai devagar ou muito rápido e fico com água em cima de mim!

Sinto falta do meu antigo apartamento no Queens. Tínhamos um senhorio e um zelador e, se alguma coisa quebrasse, bastava ligar para eles. Suponho que tenho que descobrir uma maneira de consertar a pia sozinha.

— Tim? — É melhor eu perguntar a ele antes que ele saia correndo. — Você não conhece um encanador para quem eu possa ligar, conhece?

Tim olha para a casa, franzindo ligeiramente a testa. — Se você quiser, posso dar uma olhada.

— Você sabe consertar uma pia?

— Talvez. Eu me tornei bastante decente em consertar coisas pela casa.

Não vou recusar. Encanadores são caros e, embora meus pais tenham me deixado esta casa, eles não me deixaram muito dinheiro depois que os impostos cobraram sua parte. — Ok, obrigada.

Tim me segue para dentro de casa. É estranho porque ele esteve nesta casa centenas, senão milhares de vezes, mas não há muito tempo, e não desde que nós dois crescemos. Nunca troquei a maior parte dos móveis que meus pais tinham, mas não são os mesmos de quando

éramos crianças. Parece diferente, mas igual. Mais ou menos como o próprio Tim.

— Você tem um kit de ferramentas?

Eu penso por um momento. — Meu pai mantinha um na garagem.

— Eu pego! — Josh diz.

Tim e eu ficamos ali, sem jeito, enquanto Josh corre até a garagem para pegar a caixa de ferramentas do meu pai. Felizmente, ele não demora muito. Ele volta um minuto depois, carregando uma caixa de ferramentas preta que parece pesar mais do que ele.

— Tudo bem — diz Tim. — Vamos fazer isso. — Ele olha para Josh, que o observa com olhos arregalados. — Não sei se consigo lidar com isso sozinho. Você acha que poderia me ajudar?

— Sim!

Ele parece ainda mais animado com o conserto da pia do que com os biscoitos.



Passo os primeiros cinco minutos observando Tim e Josh ansiosamente, mas depois percebo como é chato ver duas pessoas consertando uma pia, então vou para a sala ler. Há muitas batidas altas e água corrente intermitente e, a certa altura, juro que ouvi os dois rindo.

Cerca de uma hora depois, Tim sai da cozinha, enxugando as mãos na calça jeans. Josh segue um segundo depois. — Mãe, nós consertamos! O Sr. Reese consertou a pia!

O rosto de Tim se abre em um sorriso. — Na verdade, Josh aqui fez a maior parte do trabalho. Eu estava apenas observando.

— E você me ajudou a apertar aquele parafuso.

— Isso é verdade. Eu fiz isso.

Josh sorri para Tim. — Agora você pode consertar a maçaneta lá de cima que fica caindo. E eu vou ajudar.

O sorriso de Tim vacila. — Ah bem...

Levanto-me do sofá. — Josh, o Sr. Reese está muito ocupado para consertar tudo em nossa casa. E está ficando tarde.

O rosto de Josh cai. Parece que alguém lhe disse que seu cachorro acabou de morrer. — Oh.

— Mas posso passar aqui amanhã — acrescenta Tim. — Quero dizer, se estiver tudo bem para sua mãe.

— Por mim está tudo bem. — Meus olhos encontram os de Tim. — Se estiver tudo bem para você.

— Por mim está tudo bem.

Josh olha entre nós dois, o rosto franzido. — Então... vamos consertar a maçaneta?

— Claro — diz Tim. — Amanhã, ok?

Mando Josh se preparar para dormir enquanto levo Tim até a porta. Sinceramente, não achei que o veria novamente depois da conversa que tivemos. Mas agora parece quase esquecida. Embora eu tenha certeza de que Tim não esqueceu.

Fazemos uma pausa enquanto Tim sai. — Obrigada por fazer isso — eu digo.

— Sem problemas. — Ele olha para mim por um momento, pensando no que dizer a seguir. — Você estava certa, Brooke.

— Eu estava? Sobre o que?

— Ele é um bom garoto.

Com essas palavras, Tim se vira e começa o caminho de volta para sua casa.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ONZE ANOS ATRÁS

Eu acordo de repente. Meus olhos se abrem e levo um segundo para lembrar onde estou. Estou na casa de Shane e ele está deitado na cama ao meu lado, ainda respirando profundamente. Mas eu ouvi algo. Um grito. Estou certa disso.

Olho para o meu relógio. São três da manhã.

— Shane. — Sacudo seu ombro nu até que seus olhos se arregalem. — Eu ouvi algo.

— Huh? — Ele esfrega os olhos com as costas da mão. — O que está errado?

— Havia um...

E então ouvimos novamente. Um grito horripilante, só que desta vez posso distinguir claramente uma palavra sendo gritada:

— *Brooke!*

Shane se senta na cama, de repente tão acordado quanto eu. Ele joga as pernas para o lado da cama e veste sua calça jeans folgada. Ele joga uma camiseta pela cabeça, enquanto eu luto com meu jeans skinny. Ele ainda está de meias quando estende a mão para a porta do quarto.

— Onde você está indo? — Eu pergunto ansiosamente.

Seu olhar se dirige para a maçaneta. — Alguém estava gritando lá embaixo. Eu preciso checar.

— Não sem mim.

Não há como ele me deixar sozinha neste quarto. Abotoo minha calça jeans e visto meu suéter.

— Você deveria ficar aqui — Shane diz. — Pode não ser seguro.

— Eu quero ir.

Shane abre a boca para protestar novamente, mas as palavras são abafadas por outro grito:

— Brooke!

Saímos do quarto e encontramos Kayla e Tim no topo da escada. Ambos parecem ter se vestido tão apressadamente quanto nós. Eu me pergunto o que eles estão fazendo lá. Esperançosamente, principalmente dormindo.

— Você ouviu isso? — Tim pergunta. Kayla está agarrada ao braço dele.

Shane acena solenemente. Todos olhamos para baixo e, mesmo do segundo andar, podemos ver que a porta da frente está escancarada. Gotas de chuva umedecem o carpete bem dentro da porta.

— Chelsea — murmuro.

Deve ter sido Chelsea quem gritou. Porque não foi Kayla e não fui eu, então Chelsea é a única que sobrou. Mas por que ela chamaria meu nome? Por que ela não chamaria por Brandon se algo estivesse errado? A menos que...

Se Brandon fez alguma coisa para machucá-la, eu vou matá-lo.

Shane começa a descer as escadas primeiro, descendo duas escadas de cada vez. Tim vai em seguida e eu sou a terceira. Kayla fica atrás, um quarto distante. Eu não a culpo. Ela não é grande amiga de nenhum de nós, e se há problemas, ela provavelmente não quer se envolver.

Shane chega primeiro à porta da frente. Ele se pendura no batente da porta, inclinando-se para a pequena varanda. Então ele vê algo que faz seus olhos se arregalarem e dá um passo para trás.

E então ouço soluços.

Tim sai para a varanda logo em seguida. Ele reage da mesma forma que Shane. A essa altura, estou desesperada para descobrir o que está acontecendo. Quase tropeço ao chegar à porta da frente. E então quando eu saio...

Oh. Oh Deus...

Chelsea está de joelhos ao lado de Brandon, que está deitado de costas na varanda úmida, com o peito coberto de sangue vermelho escuro. O mesmo material vermelho escuro está escorrendo de sua boca e seus olhos estão entreabertos, olhando para o nada. Chelsea está segurando sua mão, soluçando incontrolavelmente enquanto a chuva cai sobre eles.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Ah, Brooke! — Chelsea se levanta e joga os braços em volta de mim. Ela se agarra a mim, embora esteja manchando minhas roupas com sangue e água. — Desci porque Brandon não estava na cama. Eu vi que a porta estava aberta, então olhei para fora e...

— Ele está morto? — Kayla grita. Parece que ela está prestes a vomitar.

Tim se ajoelha ao lado do corpo. Ele coloca os dedos no pescoço de Brandon, procurando o pulso. Ele balança a cabeça. — Ele se foi.

Chelsea se dissolve em soluços mais altos. Ela ainda está me segurando e sinto que a mantenho de pé principalmente. Em mais alguns segundos, nós duas estaremos no chão.

— Leve-a para dentro de casa — Shane me diz. — Nós vamos lidar com o que está aqui.

Kayla e eu ajudamos Chelsea a voltar para casa e colocá-la no sofá. Ela enterra o rosto nas mãos, incapaz de parar de chorar. Eu esfrego suas costas enquanto Kayla pega o telefone que ela havia abandonado em uma mesa de café quando descobriu que não havia serviço. Ela olha para a tela.

— Ainda não há serviço — ela grunhe. Ela olha para a porta e grita: — Shane, você disse que há um telefone fixo, certo? Cadê? Temos que chamar a polícia.

— Está ao lado da estante! — ele fala de volta.

Rápida como um raio, Kayla vai até a estante. Ela pega um telefone sem fio. Ela aperta um botão no telefone e o pressiona contra a orelha. Ela franze a testa, afasta o telefone do ouvido e aperta outro botão.

— Shane! — Sua voz assumiu um tom histérico. — O telefone não está funcionando!

O estrondo de um trovão sacode a casa, embora seja mais suave do que no início da noite.

— Shane! — Kayla grita.

Depois de alguns segundos, Shane entra na casa, batendo a porta de tela atrás dele. Seu rosto está levemente rosado e seu cabelo e camisa estão úmidos. Ele vai até onde Kayla está com o telefone sem fio e o pega da mão dela. Kayla o observa, torcendo as mãos.

— Está morto — declara ele. — A tempestade deve ter danificado as linhas telefônicas.

Os olhos de Kayla voam pela sala. — Então não há como chamar a polícia?

— Não.

Ela balança a cabeça. — Então eu vou sair daqui. Chelsea, onde estão as chaves do seu carro?

Shane pressiona os lábios. — Kayla, você pode se acalmar por um minuto?

Relâmpagos iluminam o rostinho de Kayla, fazendo-a parecer quase demoníaca. — Não, não vou me acalmar. Alguém acabou de ser assassinado nesta casa e agora a energia e o telefone acabaram. Estou dando o fora daqui *agora mesmo*. Se você não quiser ir, mandarei um carro da polícia quando voltar para a cidade.

Shane faz uma careta. — Kayla...

Kayla dá uma olhada para ele. — Precisamos ir embora, Shane. Por que você não quer que a gente vá embora?

Kayla tem um bom argumento. Não queremos sair da cena do crime, mas temos que entrar em contato com a polícia. E se as linhas telefônicas caírem, teremos que ir até a estação. Meus pais vão me destruir totalmente quando descobrirem o que estive fazendo esta noite, mas não consigo pensar nisso. Alguém está morto.

E há uma chance muito real de que alguém nesta sala seja o responsável.

Chelsea se levanta, com os olhos ainda úmidos. — Kayla está certa. Temos que sair daqui. Eu não sei quem fez isso... — Ela levanta os olhos para olhar para Shane, e depois para Tim, que está parado na porta. — Mas obviamente corremos algum tipo de perigo. Precisamos sair daqui.

Eu concordo.

Chelsea e Kayla calçam sapatos e casacos completamente inadequados e saem de casa, ignorando a chuva que ainda cai forte. Calço meus próprios tênis, mas eles não são páreo para o que parece ser um rio gelado se formando do lado de fora da porta da frente. Meus tênis ficam cheios de lama e água gelada. Mal posso esperar para chegar em casa e sair desse show de terror.

Mas pouco antes de podermos entrar no Fusca de Chelsea e voltar para casa, ela para. Ouço a inspiração aguda de sua respiração um segundo antes de perceber o que ela está olhando.

Todos os quatro pneus dela foram cortados.

— Que diabos? — ela engasga.

Damos a volta no carro dela até o Chevy de Shane, e a situação é a mesma. Pneus cortados em pedacinhos.

— Que diabos? — Shane está furioso agora enquanto examina os danos em seus pneus. — Quem faria isso?

Kayla está dando um passo para trás, abraçando o peito enquanto balança a cabeça. — Alguém não quer que possamos sair daqui.

— Kayla... — Tim pega o braço dela. — Olha, vamos resolver isso...

— Não! — Kayla se afasta dele, seus olhos de repente selvagens.
— Um de vocês o matou. Um de vocês fez isso e agora não quer que o resto de nós fuja.

— Kayla, isso é loucura — diz Chelsea.

— É? — Kayla pisca para conter as lágrimas.

— Sim! — Chelsea tira uma mecha de seu cabelo preto encharcado e com pontas descoloridas do rosto. — Tim e Shane não são assassinos. Eles *não* são.

— Talvez tenha sido *você* — Kayla retruca.

— *Eu?*

— Claro, por que não? Afinal, todo mundo sabe que Brandon estava te traindo. Talvez vocês dois tenham brigado e não tenha terminado bem para ele.

Os lábios de Chelsea formam um O assustado. — Sua vadia...

Uma lágrima escapa do olho direito de Kayla. Ela enxuga com as costas da mão, espalhando rímel na bochecha. Seus olhos disparam entre nós quatro, sua respiração ficando mais rápida a cada segundo. — Vou sair daqui, com carro ou não.

— Kayla, não... — Shane começa a dizer.

Mas é muito tarde. Kayla se virou e está correndo na outra direção pelo caminho mal pavimentado que leva à casa da fazenda, a água da chuva chegando até seus tornozelos como se ela estivesse atravessando um riacho raso. Presumivelmente, ela pensou que não ficaria muito ao ar livre durante a festa do pijama, então ela está usando um par de saltos grossos com o que antes era um elegante casaco de couro antes que a chuva o destruísse. Meu casaco e tênis não estão muito melhores, mas ainda estou tentado a segui-la.

Ela percorre apenas seis metros. Não sei se o pé dela prende em alguma coisa, mas ela dá um mergulho rápido na água lamacenta do chão. Tim xinga alto e sai correndo atrás dela.

— Olhe para o Príncipe Encantado — Chelsea murmura baixinho.

Eu olho para ela. — O que? Você acha que ele não deveria ajudá-la?

Chelsea não responde – ela apenas respira fundo. Assim como Kayla, sua maquiagem percorreu todo o rosto, fazendo-a parecer quase maníaca. Estou feliz por só ter usado batom esta noite, o que desapareceu quando Shane e eu estávamos nos beijando.

Kayla parece que não vai deixar Tim ajudá-la no início, mas ela finalmente aceita a mão dele e permite que ele a coloque de pé. Ela lança um olhar arrependido para a estrada atrás dela, que fica mais inundada a cada segundo que passa, e então segue Tim de volta à casa da fazenda. É difícil dizer se o rosto dela está úmido de lágrimas ou de chuva.

Shane está parado na porta da frente e dá uma olhada em Kayla enquanto ela volta para a varanda. — Você está bem?

Ela olha para ele, mas não diz uma palavra.

— Vamos entrar — diz Tim. — Pelo menos estará seco.

Com essa declaração, não posso deixar de notar como ele ficou encharcado ao resgatar Kayla. Estamos todos encharcados, na verdade. Parecemos um bando de ratos afogados. Kayla levou a pior quando escorregou na lama. Seu cabelo escuro está grudado no crânio e seu sobretudo parece que precisará ser retirado de sua pele. Há manchas de lama em seu rosto, misturadas com sua maquiagem arruinada.

— Você gostaria disso, não é? — Kayla sibila para ele. — Me prender em casa sem saída...

— Ei... — Tim levanta as mãos. — Só estou dizendo... não queremos ficar doentes aqui...

— Doente! — Ela lança um olhar horrorizado para o corpo de Brandon, ainda deitado na varanda. — Alguém está morto! E um de vocês fez isso! Você tinha que ter...

— Kayla... — Tim dá um passo cuidadoso em direção a ela. — Você precisa se acalmar...

— Eu não vou me acalmar! — Ela dá um passo para trás, quase tropeçando nos próprios calcanhares. — Eu não confio em nenhum de vocês. Então, até que a energia volte, me deixe em paz.

Com essas palavras, Kayla volta correndo para casa. Seus passos desaparecem escada acima e o som de uma das portas do quarto batendo ecoa pela casa.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

DIAS DE HOJE

Na manhã seguinte, antes de começar minha clínica, vou até a enfermaria para ver como Shane está.

Enquanto caminho por outro longo corredor cheio de luzes bruxuleantes, uma voz atrás de mim chama meu nome. Faço uma pausa e me viro a tempo de ver Marcus Hunt correndo pelo corredor em minha direção.

Ótimo. E agora?

Espero que ele não comece a me assediar por causa de encontros. Não posso lidar com isso além de todo o resto. Uma coisa que posso dizer com certeza é que vou começar a carregar meu spray de pimenta na mão, em vez de deixá-lo na bolsa enquanto caminho para o carro. Uma boa borrifada dessa coisa e ele saberá que deve me deixar em paz.

— Brooke. — Ele derrapa e para na minha frente. — Ei.

— Olá. — Eu evito seus olhos. — O que você precisa, oficial Hunt?

Ele puxa a gola de seu uniforme azul rígido de oficial correcional. — Você pode me chamar de Marcus.

Eu não respondo a isso. — O que você precisa?

Ele pega algumas folhas de papel que enfiou no bolso da calça. Ele as entrega para mim – elas estão preenchidas com sua caligrafia. O nome na folha de cima é Malcolm Carpenter.

— Eu sei que você estava tentando conseguir aquele colchão para Carpenter — diz ele. — Conseguimos um para alguém há alguns anos e lembrei que esses eram os formulários que precisavam ser preenchidos. Tentei preencher o máximo que pude para você.

Olho para os papéis em minhas mãos, atordoada. Tenho lutado para conseguir aquele colchão para o Sr. Carpenter, com pouco sucesso, e Dorothy tem tentado ativamente me impedir de consegui-lo. Até tentei ligar para o Dr. Wittenberg, que aparentemente é meu médico

supervisor, embora nunca tenha conhecido o homem - e também não consegui entrar em contato com ele.

— Uau — eu digo. — Muito obrigada.

— Sem problemas. — Ele pisca para mim. — Ei, estamos no mesmo time, certo?

— Certo... — Espero que ele continue me pedindo bebidas novamente, mas ele não o faz. — De qualquer forma, é melhor eu ir para a enfermaria. Darei alta a Nelson se ele parecer bem.

À menção do nome de Shane, os olhos de Hunt escurecem. Ele gira a cabeça na direção da porta da enfermaria, com o olhar fervendo. Ele odeia Shane e não está claro por quê. De acordo com Dorothy, Shane não fez nada particularmente terrível durante seu tempo na prisão.

— Sinto muito que você tenha um problema com Shane Nelson — eu digo. — Mas ele está perfeitamente bem comigo.

Bem, exceto por tentar me matar daquela vez.

— Aposto que ele foi legal com você — Hunt resmunga.

— E se eu tiver alguma preocupação sobre minha segurança, você será o primeiro a saber. — Eu encontro seus olhos. — Eu prometo.

Ele considera isso. — Apenas tenha muito cuidado.

— Eu vou.

Ele balança a cabeça como se achasse que não vou tomar cuidado, e ele está certo. Qualquer que seja o mal que Shane tentou me causar anos atrás, não acho que ele vá tentar nada agora, cercado por guardas capazes de atirar nele se necessário. E a verdade é que, quando olho para ele agora, é difícil imaginar que algum dia ele tenha sido capaz disso. Mesmo quando estávamos no tribunal, quando a lembrança do corte de ar na minha traqueia ainda estava fresca na minha cabeça, era difícil olhar para Shane e imaginá-lo tentando me matar. Ele simplesmente parecia Shane - o garoto por quem me apaixonei no campo de futebol.

Ainda não consigo entender o que o levou a fazer todas aquelas coisas terríveis. Dupla personalidade? Um momento de insanidade? Mas isso não importa. De qualquer forma, ele está pagando o preço.

A enfermaria da Penitenciária Raker é uma pequena unidade com seis leitos, onde podemos administrar tratamentos médicos básicos. Podemos administrar antibióticos intravenosos, administrar líquidos e monitorar pacientes que estão doentes demais para pertencer à população em geral, mas não estão doentes o suficiente para serem hospitalizados. Tenho parado lá logo pela manhã para fazer minhas rondas, depois faço outra parada antes de sair.

Shane é o único prisioneiro que atualmente ocupa uma cama na enfermaria. Ele está deitado em um dos colchões, com os olhos fechados, o hematoma na testa muito mais escuro do que ontem. Embora Dorothy tenha dito ontem que ele não precisava estar algemado, ele está com uma perna acorrentada à grade da cama.

Há uma jovem auxiliar de enfermagem chamada Charlene, sentada à mesa da enfermaria. Vou até ela e aceno em direção às camas.
— Nelson ficou bem durante a noite?

— Sim, sem problemas.

Não posso deixar de perguntar: — Por que ele está algemado à grade da cama?

Charlene dá de ombros. — Hunt veio aqui antes de ir para casa ontem e colocou as algemas nele. Eu não sei por quê. Ele está quase sempre dormindo. Ele só acordou para o café da manhã. Dei a ele um pouco de Tylenol para dor de cabeça e ele foi muito legal. Muito educado.

— Bom — eu digo.

— Ele é fofo também, não é? — Ela ri, então seu rosto fica vermelho. — Eu preciso sair mais, hein?

— Sim...

Ela olha para a terceira cama, onde Shane parece ainda estar dormindo. — Eu me pergunto o que ele fez para acabar aqui.

Charlene é jovem o suficiente para não se lembrar da emoção em torno do julgamento de Shane, mesmo sendo da área de Raker. Mas não serei eu quem vai dar uma pista para ela. — Eu... eu não sei.

— Eu costumava procurá-los no Google — ela continua. — Muitos desses caras fizeram algo ruim o suficiente para virar notícia. Mas era sempre uma chatice descobrir. Prefiro não saber.

— Sim — eu digo. — Eu sei o que você quer dizer.

Deixo Charlene com sua papelada e vou até a cama onde Shane ainda está dormindo. Eu o observo por um momento, soprando suavemente o ar entre seus lábios entreabertos. Eu esperava que pairar sobre sua cama o acordasse, mas isso não aconteceu. Então estendo a mão e toco seu ombro.

As pálpebras de Shane tremem, e ele estende a mão e as esfrega com as pontas das mãos. Quando ele as retira, ele pisca para mim. Seus olhos se arregalam e ele respira fundo. — Brooke...

— Shane? — Eu digo.

Ele pisca novamente. — Oh, desculpe, eu... foi estranho acordar e você está aqui. Foi como, você sabe, um pouco de déjà vu.

— Sim, entendo. — Eu faço uma careta. — Como você está se sentindo?

Ele boceja enquanto usa o botão para levantar a cabeceira da cama. — É como se minha cabeça tivesse batido em uma mesa. — Ele me oferece um sorriso fraco. — Estou bem. Só uma dor de cabeça.

— Quão ruim em uma escala de um a dez?

— Não sei. Quatro talvez. Cinco?

— Náusea? Tontura? Confusão?

— Não, estou bem. — Ele se esforça para ajustar sua posição na cama, ligeiramente frustrado pela algema que segura seu tornozelo

direito no lugar. — Só a dor de cabeça. É isso.

Olho para a algema em seu tornozelo. — Posso dizer ao oficial Hunt para tirar isso.

— Não. — Ele acena com a mão. — Honestamente, já estou acostumado com essas coisas. Não é grande coisa. E se você insistir no assunto, ele vai me odiar ainda mais.

— Ok. Se você diz...

Realizo um exame neurológico, verificando se não há nada preocupante que me obrigue a enviar Shane para um exame de sua cabeça. Ele parece bem, como ele disse. Apenas o hematoma na cabeça. Embora eu perceba como ele estremece quando ilumino seus olhos com a lanterna. Ele tem uma dor de cabeça pior do que parece.

— Você quer algo mais forte para essa dor de cabeça?

Ele massageia os dedos na têmpora. — Não, está bem. Eu tomei um Tylenol. Eu posso administrar.

Não tenho ideia de por que Elise escreveu — procura de drogas — em seu prontuário. O cara está claramente com dor e nem quer pedir nada. — Você parece muito desconfortável. Posso te dar um Fioricet, se você quiser?

Ele acena com gratidão. — Ok, claro, vou querer um pouco disso.

— Sem problemas.

— Além disso... — Seus olhos castanhos olham para mim. — Prometo que nunca mais vou tocar no assunto sobre o qual estávamos conversando ontem.

Meu maxilar aperta. — Bom.

— Eu sei o que você pensa de mim — diz ele — e sei que tudo o que eu disser a você, você não levará a sério...

— Shane...

— Mas só há uma coisa que preciso te contar... — Suas palavras saem rapidamente, como se ele estivesse com medo de que eu fosse embora antes que ele terminasse, o que é uma possibilidade real. — Eu nunca me perdoaria se não dissesse isso...

— Por favor, não faça isso, Shane...

— Você precisa ficar longe de Reese. — Seus olhos ligeiramente vermelhos estão enormes olhando para mim. — Apenas faça isso por mim. Ok?

— Shane...

— Eu não me importo se você acha que eu sou um... um assassino — ele engasga. — Só... você tem que ficar longe de Tim Reese. Ele é perigoso. Por favor, Brooke.

Olho nos olhos dele e há um medo real ali. Um arrepio percorre minha espinha. Não sei como ele pôde pensar que Tim é perigoso. Tim obviamente não é perigoso. Eu nunca poderia acreditar nisso sobre ele. Shane deve estar fingindo.

Ele tem que está.

— Tudo bem — eu digo.

— Realmente?

— Sim.

Ele se recosta na cama, seus traços faciais relaxando. — Obrigado, Brooke.

Não será a primeira vez que menti para ele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ONZE ANOS ATRÁS

Chelsea está ajoelhada sobre o corpo de Brandon, soluçando baixinho. Ela estende a mão e passa sobre seu queixo caído. O resto de nós fica na varanda, os meninos se mexendo desconfortavelmente. Shane deve estar arrasado com isso também – Brandon era seu melhor amigo – mas ele não disse muita coisa desde que descobrimos o corpo. Não que eu esperasse que um adolescente começasse a chorar como Chelsea faz.

Chelsea levanta o rosto coberto de lágrimas para olhar para nós.
— O que vamos fazer com o corpo?

Shane e Tim trocam olhares. — Vamos deixá-lo aqui — diz Shane.

— Você simplesmente vai deixá-lo? — Chelsea explode enquanto se levanta. — No frio?

Não digo o que o resto de nós está pensando, que Brandon não vai se incomodar com o frio. Não mais.

— Tenho alguns cobertores extras no armário de roupas de cama — Shane oferece — se você quiser um.

Chelsea hesita por um segundo e depois concorda. Shane volta para casa enquanto nós três esperamos na varanda. Tim está a poucos centímetros de mim, tão perto que quase posso sentir o calor de seu corpo. Ele estende a mão e faz contato com a minha, dando-lhe um aperto reconfortante por uma fração de segundo antes da porta se abrir novamente e Shane retornar com o cobertor.

O cobertor de lã é azul celeste e parece que vai coçar, só que Brandon não vai se importar muito. Chelsea gentilmente coloca o cobertor sobre a parte inferior do corpo dele, parando como se não tivesse certeza se deveria colocá-lo sobre a cabeça dele ou não. Finalmente, ela cobre o rosto dele também, transformando o namorado em nada mais do que um caroço escuro na varanda da frente.

Ela pressiona as pontas dos dedos nos lábios e depois as estende para ele. — Eu te amo, baby.

Mas será que sim? A sério? Ainda ontem estávamos conversando ao telefone e ela disse: *Odeio aquele idiota traidor.*

Ela olha para o resto de nós como se esperasse que intervissemos. Eu mal conhecia Brandon, e o que eu sabia sobre ele não gostei muito. Mas não quero deixar Chelsea na mão, então murmuro: Sentiremos sua falta, Brandon.

— Sinto sua falta — Tim interrompe depois de um instante, embora ele não gostasse de Brandon tanto quanto eu.

Chelsea olha para Shane, cujos olhos estão vidrados. — Nós vamos descobrir quem fez isso com você, cara — Shane diz. — E vamos fazê-lo pagar.



Agora que nos despedimos de Brandon, Chelsea consente em voltar para casa para descobrir nossas opções para nosso próximo passo. Infelizmente, essas opções são limitadas. As linhas telefônicas estão cortadas, seja por causa da tempestade ou por algo mais ameaçador. Os pneus estão cortados em nossos dois veículos. E a tempestade lá fora continua tão forte como sempre foi.

— Kayla não teve muita sorte voltando para a estrada principal. — Chelsea está parada no meio da sala, tirando água dos longos cabelos. — Mas aposto que um de vocês conseguiria. Não é tão longe, não é? Tipo, um quilômetro?

— Um quilômetro e meio. — Shane faz uma careta. — E você viu como a estrada é escorregadia, então é uma caminhada difícil. Mas o

que mais me preocupa é que com a quantidade de vento, pode haver algumas linhas de energia que caíram. Um passo errado e você pode ser eletrocutado.

Ótimo. Portanto, nossas escolhas são ficar aqui com um assassino à espreita ou correr o risco de nos afogarmos ou sermos eletrocutados.

— Acho que deveríamos ficar parados até a tempestade passar — diz Shane. — No mínimo, poderemos recuperar nosso serviço telefônico. E as estradas vão secar.

Olho para Tim com as sobrancelhas levantadas. Ele solta um longo suspiro. — Concordo. Não é seguro lá fora agora.

Os dois meninos parecem firmemente a favor de permanecer onde estão. Olho para Chelsea, que está completamente encharcada. Seu rímel se dissolveu em listras escorrendo por suas bochechas, embora ela sempre seja à prova d'água. Acho que rímel à prova d'água não é páreo para a tempestade.

— Brooke — ela diz — posso falar com você? — Ela olha para os meninos. — Sozinha.

Ela não espera por uma resposta. Ela me agarra pelo braço e me puxa para fora da sala, deixando Shane e Tim olhando para nós. Ela não para até chegarmos à porta dos fundos, que ela abre e me puxa para fora, batendo a porta atrás dela.

— Chelsea, está frio! — Abraço meus braços contra o peito. — Podemos voltar para dentro?

— Não. — Chelsea olha para a porta dos fundos de forma quase acusadora. — Estou realmente assustada, Brooke. Alguém fez isso com Brandon. Eles... ele foi esfaqueado. Alguém o esfaqueou até a morte! Ele está morto!

— Eu sei...

Ela limpa os olhos com as costas da mão. — Não estamos seguras aqui. Você sabe disso, não é? Precisamos sair daqui.

— Você viu o que aconteceu com Kayla quando ela tentou fugir...

Seus olhos parecem selvagens com o rímel vazando. — Kayla é a pior líder de torcida do time – ela mal conseguia passar por uma sessão de treinos. Você e eu, aposto que conseguiríamos. E se não nós, os meninos poderiam, com certeza.

— Mas você ouviu o que Shane disse sobre as linhas de energia...

— Ou talvez ele não queira que a gente vá embora. Você pensou nisso?

Sim, eu pensei nisso. Mas ainda faz sentido. Não estou animada para passear na bagunça lá fora, especialmente sem calçados adequados. Não é assim que as pessoas ficam congeladas?

— Shane não é um assassino — eu digo com firmeza. — Provavelmente era algum andarilho vagando pela área. Não há como ter sido um de nós.

Chelsea está engolindo em seco enquanto tenta respirar. Parece que ela está a segundos de ter um ataque de pânico.

— Chels? — Eu franzo as sobrancelhas. — Chelsea, você tem que respirar. Respire fundo algumas vezes, ok?

— Estou bem. — Ela fecha os olhos, concentrando-se na respiração. — Eu ficarei bem.

Eu não tenho certeza do que fazer. Não dizem que você deve colocar a cabeça entre as pernas nesta situação? Mas Chelsea parece ter tudo sob controle. Ela está pendurada em mim, respirando fundo até que seus ombros relaxem. Espero fora com ela, embora esteja muito frio aqui. Embora agora que acabou a energia, esteja muito frio lá dentro também. Mas pelo menos o vento não jogaria gotas de água em nós.

— Você está bem agora? — Eu pergunto a ela quando ela finalmente abre os olhos.

Chelsea assente.

— Precisamos voltar para dentro. — Eu não formulo isso como uma pergunta. Se ela não vier comigo, eu vou mesmo assim. — Não

podemos ficar aqui fora.

Ela olha para mim por um momento e depois balança a cabeça. Viro a maçaneta da porta dos fundos e a abro, sentindo-me obscenamente grata pelo ar seco da cozinha. Está escuro na cozinha e nós duas pulamos quando ouvimos a porta do quarto se abrir.

— Brooke? — É a voz de Tim. Estou aliviada. Embora eu saiba que Shane não é um assassino, não há ninguém em quem confie mais do que Tim Reese. — É você?

Concordo com a cabeça, mas então percebo que ele provavelmente não pode me ver. A sala é toda sombra. — Sim, estamos de volta. Onde está Shane?

— Ele saiu para ver se conseguia sinal de celular.

Chelsea puxa meu braço. — Preciso me sentar, Brooke.

Chelsea se sente muito trêmula de novo, então eu a ajudo a atravessar a cozinha e ir para a sala. Tim ajuda a apoiá-la e nós a colocamos no sofá. Ela acaba deitada, com a mão espalhada pelo rosto. Aconteça o que acontecer, Chelsea nunca mais será a mesma. Encontrar seu namorado assassinado a afetou bastante.

— Ei. — Tim me dá um tapinha no ombro. — Posso falar com você um segundo na cozinha?

Eu olho para Chelsea na escuridão. Ela parece bem por enquanto. — Tudo bem. Mas não quero deixá-la por muito tempo.

Tim me leva até a cozinha. Enquanto desaparecemos atrás da porta, passa pela minha cabeça o pensamento de que nenhum de nós deveria estar sozinho agora. Devíamos ficar juntos. No entanto, estamos deixando Chelsea sozinha na sala e Shane está vagando lá fora.

E se algo aconteceu com Shane? E se ele estiver morto no chão como Brandon?

— Então dei outra olhada debaixo do cobertor. — Tim estremece ao dizer as palavras. — Parece que Brandon foi morto a facadas.

— Ele... ele foi?

O rosto de Tim está tão próximo do meu que consigo distinguir todas as suas feições no escuro. Mas não consigo ver as sardas que geralmente ficam ligeiramente visíveis quando estou perto dele. — Mas não havia uma faca perto dele. De qualquer forma, não consegui encontrar uma.

— Oh...

Tim aponta a cabeça para o balcão da cozinha. — Fiquei preocupado que quem quer que fosse voltasse, então fui pegar uma faca na cozinha. E adivinha? Todas as facas sumiram.

Eu fico olhando para ele. — O que?

— Certo? Bem estranho. Há um bloco de facas no balcão e está vazio.

Eu tremo e me abraço. — Então, o que isso significa?

— Eu diria que significa que quem fez isso planejou com antecedência e se livrou de todas as outras armas da casa.

— Tim. — Sinto que estou sufocando. — O que você está dizendo?

— Acho que você sabe exatamente o que estou dizendo, Brooke.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

DIAS DE HOJE

Já faz um mês de ano letivo e Tim Reese se tornou um visitante frequente de nossa casa.

Depois de consertar a pia e a maçaneta da porta, ele e Josh embarcaram em uma lista aparentemente interminável de projetos para realizar na casa. Afinal, a casa é meio antiga, então tinha muita coisa que precisava de conserto. E depois de consertarem tudo, tiveram a ideia de construir uma estante para o quarto do Josh. Neste fim de semana, eles vão pintá-la. (Verde néon, aparentemente.)

Embora eu estivesse ansiosa para me mudar para cá, todas as minhas reservas desapareceram. Trabalhar na prisão tem seus altos e baixos (não vi Shane nenhuma vez no último mês, mas ele ainda está lá), mas nunca vi Josh mais feliz do que aqui. Ele adora a escola e, mais importante, tem uma ligação com Tim de uma forma que realmente me surpreendeu.

Quando chego em casa esta noite, sinto o cheiro delicioso de alho e manteiga. Tenho certeza de que esses são os dois ingredientes favoritos de Margie no mundo inteiro. E não há cheiro melhor para voltar para casa.

Encontro Margie na cozinha, arrumando uma bandeja de camarões com manteiga e alho. Eu quero apenas inalá-los, eles parecem tão bons.

— Eu fiz mais — Margie me diz — já que presumo que aquele simpático Tim virá jantar

Começo a protestar, mas então percebo que Tim veio jantar aqui pelo menos meia dúzia de vezes nas últimas duas semanas. E ele nos levou à casa dele três vezes.

— Sim, ele disse que provavelmente viria — murmuro.

Margie ri. — Você não precisa ter vergonha de ter um namorado, Brooke.

— Ele não é meu namorado. — Margie me olha e eu balanço a cabeça. — Ele *não* é. Nós somos apenas amigos.

É a verdade. Tim passou muito tempo aqui no último mês, mas nada aconteceu entre nós dois. Ele não tentou me beijar. Quando assistimos a um filme há alguns dias, ele não bocejou e tentou colocar o braço em volta do meu ombro. Somos amigos – como sempre. Sua percepção de que Shane e eu temos um filho acabou com todos os sentimentos que ele tinha por mim.

— Devo avisar você então — diz Margie — Josh está fazendo algumas perguntas muito interessantes sobre ele.

Oh não. O que *isso* significa?

Depois que Margie sai para dormir, vou para a sala, onde Josh está brincando com seu Nintendo. Ele está totalmente focado no jogo, com a língua levemente para fora enquanto ele se concentra. Sua expressão é estranhamente familiar, e levo um segundo para perceber com um sobressalto que Shane costumava fazer exatamente a mesma cara quando estava se concentrando em alguma coisa.

— Ei, Josh. — Sento-me ao lado dele no sofá. — Como foi a escola hoje?

Ele não tira os olhos do jogo. — Ok. Tim vem jantar? — Na escola, Josh tem que chamá-lo de Sr. Reese, o que o faz rir, mas em casa ele é apenas Tim.

— Josh... — Deslizo alguns centímetros para mais perto dele. — Margie me disse que você estava fazendo algumas perguntas sobre Tim.

Josh pausa o jogo e joga o controle para o lado. Não sei o que ele está pensando. Ele provavelmente pensa que Tim é meu namorado, assim como Margie pensa. Vou ter que corrigi-lo. Não tenho certeza se a verdade irá decepcioná-lo ou se ele ficará aliviado.

— Bem — ele diz — eu estava pensando...

— Sim?

Ele respira fundo. — Tim é meu pai?

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Eu não tinha ideia de que ele estava pensando isso. — Josh...

— Porque você o conhecia antes de se mudar — Josh ressalta. — E você estava muito perto. E também, ele é muito legal...

Ele está olhando para mim com uma expressão esperançosa no rosto. Eu gostaria mais do que tudo no mundo de poder dizer a ele que Tim é seu pai. Eu gostaria que Tim fosse seu pai. Ou que seu pai era um ser humano decente com quem havia alguma chance no inferno de eu acabar... ou pelo menos permitir que meu filho passasse alguns minutos em sua companhia.

— Sinto muito, querido — eu digo. — Tim não é seu pai.

Josh parece arrasado. Ele parece tão triste que uma pequena parte de mim gostaria de ter mentido sobre isso e lidado com as consequências mais tarde. Mas é claro que eu não poderia fazer isso. Eu tive que contar a verdade a ele.

Começo a colocar meu braço em volta dele, mas a campainha toca, ecoando pela casa. Quando Josh ouve isso, ele pega seu controle Nintendo e reinicia o jogo. — Só quero terminar este nível antes do jantar — diz ele.

— Josh — eu digo — quero conversar mais com você sobre isso... sei que você está desapontado...

— Não, eu não estou. — Seus olhos estão de volta à tela da TV. — Eu não quero falar sobre isso.

Ok. Não há chance de competir com a Nintendo, então é melhor atender a porta. Claro, é quase certo que é Tim, que chegou para jantar. Eu deveria apenas dar-lhe uma chave. Não no sentido de um relacionamento, mas no sentido de que você dá uma chave reserva ao seu vizinho. Tipo, se eu ficar trancada do lado de fora ou algo assim. Quero dizer, a única outra pessoa que tem a chave é Margie, e ela mora na cidade vizinha.

Tim está parado na porta da frente, vestindo a mesma calça cáqui e camisa social que usava para trabalhar, mas sem gravata. Ele estende

os braços, porque toda vez que ele chega, a gente se abraça na porta. Isso é o que os amigos fazem, certo? Nós nos abraçamos. Não é como se nos cumprimentássemos nos beijando.

— Ei, Brooke — ele diz. — Cheira muito bem aqui.

— Obrigada — digo, embora não seja como se fosse eu quem cozinhasse o camarão.

Mas cheira bem em toda a casa. Eu podia sentir o cheiro no corredor. E só quando estou nos braços de Tim é que percebo outro cheiro. Algo extremamente familiar, mas não tão agradável quanto alho e manteiga.

É sândalo.

Eu me afasto de Tim, meu nariz enrugado de desgosto. — Oh meu Deus, o que você está vestindo?

Os olhos de Tim se abrem e ele agarra a gola da camisa. — O que? Esta é apenas uma camisa social de algodão.

— Não! Quero dizer, esse cheiro!

— Cheiro? — Ele passa a mão pelo queixo bem barbeado. — Eu fiz a barba antes de vir e coloquei uma loção pós-barba. Mas...

O cheiro de sândalo invadiu minhas narinas. Cada vez que inspiro, sinto as correntes daquele colar apertando minha garganta. Dou um passo para longe dele. — Por favor, vá lavá-lo. Agora.

— Mas...

— Agora. *Por favor.*

Tim obedientemente vai até o banheiro. Ouço água corrente e ele fica lá por alguns minutos, o que acho que é um bom sinal de que ele está fazendo um grande esforço para tirar toda a loção pós-barba. Quando ele sai do banheiro, sua pele parece levemente rosada.

— Tudo bem — ele diz. — Acho que tirei.

Eu respiro experimentalmente. Eu não sinto mais o cheiro. Graças a Deus. — Obrigada.

— Claro. — Ele tem um vinco profundo entre as sobrancelhas. — Sem problemas...

Bem, agora ele pensa que estou louca. Preciso explicar isso para ele. Ao contrário de outros caras, ele vai entender. — Quando Shane tentou... você sabe... ele estava usando loção pós-barba de sândalo. O cheiro disso me deixa enjoada agora.

— Oh! — Tim esfrega o queixo. — Meu Deus, Brooke, sinto muito. Eu não fazia ideia. Ganhei essa loção pós-barba de presente, mas vou jogá-la fora.

— Você não precisa fazer isso...

— Obviamente que sim. — Ele abre um sorriso torto. — Tudo bem. De qualquer forma, eu odeio loção pós-barba.

Eu devolvo seu sorriso. — Então por que você estava usando isso?

— Não sei. Provavelmente estava tentando impressionar Josh.

Ficamos parados no corredor, olhando um para o outro por um momento, e há uma descarga repentina de eletricidade entre nós. Estudo seu rosto, me perguntando se ele também sente isso. Mesmo quando penso que Tim está firmemente na zona de amizade, me pergunto se existe a possibilidade de estar errada.

Contanto que ele nunca mais use a loção pós-barba de sândalo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Depois que o jantar termina e Josh leva o prato para a pia, ele se vira para Tim: — Podemos jogar bola no quintal?

Estou aliviada por Josh ainda parecer gostar de Tim, mesmo ele não sendo seu pai. Mas por mais que eu queira que eles se unam, preciso intervir. — Você fez sua lição de casa?

Josh desvia os olhos. — Não...

— Bem, essa é a sua resposta então.

Josh geme, mas Tim confirma meu veredicto: adoro ter outro adulto ao meu lado. — Faça sua lição de casa — diz Tim — e amanhã podemos ir ao parque com seu taco. Podemos praticar de verdade sem quebrar nenhuma janela.

Josh balança a cabeça ansiosamente e sobe correndo as escadas até seu quarto. Tim o levou ao parque algumas vezes, entre os projetos de reforma da casa. Sinto-me um pouco culpada porque minha família está consumindo toda a sua vida social. Quero dizer, ele é um cara solteiro. Não é como se estivéssemos em um relacionamento. Ele não deveria ficar preso conosco todo fim de semana, consertando coisas na minha casa e levando meu filho ao parque.

— Você não precisa fazer isso — digo a ele depois que a porta de Josh se fecha. Mesmo que ele diga que não vai levar Josh ao parque amanhã, eu posso chorar. Fui ao parque para deixar Josh praticar rebatidas e sou péssima nisso. Eu não conseguiria pegar a bola nem se minha vida dependesse disso, então passo a maior parte da tarde me abaixando para evitar que a bola me acerte na cabeça ou perseguindo a bola enquanto Josh fica lá.

— É divertido para mim também. — Ele levanta um ombro. — Você sabe, ele é um rebatedor muito forte. Ele pode acertar a bola mais longe do que eu.

— Ele teve o maior número de home runs em seu time da liga infantil no ano passado — digo com orgulho.

— Eu acredito nisso. Ele é um atleta nato.

Mesmo sendo um elogio, o comentário de Tim pesa no meu estômago. Porque Shane também era um atleta nato. Quarterback estrela e tudo mais. Se Josh pedir para entrar no time de futebol, vou tentar o meu melhor para dissuadi-lo.

Tim reúne os pratos restantes da mesa e os leva até a pia. Ele liga a água quente e pega o frasco de sabão para lavar louça.

— Eu posso lidar com isso — insisto. — Existem apenas alguns pratos.

— Eu quero ajudar. — Ele tira a panela do fogão das minhas mãos e a mergulha na pia cheia de espuma. — Qual é, que tipo de idiota eu seria se viesse aqui, ganhasse um jantar grátis e depois fosse embora?

— Para ser justo, você fez reparos no valor de seis dígitos nesta casa.

O vapor sai da pia enquanto Tim esfrega a panela. — Sem chance. Foi no máximo cinco dígitos.

Eu bato nele de brincadeira no braço. Ou começo, mas então minha mão permanece em seu bíceps. Ele deve... você sabe, malhar. Tim olha para mim, as sobrancelhas praticamente na altura do cabelo. Por um momento, ficamos ali parados, nossos olhos presos um no outro. Então ele se aproxima e fecha a água da pia. Ele seca as mãos em um pano de prato.

Então ele me agarra e me beija.

Eu deixei ele fazer isso. Ok, eu mais do que deixei. Na verdade, eu o agarro pelo colarinho e o puxo para mais perto de mim como se eu não tivesse beijado um cara na última década, o que é assustadoramente próximo da verdade. Por uns bons sessenta segundos, ficamos parados na cozinha, fingindo que o mundo está

prestes a acabar. Esse é o tempo que levo para lembrar que meu filho está lá em cima e depois empurrar Tim gentilmente.

Seu rosto está vermelho e ele está olhando para mim como se eu dissesse a palavra, iríamos direto para o meu quarto. — Meu Deus, Brooke — diz ele.

Preciso de um segundo para recuperar o fôlego. — Achei que você estava apenas procurando amizade.

— Sim, bem, isso foi besteira e você sabia disso.

— Não, eu não sei.

Ele me dá uma olhada. — Vamos. Você sabe que estou apaixonado por você desde os quatro anos de idade.

Meu coração pula no meu peito. Sim, eu sabia até certo ponto que Tim sentia o mesmo por mim. Mesmo tendo namorado outras garotas, ele nunca olhou para elas do jeito que olhou para mim. Mas nunca me senti assim em relação a ele. Não até recentemente.

— Eu só... — Olho para cima, esperando que a porta de Josh esteja fechada. — Temos uma coisa boa acontecendo aqui. Josh adora você. E você é meu melhor amigo. Eu sinto que... estou com medo de estragar tudo, sabe?

— Eu concordo, temos uma coisa boa acontecendo. — Ele estende a mão e pega minha mão, e novamente, eu deixo. — Mas acho que poderíamos ter algo melhor acontecendo.

Ele está certo, é claro. Por mais maravilhoso que tenha sido tê-lo por aqui no último mês, seria melhor se ele ficasse mais aqui. Se nossa amizade fosse mais. Tim e eu poderíamos ter tudo.

— Minha vida é muito ocupada entre meu trabalho e Josh — aponto. — Talvez você ficasse melhor com alguém mais simples. Você ainda pode sair com aquela garçonete do Shamrock. Kelli, certo? — Kelli é um pouco maluca, mas definitivamente gosta muito dele e com certeza não tem um filho de dez anos com o ex-namorado encarcerado.

— Brooke, me escute. — Tim aperta minha mão enquanto me olha bem nos olhos. — Eu não vejo você há dez anos. Nesse período, namorei um bom número de garotas. Mas nunca deu certo – não poderia. E foi tudo porque eu não conseguia parar de pensar em você. Qualquer outra pessoa com quem namorei não seria justo com ela. — Seu pomo de adão balança. — Nunca sentirei por ninguém o que sinto por você.

Eu poderia chorar. É a coisa mais legal que alguém já me disse. Tim é tão doce e sexy e é ótimo com meu filho. Eu deveria estar me jogando em seus braços e apenas agradecer às minhas estrelas da sorte.

Mas, por alguma razão, não consigo desligar a voz de Shane Nelson dentro da minha cabeça.

Fique longe de Tim Reese. Ele é perigoso.

Por favor, Brooke.

É ridículo, claro. Eu sabia quando ele estava dizendo isso e sei agora. Mas não consigo afastar a sensação de que isso funcionou um pouco bem demais. Esse Tim é um pouco perfeito demais. Especialmente para alguém como eu.

— Brooke? — Tim está carrancudo. — Olha, eu não quero pressionar você. Se você não quer isso, podemos fingir que nunca aconteceu. Se você quer apenas ser amigo, tudo bem. Quero dizer, não está *bem*. Seria completamente uma merda. Mas...

— Cale a boca — eu digo. Não tenho certeza se estou dizendo isso para Tim ou para a voz de Shane na minha cabeça. Mas isso não importa. — Você tem razão.

Um sorriso surge novamente em seu rosto. — Eu tenho? Sobre o que?

— Não estarmos juntos *seria* uma droga total.

Eu o agarro pela camisa e coloco seus lábios nos meus. Ele me beija de volta com a mesma ansiedade. E o tempo todo ignoro o menor vestígio de sândalo grudado na gola de sua camisa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

ONZE ANOS ATRÁS

Tim odeia Shane. Ele acha que eu deveria terminar com ele. Mas o que ele está acusando Shane é um passo além disso. Ele está acusando meu namorado de assassinato.

— Tim — eu sussurro — você está dizendo que acha que Shane...?

Os olhos de Tim brilham enquanto a sala brilha brevemente com um relâmpago. — É a casa dele. Se alguém fosse planejar isso...

— Por que ele faria isso?

— Por que ele bateria em uma criança inocente? Porque ele é uma pessoa terrível. Isso é o que estou dizendo a você, Brooke.

Minhas pernas parecem de borracha embaixo de mim. Shane não é uma pessoa terrível. Tim não o conhece como eu. Se ele estivesse no quarto e visse o quão doce, carinhoso e amoroso Shane era, ele não estaria dizendo isso. Shane nunca machucaria ninguém. — Por que ele mataria Brandon? Brandon é seu melhor amigo.

— Melhor amigo? — Ele balança a cabeça. — Não acho que nenhum desses idiotas tenha capacidade para esse tipo de lealdade. Eles são amigos, mas se odeiam.

— Eu não acredito nisso.

— Acredite no que você quiser acreditar.

— Me conte algo. — Eu estreito meus olhos para ele. — Quando você e Shane estavam reunidos na sala mais cedo, sobre o que vocês estavam conversando?

Ele fica quieto por um momento. — O que?

— Quando chegamos, vocês dois estavam conversando. O que você disse a ele?

Mesmo na cozinha escura, posso ver sua mandíbula se contrair. — Eu acabei de dizer a ele que é melhor ele te tratar bem.

— Eu entendo.

— Escute-me. — Seus dedos se fecham em volta do meu pulso. — Isso não é uma piada. Shane é perigoso. E enquanto você esteve fora, estive vasculhando a casa em busca de algo que pudesse usar como arma.

Foi quando notei o objeto na outra mão de Tim, que ele estava segurando desde que Chelsea e eu voltamos para casa. Aperto os olhos para a escuridão.

É um taco de beisebol.

— É mais longo que uma faca — diz ele. — Se ele tentar vir até mim, vou dar um soco na cabeça dele.

— Ok. — Se Tim causar uma concussão em Shane, não será a pior coisa que acontecerá aqui esta noite.

Ele me lança um longo olhar. — Vamos ter certeza de que ficaremos juntos, ok? Não vou deixar nada acontecer com você.

Eu acredito nele.

Quando voltamos para a sala, Chelsea ainda está deitada no sofá, mas o lado positivo é que seu peito não parece estar coberto de sangue e facadas. Shane também está na sala, sacudindo a água de suas roupas e cabelos. Posso vê-lo apenas o suficiente para reconhecer que ele ficou encharcado lá fora.

— Alguma sorte em encontrar um sinal? — Eu pergunto.

— Desculpe, não. — Ele bate os tênis no chão, tentando tirar um pouco da água e da lama deles. — Acho que ficaremos presos aqui até de manhã.

Chelsea luta para se sentar no sofá. — Espero que Kayla esteja bem lá em cima.

Puxo o floco de neve do meu colar. — Talvez devêssemos ver como ela está?

— Por que? — Shane diz. — Ela não parecia nos querer perto dela.

— Eu sei, mas ela ficou assustada — diz Chelsea. — Ela provavelmente já se acalmou agora. É melhor que nenhum de nós esteja sozinho, não é?

Há um longo silêncio enquanto contemplamos a sugestão de Chelsea. Kayla parecia histérica mais cedo, e não estou ansiosa para vê-la novamente agora, quando eu também já estou um pouco histérica. Mas por outro lado, também estou preocupada com ela. Quando alguém está tão chateado, pode fazer coisas estúpidas.

— Vamos bater na porta — diz Tim. — Se ela nos disser para ir embora, nós vamos embora.

Ninguém quer ficar na sala, então subimos todos juntos as escadas para os quartos. A escada está escura e me agarro ao corrimão para não cair. Mesmo que seja difícil de ver, posso sentir a presença de Tim bem ao meu lado, pairando sobre mim com aquele taco de beisebol na mão direita.

Kayla voltou para o quarto onde ela e Tim dormiam profundamente quando o grito de Chelsea acordou todos nós. Pelo menos é o que eu deduzi pelo fato de ser a única porta fechada. Chelsea vai primeiro, seguindo cuidadosamente pelo corredor até chegar à porta fechada. Depois de uma hesitação, ela bate o punho contra ela.

Nenhuma resposta.

— Kayla? — Chelsea grita. — Você está bem?

Novamente, nenhuma resposta.

Chelsea limpa a garganta. — Não vamos tentar entrar. Só queremos que você nos diga que está bem. — Ela faz uma pausa. — Kayla?

Na fresta de luz que entra pelas janelas do andar de cima, posso ver Tim olhando para mim. Meus olhos encontram os dele e ele balança a cabeça. Posso ouvir o taco se mexendo em sua mão.

Chelsea se vira para nós. — Ela não está respondendo. O que deveríamos fazer?

— A porta não tem fechadura — diz Shane.

— Eu... — a voz de Chelsea treme. — Eu não posso fazer isso.

Antes que possa haver mais debate, Shane passa por ela. Ouve-se um rangido quando a maçaneta se abre e, um segundo depois, a porta do quarto se abre.

Apesar de estar escuro no quarto, está mais claro do que no corredor, então nossos olhos já estão ajustados. O que significa que sou capaz de perceber detalhes que não conseguiria de outra forma. Como a estante no canto. Ou a cama no centro do quarto.

Ou Kayla deitada na cama, o peito coberto de sangue fresco, os olhos voltados para o teto.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

DIAS DE HOJE

O Sr. Fanning tem um dedo quebrado.

Não sei como ele quebrou o dedo. Perguntei a ele antes de mandá-lo para a radiologia para fazer um raio-x, mas ele estava nervoso com os detalhes. A radiografia mostrou uma fratura da falange média do dedo mindinho, e liguei para o departamento de radiologia do hospital local que fornece relatórios oficiais de nossas radiografias para confirmar que a fratura não passou por uma articulação e não foi deslocado. Parece uma fratura simples – que pode ser facilmente tratada com fita adesiva.

Depois de desligar o telefone com a radiologia, saio da sala de exame e encontro o Sr. Fanning sentado em uma das cadeiras de plástico no corredor, brincando com o policial Hunt. Hunt é totalmente hostil com a maioria dos presos, então estou surpresa em vê-lo se dando bem com Fanning.

— Sr. Fanning — eu digo. — Entre.

Sr. Fanning grunhe levemente enquanto se levanta da cadeira. Ele tem cinquenta e poucos anos e uma barriga grande que estica seu macacão cáqui. Ele tem aquela obesidade central que me faz pensar que ele está a cinco anos de um grande ataque cardíaco. Esperançosamente, quando ele começar a sentir aquelas dores insuportáveis no peito, eu já terei mudado para outro emprego melhor.

Presumo que Hunt não pense que Fanning seja uma preocupação de segurança, porque ele fecha a porta noventa por cento do caminho. Fanning sobe na mesa de exame, segurando a mão direita. Não é uma fratura grave, mas é uma pena para ele que isso tenha acontecido na mão dominante.

— Então está quebrado? — As bolsas sob os olhos de Fanning parecem se aprofundar. — Está, não está?

— Está — eu confirmo. — Mas é uma fratura leve. Podemos tratar isso aqui.

Fanning olha em dúvida para sua mão direita. Seu dedo mínimo ficou quase roxo, e seu dedo anelar também não parece ótimo, mas pelo menos esse não está quebrado. Ele teve sorte de não estar usando anéis, porque provavelmente teríamos que cortá-los.

— Vai sarar bem — eu o tranquilizo. — Eu prometo. Só precisamos imobilizá-lo.

— Tudo bem, Brooke — ele diz. — Se você diz.

Estou feliz que ele siga esse plano. Não é exatamente fácil para um prisioneiro obter uma segunda opinião, especialmente porque parece que não tenho um médico que me apoie. Os presos têm direitos, e se ele procurasse um advogado, estaríamos em apuros. Mas a maioria dos homens não sabe que pode fazer isso ou não se importa o suficiente. De qualquer forma, tento dar-lhes o melhor tratamento médico possível.

Pego uma fita de papel de uma gaveta para poder colar o quarto e o quinto dedos juntos. Fanning me observa, com uma expressão de crescente preocupação no rosto. — Isso é tudo que você vai fazer?

Enrolo a fita em seus dedos. — Este é o tratamento padrão. Foi uma fratura simples – só precisamos imobilizá-los.

— E vai sarar?

— Absolutamente.

Fanning faz uma careta de dor enquanto estico seus dedos para enrolar a fita uniformemente. — Maldito Nelson.

Eu levanto minha cabeça. — O que?

— Nada — diz Fanning, com os olhos subitamente arregalados de pânico. — Deixa para lá.

— Sr. Fanning. — Enrolo mais uma camada de fita adesiva em seus dedos. — Você pode me dizer como isso aconteceu?

— Eu já te disse. — Ele desvia o olhar. — Uma porta se fechou na minha mão. Juro.

Claro, ele poderia estar dizendo a verdade. Talvez uma porta tenha se fechado em sua mão e foi assim que ele quebrou o dedo. Mas então a questão seria: alguém estava segurando a mão na porta quando ela se fechou? Se estivessem, essa pessoa estava falando sério. Eles pretendiam quebrar dois dedos de sua mão dominante em pedacinhos.

E por que ele disse o nome *Nelson*?

Então, novamente, não é como se Nelson não fosse um nome comum. Não, não me lembro de haver outros arquivos com o sobrenome Nelson quando estava olhando no arquivo. Mas pode ser o primeiro nome de alguém. Não poderia?

Garanto que a fita prendeu seus dedos para que ele não possa dobrá-los, e então o Sr. Fanning está pronto para ir. Ele levanta a mão, ainda parecendo cético de que um rolo de fita adesiva possa curar sua fratura, mas aceita.

— Volte em uma semana — digo a ele. — Vamos ver como está cicatrizando.

Ele concorda. — Obrigado, Brooke. Eu agradeço.

— Só não bata a mão em nenhuma outra porta, entendeu?

Ele estremece. — Sim. Vou tentar, acredite em mim.

Fanning desce da mesa e deixa Hunt voltar para a sala para acompanhá-lo até sua cela. Observo os dois desaparecerem no corredor e ainda não consigo deixar de me perguntar como ele conseguiu aquela fratura.

Maldito Nelson.

Ele não poderia estar falando sobre Shane. Talvez Shane fosse perigoso lá fora, mas não aqui. Na verdade, Shane tem sido um alvo aqui na prisão. Ele certamente não sai por aí quebrando os dedos de outras pessoas.

Mas a verdade é que não sei exatamente do que ele é capaz.

CAPÍTULO TRINTA

Tim veio neste fim de semana para construir uma casa de passarinho com Josh.

Pelo menos foi isso que Josh me disse umas mil vezes na última hora. Sério, pensei que as crianças ficam menos irritantes à medida que envelhecem. Mas é legal que ele esteja tão animado. Achei que Josh poderia não ser legal com Tim depois de descobrir que ele não era secretamente seu pai, mas não foi o caso. Na verdade, eles se aproximaram nas últimas semanas.

Tim e eu também.

Por volta das onze horas da manhã de sábado, Tim toca a campainha. Trocamos as chaves por questão de segurança, já que ele é meu vizinho, mas ele costuma tocar a campainha. Obrigada. Temos que manter alguns limites aqui. Quero dizer, nós nos conhecemos tão bem que seria fácil para ele simplesmente se mudar. Mas estamos intencionalmente indo devagar.

Quando abro a porta, Tim está parado ali segurando algumas tábuas de madeira no braço direito e um livro grosso de capa dura no outro. Ele olha por cima do meu ombro. — Josh está lá em cima?

— Sim.

Ele balança a cabeça e se inclina para me beijar. Temos feito um esforço para não deixar Josh saber que somos mais do que apenas amigos. Teremos que contar a ele eventualmente, mas esse pensamento me deixa ansiosa. Nunca tive um relacionamento importante o suficiente para que meu filho soubesse disso. Isso é um grande negócio.

Felizmente, Tim entende. Ele está bem em esperar.

Ele se afasta de mim assim que ouvimos os passos ansiosos de Josh na escada. Um segundo depois, Josh irrompe na sala. — Vamos fazer uma casa de passarinho!

— Você entendeu! — Tim joga as tábuas de madeira no chão e segura o livro com a outra mão. — Mas primeiro, tenho uma surpresa para você...

Dou uma boa olhada no livro que Tim está segurando. Quando vejo a capa, meu estômago embrulha.

É o nosso anuário do ensino médio.

Por que diabos Tim traria isso aqui? Eu nem sei o que aconteceu com meu exemplar – acho que nem o vi, já que me mudei antes do final do ano letivo e estudei em casa pelo resto do ano. Mas nosso anuário do ensino médio é a última coisa que quero ver. E é a última coisa que quero que Josh veja.

Ai meu Deus, e se ele vir uma fotografia de Shane e perceber a semelhança?

— Este é o nosso anuário do ensino médio — diz Tim a Josh. — Quer ver como sua mãe e eu éramos idiotas quando éramos crianças?

Meu nível de pânico dispara. — Tim...

— Não se preocupe — ele murmura em meu ouvido. — Ele não está nisso.

Oh. Bem, acho que faz sentido que eles deixem o aluno responsável por vários assassinatos fora do anuário. Essa parte é um alívio, pelo menos.

Josh está estranhamente ansioso para dar uma olhada no anuário. Sentamo-nos à mesa da cozinha enquanto ele vai direto para o meu retrato, que foi tirado cerca de um mês antes de minha vida mudar para sempre. Não é uma imagem ruim. Eu não tinha um penteado embarçosamente desganhado, e a camisa branca que minha mãe me fez usar no dia da foto parecia elegante e profissional. Há uma suavidade em meu rosto que não vejo mais quando me olho no espelho. Não desde aquela noite.

— Olha! É o Tim! — Josh fala. Ele segura o anuário perto do rosto de Tim. — Você parece tão diferente! Você estava tão magro!

— Yeah, yeah...

Eu consigo sorrir. — Você era fofo naquela época.

— Oh, sim? — Tim aperta meu joelho debaixo da mesa. — Eu não sabia que você pensava assim.

Ele *era* fofo. Mas ele não era *gostoso* da mesma forma que Shane era naquela época. Entre os dois, era óbvio por qual deles as garotas enlouqueciam.

Josh continua a folhear as páginas, estudando as imagens com uma intensidade surpreendente. Quando ele chega ao N, prendo a respiração. Mas Tim está certo. Eles deixaram Shane fora do anuário.

Olho por cima do ombro de Josh, para todos os rostos antigos. Virando as páginas, ele passa por Brandon Jensen e meu peito aperta ao ver as palavras — Em memória — abaixo de seu nome. Isso nunca deveria ter acontecido.

— Espere — eu digo. — Para.

Josh congela na página com os nomes H. Afasto o livro dele e olho para a página à direita. Olho para a fotografia no canto inferior direito. O nome abaixo está escrito em letras maiúsculas e negrito.

Marcus Hunt.

Oh meu Deus, é o oficial Hunt.

Eu nunca o teria reconhecido se não soubesse que era ele. Ele tinha cabelos naquela época – finos e dourados, como os de um pintinho. Eu o reconheço vagamente, lembrando-me dele como um garoto alto e desengonçado com óculos de lentes grossas.

Por que Hunt não me contou que estudamos juntos no ensino médio?

Bato na fotografia com o dedo indicador. — Tim, você se lembra desse cara?

— Sim. Mark Hunt. Eu lembro dele.

Eu balanço minha cabeça. — Estou tendo um pouco de dificuldade para localizá-lo.

— Ele era um garoto meio estranho. — Tim baixa um pouco a voz. — Alguns jogadores de futebol que você talvez conheça espancaram-no o suficiente para colocá-lo no hospital uma vez.

E de repente, tudo faz sentido. Por que Hunt odeia tanto Shane. Por que ele assumiu como missão torturá-lo.

Aquele idiota mentiu para mim. E vou garantir que ele saiba que eu sei o que ele está fazendo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

ONZE ANOS ATRÁS

Kayla está morta.

É óbvio – eu sei disso imediatamente. Eu sei disso antes de Tim sentir o pulso dela com a mão trêmula, o bastão agarrado na outra mão. Eu sei disso antes de Chelsea cair no chão, ajoelhada com o rosto a centímetros do chão. Sinto vontade de fazer a mesma coisa.

Fiquem juntos. Você tem que se controlar, Brooke.

Tim se afasta do corpo de Kayla. Ele parece ainda mais abalado do que quando encontramos Brandon. Afinal, ele estava beijando essa garota apenas algumas horas antes. Isso deve ser um choque.

E isso é diferente. Quando Brandon foi encontrado morto fora da casa da fazenda, parecia possível que algum psicopata aleatório estivesse vagando e talvez Brandon tenha brigado com ele porque é isso que Brandon faz. Mas isso é diferente. Kayla estava *dentro de casa*. O que significa que quem fez isto com ela estava dentro de casa.

E provavelmente ainda estão aqui.

— Você! — Shane está apontando o dedo para Tim. — Você fez isso.

— Eu? — Tim bate no peito. — Você está louco?

— Você estava sozinho aqui enquanto as meninas estavam nos fundos e eu estava procurando um sinal. — A voz de Shane está rouca. — Você foi o único que teve a chance de fazer isso. Foi você.

Ele faz uma excelente observação. Tim é o único que teve a oportunidade. Mas não poderia ter sido ele. Não Tim. Nunca. Prefiro acreditar que eu mesma matei Kayla.

— Por que eu faria isso? — Tim atira de volta.

— Não sei. Porque você é louco? — Shane diz. — Talvez ela tenha rejeitado você e você tenha ficado com raiva.

— Isto é ridículo! — Os olhos de Tim se arregalam. — Você ficou sozinho lá fora durante todo esse tempo. Talvez tenha sido você quem fez isso! Você entrou pela janela e a esfaqueou enquanto estávamos todos lá embaixo.

— Vamos, este é o segundo andar. Quem eu sou – Homem-Aranha?

Outro excelente ponto.

Tim dá um passo em direção a Shane, levantando o taco no ar. — Eu não sei como diabos você fez isso. Talvez você tivesse uma escada – não sei. Mas não fui eu, e não foi Chelsea ou Brooke. Então tem que ter sido você.

— Cuidado, Reese. — Há um tom ameaçador na voz de Shane. — É melhor você não está pensando em balançar essa coisa para mim.

— Eu irei se você me der uma razão para isso.

Meu coração está martelando no peito. Olho novamente para Chelsea, que se levantou novamente. Trocamos olhares na escuridão. Não sei o que está para acontecer, mas é algo ruim. Tento descobrir o que poderia dizer para consertar isso, mas foi longe demais.

— Brooke. — A voz de Tim invade meus pensamentos. — Você acredita em mim, não é? Eu não machucaria ninguém. Shane... Ele deve ter feito isso.

Shane gira a cabeça em minha direção. — Brooke, você não pode pensar seriamente que eu mataria alguém. Tim era quem estava na casa!

Abro a boca, embora não tenha certeza do que vou dizer. Mas antes que eu diga a coisa errada, uma mão agarra meu braço. É Chelsea.

— Vocês dois podem ir para o inferno! — ela cospe neles. — Vamos, Brooke.

Permito que Chelsea me arraste para fora do quarto enquanto Shane e Tim nos encaram. Ela me puxa para o quarto de Shane e bate a

porta atrás de nós. Ela apoia seu peso contra ele por um momento, respirando com dificuldade.

— Não sei quem a matou. — Ela está piscando para conter as lágrimas. — Mas foi definitivamente um deles. Temos que ficar aqui até que alguém venha nos buscar. Ajude-me a bloquear a porta.

Olho para a porta, sem saber qual deveria ser meu próximo passo. Ela está certa. Somos as únicas pessoas aqui, o que significa que Tim ou Shane devem ter matado Kayla. O que significa que a única maneira de estarmos seguras é ficarmos longe deles.

Mas isso também significa que um deles não é o assassino. E efetivamente deixamos essa pessoa sozinha com um assassino.

— Chelsea — eu digo.

— Brooke! — Sua voz está estrangulada. — Você quer viver a noite toda ou não?

Eu quero viver a noite toda. Claro que eu quero. Mas Kayla também, e ela também se trancou em um quarto. E agora ela está morta.

Mesmo assim, continuo com o plano, para agradar Chelsea. A estante de Shane é pesada demais para ser movida, então construímos uma parede de livros na frente da porta. Na verdade, não estou convencida de que os meninos não conseguiriam superar isso facilmente, mas é melhor do que nada.

Uma mão bate na porta. — Brooke? Chelsea?

É a voz de Shane.

— Vá embora! — Chelsea grita. — Não vamos sair até de manhã!

Não tenho certeza sobre a validade deste plano. Nossos telefones estão lá embaixo, então se um dos garotos quiser nos matar, eles ainda poderão fazer isso pela manhã, assim que sairmos do quarto.

— Vamos, isso é uma loucura! — Shane grita através da porta. — Apenas saia. Estaremos mais seguros se ficarmos juntos.

— Nós não vamos sair, Shane. — Chelsea cruza os braços sobre o peito. — Você está desperdiçando seu fôlego.

Embora haja uma parte de mim que pensa que ele está certo. Poderemos estar mais seguros se nós quatro ficarmos juntos. Afinal, o assassino não pode pegar todos nós. A única esperança deles é nos derrubar um por um.

— Brooke? — É a voz de Tim desta vez. — Você está bem?

Eu toco meus dedos na porta. — Sim, estou bem.

Ele fica quieto por um momento. — Eu acho que você deveria ficar aí. Vocês duas.

Há algo na maneira como ele diz isso — um tremor em sua voz — que me faz recuar da porta, com as mãos tremendo. Tim está certo. Precisamos ficar neste quarto o resto da noite.

É a nossa única chance.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

DIAS DE HOJE

Marcus Hunt me cumprimenta no trabalho pela manhã com uma xícara de café.

Tornou-se uma rotina para nós. Antes de Hunt me trazer meu primeiro paciente, ele passa pela sala de exame com uma xícara de café quente para mim. Não é nada de especial. É apenas um café da cafeteira na sala de descanso dos guardas. Mas é gentil da parte dele, e uma xícara de café quente é sempre apreciada logo pela manhã.

Minha mãe diria que os meninos não fazem nada de bom por você se não esperarem algo em troca. Claro, ela não está mais por perto para me dar sermões, mas ela pode ter razão neste caso. Eu estava pensando em uma maneira de mencionar de improviso que tenho namorado.

Mas hoje estou muito chateada para ser educada e poupar seus sentimentos.

— Aqui está seu creme e açúcar. — Hunt segura meu café com a mão esquerda e alguns pacotes de creme e açúcar com a direita. — Eu sei que você gosta de adicionar o seu próprio.

Eu limpo minha garganta. — Posso falar com você um momento? *Sozinhos.*

Os olhos de Hunt se iluminam. — Claro, Brooke.

Ótimo. Ele acha que vou ficar com ele.

Entramos na sala de exames e fechei a porta atrás de nós. Uma voz no fundo da minha cabeça me diz que talvez não seja a melhor ideia ficar sozinha com esse cara, especialmente quando estou prestes a confrontá-lo, mas não posso ter essa conversa com ele no corredor. Infelizmente, isso definitivamente encoraja a ideia de que estou apaixonada por ele.

— Marcus — eu digo em voz baixa. — Por que você não me contou que estava na minha turma no ensino médio?

Ele congela, com a boca aberta, mas nenhuma palavra sai.

— Não diga que você não estava — eu digo. — Eu estava olhando o anuário e vi sua foto. Você estava na minha aula. Você devia saber quem eu era quando me conheceu. — Ele começa a dizer alguma coisa e eu acrescento: — Não minta.

— Tudo bem. — Seus ombros caem. — Sim, eu te conheci imediatamente. Quero dizer, é muito difícil esquecer a garota que quase foi assassinada pelo namorado durante o último ano.

— Você também nunca mencionou que Shane e seus amigos bateram em você. — Cruzei os braços sobre o peito. — Que eles colocaram você no hospital. E você guarda rancor dele há anos e agora o está fazendo pagar pelo que fez com você.

— Isso — diz ele — é um exagero.

— É? Diga-me que ele fez alguma coisa aqui na prisão para justificar a maneira como você o trata.

Uma expressão sombria passa pelo rosto de Hunt. — Ele não precisa fazer nada aqui. Eu já sei que tipo de pessoa ele é. Ele é o tipo de cara que me chutaria nas costelas enquanto ria disso. — Sua mão se fecha em punho. — Você também sabe como ele é, Brooke. Não sei por que você o está defendendo.

Ele faz uma excelente observação. Eu deveria odiar Shane. Eu ficaria feliz em vê-lo trancado aqui, com as mãos e os tornozelos algemados. Eu deveria querer vê-lo sofrer depois do que ele me fez passar.

Mas desde que o vi deitado naquela cama de enfermaria, todos os sentimentos de raiva que sentia por ele parecem ter evaporado. Talvez seja porque ele é o pai do meu filho. Ou talvez haja outro motivo.

Quando testemunhei contra Shane, tive certeza de que era ele quem apertava aquele colar em volta do meu pescoço, tentando me matar. Mas quanto mais penso nisso, menos certeza sinto. Aconteceu algo naquela noite que falta. Um pequeno detalhe que me escapou.

Estou certa disso.

Hunt se aproxima de mim – perto demais. — Eu poderia fazê-lo realmente pagar pelo que tentou fazer com você. Ninguém de fora dá a mínima para ele. Farei tudo o que você me disser para fazer. Eu poderia deixá-lo isolado por semanas ou meses. Eu poderia espancá-lo tanto que ele não conseguiria mais andar. Basta você dizer a palavra. — Ele pisca para mim. — Nelson acha que eu o estou torturando, mas ele não tem ideia.

Meu peito aperta. — Eu não quero que você faça isso.

— Que parte?

— *Nada disso.* — Engulo um nó duro na garganta. — Eu... eu quero que você deixe Shane em paz.

— Com licença?

— Você precisa parar. — Levanto a voz, tentando parecer mais confiante do que sinto. — Você precisa tratá-lo como um ser humano. *Agora.*

Ele inclina a cabeça para o lado. — Eu não acho que você esteja em posição de fazer exigências. Foi você quem aceitou um emprego onde um de seus pacientes é um homem que tentou matá-la. O que você acha que Dorothy diria se soubesse disso?

Uau, mais um excelente ponto. Esse cara está em alta.

— Na verdade — diz ele — se você quiser manter este emprego, talvez devesse pensar em reservar algum tempo para tomar aquela bebida comigo depois do trabalho.

Eu levanto meu queixo. — Na verdade, eu tenho namorado.

— Você quer dizer Tim Reese? — Hunt ri da expressão chocada em meu rosto. — Qual é, o cara está na sua casa todas as noites. Você não precisa ser Sherlock Holmes.

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. De repente, sinto muito por ter iniciado esta conversa. E ainda mais triste por estarmos

sozinhos nesta sala. — Você está me espionando?

Ele dá de ombros. — Passei pela sua casa algumas vezes. Reconheci Tim do ensino médio. Uma escolha chata, mas segura. Além disso... — Ele mostra seus dentes levemente amarelados para mim. — Acho interessante que você tenha um filho na quinta série. Você é meio jovem para ter um filho tão velho, não é? Afinal, com quem você estava namorando há dez anos?

Oh não. Não, não, não...

— Aposto que Nelson ficaria *muito* interessado em ouvir sobre isso — ele reflete. — Eu meio que gostaria de ver a expressão no rosto dele, sabe?

— Por favor, não conte a ele — eu suspiro. — Por favor.

Hunt me dá um sorriso que me faz querer dar um soco no nariz dele. — Não se preocupe, Brooke — diz ele. — Seus segredos estão seguros comigo. Mas é melhor você ser um pouco mais gentil comigo. Para começar, de agora em diante, *você* pode trazer café para *mim* todas as manhãs.

— Tudo bem — eu respondo.

Ele me lança um longo olhar e eu me preparo para mais exigências. Mas elas não vêm. Ele apenas balança a cabeça para mim.

— Que desperdício, Brooke — ele murmura. — Tudo por aquele canalha.

Com essas palavras, ele abre a porta da sala de exame e sai furioso.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Meu objetivo diário é fazer o oficial correcional Steve Benton sorrir.

O oficial Benton é minha primeira parada todos os dias quando entro na penitenciária. Não posso dizer que ainda não sinto um pouco de medo quando passo pelo pátio da prisão com as torres de guarda cercadas. Nunca vi nenhum dos guardas lá em cima com seus rifles, mas sei que eles estão lá em cima. Pronto para atirar se for necessário.

Mas quando entro, é a mesma velha rotina. Passo pela área de espera, e Jan, da recepção, já conhece meu rosto, então ela imediatamente aperta a campainha para abrir as barras de metal e acena para que eu entre – eu quase nem pulo mais com o som. E a minha próxima parada é o check-in de segurança com o agente Benton.

— Bom dia! — Eu gorjeio enquanto coloco minha bolsa na mesa na frente dele para passar pelo detector de metais. — Como você está?

Benton grunhe. — Bem. Você?

— Ah, o de sempre. — Passo pelo detector de metais, prendendo a respiração como sempre faço. Não faz sentido, mas faço isso automaticamente. — Eu visitei o Sr. Barrett ontem, você sabe, o cara que era professor de inglês lá fora? Ele é um namorador.

Ele olha para cima com leve interesse. — Oh, sim?

Eu concordo. — Ele me disse que queria se casar comigo quando sair daqui.

— Ele disse?

— Sim, mas infelizmente não se pode terminar uma frase com uma proposta.

É uma piada tão cafona. É verdade em algum nível – Sr. Barrett era professor de inglês e flertava comigo descaradamente. Mas a piada brega do pai foi inteiramente para o benefício de Barrett – e vale a pena quando seus lábios se contraem um pouco. Um quase sorriso. Vou

contar isso como uma vitória e dou um salto extra no passo enquanto caminho pelo corredor até a sala/escritório de exames.

Até que encontro Dorothy me esperando do lado de fora da sala, com os braços musculosos cruzados sobre o peito.

Ótimo. E agora?

— Brooke — ela diz bruscamente. — Eu preciso falar com você.

— A respeito? — Olho para o meu relógio. — Tenho pacientes para ver em breve.

— Prefiro não falar aqui. Vamos para o meu escritório.

Ela aponta o dedo para mim e eu a sigo sem palavras até seu escritório. Poderíamos ter conversado na sala de exames, onde eu teria alguma influência. Em vez disso, Dorothy senta-se à sua mesa enquanto eu sento na pequena cadeira em frente à mesa dela, sentindo-me como uma criança sendo disciplinada pelo diretor. Eu vasculho meu cérebro para pensar no que eu poderia ter feito para aborrecê-la. Realmente, pode ser qualquer coisa. Não é preciso muito para irritar Dorothy: tenho feito o possível para ficar fora do caminho dela.

Dorothy se acomoda em sua cadeira ergonômica de couro, com os olhos fixos em mim. — Recebemos uma entrega esta manhã. Um colchão de alívio de pressão.

Apesar de tudo, sinto uma onda de felicidade. Já se passaram semanas desde que preenchi os formulários que o policial Hunt me deu e depois de alguns telefonemas frustrantes, comecei a perder as esperanças. — Chegou o colchão do Sr. Carpenter?

— Brooke. — Seus lábios formaram uma linha reta. — Eu já disse que não temos recursos para fornecer a cada paciente um colchão macio especial e personalizado. Você vai levar a prisão à falência.

— Sr. Carpenter não é todo paciente. Ele é paraplégico e tem um ferimento de pressão que não cicatriza no sacro. Este é um tratamento médico.

— Um colchão confortável *não* é um tratamento médico.

Quando comecei a trabalhar na prisão, pensei que Dorothy me parecia familiar. De repente, percebo quem ela me lembra: minha *mãe*. Enquanto olho através da mesa de Dorothy para seu rosto quadrado com o queixo bronzeado levemente inclinado para cima, não consigo deixar de lembrar como minha mãe costumava mandar em mim. Ela sempre acreditou que sabia mais do que eu e não suportaria se eu discordasse dela — fosse o jeito dela ou de outra forma.

Você não pode estar pensando em ficar com o bebê daquele monstro, Brooke. Eu não vou permitir isso.

Mas eu fiquei com meu bebê. Eu não deixei ela me pressionar naquela época. E não vou mais deixar Dorothy me pressionar. Estou farta de ser uma vítima.

— É um colchão de alívio de pressão. — Eu olho para ela, sem piscar. — Sem esse colchão, ele com certeza vai acabar no hospital e talvez precisar de uma cirurgia para reparar isto.

Dorothy bufa. — Por favor, não seja tão dramática. Quanto tempo faz que você se formou na faculdade? Cinco minutos? Quando você é enfermeira há tanto tempo quanto eu, você sabe o que os pacientes precisam e o que eles simplesmente *querem*.

Mal posso acreditar no que estou ouvindo. Minha mão direita se fecha em punho e tenho que enfiá-la entre os joelhos. Honestamente, estou chocada que um dos homens ainda não tenha atacado Dorothy. Talvez eles tenham. Se isso aconteceu, eu adoraria ter visto.

— Escute, Dorothy — eu digo. — Posso não ser tão experiente como você, mas sei o suficiente para saber que o Sr. Carpenter tem uma úlcera de pressão grave e que só vai piorar se não a tratarmos adequadamente. Encomendei-lhe a cama e, se você impedir que ele a consiga, vou ligar para o jornal local e informá-los sobre como os presos da prisão estão sendo privados de cuidados médicos adequados.

A boca de Dorothy se abre. — Você está me *ameaçando*?

— Absolutamente não — eu digo. — Estou simplesmente defendendo que meus pacientes recebam cuidados adequados. Se você

não estiver na mesma página que eu, talvez possa explicar o porquê à mídia local.

— Brooke...

— Além disso — acrescento — você precisa manter lidocaína em estoque na farmácia. Não vou costurar mais ninguém sem anestesia. É desumano. Da próxima vez que não houver lidocaína, vou mandar o preso para o pronto-socorro e você arcará com o custo do transporte.

Agora é Dorothy quem parece querer me bater. Posso ver seu queixo se mexendo enquanto ela debate se vale a pena brigar comigo sobre isso ou não. Ela não gosta da ideia de uma enfermeira de vinte e poucos anos empurrando-a. Mas ela tem que perceber que estou certa. Ela nunca poderia justificar seu comportamento para o jornal, ou pior, em um tribunal se as coisas piorassem para Malcolm Carpenter.

— O colchão já está aqui — ela finalmente diz. — Suponho que está tudo bem para ele mantê-lo. *Desta vez.*

Ela está tentando salvar a aparência. Ela não quer admitir que ganhei esta discussão, e vou deixar que ela ganhe isso. Mas vou defender meus pacientes. Eles são seres humanos e merecem ser tratados dessa forma, apesar do que Dorothy possa pensar.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Hoje é meu aniversário.

Comparado com o ano passado, tenho muito mais para comemorar este ano. No ano passado, eu morava em um apartamento de um quarto onde meu filho dormia em uma cama na sala, e o proprietário tinha acabado de aumentar o aluguel em duzentos dólares por mês. Eu não tinha um encontro há dois anos. Josh voltava para casa chorando todos os dias por causa dos valentões da escola. Eu tinha uma babá que não aparecia metade do tempo e ficava me atrasando para meus turnos de atendimento de urgência. E embora meus pais estivessem vivos, não nos falávamos há anos.

Este ano, Josh está feliz na escola. Temos uma casa grande para morar e cada um de nós tem seu próprio quarto. E, claro, tem o Tim, com quem estou namorando há apenas um mês, mas estou começando a achar que estou realmente me apaixonando por ele.

Passo muito tempo me preparando esta noite. Tim vai me levar para jantar, só nós dois. Eu estava planejando incluir Josh, mas quando mencionei isso para Margie, ela pareceu horrorizada. *Você precisa ter uma noite adulta*, ela insistiu. É por isso que ela virá cuidar de Josh para que Tim possa me levar a um bom restaurante.

Quando me olho no espelho de corpo inteiro do meu quarto, fico satisfeita com o que vejo. Estou usando um vestidinho preto que faz meus seios parecerem grandes, combinado com saltos altos pretos, e meu cabelo escuro está solto e sedoso em volta dos ombros. E quando desço e Josh me vê, seus olhos se transformam em pires.

— Mãe — ele diz — você está linda.

Ele quis dizer isso como um elogio, mas o fato de ele parecer tão chocado quando diz isso me faz pensar como ele pensa que eu estou no resto do tempo.

— Obrigada — eu digo.

Ele larga seu Nintendo e olha para mim com expectativa. — Vamos sair para jantar?

Me sento ao lado de Josh no sofá, puxando a barra do meu vestido. — Na verdade, Margie está vindo. Só Tim e eu vamos sair hoje à noite.

— Oh. — Ele parece confuso. — Então Tim é seu namorado?

Eu sabia que essa pergunta viria eventualmente. Tim e eu temos tomado cuidado sobre como agimos um com o outro quando Josh está por perto, para que ele não perceba que somos um casal. Tim passou a noite algumas vezes e colocou o alarme no telefone para as seis da manhã para poder sair de casa antes que Josh acordasse. Mas era inevitável que Josh descobrisse. E devo-lhe a verdade.

— Sim, ele é — eu digo. — Você está bem com isso?

Josh hesita, pensando a respeito. — Sim, tudo bem. Tim é legal.

— Estou feliz que você pense assim.

— Além disso, ele é o vice-diretor da escola, então eu poderia me safar se ele fosse seu namorado.

Eu comecei a rir. Josh é o aluno mais bem comportado de todos os tempos, e duvido que haja algo pior que ele faria na escola do que, não sei, ler um livro debaixo da mesa durante a hora do cinema na escola.

Ao contrário de seu pai.

A campainha toca e corro para atender. Havia cinquenta por cento de chance de ser Margie, mas estou feliz em ver Tim parado na porta. Ele está vestindo uma jaqueta cinza escura sobre uma camisa azul e gravata. Ele parece dolorosamente bonito, e tudo que posso fazer é olhar para ele. Mal percebo que ele está olhando para mim do mesmo jeito, até que ele solta um assobio baixo.

— Droga — ele diz. — Você vai me causar um ataque cardíaco, Brooke.

Ele se inclina para me beijar, mas antes que possa, ouvimos os passos de Josh correndo em nossa direção. Ele se afasta no momento

em que Josh entra no saguão. Josh aponta o dedo para Tim.

— Você é o namorado da minha mãe — ele anuncia.

Tim olha para mim com as sobrancelhas levantadas e eu aceno. — Ele perguntou — eu explico. Então acrescento: — Ele acha você legal

— Uau, Josh, estou honrado. — Ele coloca a palma da mão no peito. — Essa pode ser a primeira vez que alguém me chama de legal em toda a minha vida.

Josh ri. Tim se aproxima e pega minha mão na sua. Não sei se queremos ser super carinhosos na frente do Josh, mas acho que não há problema em ficar de mãos dadas.

— Então — diz Tim — tenho seu presente de aniversário no bolso. Você quer agora ou mais tarde?

Eu pisco para ele. — Gratificação imediata, por favor.

— Algumas coisas nunca mudam.

Josh não parece interessado em um presente que não seja para ele, então ele volta a jogar Nintendo enquanto Tim e eu vamos para a mesa da cozinha. Sento-me ao lado dele e ele enfia a mão no bolso da jaqueta para tirar uma caixa retangular azul que claramente contém joias.

— Espero que você não tenha gastado muito — deixo escapar. Talvez eu não devesse ter dito isso, mas Tim não pode estar ganhando dinheiro na escola primária. Não quero que ele gaste muito dinheiro comigo.

— Vale a pena. — Ele coloca a mão em cima da minha enquanto olha nos meus olhos. — Mas não, não gastei uma fortuna. É algo especial – acho que você realmente vai gostar.

— Eu sei que vou.

Tim costumava ser muito atencioso quando se tratava de presentes. Tenho certeza de que tudo o que ele me der será maravilhoso. Arranco delicadamente a tampa da caixa – um colar de

ouro está aninhado dentro, apoiado em um pequeno quadrado de algodão. Pego o colar, segurando-o até ver o pingente pendurado na corrente de ouro.

É um floco de neve.

Deixo cair o colar como se fosse feito de ácido. Acho que vou ficar doente. É o mesmo tipo de colar de floco de neve que eu usava anos atrás. O mesmo tipo de colar de floco de neve com o qual Shane tentou me estrangular uma década antes.

Eu pulo da mesa tão rapidamente que a cadeira balança nas pernas. Sinto um aperto na garganta. Esse colar. Parece muito com o que eu costumava usar.

Tim pula da cadeira. — Brooke? O que está errado?

— Por que você me comprou isso? — Eu grito.

— Eu... eu não entendo. — Ele franze a testa. — É o mesmo tipo de colar que comprei para você no seu décimo aniversário. Eu não vi você usá-lo, então imaginei que você o perdeu. Eu vi este na loja da cidade no mês passado, então eu...

— Shane tentou me estrangular com aquele colar!

Tim parece perplexo. — Ele fez? Achei que ele tentou fazer isso com as mãos... com as mãos...

Minha respiração está acelerada. Muito rápido. — Não, ele usou meu colar. *Esse* colar!

— Sinto muito, Brooke. Eu não percebi...

Ele estende a mão para colocar o braço em volta de mim, mas eu me afasto. Em vez disso, corro em direção ao banheiro e, antes que ele possa me alcançar, bato a porta. E tranco-a. Preciso de um momento para me recompor.

Quando estou sozinha no banheiro, me olho no espelho da penteadeira. Eu me maquiei para o nosso encontro hoje à noite, mas você não saberia disso olhando para mim agora. Meu rosto está mais ou

menos da mesma cor de uma folha de papel, e os círculos roxos sob meus olhos estão mais visíveis do que nunca.

Como Tim pôde esquecer aquele colar? Testemunhei durante o julgamento de Shane sobre como ele tentou me estrangular com isso. Tim estava sentado bem na plateia. Lembro porque sempre que eu ficava nervosa durante o meu depoimento, ele olhava para mim e eu me sentia menos sozinha. Afinal, ele também estava lá naquela noite.

Como ele poderia esquecer que o colar de floco de neve quase me matou?

Fique longe de Tim Reese. Ele é perigoso.

Ok, preciso me acalmar. Tim ouviu meu testemunho, mas não é como se ele tivesse tido pesadelos envolvendo um colar de floco de neve durante a última década. É compreensível que ele tenha esquecido esse pequeno detalhe. Certamente faz mais sentido do que a alternativa de ele me comprar aquele colar intencionalmente para me assustar.

— Brooke? — Tim bate suavemente na porta do banheiro. — Você está bem?

Respiro fundo e depois solto o ar lentamente. Não posso passar o resto da noite neste banheiro. Eu preciso sair.

Abro a porta do banheiro. Tim está parado na minha frente e parece arrasado — quase tão mal quanto eu.

— Sinto muito, Brooke — diz ele. — Eu sou um idiota. Eu esqueci completamente.

— Está tudo bem — eu digo, mesmo que não esteja realmente.

— Vou comprar um presente diferente para você — ele promete. — Algo muito melhor.

Ele estende os braços e eu relutantemente permito que ele os coloque em volta de mim. Depois de alguns segundos, eu derreto contra seu peito.

— Espero não ter estragado a noite — ele murmura.

— Você não fez isso.

Não posso deixar isso me incomodar. Ele estava apenas tentando ser sentimental e me dar um presente que achava que eu adoraria. Ele não tinha ideia de que eu reagiria daquela maneira. Preciso tirar isso da cabeça e aproveitar a noite.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ONZE ANOS ATRÁS

Não começamos a respirar com mais facilidade até que os passos de Tim e Shane desaparecem escada abaixo. Parece que são dois conjuntos de passos. O que significa que ambos ainda estão vivos.

— Precisamos encontrar uma arma. — Chelsea vasculha cegamente a gaveta da mesa de Shane. Não posso deixar de pensar no bastão que Tim tem usado como arma. — Porque, eventualmente, teremos que sair deste quarto.

Eu me jogo na cama onde Shane tirou minha virgindade mais cedo. Isso foi há apenas algumas horas? Parece outra vida. Quando toco meus lábios com os dedos, ainda posso sentir o gosto dele. Ainda posso sentir o cheiro do sândalo de sua loção pós-barba.

Eu deveria ajudar Chelsea a procurar uma arma. Ela está certa – não deveríamos apenas ficar sentadas aqui, girando os polegares. Mas não posso evitar. Meus pensamentos não param de correr.

— Você realmente acha que um deles poderia ser um assassino? — Eu deixo escapar.

Chelsea faz uma pausa em sua busca. Ela se endireita. — Ah, Brooke...

Ela se acomoda ao meu lado na cama e joga o braço em volta dos meus ombros. E pela primeira vez esta noite, comecei a chorar. Tudo me atinge de uma vez. Brandon está morto. Kayla está morta. E um dos dois garotos com quem mais me importo no mundo é o responsável.

E eu nem sei qual.

— Eles não poderiam ter feito isso — eu fungo. — Nenhum deles. Não é possível. — Eu levanto meus olhos. — Certo?

— Oh, Brooke... — Ela aperta meus ombros, me puxando para perto de sua camisa úmida e manchada de sangue. — Eu sei que Shane

é seu namorado, e você e Tim se conhecem há muito tempo, mas veja o que aconteceu. Não há mais ninguém aqui. Deve ter sido um deles.

Esfrego meu nariz escorrendo. — Quem... quem você pensa que é?

Ela faz uma pausa. — Não sei.

— Sim, você sabe. Você simplesmente não quer dizer.

Chelsea solta um longo suspiro. — Tudo bem. Foi Tim.

Eu levanto meus olhos surpresa. Não foi isso que pensei que ela iria dizer. — Tim? Mas...

— Faz mais sentido, Brooke. — Ela coloca uma mecha de cabelo molhado atrás da orelha. — Shane está certo – Tim é o único que teve a oportunidade de ir lá e fazer isso. E foi ele quem ficou abraçado com Kayla a noite toda. Shane mal a conhecia.

— Mas...

Mas não pode ser Tim. Não é meu primeiro melhor amigo. O meu primeiro beijo. O cara que conheci toda a minha vida, que faria qualquer coisa por mim. Toco o colar de floco de neve, lembrando-me de como ele pareceu satisfeito quando abri a caixa.

— E ele namorou Tracy Gifford — ela me lembra. — O que há com isso? Ele teve vários encontros com uma garota que foi assassinada e acha que não precisa contar isso a ninguém? Isso é muito suspeito, Brooke.

— Eu sei, mas...

— Além disso, ele está *frustrado* — acrescenta Chelsea. — Porque você está namorando Shane e, claro, ele quer você para si.

Eu giro minha cabeça para olhar para ela. — O que você está falando?

Ela solta um suspiro dramático que dura vários segundos. — Vamos, Brooke. Você deve perceber que Tim está perdidamente apaixonado por você.

Eu bufo. — Não, ele não está. Nós somos *amigos*.

— Certo. Você pensa nele como um amigo e ele está apaixonado por você. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Eu pensei com certeza que você sabia. Você realmente não vê isso?

Pego o pingente do meu colar novamente, meus dedos tremendo levemente. Chelsea está certa? Sempre pensei que Tim e eu estávamos na mesma página sobre nosso relacionamento. Quero dizer, sim, ele costumava falar sobre nos casarmos quando éramos pequenos. Mas éramos *crianças*.

E sim, nós nos beijamos daquela vez. Mas foi apenas uma vez, embora tenha durado vinte minutos. E estávamos *praticando*. Não era como se isso significasse alguma coisa...

Oh Deus.

Ela está certa.

Tim está apaixonado por mim.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

DIAS DE HOJE

— Tudo bem — diz Tim — vou precisar que você avalie este aniversário em comparação com todos os outros aniversários que você teve na vida.

Tim e eu estamos no carro voltando do restaurante. Depois do meu surto por causa do colar de floco de neve, acabamos nos divertindo muito. Foi bom só nós dois. Poderíamos ser tão afetuosos quanto quiséssemos, sem nos preocupar em assustar Josh. E Tim é muito carinhoso. Principalmente depois de uma taça de vinho.

— Avaliar em uma escala de um a dez? — Eu pergunto. É difícil quebrar meu hábito da faculdade de enfermagem de avaliar tudo na escala visual analógica de dor.

— Não. — Ele sorri para mim quando paramos em um sinal vermelho. — Quero dizer, como isso se classifica em comparação com seus outros aniversários? Tipo, estamos falando dos cinco primeiros...?

— Os dez primeiros — eu digo.

— Dez primeiros! — Ele parece ofendido. — Eu disse que você deveria ter comprado a lagosta. Isso definitivamente o colocaria entre os cinco primeiros.

Eu ri. — Pare com isso, o frango estava ótimo.

— Eu simplesmente sinto que... — Ele descansa a mão direita suavemente no meu joelho enquanto começa a dirigir novamente. — Quero dizer, você não se lembra dos seus primeiros, tipo, cinco aniversários. Então, realmente, os dez primeiros não são tão bons.

— É muito bom.

— Bem, talvez eu possa fazer outra coisa por você esta noite que possa colocá-lo entre os cinco primeiros...

— Talvez você possa...

Embora o verdadeiro motivo desta noite não poder ficar entre os cinco primeiros não tem nada a ver com o jantar desta noite, que foi delicioso, ou com o que ele fará no quarto esta noite, que tenho certeza que será incrível como sempre. No segundo em que ele me presenteou com aquele colar de floco de neve, a noite estava arruinada. Por mais que eu tentasse não pensar nisso, não conseguia tirar isso completamente da cabeça.

— Além disso — acrescenta ele — tenho boas notícias.

— O que é?

— Consegui uma ótima pista sobre um novo trabalho para você.
— Ele aperta meu joelho. — Tenho um amigo que trabalha em um consultório de atenção primária a cerca de quinze minutos daqui e ele disse que está procurando uma enfermeira. Eles estão desesperados, na verdade. Eles querem conhecer você o mais rápido possível.

— Ah — eu digo.

— Isso não é ótimo? Parece perfeito para você. E então você não teria mais que trabalhar naquela prisão.

— Sim, mas... — Puxo a bainha do meu vestido preto. — Tenho um contrato de um ano na prisão, então...

— Oh vamos lá. Eles não vão exigir isso de você. Basta avisá-los com um mês de antecedência.

— Não sei...

Tim se vira para olhar para mim em outro sinal vermelho. O branco de seus olhos brilha ligeiramente ao luar. — Você quer deixar esse emprego, certo? Você não quer continuar trabalhando em uma penitenciária masculina, quer?

Eu me contorço no meu lugar. — Não é tão ruim quanto você pensa. A maioria deles está muito feliz por receber cuidados médicos.

— E sem mencionar — Tim continua como se eu nem tivesse falado — o fato de Shane Nelson ser um prisioneiro lá. Não sei como

você poderia trabalhar lá sabendo que ele está por perto. E se você tivesse que tratá-lo?

Conversamos brevemente sobre o fato de eu estar trabalhando na mesma prisão onde Shane está encarcerado. Tim ficou pasmo, mas quando expliquei que era o único emprego que consegui encontrar, ele finalmente se acalmou. Mas eu tive que jurar para ele que nunca tratei de Shane.

Quer dizer, eu menti.

— Se eu tivesse que tratá-lo — digo — eu poderia fazer isso.

— Sério? Porque você deu uma olhada em um colar que te lembrava daquela noite e parecia que ia ter um ataque de pânico. E, meu Deus, e se ele descobrisse sobre Josh?

Eu franzo a testa. Tim está preocupado comigo trabalhando em uma prisão de segurança máxima, mas não é tão ruim quanto ele pensa. E talvez Shane também não seja tão ruim quanto pensa.

— E se... — eu limpo a garganta. — E se eu entendi errado? E se não foi Shane quem tentou me estrangular naquela noite?

A mão de Tim deixa abruptamente meu joelho. — *O que?*

Eu abraço meu peito. — Só estou dizendo que estava tão escuro no quarto. Eu não consegui ver nada. Eu nem sequer vi o rosto dele.

Tim pisa no freio, a centímetros de bater na traseira do carro à nossa frente. — Você só pode estar brincando comigo, Brooke.

— Eu apenas penso...

Ele desvia o carro para encostar no acostamento. Posso distinguir uma veia latejando em sua têmpora. — Talvez estivesse escuro demais para você vê-lo, mas eu o vi. Ele veio até mim com uma maldita faca e enterrou-a na minha barriga. Tudo o que pude fazer foi acertá-lo com aquele taco, mas o desgraçado não caiu. Ele olhou bem nos meus olhos, Brooke, e me disse que você seria a próxima. Confie em mim, foi ele.

A polícia encontrou Tim inconsciente e sangrando no chão da casa da fazenda com uma facada na barriga. No último mês, tive a oportunidade de ver a cicatriz deixada naquela noite. É uma linha de pele saliente de 2,5 centímetros a poucos centímetros do umbigo. Sempre pensei que seria maior.

— Estava muito escuro naquela noite — murmuro. — Isso é tudo que estou dizendo.

Tim se afasta de mim. Ele olha para o volante, os olhos vidrados. Depois de um segundo, ele coloca o carro de volta em movimento. Percorremos o resto da distância até minha casa em silêncio.

— Sinto muito — ele diz enquanto para na frente da minha casa. — Eu não deveria ter... olha, entendo por que você pode ter sentimentos confusos sobre Shane, dado...

— Certo — eu digo antes que ele possa completar esse pensamento.

— Mas você precisa saber que ele é um ser humano mau. Ele está *doente*. E se você o vir na prisão, você precisa se virar e correr para o outro lado.

Baixo os olhos. — Eu posso cuidar de mim mesma, Tim.

Ele não tem nada a dizer sobre isso. Desafivelo o cinto de segurança, mas ele ainda está quieto. Não me ofereço para deixá-lo entrar e ele não pergunta. Acho que este aniversário saiu oficialmente dos dez primeiros.

Quando volto para casa, está tudo silencioso, exceto pelo som da água correndo na cozinha. Margie provavelmente está limpando. Ela pode ser velha, mas nunca fica parada. Honestamente, eu gostaria de ter a energia dela.

Entro na cozinha a tempo de ver Margie esfregando uma panela e cantarolando sozinha. — Olá, Brooke! — ela gorjeia. — Josh está dormindo. Você se divertiu?

— Uh-huh.

— Ah, estou tão feliz! — Ela suspira. — Para falar a verdade, sinto falta de namorar. Eu amo meu Harvey, mas sinto falta dessa emoção. E Tim é tão bonito.

— Sim...

— Ele tem sobrancelhas lindas — acrescenta ela.

— Ele tem?

— Oh, sim. Você pode dizer muito sobre um homem pelas sobrancelhas. Sobrancelhas bonitas significam que ele é sábio.

— Interessante...

— Além disso — ela acrescenta — ele tem uma bela bunda.

Oh meu Deus. Embora ela esteja certa, Tim tem uma bunda bonita, mas estou meio envergonhada por Margie ter notado. — Ah, obrigada?

— E é um colar tão lindo que ele deu para você! Mas você deve colocá-lo em sua caixa de joias, onde estará seguro.

Meu estômago cai. Eu tinha abandonado o colar na mesa da cozinha e depois esqueci completamente dele. Bem, eu não esqueci tanto disso, mas esperava que desaparecesse no ar enquanto eu estivesse com Tim. Ou pelo menos ele saberia o suficiente para jogá-lo na lata de lixo, onde merecia estar.

Mas ele não o fez. Ele deixou lá para mim.

Margie pega seu casaco e sai para dormir. Só depois que ela vai embora é que me atrevo a me aproximar da caixa retangular azul deixada na mesa da cozinha. Parece que Tim ou Margie o colocaram de volta na caixa, então tudo que preciso fazer é jogá-lo no lixo.

Mas em vez disso, me pego abrindo a caixa.

Eu seguro o colar, deixando o pingente de floco de neve balançar para frente e para trás. É exatamente igual ao que eu costumava usar, aquele que Tim me comprou no meu décimo aniversário. É uma

corrente de ouro com um floco de neve dourado com diamantes brancos incrustados nos seis raios do floco de neve.

Olho mais de perto para o colar e percebo outra coisa que faz meu coração parar.

O segundo raio do floco de neve está faltando um diamante na borda. Exatamente como o que eu costumava usar.

Este colar é idêntico ao que usei no ensino médio. E tem exatamente o mesmo defeito no mesmo lugar daquele colar.

É possível que seja o mesmo colar?

Nunca descobri o que aconteceu com aquele colar. Depois que quebrou, nunca mais o vi. Eu presumi que a polícia guardava isso como prova, mas talvez não. Talvez outra pessoa tenha tido isso o tempo todo.

Tim afirmou que comprou na loja da cidade. Um *Flea market*²? De que loja ele está falando? Moro nesta cidade desde que era bebê e nunca ouvi falar de nenhum tipo de Flea market.

Ele estava mentindo?

Fique longe de Tim Reese. Ele é perigoso.

É possível que Shane estivesse contando a verdade sobre aquela noite? É possível que não tenha sido ele quem tentou me estrangular com aquele colar? Nunca consegui ver o rosto dele. A única pessoa que testemunhou com absoluta certeza que viu Shane com uma faca foi Tim. Embora meu testemunho tenha sido contundente, foi Tim quem colocou o último prego em seu caixão.

E se Tim estivesse mentindo sobre tudo?

Não, não posso pensar assim. Tim é meu namorado. Eu o conheço a vida toda. Ele é um cara legal. Ele não mentiria e com certeza não mataria ninguém. Eu sei disso melhor do que sei meu próprio nome.

Mas então como ele conseguiu esse colar?

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Tim e eu nos reconciliamos desde a noite do meu aniversário.

Ele apareceu na noite seguinte com um buquê de rosas e um par de lindos brincos. Nunca mais discutimos o colar, mas fiz uma coisa que ele pediu. Há alguns dias, marquei uma entrevista com aquele consultório de atenção primária. Ele estava certo: trabalhar numa prisão de segurança máxima não é exatamente o emprego dos meus sonhos e, pelo menos, a prática de cuidados primários está muito mais próxima.

Se eu largar meu emprego na prisão, nunca mais verei Shane. Será um alívio.

Principalmente.

Tim e eu estamos engajados no que se tornou nossa rotina noturna de lavar a louça juntos depois do jantar. Estamos juntos há cerca de dois meses e, desde que contamos a Josh sobre nosso relacionamento, Tim tem passado três ou quatro noites por semana aqui. Claro, ele mora no mesmo quarteirão, então ele não mudou muitas de suas coisas para cá, já que é fácil para ele ir e voltar para conseguir o que precisa.

— Estamos nos tornando como um velho casal? — Pergunto a ele enquanto coloco o último prato no corredor de pratos.

Tim ri. — Você se lembra de quando éramos crianças e sempre conversávamos sobre como seria a vida quando nos casássemos?

Geralmente era Tim quem falava assim, mas eu me lembro disso. — Sim, claro.

— Eu simplesmente presumi que terminaríamos juntos, sabe? Como se não houvesse mais ninguém no mundo com quem eu pudesse me casar.

— Eu sei. — Eu permito que ele me puxe para perto dele. — Quando você parou de pensar assim?

— Nunca.

Eu rio, mas Tim não está sorrindo. Ele está olhando nos meus olhos com uma expressão séria no rosto.

— Brooke — ele diz. — Eu só quero que você saiba que... eu te amo. Eu sempre amei você e tenho certeza de que sempre amarei você.

Mesmo sendo a primeira vez que ele diz isso, sua declaração de amor não é uma surpresa. Eu poderia dizer que ele estava ansioso para dizer isso para mim. E embora eu também sentisse isso, fiquei com medo de ouvi-lo dizer isso.

Porque o último homem que me disse que me amava tentou me matar.

Mas não há como deixá-lo esperando. É óbvio o quanto ele quer que eu responda. Tenho certeza de que ele fingiria que está tudo bem se eu não fizesse isso, mas por dentro isso o mataria.

— Eu também te amo — eu digo.

Ele me beija, e eu quero que seja esse momento maravilhoso quando dissermos um ao outro que nos amamos pela primeira vez, mas não consigo parar de pensar na última vez que disse essas palavras. *Eu te amo, Shane.*

Então, algumas horas depois, ele estava apertando aquele colar em volta da minha garganta.

Nosso beijo é interrompido pelo som de Josh gritando para a tela da TV. Eu disse a ele para subir e fazer a lição de casa, mas aparentemente ele decidiu jogar mais Nintendo. — Oh meu Deus — eu digo. — Esse garoto está com sérios problemas.

Saio para a sala bem a tempo de ver algo explodindo na tela da televisão. Eu cutuco Josh com força no ombro. — Vá para o seu quarto agora, amigo.

— Mas mãe...

— Josh, *agora*.

— Estou bem no meio deste nível!

— Ouça sua mãe — Tim diz severamente.

Eu amo o jeito que Tim é com Josh. Ele respeitosamente se submete a tudo, mas sempre me apoia se eu precisar. E Josh realmente o ama. Os dois são adoráveis quando estão fazendo algo juntos - Nintendo, beisebol, consertos domésticos.

Josh resmunga, mas desliga o jogo e joga o controle no sofá. Com o Nintendo desligado, a televisão passa a ser a cabo, que exibe o noticiário noturno. Josh sobe os degraus um por um, então a porta de seu quarto bate com força.

— Eu sou tão má? — Eu pergunto a Tim.

— De jeito nenhum — ele diz. — Eu dava aulas na quinta série quando comecei, e às vezes essas crianças precisam de um empurrão na direção certa. Mas ele é um bom garoto. Ele quer ter um bom desempenho na escola e ficará grato por você ter garantido que ele fizesse seu trabalho.

— Talvez...

Meus olhos vão direto para a tela da televisão, que exibe uma notícia local. É sobre uma mulher desaparecida. Kelli Underwood, que desapareceu há dois dias. Ela foi descoberta desaparecida quando não apareceu para trabalhar como garçõete.

Trabalho de garçõete?

Olho mais de perto para a televisão. Há uma fotografia da mulher desaparecida estampada na tela. E imediatamente, eu a reconheço.

É aquela garçõete do Shamrock. Aquela que eu conhecia do ensino médio. Aquela que encontrei no supermercado, que gritou comigo por testemunhar contra Shane e me disse para ficar longe de Tim.

Tim também está olhando para a tela da televisão. Seus olhos se arregalam ao mostrar a fotografia de Kelli. Seus dedos agarram a borda do sofá, os nós dos dedos ficando brancos.

— Não é a garçonete do Shamrock? — Eu digo o mais casualmente possível.

— Hum. — Ele desvia os olhos da tela da televisão. — É isso? Talvez. Faz muito tempo que não vou lá. Não desde que fomos juntos.

— Você não tem certeza? Você não disse que saiu com ela?

— Não — ele diz. — Quero dizer, por pouco. Tomamos uma bebida juntos quando ela terminou seu turno. É isso. Não foi nada.

— Eu vejo...

Tenho quase certeza de que ele me disse que eles tiveram dois encontros. E Kelli certamente parecia se lembrar disso quando me confrontou no supermercado. Mas ele não quer admitir isso.

Talvez porque esta não seja a primeira garota com quem ele saiu e que desapareceu de repente.

— Escute, Brooke... — Ele passa a mão ligeiramente trêmula pelo cabelo. — Acho que vou voltar para minha casa. Estou meio cansado e temos uma reunião amanhã cedo. Então, vou dormir na minha própria casa.

Eu presumi que depois que trocamos — eu te amo — pela primeira vez, faríamos amor apaixonadamente logo depois. Mas, em vez disso, Tim parece não conseguir sair daqui rápido o suficiente. E então, quando ele está descendo os degraus da minha varanda, ele tropeça e quase cai de cara no chão.

Mas não posso dizer que não estou totalmente desapontada por ele ter ido embora, porque agora posso pesquisar Kelli Underwood no Google.

Os detalhes são extremamente fáceis de encontrar. Kelli (com um — i — no final) é uma garçonete de 27 anos que também estava tendo aulas de história da arte na faculdade local. Ela morava sozinha em um pequeno apartamento no porão, e eles descobriram que ela estava desaparecida quando ela não apareceu para seu turno no Shamrock, há

duas noites. Uma história menciona que ela tem namorado, mas não diz se ele é suspeito.

Dois dias atrás... Tim estava aqui naquela noite? Não consigo me lembrar.

Felizmente, Kelli era extremamente ativa nas redes sociais. Ao contrário de mim, ela espalhou fotos suas por toda a Internet. Olho para trás, para seus vários feeds de mídia social, procurando por qualquer coisa que me chame a atenção. Por fim, localizo uma postagem do início do verão:

Fato: Diretores Assistentes são BONS BEIJADORES!!!!

A menos que haja algum outro diretor assistente com quem Kelli saiu, presumo que ela esteja se referindo a Tim. O que significa que ele saiu com ela durante o verão, e foi um encontro suficiente para que eles se beijassem no final. Ou durante. E aparentemente ela gostou.

Mas essa é a única menção que consigo encontrar sobre Tim. Ele próprio tem presença mínima nas redes sociais e ela não o marcou nem nada. Além daquele beijo, não posso provar que mais nada aconteceu entre eles.

Mas ele definitivamente saiu com ela. Ele estava mentindo quando minimizou o assunto.

Ainda assim, não posso culpá-lo inteiramente. Tenho certeza de que ele não está ansioso para falar sobre uma garçonete com quem saiu antes de ficarmos juntos. E depois do que aconteceu com aquela garota, Tracy Gifford, ele prefere não se associar a outra garota desaparecida.

Isso não significa que ele é responsável. Inferno, Kelli provavelmente simplesmente saiu para algum lugar sem contar a ninguém. Ela provavelmente está bem.

Estou certa disso.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

ONZE ANOS ATRÁS

Chelsea está vasculhando as gavetas da mesa de Shane há vinte minutos, mas sua busca por uma arma não está indo bem.

— Não há nada! — ela declara. — Ele nem tem uma tesoura!

Eu não sei o que dizer. Mesmo que Shane tivesse uma tesoura afiada em sua gaveta, não sei como me sentiria ao usá-la. Não creio que seja capaz de esfaquear alguém com uma tesoura.

— Que tal uma caneta? — ela me pergunta. — Há muitas delas.

Coloco os joelhos no peito, abraçando-os perto do meu corpo. — O que devemos fazer com uma caneta?

— Não sei. Cutucá-lo no olho?

Eu balanço minha cabeça. — Eu não acho que conseguiria cutucar alguém no olho com uma caneta. Você poderia?

Ela se endireita e se vira para olhar para mim. Está tão escuro no quarto que é difícil distinguir sua expressão. Eu só vejo ela de relance quando há um relâmpago. — Eu poderia se fosse necessário. Se fosse Tim ou eu.

Ela está falando sobre isso agora como se tudo estivesse decidido. Tim foi quem matou Brandon e Kayla. Mas ainda não consigo entender isso. Eu conheço Tim muito bem. Ele não poderia fazer algo assim. Ok, talvez eu não soubesse da paixão dele por mim, mas isso é diferente.

— Não acho que Tim os tenha matado — digo. — Eu não acredito.

Chelsea coloca as mãos nos quadris. — Você tem um sério ponto cego quando se trata de Tim. Ele não é um cara tão bom quanto você pensa que ele é.

— Sim, ele é.

— Confie em mim, ele não é.

Parece que ela tem algo específico em mente, mas tenho certeza de que é algo estúpido. — Olha, ele não é um assassino.

Ela solta um som exasperado. — Você não entende, Brooke? Tem que ser ele. Ele foi o único que teve a oportunidade. Ele estava sozinho na sala e poderia ter subido e matado ela. Ninguém mais teve a chance de fazer isso.

Eu mastigo meu lábio inferior. Meus lábios ficaram muito rachados nas últimas semanas, com a mudança do tempo. Lambê-los e mordê-los torna tudo pior, mas não consigo evitar.

— Na verdade — digo — outra pessoa teve uma chance.

— Quem? Shane estava lá fora. E ninguém mais está aqui. Quem mais teve uma chance?

— Você. — Tento distinguir suas feições no quarto escuro, mas tudo que consigo ver são seus olhos escuros com rímel vazando. — Você estava sozinha na sala quando Tim e eu estávamos na cozinha.

Seu queixo cai aberto. — *Desculpe-me?*

— Bem — eu digo pensativamente. — Faz sentido. Mais sentido do que Tim ou Shane matando aleatoriamente Brandon e Kayla. Quero dizer, Brandon estava te traindo. Bastante. E então Kayla estava acusando você de matá-lo. Parece lógico...

— Ah, isso é bom! — Chelsea parece estar tentando ser sarcástica, mas há um toque levemente histérico em sua voz. — Primeiro meu namorado é assassinado e tenho que encontrar seu cadáver. E agora você acha que eu o matei e, aparentemente, arrombei a porta de Kayla e a matei também?

— Não, não estou dizendo isso — digo com cuidado. — Só estou salientando que você teve uma oportunidade e um motivo.

Ela fica ali por um momento, sua silhueta completamente imóvel. — Se fui eu quem os matou, por que estou me preocupando em procurar uma arma? Se eu fiz isso, significa que tenho uma faca escondida em algum lugar, não é?

— Eu... acho que sim.

— Com certeza. — Ela balança a cabeça. — Quero dizer, você está seriamente maluca se pensa que sou capaz de matar duas pessoas.

Meu estômago se revira quando um pensamento me atinge. Tim estava procurando a faca enquanto Chelsea e eu estávamos em casa. Ele não encontrou, mas essa foi uma informação que ele me contou sozinho. Então, como ela poderia saber que o assassino tem uma faca escondida? A menos que...

— Acho que deveríamos descer. — Eu me esforço para ficar de pé. — Quero ter certeza de que os caras estão bem. E... acho que é melhor se estivermos todos juntos.

— Você está louca? Pelo que sabemos, Tim já esfaqueou Shane até a morte e está nos esperando no pé da escada!

— Não — eu digo com firmeza. — Ele não está.

Eu tenho que sair deste quarto. Agora que Chelsea sabe que estou atrás dela, não estou segura aqui. Não quero acabar como Brandon e Kayla – não posso. Vou até a porta e giro a maçaneta, mas a parede de livros que construímos na frente dela impede que ela abra.

— Ei, ei, ei! — Chelsea desliza na minha frente e coloca a mão na porta, mantendo-a fechada. — Sério, o que você está fazendo? Não é seguro lá embaixo.

— Eu quero ir. — Eu chuto alguns dos livros para longe. — Me deixe ir.

— Brooke, você está sendo louca! Você não acha mesmo que matei Brandon e Kayla, acha?

— Não sei. — Empurro mais alguns livros para fora do meu caminho. — Eu só preciso sair daqui. Eu tenho que usar o banheiro.

Tento alcançar a maçaneta novamente, mas Chelsea a bloqueia com o corpo. Levanto os olhos para olhar para seu rosto redondo, seu cabelo preto com pontas claras que eu a ajudei a descolorir no banheiro

da casa dela, e seus olhos castanhos que de repente parecem poças de escuridão na penumbra do quarto de Shane.

— Chelsea — eu digo com firmeza. — Afaste-se. *Agora*.

Seu olhar se concentra em meu rosto. — Não. Você não vai embora.

Chelsea estava procurando uma arma no quarto, mas não precisava procurar. Ela tinha uma faca com ela o tempo todo. A mesma faca que ela usou para matar Brandon e Kayla. A mesma faca que ela usará para me matar.

Exceto que quando olho para as mãos dela, elas estão vazias. Onde está a faca? Ela escondeu em algum lugar?

— Chelsea...

— Você precisa ficar aqui, Brooke. Você não pode ir embora.

Não, não vou acabar como Brandon e Kayla. Se eu conseguir passar por ela e escapar deste quarto, Tim e Shane me ajudarão. E tenho uma vantagem sobre os outros dois que ela matou — sei do que ela é capaz. E eu sei, pela prática das líderes de torcida, quais são seus pontos fracos.

Retiro meu tênis e a chuto o mais forte que posso na canela, bem onde ela sempre fica com talas quando corremos. Chelsea cai no chão, gemendo enquanto segura a perna. — Sua vadia! — ela chora.

Agarro a maçaneta novamente e desta vez consigo abrir a porta alguns centímetros. Agradeço um pouco por todas as horas que passei mantendo meu peso baixo para caber no meu uniforme de líder de torcida e espremo meu corpo através do pequeno espaço entre a porta e o batente da porta.

— Brooke! — ela grita.

Não me viro para ver Chelsea tentando se levantar. Não há muito tempo, mas só preciso de alguns segundos de vantagem. Corro para o corredor, que está escuro como breu, e procuro o corrimão da escada. Tenho que descer.

— Tim! — Eu chamo. — Shane!

Nenhuma resposta.

Não é um bom sinal. Eu presumi que os dois estariam lá embaixo, na sala, de olho um no outro, mas a sala está em silêncio absoluto. Ninguém está lá embaixo.

De repente me pergunto se cometi um erro terrível ao sair do quarto.

Desço as escadas o mais rápido que posso. Ouço barulhos vindos do quarto de Shane. — Brooke! — Chelsea chama novamente, mas sua voz está abafada como se ela ainda estivesse no quarto. É estranho – eu bati nela com força, mas não com tanta força. Ela já deveria estar de pé e descer correndo as escadas atrás de mim.

— Tim! — chamo novamente, quase gritando agora. — Shane!

Quando chego ao pé da escada, solto um grito enquanto tropeço e caio no chão. Algo estava no meu caminho, me bloqueando. Algo macio.

Oh meu Deus. É um corpo.

Aperto os olhos, tentando ver quem é, mas a sala está muito escura. Levanto minhas mãos do chão e há algo pegajoso e úmido cobrindo minhas palmas.

Sangue.

Oh meu Deus. Chelsea estava certa. Outra pessoa foi morta enquanto Chelsea e eu estávamos escondidas no quarto. Chelsea nunca tentou me machucar – ela só queria que eu ficasse no quarto para não acabar como os outros. Soltei um soluço sufocado, sabendo que preciso me levantar e correr, mas meu corpo parece congelado.

E então o peso de um corpo me esmaga, impedindo-me de me levantar. E os dedos agarram a corrente em volta do meu pescoço, apertando-a.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

DIAS DE HOJE

Quando saio da sala de exame para ver quem é meu próximo paciente, a única pessoa esperando é Shane Nelson.

Mais uma vez, o oficial Hunt algemou os pulsos e os tornozelos. É óbvio qual é o motivo de Shane estar aqui: alguém deu uma surra nele. Seu lábio inferior está aberto, ele tem um hematoma profundo na bochecha esquerda e, quando Hunt o ajuda a se levantar, ele tem que mancar até a sala de exames.

— Achei que não estávamos mais algemando ele — digo a Hunt.

O guarda me lança um olhar. Nosso relacionamento tem sido decididamente gelado desde que o confrontei sobre nosso passado em comum, mas estou me sentindo mais corajosa desde que tive uma entrevista ontem no consultório de atenção primária, e tudo correu bem. Se ele quer que eu seja demitida, por mim tudo bem.

— Ele estava brigando — Hunt me ataca. — As algemas são necessárias.

Considerando que não vejo quaisquer escoriações nos nós dos dedos de Shane, parecia menos que ele estava brigando e mais como se estivesse levando uma surra. Mas não insisto no assunto. Eu, no entanto, fecho a porta assim que Shane entra na sala de exame.

— Jesus — comento.

— Não é tão ruim quanto parece — diz ele. — Realmente.

Dou uma olhada em seu rosto. O hematoma de quando ele bateu na minha mesa desapareceu completamente, e ele ainda tem uma cicatriz rosa clara da laceração que costurei na primeira vez que ele esteve aqui. Ele tem aquele corte no lábio e alguns hematomas no rosto, mas nada que pareça precisar de pontos. Mas percebo que toda vez que ele muda de peso, ele estremece.

— O que dói? — Pergunto-lhe.

— Estou com uma costela quebrada.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Como você sabe disso?

— Porque parece exatamente como da última vez que tive uma costela quebrada.

Eu me pergunto quantas costelas quebradas ele teve desde que chegou aqui. — Vou pedir uma radiografia de tórax — digo a ele.

— Ótimo.

Apesar de tudo, sinto uma onda de simpatia por Shane. No pouco tempo que trabalhei aqui, eu o vi chegar aqui com ferimentos graves nas mãos de outros presos em duas ocasiões distintas. Mesmo que ele seja — mau — como Tim afirma que é, parece errado que a prisão esteja permitindo que isso aconteça.

— Tem certeza de que não quer denunciar os homens que fizeram isso com você?

— Muita certeza. — Ele bufa. — Você acha que eu quero que isso aconteça comigo todos os dias?

— Sabe — eu digo — às vezes você precisa enfrentar os valentões. No ano passado, quando meu filho estava na quarta série, ele era empurrado todos os dias. Mas agora...

Paro porque Shane está olhando para mim como se eu tivesse dado um soco no estômago dele. Rebobino o que acabei de dizer na minha cabeça, tentando descobrir por que ele parece daquele jeito. Então eu percebo.

— Você tem um filho na quinta série? — ele pergunta com a voz rouca. — Você disse que ele estava no *jardim de infância*.

Abro a boca, mas nenhuma palavra sai. Apenas um pequeno guincho.

— Brooke. — Ele aperta os joelhos com as mãos. Hunt deve ter feito as algemas extremamente apertadas, porque posso ver o metal mordendo seus pulsos. — Que idade tem seu filho?

Eu poderia mentir. Não há como ele descobrir a verdade. Mas, novamente, tenho certeza de que ele pode ver a verdade estampada em meu rosto. — Ele tem dez anos.

— É ele...?

— Sim. — Eu aceno lentamente. — Ele é seu.

O que quer que aqueles homens tenham feito com Shane que o trouxe aqui, o que acabei de fazer com ele é muito pior. Parece que ele está tendo muita dificuldade para recuperar o fôlego, o que é um pouco perturbador se ele realmente tiver uma costela fraturada, mas não acho que seja por isso.

— Por que você não me contou? — Ele administra.

Balanço a cabeça, mas não respondo. Eu não acho que ele espera que eu faça isso. A resposta é óbvia.

— Brooke, posso...? — Ele hesita, e temo que me peça para trazer Josh para visitá-lo. Eu não farei isso. Não há como ele me convencer. Mas em vez disso, ele diz: — Posso ver uma foto dele? Por favor?

Eu não deveria. Eu realmente não deveria. Mas a maneira como ele está olhando para mim está partindo meu coração. E realmente, que mal isso poderia causar?

Então eu pego meu telefone. Abro uma foto recente de Josh e estendo a tela para ele ver. Ele olha para a foto, com os lábios entreabertos.

— Meu Deus — ele respira. — Ele parece comigo.

— Sim.

— Posso ver mais uma? Por favor, Brooke?

Eu realmente não deveria, mas não consigo dizer não. Shane nunca conhecerá seu filho, mas posso pelo menos dar isso a ele. Então mostro a ele algumas fotos recentes. Uma de Josh jogando beisebol. Uma de uma festa de aniversário. Mostro a ele algumas antigas também. Josh em seu primeiro dia no jardim de infância, posando

orgulhosamente com sua mochila de tartaruga ninja adolescente. Shane devora tudo. Em todos os meus anos como mãe, acho que nunca conheci ninguém tão hipnotizado pelas fotos do meu filho. Mesmo meus pais nunca pareceram tão interessados.

Poderíamos facilmente ter olhado essas fotos pelas próximas horas, mas então Hunt bate com força na porta. — Você está encerrando as coisas?

Enfio meu telefone de volta no bolso da calça. O rosto de Shane cai. — Desculpe — eu digo.

— Está tudo bem — diz ele. — Obrigado. Por me mostrar essas fotos. Eu sei que você não precisava fazer isso.

— De nada.

Seus olhos castanhos estão tão tristes que quase parte meu coração. — Estou feliz que você nunca o trouxe aqui. Eu não gostaria que ele me visse assim. Eu não gostaria que ele soubesse que seu pai é...

— Sim...

Shane olha para a parede. Há algo em sua expressão que não consigo entender. — Sabe — diz ele — às vezes quase me acostumo com o quanto é uma pena ficar preso aqui, especialmente por algo que nem fiz. Aceito o fato de que terei que pedir permissão para usar o banheiro pelo resto da vida, nunca conseguirei um emprego de verdade, nunca mais poderei dirigir um carro, nunca mais ficarei com... com uma mulher. Que cada refeição que eu fizer pelo resto da minha vida terá gosto de lixo. Que uma vez por mês, um bando de caras vai me atacar na cela e me dar uma surra sem motivo, exceto talvez eu tenha olhado para um deles errado. — Ele respira fundo, trêmulo. — Mas então eu descubro que mais uma maldita coisa que estar aqui tirou de mim, e é só.... isso é...

Ele aperta os lábios com força, embora deva doer muito com aquele corte que ele tem no lábio inferior. Demoro um segundo para perceber que ele está tentando não chorar.

— Shane — eu digo. — Por que não fazemos aquela radiografia de tórax?

— Está tudo bem — ele murmura. — Não se preocupe.

— Você acabou de me dizer que está com uma costela quebrada. Precisamos pelo menos ter certeza de que você não tem pneumotórax. Isso poderia matar você.

— Eu duvido. Eu não tenho tanta sorte.

— Shane...

— Posso recusar, Brooke — ele diz bruscamente. Ele baixa a voz. — Pelo menos me dê isso.

Nossos olhos se travam. Por um momento, ele é o garoto que eu costumava assistir jogando futebol quando era líder de torcida. Ele era tão bom nisso. E ele parecia tão lindo em seu uniforme de futebol. Mas, acima de tudo, adorei o quão animado ele ficava quando me via no campo e acenava para mim.

Eu nunca teria acreditado que aquele garoto fosse capaz de tentar me matar.

A verdade é que ainda não acredito. Outra coisa aconteceu naquela noite – algo importante que estou perdendo. Algo puxando a periferia da minha memória. Eu sinto que se eu pudesse pensar bastante, eu descobriria. Mas quanto mais tento lembrar, mais isso me escapa.

Shane quebra o contato visual primeiro. — Eu gostaria de voltar para minha cela agora.

— Tem certeza que não quer..

— Sim.

Faço o que ele diz: peço a Hunt que o leve de volta para sua cela sem fazer os exames necessários. Ele está deprimido – isso é óbvio. Suicida? Não sei. Temos um psiquiatra que supostamente vem aqui uma vez por mês, mas ainda não o vi nenhuma vez durante os meses que

estou aqui. Considero chamar Shane de volta para perguntar mais sobre isso, mas não quero torturá-lo.

Não tenho certeza se verei Shane novamente enquanto estiver trabalhando aqui. Ele provavelmente fará o possível para evitar consultas médicas e, se a clínica de cuidados primários me oferecer um emprego, estou fora daqui. Tem sido muito difícil vê-lo. Não foi nada como pensei que seria.

Estou feliz que isso esteja quase acabando.

CAPÍTULO QUARENTA

ONZE ANOS ATRÁS

Vou morrer.

Meu amado colar de floco de neve – aquele que usei todos os dias nos últimos sete anos – está cortando meu suprimento de oxigênio. Dedos fortes estão puxando-o com força, fechando minha traquéia enquanto eu ofego por ar.

— Por favor... — Tento formar as palavras, mas não tenho ar.

Ele vai me matar. Tim vai me matar com o colar que comprou para mim no meu décimo aniversário. A ironia disso.

Exceto que então eu sinto o cheiro de alguma coisa. Algo no ar. Um cheiro familiar perto de mim, vindo do cara que me segura.

Sândalo.

A loção pós-barba de Shane.

Afinal, não é Tim. Tim é quem está morto no chão. Shane é quem está me segurando, tentando me sufocar até a morte. Shane foi quem teve a oportunidade de planejar isso. Para se livrar de todas as facas e armas de sua casa, exceto a faca usada para esfaquear Brandon e Kayla - e agora Tim - até a morte.

Mas ele escolheu um fim diferente para mim.

— Shane — tento sufocar.

Mas não adianta. Minha cabeça começa a girar enquanto me agarro à consciência. Eu luto contra ele, mas ele é muito forte e tem a vantagem em cima de mim.

Onde está Chelsea? Eu não entendo. Ela estava tentando sair do quarto. Ela já deveria ter saído – ela deveria ser capaz de me ajudar. Mas ela não está aqui. Talvez ela tenha decidido se esconder quando me ouviu gritar. Eu não poderia culpá-la inteiramente.

Relâmpagos brilham e tenho um vislumbre do sangue em uma poça abaixo de mim. Parece desesperador. Shane já matou três pessoas esta noite. E um deles era um jogador de futebol ainda maior do que ele. Minha consciência está escapando. Vou morrer. Isso vai acontecer.

O estrondo de um trovão sacode os alicerces da casa. É o mais alto até agora e, vagamente, percebo outro som ao fundo. E mais uma coisa.

O rompimento de um elo no meu colar.

De repente, o ar entra em meus pulmões. Posso respirar novamente. Uma onda de adrenalina me atinge, e sinto que Shane perdeu o equilíbrio quando meu colar se soltou. Se alguma vez houve uma chance, é esta. Balanço meu cotovelo para trás o mais forte que posso.

Quando ele grunhe de agonia, sei que cheguei no lugar certo. A pressão no meu corpo diminui e consigo sair de debaixo dele. Tenho certeza que em um minuto ele estará recuperado, então tenho que correr. Eu não posso olhar para trás.

Chego até a porta da frente e a abro com tanta força que as dobradiças gritam. Saí noite adentro, mal percebendo o quanto está frio e o fato de que não estou usando jaqueta. A chuva está caindo forte e há praticamente um rio na frente da casa de Shane, mas não consigo pensar nisso. Tenho que correr. Talvez haja um cabo de energia caído esperando para me eletrocutar, mas tenho que arriscar.

Corro para a estrada inundada, grata por minhas horas de treino como líder de torcida terem me mantido em forma e ágil. Claro, Shane também está em ótima forma. Ele é um quarterback. E as pernas dele são muito mais longas que as minhas. Tudo o que tenho a meu favor é uma vantagem inicial e o fato de que ninguém me deu uma cotovelada forte nos testículos.

— Brooke!

Ouçó meu nome ser chamado de algum lugar atrás de mim. Ou talvez eu esteja apenas imaginando. Talvez seja o vento. Mas tenho que

acreditar que ele está logo atrás de mim. Ele não pode me deixar sair. Se eu sobreviver, contarei a todos o que ele fez.

— *Brooke!*

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Meus pés estão dormentes por causa da água gelada, mas preciso continuar. Esta é minha única chance. Eu tenho que viver.

— Broo...

E então eu vejo isso. Um conjunto de faróis à distância. Parece uma caminhonete. Em circunstâncias normais, é o tipo de veículo do qual eu manteria distância tarde da noite, porque nunca se sabe que tipo de assassino com machado está dirigindo, mas agora, é minha única chance.

Corro em direção à caminhonete, agitando as mãos no ar. — Pare! — Eu grito. — Me ajude!

Graças a Deus a caminhonete para e a noite não termina comigo sendo atropelada e morta por uma caminhonete. Arrisco olhar para trás, mas não há ninguém lá. Em primeiro lugar, não tenho certeza se Shane estava me seguindo, mas se estava, ele se foi agora.

Corro até a lateral do veículo. O motorista é um cara grande e barbudo. Ele é maior que Shane. Ele parece durão, mas seus olhos se arregalam e toda a cor desaparece de seu rosto quando ele olha para mim, ali parada, toda molhada, com sangue por toda a minha camisa.

— Por favor, me ajude — eu digo.

E então eu desmaio.

Acabou.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

DÍAS DE HOJE

Quando a polícia chegou à fazenda de Nelson, encontrou cinco corpos. Brandon Jensen na varanda – morto. Kayla Olivera em um quarto no andar de cima – morta. Chelsea Cho no quarto de Shane – morta a facadas entre o momento em que saí correndo do quarto e a chegada da polícia. Tim no chão da sala – sangrando e inconsciente, mas ainda vivo. Shane no chão da sala – nocauteado. Três mortos, três sobreviventes.

Fui eu quem disse à polícia que Shane tentou me estrangular com meu colar. Quando Tim recuperou a consciência, ele confirmou que Shane o atacou com uma faca e o derrubou. Mas Tim se forçou a sair do chão e bateu na cabeça de Shane com um taco de beisebol e o nocauteou para impedi-lo de me seguir porta afora – pouco antes de desmaiar. As impressões digitais de Shane foram encontradas em toda a faca.

Shane foi o único que contou uma história diferente. Ele alegou que nunca esfaqueou Tim - e era sua faca, então, é claro, suas impressões digitais estavam nela. Ele alegou que Tim o nocauteou e não conseguia se lembrar de nada do que aconteceu depois. Ele alegou que Tim deve ter se esfaqueado para fazer parecer que ele era a parte inocente. Mas é claro que fui o desempate que apoiou a história de Tim. Quando contei à polícia o que Shane tinha feito comigo, foi ele quem foi preso.

Mesmo que eu nunca tenha visto seu rosto durante tudo isso.

E agora Shane está passando a vida na prisão. Tim, por outro lado, é meu namorado. Alguém com quem estou começando a pensar que posso ter um futuro, pela primeira vez desde que me tornei mãe solteira aos dezoito anos. Ele é um cara legal. O melhor, realmente.

Shane foi quem tentou me estrangular naquela noite. Tem que ser ele.

Esta noite, Tim e eu estamos comemorando. Consegui o emprego na clínica de atenção primária, e o salário e os benefícios são incríveis, sem falar que é muito mais perto e muito menos assustador do que a prisão. A entrevista correu tão bem - eles pediram desculpas por não responder ao meu primeiro pedido de entrevista quando eu estava enviando meu currículo para toda a cidade -, aparentemente, algum paciente insatisfeito ligou e os avisou sobre mim. Eu me senti péssima porque um paciente não gostava de mim o suficiente para fazer isso, mas tentei tirar isso da cabeça. Pelo menos eu tenho o emprego agora.

Então, entreguei meu aviso prévio na Penitenciária Raker e, embora Dorothy tenha feito um pouco de alarido sobre isso, quando comentei o fato de que não tinha conhecido o médico que deveria estar me supervisionando, ela rapidamente mudou de opinião e me desejou sorte em meu novo cargo.

Não terei que lidar com Dorothy ou Marcus Hunt nunca mais. Não terei que ver Shane nunca mais. Graças a Deus.

Margie vem tomar conta de Josh para que Tim e eu possamos passar uma noite sozinhos. Tim colocou na cabeça que queria preparar o jantar para mim, então agora estou descendo o quarteirão até a casa dele. Eu adoraria passar a noite lá, mas não é justo pedir isso à Margie, então nós dois voltaremos para minha casa no final da noite.

Quando pressiono o dedo contra a campainha, um pensamento aleatório passa pela minha cabeça: será que Kelli Underwood já veio aqui? Tenho certeza de que Tim me disse que os dois tiveram alguns encontros, então não é impossível que ele a tenha convidado. Ela poderia ter ficado neste mesmo lugar, tocando a campainha.

Ela ainda está desaparecida. Já faz uma semana. Tenho verificado as notícias diariamente em busca de atualizações, e o tom das histórias parece cada vez menos otimista. A essa altura, se ela pudesse, ela teria contatado alguém. Quanto mais tempo alguém estiver desaparecido, menor será a chance de ele aparecer vivo e bem.

Tentei falar sobre isso ontem à noite com Tim, e ele mudou de assunto. Suponho que não o culpo. Ele parece desconfortável falando

sobre suas ex-namoradas – assim como eu.

Tim abre a porta de casa, vestindo camiseta e jeans. Todo o seu rosto se ilumina quando ele me vê na porta, como sempre acontece. Você poderia pensar que agora que estamos namorando há mais de dois meses, ele nem sempre pareceria tão animado em me ver. Mas ele faz. Parece o destino que acabamos juntos depois de todos esses anos.

— Brooke! — ele diz. — Entre aqui... está frio!

Ele está certo: a temperatura caiu na última semana e minha jaqueta fina não parece quente o suficiente. Raker fica muito mais frio que Queens.

Uma vez dentro de casa, Tim me ajuda a tirar o casaco e depois me abraça para me aquecer. Descanso minha cabeça em seu ombro, sentindo uma onda de felicidade. Nunca pensei que teria um relacionamento tão bom novamente. A cada dia que passa, tenho cada vez mais certeza de que Tim é o cara. E ele não escondeu que sente o mesmo por mim.

— Ei — ele diz — como foi o teste de matemática do Josh?

Ontem à noite, Josh e Tim passaram uma hora estudando a adição de frações com denominadores diferentes para o teste de hoje. Eu tentei explicar isso para Josh na semana anterior, mas de alguma forma não consegui. Felizmente, Tim é um professor profissional do ensino fundamental que ensinava exatamente essa matéria.

— Ele ganhou cem — eu digo.

— Tudo bem! — Tim dá um soco. — Isso é ótimo.

— Estou feliz que um de nós seja bom em ensinar matemática para crianças de dez anos.

— Não se sinta mal. Você é fofa, pelo menos.

Eu rio e bato no ombro de Tim. — Você sabe o que fez, não é? Você terá que fazer isso de agora em diante toda vez que Josh fizer uma prova. Você agora é o professor designado.

Ele sorri para mim. — Eu não me importo com isso.

Enquanto vou para a sala, sinto um cheiro tentador vindo da cozinha. Não é tão bom quanto os aromas da cozinha de Margie, mas cheira muito bem. Inspiro profundamente enquanto me acomodo em seu sofá. — O que você está cozinhando para mim?

Tim se senta ao meu lado no sofá. — Adivinha.

Dou outra cheirada. — Sinto cheiro de molho de tomate.

— Ding Ding ding.

Lembro-me de uma noite em que vim até aqui e Tim preparou espaguete com almôndegas. — Espaguete e almôndegas?

Ele faz uma careta para mim. — Devo ficar ofendido porque o fato de você sentir cheiro de molho de tomate faz você presumir que devo ter feito espaguete com almôndegas? Eu sou capaz de fazer outras coisas, você sabe.

— Bem, o que é então?

— É espaguete com almôndegas — diz ele, um pouco na defensiva. — Mas poderia ter sido outra coisa. Poderia ter sido lasanha. Frango a Parmegiana. Apenas dizendo...

Eu me inclino para beijá-lo. — Eu adoro espaguete e almôndegas.

Ele me beija de volta, puxando meu corpo para perto do dele. Foi assim que ele beijou Kelli Underwood? Ela certamente parecia pensar que ele beijava bem.

Não, pare com isso. Por que estou pensando nisso?

— Eu te amo, Brooke — ele murmura em meu ouvido.

Desde a primeira noite em que ele me disse isso, abrimos as comportas. Ele adora me dizer que me ama. E não posso dizer que não amo ser amada. — Eu também te amo.

Ele se afasta e olha de volta para a cozinha. — Você sente cheiro de algo queimando?

— Não...

Ele franze a testa. — É melhor eu ir verificar a comida. Eu volto já.

Enquanto Tim corre para a cozinha para cuidar do espaguete e das almôndegas, eu me recosto na almofada do sofá. Percebo algo grudado na minha coxa, causando uma pressão desconfortável, e volto para ver o que é. Entre as almofadas do sofá, meus dedos localizam um pano enrolado.

Puxo o pano até que ele se solte. Foi quando percebo que não era um pano. É um lenço de seda verde, que se misturou ao tecido do sofá verde.

De quem é esse lenço de seda? Com certeza não pertence a Tim. Aproximo o tecido do nariz, inalando o perfume de uma mulher. O cheiro é vagamente familiar.

— O molho está bom — declara Tim ao retornar para a sala. — Eu diria que a comida deve ficar pronta em cerca de dez minutos. Espero que você esteja com fome, porque eu fiz muito, muito mesmo.

Não consigo nem forçar um sorriso. Meus dedos estão enrolados no lenço de seda em minha mão. — Tim, de quem é esse lenço?

Ele mal olha para ele. — Não sei. Seu?

— *Não* é meu.

Ele olha com mais atenção para o tecido verde em minha mão, estreitando os olhos. — Não me parece familiar. Talvez seja da minha mãe?

Claro, isso faz sentido. Afinal, esta é a casa dos pais de Tim. Não deve ser suspeito encontrar uma peça de roupa feminina presa nos móveis. Talvez o perfume que eu estava sentindo parecesse familiar porque era o mesmo que a Sra. Reese costumava usar anos atrás.

Sim, deve ser isso. Afinal, não é como se Tim estivesse trazendo outras mulheres para cá. Ele não me trairia.

Tim puxa o cachecol da minha mão e o joga na mesinha de centro. Então ele desliza para o sofá ao meu lado, tão perto que sua coxa fica pressionada contra a minha. — Escute — ele diz — há algo sobre o qual quero falar com você.

— Oh?

— Sim. — Ele estende a mão e aperta minha mão. — Eu só... sou louco por você, Brooke. Eu sempre fui. E sei que não estamos juntos há muito tempo, mas odeio ficar longe de você nem que seja por uma noite. Então eu estava pensando... talvez...

Ele está me perguntando se deveríamos morar juntos? Se essa é a pergunta, não sei o que dizer. Eu sou louca por ele também. Mas tenho que pensar em Josh. Não posso arrancar a vida dele fazendo com que outra pessoa venha morar conosco, só para ver tudo desmoronar. Não posso dar um pai ao meu filho e depois tirá-lo dele.

E há outra razão pela qual não tenho certeza se estou pronta para levar as coisas para o próximo nível com Tim. Não consigo afastar a sensação de que ele está escondendo algo de mim. Por que ele foi tão evasivo toda vez que tentei perguntar sobre Kelli? Ele já me disse que saiu com ela. Por que ele não admite isso?

E a quem realmente pertence esse lenço?

Tim deve notar a expressão em meu rosto, porque solta minha mão e se afasta no sofá. — Você sabe o que? Vamos conversar sobre isso mais tarde.

Meus ombros relaxam. — Boa ideia.

— Ei. — Ele aperta meu joelho. — Por que você não pega uma garrafa na adega? Acho que poderíamos tomar uma bebida.

É meio adorável que Tim chame o porão deles de adega, mas ele já correu para a cozinha para cuidar do que quer que esteja queimando, então não tenho chance de provocá-lo sobre isso. Não é uma adega – de jeito nenhum. É um porão com uma dúzia de garrafas de vinho e uma prateleira de madeira que o pai dele construiu. Mas suponho que se ele quiser chamar aquilo de adega, não vou invejar isso.

Enquanto Tim está na cozinha, giro a maçaneta da porta do porão. Assim como a minha casa, a casa dele é velha e a porta emperra, então tenho que abri-la. E, claro, o porão está escuro como breu. Procuro o cordão para acender a lâmpada. Depois de agarrar cegamente por cerca de trinta segundos, meus dedos fazem contato. Uma única lâmpada acende, iluminando vagamente o porão.

O porão da casa de Tim parece mais frio do que lá fora — quase gelado — e o ar está ligeiramente úmido. Assim que entro, identifico um odor desagradável de mofo que não estava aqui na última vez que peguei uma garrafa de vinho no porão – provavelmente está criando mofo aqui. Desço as escadas de madeira tortas, segurando-me no corrimão de metal gelado para não cair. Está escuro o suficiente aqui e fico nervosa com a colocação dos meus pés no chão.

Quando chego ao fundo, a garrafeira está me esperando. Ele parece ter acrescentado algumas garrafas extras desde a última vez que estive aqui. Não que Tim seja um conhecedor de vinhos, mas ele simplesmente adora ter uma adega.

Depois de retirar algumas garrafas para verificar os rótulos, seleciono uma garrafa de Merlot. Merlot combina bem com espaguete e almôndegas? Eu não faço ideia. Mas terá um gosto bom e nos dará uma boa sensação.

Quando estou prestes a voltar para cima, noto uma lona cinza enrolada no chão do porão, no canto da sala. Eu não tinha notado aquela lona na última vez que estive aqui olhando a coleção de vinhos. O que Tim está fazendo com uma lona gigante?

Eu rastejo até o material enrolado – o cheiro estranho é mais forte aqui. Mesmo na penumbra do porão, posso dizer que algo está saindo da extremidade. Eu me abaixo e percebo o que é – é um sapato. Não, não é apenas um sapato, é um sapato vermelho de salto alto.

E ainda está no pé de uma mulher.

Olho para o pé saindo da lona, incapaz de compreender o que estou vendo. Olho mais de perto e consigo ver outro sapato aparecendo

na lona também. Tim tem um manequim enrolado em uma lona no porão?

Não se engane, Brooke. Você sabe exatamente o que está olhando. O cachecol dela está na mesinha de centro do andar de cima.

Eu tenho que sair deste porão.

Deixo cair o Merlot no chão e a garrafa se quebra em dezenas de pedaços. Corro para a escada, subindo dois degraus de cada vez, sem me preocupar em tomar cuidado desta vez. Coloco minha mão na maçaneta e...

Não gira.

Oh Deus. Está trancada.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Tim me mandou aqui para pegar vinho. Ele queria que eu visse aquele cadáver enrolado na lona. E agora ele me prendeu aqui.

— Tim! — Bato na porta do porão. — Tim!

Tudo faz sentido de uma maneira horrível. Ele esteve brincando comigo todo esse tempo. Aquela loção pós-barba de sândalo – ele devia saber o que eu sentia a respeito. E se foi ele quem espirrou naquela noite na casa da fazenda, então eu pensaria que ele era Shane? E então, é claro, aquele maldito colar de floco de neve. Foi ele quem me deu. Ele sabia que aquele era o colar usado para me sufocar naquela noite — porque foi ele quem fez isso. Ele guardou isso todos esses anos e me deu só para me assustar.

Por que eu confiei nele? Eu deveria ter ouvido Shane. Ele me avisou. Ele me disse que eu não podia confiar em Tim Reese. Ele me implorou para não ter nada a ver com ele. Mas eu não acreditei nele. Havia tantos sinais e ignorei cada um deles porque confiava cegamente em Tim – o garoto que conheci desde que éramos bebês.

Tim está doente. Eu nunca percebi isso até este momento.

— Tim! Deixa-me sair daqui!

Ele não pode me manter aqui, pode? Ele nunca escaparia impune. Margie sabe que estou aqui e Josh também. Se eu não voltasse para casa, eles saberiam. Eles chamariam a polícia e diriam onde estou.

A menos que ele planeje fazer algo com eles também...

Eu tenho que sair daqui. Não posso deixá-lo fazer comigo o que fez com Kelli. Mas como? Trouxe meu telefone comigo, mas está na minha bolsa, que deixei no sofá da sala dele.

O botão treme ligeiramente. Ouço Tim grunhir e dou um passo para trás quando a porta se abre. Ele está parado na minha frente, seus olhos parecem quase vazios à luz do corredor.

— Desculpe por isso — diz ele. — A porta deve ter emperrado.

Eu fico olhando para ele. Ele está realmente fingindo que eu não vi o que vi lá embaixo?

Ele levanta as sobrancelhas. — Que vinho você escolheu?

Olho por cima do ombro para a garrafa de Merlot que está quebrada no chão do porão. — Na verdade, não estou me sentindo muito bem. Eu... acho que vou sair.

— Sério? — Sua mandíbula apertada. — Acabei de passar a última hora preparando o jantar. Você realmente vai embora?

— Eu... — Pressiono as pontas dos dedos contra minha têmpora. — Estou com enxaqueca.

— Você está com enxaqueca? Você nunca mencionou isso para mim.

— Bem, eu estou.

— Porque esta é a primeira vez que você teve enxaqueca durante todo o tempo que estivemos juntos.

Minha têmpora lateja – em mais um ou dois segundos, terei realmente uma enxaqueca. — Então não posso ter uma maldita enxaqueca? É isso que você está dizendo?

Ele joga a cabeça para trás. — Não é isso que estou dizendo. Só estou dizendo... não vá. Vamos conversar por um minuto.

— Eu prefiro que não.

— Isso é sobre o que eu disse antes? Me desculpe por ter dito alguma coisa. Eu não tive a intenção de pressioná-la.

— Eu quero ir embora, Tim.

Não espero por uma resposta. Passo por ele até a porta da frente, pegando minha bolsa do sofá. Meu telefone está lá, assim como meu spray de pimenta. Vou usá-lo se for preciso, mas espero que não. Tim corre para me alcançar. Suas pernas são muito mais longas que as

minhas, e ele agarra meu braço antes mesmo que eu chegue à sala. Seus dedos envolvem meu antebraço, cavando minha pele.

— Brooke — ele diz. Há uma expressão em seus olhos que mal reconheço. Este não é o Tim que conheço – é um outro lado dele que nunca vi antes.

— Deixe-me ir — eu sibilo para ele.

— Brooke, o que...

Nesse segundo, a campainha toca. Tim olha para a porta e depois para mim. Ele solta meu braço e eu me afasto dele, meu corpo tremendo. No mesmo momento em que faço isso, ele percebe as luzes vermelhas e azuis piscando pela janela perto da porta. — O que...?

É a polícia. O que eles estão fazendo aqui? É como se eu os tivesse chamado psiquicamente.

Eu fico para trás enquanto Tim marcha até a porta. Ele torce as fechaduras e abre a porta. Ele parece surpreso com a aparição de um policial uniformizado em sua varanda. O alívio toma conta de mim. O oficial é alto e musculoso e parece que poderia enfrentar Tim em uma briga.

— Graças a Deus você está aqui! — Eu suspiro antes que o policial possa abrir a boca. — Ele não estava me deixando sair e... e há um cadáver no porão.

O queixo de Tim cai. — *Um cadáver?* Brooke, como você pôde...

O policial parece tão chocado quanto Tim. Ainda não tenho certeza de como ele veio parar aqui ou o que quer com Tim, mas ele dá um passo para dentro de casa, com a mão no coldre. — Você é Timothy Reese?

— Sim. — Os olhos de Tim estão esbugalhados. — Mas... mas isso é uma loucura! Brooke, o que você está pensando?

— Você tem um corpo no porão — cuspo para ele. — Eu vi! É Kelli?

— Kelli! Você está louca? — Ele olha entre mim e o policial. — Oficial, isso é completamente insano. Não há nada no meu porão.

— E o cachecol dela está na mesinha de centro — digo ao policial.

Tim fica boquiaberto para mim. — O que você está falando? Esse é o cachecol da minha mãe.

O policial fala no que parece ser um walkie-talkie montado em seu peito. Um segundo depois, um segundo policial aparece na porta. — Sr. Reese — diz o primeiro policial — viemos aqui por causa de uma denúncia anônima de que uma mulher desaparecida chamada Kelli Underwood foi vista entrando em sua casa na noite de seu desaparecimento.

Acho que vou vomitar. Todo esse tempo, acreditei que Tim era um cara legal. Como pude estar tão errada? Eu gostaria de poder voltar atrás nos últimos dez anos.

— Isso é ridículo — diz Tim. — Eu nem conhecia Kelli Underwood.

— Como você pode dizer esse? — Eu grito. — Você saiu com ela! Você a beijou!

A cor desaparece do rosto de Tim. Ele lança aos policiais um olhar desamparado. — Ok, eu saí com ela uma vez. Meses antes. Eu nem a vejo há pelo menos dois meses.

— Ele está mentindo! — Lágrimas se acumulam em meus olhos. — Ela está no porão, enrolada em uma lona. Eu vi ela!

— Isso é uma loucura! — Tim chora. — Eu prometo a você, policial, não há nenhum cadáver no meu porão. Tudo o que tenho lá é uma adega... juro.

O primeiro oficial olha nos olhos de Tim. — Você se importa se dermos uma olhada no seu porão?

Há uma expressão de pânico crescente no rosto de Tim enquanto ele olha entre mim e o policial. — Escute... — Sua voz treme. — Apenas espere. Espere. Você não precisa...

Não conheço a lei, mas suponho que o policial tenha uma causa provável neste momento. Ele passa por Tim, que parece que vai ter um derrame. Tim começa a segui-lo, gritando protestos, mas o outro policial, que é mais velho e tem cabelos grisalhos, coloca a mão firme em seu ombro.

— Fique aqui mesmo, filho — diz o policial a Tim.

— Não há nada lá embaixo. — As sobrancelhas de Tim estão franzidas. — É apenas minha adega.

As lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto agora. Eu não posso pará-las. O policial me nota chorando e me lança um olhar de simpatia. — Você está bem, senhorita? Ele te machucou?

— Eu não a machuquei! — Tim explode. Seu rosto está vermelho brilhante. — Brooke é minha namorada. Eu nunca...

Uma voz surge do porão. — Temos um cadáver aqui embaixo! Parece Underwood!

Rápido como um raio, o oficial mais velho tira um par de algemas do cinto. Parece que Tim está prestes a ficar doente agora. — Timothy Reese, você está preso pelo assassinato de Kelli Underwood.

— Por favor... — O rosto de Tim fica rosa quando o policial tira as algemas de seus pulsos. — Não sei o que tem no meu porão, mas não a coloquei lá. Eu juro para você...

Mas o policial não está ouvindo. Ele lê para Tim seus direitos enquanto o empurra em direção à porta da frente. Eu assisto a coisa toda, e é tão surreal que sinto que se me beliscar com força, posso acordar na minha cama, suando frio. Tim matou Kelli Underwood e escondeu o corpo dela em seu porão, provavelmente com a intenção de se livrar dele em algum momento. Ele provavelmente também matou aquela garota, Tracy Gifford, anos atrás. E tenho quase certeza de que foi ele quem me estrangulou naquela noite.

Eu entendi tudo errado. Cometi um erro terrível e confiei na pessoa errada. Por causa desse erro, um assassino foi libertado e agora uma mulher está morta.

Tenho que fazer o que puder para consertar isso.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

A polícia me mantém na casa de Tim por mais de uma hora, me interrogando diversas vezes. Conto a eles como encontrei o corpo no porão, que Tim não me deixou sair e mencionei minhas suspeitas sobre aquela noite na casa da fazenda, mais de uma década antes. Eles querem que eu vá até a delegacia com eles, mas eu explico que preciso voltar para casa, para meu filho, e não vou a lugar nenhum com eles, a menos que queiram me prender. Eles relutantemente me deixaram sair.

Quando volto para casa, Margie e Josh estão na cozinha. Eles estão sentados à mesa da cozinha, pintando enfeites em biscoitos açucarados em formato de árvores de Natal. A cena é tão fofa que quase comecei a chorar.

— Oi, mãe! — Josh segura com entusiasmo um dos produtos acabados. A árvore foi pintada com glacê verde com detalhes vermelhos. — Veja o que estamos fazendo!

Ele dá uma mordida no biscoito. Tenho medo de perguntar quantos desses ele comeu. Margie é ótima com ele, mas não é boa em impor moderação. Em qualquer outra noite, isso teria me chateado. Mas esta noite, não consigo me preocupar com o fato de meu filho comer muitos biscoitos.

— Onde está Tim? — Josh pergunta.

Há um nó duro na minha garganta. — Hum...

A testa enrugada de Margie se enrugava ainda mais. — Está tudo bem, Brooke? Eu... eu ouvi as sirenes...

— Está bem. — Minha voz soa anormalmente alta. — Margie, muito obrigada por ter vindo esta noite. Nos vemos na segunda-feira, ok?

Margie me olha com curiosidade enquanto coloca uma mecha de cabelo grisalho atrás da orelha, mas obedientemente pega o casaco e a

bolsa. Acompanho-a até a porta e, antes de sair, ela me lança uma última olhada. — Tem certeza de que está tudo bem?

Concordo com a cabeça, mal confiando em mim mesma para falar. — Uh-huh.

Sem Margie, volto para a cozinha, onde Josh está devorando o resto do biscoito açucarado em forma de árvore. Ele franze a testa quando me vê. — Onde está Tim? — ele pergunta novamente.

— Tim... — Oh Deus, como vou falar com meu filho sobre o que acabou de acontecer? A razão pela qual nunca contei a ele sobre seu pai foi para poupá-lo disso. — Ele não vem esta noite.

— O que? — Josh projeta o lábio inferior. — Mas ele disse que poderíamos jogar Nintendo juntos se eu tirasse cem no teste, e consegui!

— Surgiu uma coisa...

— Mas isso não é justo! Consegui uma pontuação perfeita! Ele disse que iria brincar comigo. Ele prometeu...

— Eu sei, mas... — Deslizo para uma cadeira ao lado de Josh. — Ele queria vir, mas algo aconteceu. Ele fez algo ruim e a polícia descobriu e teve que levá-lo embora.

Josh olha para mim. — O que ele fez?

É a pergunta mais óbvia que ele poderia ter feito, e estou totalmente despreparado para isso. — Ele cometeu um crime.

— Ele roubou alguma coisa?

— Não...

— Então o que ele fez?

— Ele... ele machucou alguém.

Josh franze o rosto. — Tim não machucaria ninguém de propósito.

Ele não tem ideia...

— Ele fez isso, querido — eu digo. — E... ele provavelmente irá para a cadeia. Por muito tempo.

— Você quer dizer que ele não vai voltar para cá?

Balanço minha cabeça lentamente. Tim nunca mais colocará os pés nesta casa. Não por cima do meu cadáver. Fico doente pela maneira como permiti que ele entrasse em nossas vidas.

Josh se recosta na cadeira. Seu rosto fica rosa, e não percebo que ele está chorando até que ele passa as costas da mão nos olhos. É tão difícil vê-lo chorar baixinho. Sinto falta daquelas lágrimas altas e dramáticas de quando ele era pequeno. Isso é muito mais doloroso.

— Josh — eu digo — por favor, não chore.

— Você está chorando.

Toco meus olhos e percebo que ele está certo. Todo o meu rosto está molhado de lágrimas. Josh sobe no meu colo como fazia quando era criança, e eu o seguro perto de mim enquanto nós dois lamentamos a perda de mais uma pessoa em nossas vidas.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

DOIS MESES DEPOIS

A visão da cerca de arame farpado ao redor da prisão de segurança máxima ainda me deixa nervosa.

Larguei meu emprego na Penitenciária Raker há cerca de dois meses. Estive aqui várias vezes desde então, mas apenas como visitante. No estacionamento, você pode ver as pontas afiadas no topo da cerca e as torres de guarda flanqueando o pátio externo.

Mas não ficarei aqui por muito tempo. Mal vou sair do carro. E depois de hoje, nunca mais voltarei aqui.

Muita coisa aconteceu nos últimos dois meses. Além do meu novo emprego, que adoro, Tim está atualmente encarcerado, aguardando julgamento por múltiplos assassinatos. Enquanto ele estava namorando comigo, ele também perseguia Kelli. Eu não tinha ideia, é claro. Do meu ponto de vista, ele parecia o namorado perfeito. Embora várias pessoas da escola primária afirmassem saber que havia algo estranho nele.

Desmenti meu testemunho sobre a noite na casa da fazenda. Mesmo sabendo que poderia ter muitos problemas por causa disso, eu tinha que fazer isso. Tive que contar à polícia que percebi que estava errada. Não foi Shane quem tentou me estrangular naquela noite. Foi Tim. Foi ele quem foi maluco o suficiente para tentar me matar com o mesmo colar que me comprou.

E então ele guardou isso por uma década inteira. Esperando o momento certo para usar isso contra mim.

Felizmente, não tive muitos problemas depois de retratar o testemunho. Foi um erro honesto da minha parte – afinal, foi uma noite extremamente traumática. E isso abriu caminho para Shane conseguir um novo advogado e ter o veredicto de seu julgamento anulado.

Hoje, depois de onze anos, Shane Nelson está sendo libertado da prisão.

E eu vim buscá-lo.

As portas da prisão se abrem e Shane sai, vestindo um velho casaco preto, calça jeans e tênis que provavelmente costumavam ser brancos, mas agora são um tom de cinza. Ele tem uma mochila pendurada no ombro, que contém todos os seus pertences no mundo inteiro. Aceno para ele para que ele me veja, e ele acena de volta.

Quando ele se aproxima, as olheiras ficam mais visíveis, mas pelo menos ele não tem nenhum hematoma no rosto. Eu estava preocupada que algo pudesse acontecer nos últimos dias que pudesse impedi-lo de voltar para casa, mas nada mais deu errado.

— Brooke. Oi.

— Oi — eu digo.

Quando o visitei na prisão nos últimos meses, tivemos que conversar através de uma parede de vidro, usando telefones fixados na parede. Não podíamos nos tocar. Agora não há nada nos separando, apenas ficamos ali parados, sorrindo nervosamente. Não sei qual de nós parece mais ansioso.

— Obrigado por vim me buscar — diz ele.

— Sem problemas. — Não é como se ele tivesse mais alguém para fazer isso por ele — além de mim, ele está sozinho no mundo. — Qual é a sensação de estar fora?

É uma pergunta tão estúpida e me sinto boba por tê-la feito. Mas pela primeira vez em muito tempo, o sorriso em seu rosto parece genuíno. — É incrível.

Não será uma transição fácil de volta à vida normal. Shane pelo menos conseguiu seu GED, mas ele planejava ir para a faculdade e, claro, isso nunca aconteceu. Ele não tem dinheiro e, embora provavelmente seja completamente inocentado de todas as acusações, é difícil apagar o fato de que ele passou a última década de sua vida na prisão. Ele não pode simplesmente continuar como se os últimos dez anos nunca tivessem acontecido.

A culpa é minha e farei o que puder para ajudá-lo.

Enfio a mão no bolso e tiro um telefone flip. Eu entrego para Shane. — Aqui está um telefone para você usar se precisar. Tem vários minutos pré-pagos.

Ele pega de mim, virando-o na mão. — Uau. Na prisão, isso seria um grande contrabando. Muito obrigado.

— Não é grande coisa.

— Eu sei, mas agradeço.

Concordo com a cabeça, meu rosto de repente quente. — Bem — eu digo — vamos pegar a estrada.

Shane joga sua bolsa no porta-malas do meu carro e então senta no banco do passageiro ao meu lado. — Tenho que recuperar minha carteira de motorista.

— Não me importo de ser sua motorista enquanto isso — digo a ele.

— Obrigado, Brooke.

— Quer comer um fast food no caminho de volta?

Sua boca praticamente começa a salivar. — Jesus, você leu minha mente.

Acontece que levar um cara que está preso há dez anos a um restaurante fast-food é ainda melhor do que levar uma criança a uma loja de doces. Shane olha para o cardápio por uns dez minutos, com os olhos arregalados, e acaba pedindo mais comida do que eu já o vi comer de uma só vez. Depois de fazer o pedido, ele tira do bolso um envelope cheio de dinheiro, mas eu o obrigo a guardá-lo. Ele praticamente não tem dinheiro – o mínimo que posso fazer é presentear-lo com esta refeição.

Quando ele finalmente dá uma mordida naquele hambúrguer gorduroso de fast-food, parece que vai morrer de felicidade. — Puta merda, este é um hambúrguer fantástico.

Olho para o meu próprio hambúrguer, com seu hambúrguer e alface mole. — Eu acho.

Ele enfia na boca oito batatas fritas de uma só vez e depois toma um longo gole de seu milk-shake de baunilha. — Desculpe. Você não sabe o que tenho comido nos últimos dez anos.

— Foi tão ruim assim?

Ele se encolhe. — Eu não quero falar sobre isso. Mas sim.

Por um momento, imagino Tim sentado em uma das longas mesas do refeitório da prisão, olhando para uma bandeja com carne misteriosa e vegetais encharcados. É o que ele merece. É melhor do que ele merece.

— Então — Shane diz — quando Josh chega em casa?

Por mais que ele esteja gostando dessa refeição fast food, ficou claro pelas conversas que tive com Shane nas últimas semanas que o que ele realmente está ansioso é conhecer seu filho. Ele insistiu que eu não poderia levar Josh para vê-lo na penitenciária. *Não quero que ele me veja assim.*

— O ônibus geralmente chega em nossa casa às três e quinze — digo.

Ele concorda. — Então...

Não temos certeza de qual é a melhor maneira de lidar com essa situação. Não é o tipo de coisa que você pode pesquisar facilmente online. *Como você apresenta seu filho ao pai, que está preso por homicídio há dez anos?* É complicado. Tudo o que disse a Josh até agora foi que um velho amigo meu ficaria conosco por um tempo.

— Só vou dizer que você é meu amigo — digo a ele. — Estamos de acordo sobre isso, certo?

Shane assente. — Eu só quero conhecê-lo. Podemos contar a verdade a ele quando chegar a hora certa.

— Exatamente.

— Eu estava pensando... — Ele dá outra mordida em seu hambúrguer. — Talvez na volta a gente pudesse parar e eu comprar um presente para ele, sabe? Que tipo de coisa você acha que ele gostaria?

— Ele adora beisebol, mas está muito frio para jogar agora. — Eu penso por um minuto. — Honestamente, hoje em dia, ele gosta mais de seu Nintendo.

— Eu poderia comprar um jogo para ele?

— Eles são tão caros.

Shane se encolhe. — Bem, talvez eu pudesse...

— Shane. — Pego sua mão, mas no último minuto eu me afasto. — Apenas relaxe. Tudo que você precisa fazer é conversar com ele e talvez jogar Nintendo com ele. Ele é um garoto fácil. Ele vai gostar de você.

Ele sorri timidamente. — Ok. Desculpe. Isso é muito importante para mim.

— Eu sei. Mas confie em mim, tudo ficará bem.

Josh é um garoto fácil e tenho certeza que gostará de Shane. A parte difícil será explicar a ele quem realmente é esse homem e por que escondemos isso dele por tanto tempo. Quanto da verdade podemos contar a ele? Não quero mentir para ele, mas ele tem dez anos. Não sei se ele consegue lidar com toda a verdade.

Acho que vamos ver o que acontece.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Depois de voltarmos para minha casa, a primeira coisa que Shane quer fazer é tomar banho. Quando dou sinal verde para ele, ele vai direto para o banheiro do andar de cima e fica lá por mais de meia hora. Ele sai parecendo que acabou de passar o dia em um spa.

— Esse foi o melhor banho que tomei em dez anos — anuncia. — Eu consegui deixar a água na temperatura que eu quisesse. Eu poderia passar o tempo que quisesse lá. E eu não estava nu ao lado de outros cinco caras.

— Parece ótimo — eu rio.

Ele olha para o relógio. — Então o ônibus deve chegar logo, certo?

— Muito em breve. — Tirei o dia de folga do trabalho e dei a tarde de folga para Margie também. — Provavelmente acontecerá nos próximos dez minutos.

— Ok... — Ele passa a mão trêmula pelo cabelo úmido, depois olha para sua calça jeans. — Você acha que o que estou vestindo está bom?

Ele está tão adoravelmente nervoso. Vou até ele e coloco minhas mãos em seus ombros. É a primeira vez que toco nele desde que ele saiu da prisão, mas parece certo. — Não fique nervoso. Ele vai gostar de você. Eu *prometo*.

— Como você sabe?

— Porque. — Eu sorrio para ele. — Você é um cara simpático.

Nossos olhos se encontram e um canto de seus lábios se curva. Agora que ele está limpo e sem o macacão da prisão, ele parece tão diferente. Eu tinha esquecido o quão sexy Shane poderia ser. E tenho que admitir que ele melhorou o seu jogo nos últimos dez anos. Até a cicatriz na testa que eu mesmo costurei é sexy.

Também me ocorre que ele não está com uma mulher há mais de uma década. E esta noite ele estará dormindo no quarto ao lado do meu.

O momento de silêncio entre nós é interrompido pelo som da campainha tocando. É o Josh. O ônibus escolar chegou.

Shane salta para longe de mim, olhando para a porta enquanto puxa o colarinho da camisa. Corro e destranco a porta, e lá está Josh, parado na entrada com a mochila pendurada no ombro, como se este fosse um dia comum, e não o dia em que ele estivesse prestes a conhecer seu pai pela primeira vez.

— Oi, mãe — ele diz. — Estou com fome.

— Josh. — Olho para Shane, que está torcendo as mãos. — Temos uma visita aqui. Este é Shane.

— Oi, Josh — Shane diz. — É muito bom conhecer você.

Josh ignora Shane e deixa cair sua mochila bem no centro do saguão. Ele deveria colocá-la de lado, mas sempre consegue colocá-la exatamente no lugar certo para alguém tropeçar. — Eu nem almocei — ele reclama. — Eles comeram ravióli no almoço e só me deram uns cinco raviólis. Cinco, mãe!

Olho para Shane novamente, preocupada por ele estar ofendido porque Josh parece apenas interessado em fazer um lanche, mas ele não parece chateado. Ele está apenas sorrindo e olhando para Josh como se não conseguisse superar isso.

— Tudo bem — eu digo. — O que você quer de lanche?

— Não sei. O que nós temos?

— Você sabe o que temos! — Oh meu Deus, esse garoto pode testar minha paciência às vezes.

— Quando eu era criança — Shane fala — eu adorava manteiga de amendoim em biscoitos Ritz. Minha mãe costumava fazer isso para mim o tempo todo.

Josh olha para Shane, considerando sua sugestão. Os dois são tão parecidos que me dá arrepios. Eu me pergunto se Josh percebe. Tenho certeza que Shane sabe.

— Tudo bem — diz Josh. — Eu aceito isso.

Felizmente, temos biscoitos Ritz e manteiga de amendoim na despensa – acho que Margie os usa como lanche. Josh vai jogar Nintendo, enquanto Shane me ajuda a preparar o lanche na cozinha. Coloquei os biscoitos no prato e ele os cobriu com manteiga de amendoim. Não é exatamente um trabalho para duas pessoas, mas nos dá a oportunidade de conversar.

— Sinto muito que ele tenha sido meio rude — digo.

— Sem chance. — Shane sorri para mim. — Ele gostou da minha sugestão. Isso foi ótimo! Além disso... — Ele abaixa a voz. — Ele me lembra muito de mim mesmo naquela idade.

— Eu sei, ele se parece muito com você.

— Não só isso. — Ele lança um olhar por cima do ombro. — Há algo nele. Personalidade dele. Ele só... isso me faz pensar em como eu era naquela idade.

Não quero discordar de Shane, mas internamente estou balançando a cabeça. Josh não é como Shane. Eu não conhecia Shane muito bem antes de começarmos a namorar, mas todo mundo sabia que Shane Nelson era selvagem. Josh não é assim. Ele é tímido e doce e nunca causou problemas na escola.

— Por que você não vai jogar Nintendo com ele? — Eu sugiro.

Os olhos de Shane brilham. — Sim?

— Claro. Por que não?

— Eu costumava brincar na casa de amigos quando era criança... — É claro que os Nelsons não tinham dinheiro para comprar um Nintendo. Eles mal podiam se dar ao luxo de manter as luzes acesas. — Você acha que ele iria querer que eu fizesse isso?

— Ele definitivamente faria isso.

Eu termino de fazer o lanche dos biscoitos Ritz enquanto Shane vai para a sala para se juntar a Josh. Mal consigo vê-los e não consigo ouvir nada do que dizem, mas parece que está indo bem. Shane se inclina sobre Josh, conversando com ele. Então ele se acomoda no sofá ao lado dele.

Depois de dez anos, Josh finalmente está passando um tempo com seu pai. Mal posso esperar para contar a verdade a ele.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Enquanto Shane e Josh estão jogando Nintendo, meu telefone toca com um número que não reconheço.

Quando Tim foi preso pela primeira vez, aprendi a não atender o telefone se não reconhecesse o número. A maioria eram repórteres do outro lado da linha, desesperados por um relato em primeira mão da minha experiência há onze anos e dos últimos meses. Eles me ofereceram quantias absurdas de dinheiro para contar minha história, mas eu sempre recusei. Já é ruim o suficiente ter que testemunhar no julgamento de Tim — não tenho vontade de revivê-lo com um repórter e depois ver minha história espalhada por todos os noticiários e pela internet. Sem falar que aumentaria as chances de Josh descobrir a verdade.

E também havia os odiadores que costumavam me ligar. Pessoas que ficaram furiosas comigo por mandar um homem inocente para a prisão. Por se apaixonar por um homem que se revelou um assassino. Tive que mudar meu endereço de e-mail porque minha caixa de entrada era inundada todos os dias com mensagens iradas e até ameaças. Mudei meu número de telefone também, mas não ajudou. Se alguém realmente deseja entrar em contato com você, sempre há um caminho.

Mas já faz tempo suficiente. Houve uma centena de outras notícias desde a prisão de Tim, e o público tem memória curta. Os repórteres não estão mais interessados na minha história. Sou notícia de ontem e é assim que prefiro.

Portanto, é seguro atender o telefone.

Clico no botão verde para aceitar a ligação enquanto me acomodo à mesa da cozinha. — Olá?

— Brooke?

É a voz de uma mulher. Ela parece mais velha, mais ou menos a mesma idade que minha mãe teria, mas não a reconheço.

— Sim... — eu digo.

— Brooke, é Barbara Reese.

Eu me encolho, desejando não ter atendido a ligação. Barbara Reese deixou várias mensagens no meu correio de voz quando Tim foi preso pela primeira vez, mas nunca respondi nenhuma delas. Ela estava desesperada para falar comigo, o que não é surpreendente, considerando que testemunharei contra seu único filho no julgamento. E essa é mais uma razão pela qual não posso falar com ela.

— Sra. Reese — eu começo — eu não posso...

— Por favor, não desligue, Brooke. — Sua voz falha nas palavras. Por mais difíceis que tenham sido os últimos meses para mim, tenho certeza de que foram ainda piores para ela. — Por favor. Eu preciso falar com você.

Quero desligar o telefone, mas não posso fazer isso com a Sra. Reese. A verdade é que eu gostava muito dela quando era criança. Passei cerca de metade da minha infância na casa de Tim, e a Sra. Reese era muito mais legal do que minha própria mãe. Ela sempre comia lanches melhores do que na minha casa, ela e o marido faziam os melhores hambúrgueres na grelha e ela sempre tinha palavras gentis para me dizer. Sem mencionar que quando minha mãe pegou Tim e eu brigando naquela época, quando estávamos no ensino médio (praticando!), ela fez o possível para acalmar as coisas com minha mãe histérica. Sempre invejei Tim por sua mãe.

— Sinto muito — digo — mas não temos nada para conversar.

Afasto o telefone do ouvido, mas sou interrompida pelo som da Sra. Reese gritando: — Por favor, não desligue, Brooke! Por favor, apenas me escute!

Soltei um longo suspiro. — Não há nada para conversar. Eu... eu vi um cadáver no porão dele. Desculpe. Eu sei que é difícil ouvir isso. Eu também nunca teria pensado que Tim faria isso.

— Ele não faria isso! — A Sra. Reese perdeu a compostura. — Brooke, você o conhecia melhor do que ninguém. Você realmente acredita que ele mataria aquela garota?

— O corpo estava em seu porão.

— Então outra pessoa deve ter colocado isso lá!

Sinto uma onda de tristeza. Ela não acredita porque não estava presa naquela adega onde uma garota morta estava enrolada em uma lona, apodrecendo no chão do porão. Ela não viu o pânico no rosto de Tim quando percebeu que a polícia estava descendo para o porão. Teria sido muito difícil me convencer de que meu ex-melhor amigo era um serial killer, mas aquela noite me tornou uma crente.

Naquele momento, Shane entra na cozinha com seu copo de água vazio. Ele começa a preencher, mas quando percebe que estou ao telefone e percebe a expressão em meu rosto, levanta uma sobrancelha para mim. Ele murmura as palavras: *Quem é?*

— Por favor, fale com Tim — choraminga a Sra. Reese. — Se você falar com ele e ainda acreditar que ele fez aquelas coisas horríveis...

— Não vou visitar Tim na prisão. — Isso está absolutamente fora de questão. — Sinto muito, Sra. Reese.

A outra sobrancelha de Shane se levanta ao ouvir o nome Sra. Reese. Ele fica ali, segurando o copo de água em uma das mãos, ouvindo o final da conversa.

— Você precisa, Brooke! — Sra. Reese chora. — Tudo isso está acontecendo por sua causa, você não entende? Dê a Tim uma chance de explicar. Você tem que...

Antes que a Sra. Reese possa completar sua frase, Shane arranca o telefone da minha mão. Ele o pressiona contra o ouvido, escuta por um segundo e depois pigarreia alto.

— Sra. Reese — ele diz com voz firme. — É Shane Nelson. Você precisa deixar Brooke em paz. Não ligue para esse número nunca mais.

Com essas palavras, Shane aperta o botão vermelho do telefone e depois o joga no balcão da cozinha. — Que coragem dela — ele murmura.

— Para ser justa... — Eu olho para ele. — Sua mãe me ligou quando você estava em julgamento e disse quase exatamente as mesmas coisas.

— Certo, mas eu era inocente.

— Tenho certeza de que a mãe de Tim pensa que ele é inocente.

— Oh, por favor. — Agora que desliguei o telefone, ele enche o copo de água até a borda. — Ela sabe a verdade. Como ela poderia não saber? Afinal, ela o criou. — Ele toma um gole de seu copo de água. — Você não acha que se Josh fosse um assassino, você saberia disso?

É engraçado porque quando eu acreditava que o pai de Josh era um assassino, eu estava sempre observando meu filho em busca de tendências sociopatas. Se ele tivesse demonstrado alguma coisa, eu teria me precipitado, mas Josh era um bom menino. Ainda assim, as crianças mudam depois que crescem. Será que o conhecerei quando ele tiver trinta anos tão bem quanto o conheço aos dez?

— Eu não sei — eu finalmente digo.

Ele revira os olhos. — Não seja ingênua, Brooke. A mãe de Tim não está procurando a verdade. Ela só está tentando tirar o filho da prisão. Você não pode deixar isso acontecer.

Ele está certo, é claro. A Sra. Reese fará o que for preciso para que seu filho seja absolvido. Mas vai ser preciso muito mais do que me convencer.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Depois do dia estressante que tive, não consigo nem pensar em preparar o jantar. Em vez disso, pedimos uma pizza. Há um momento fofo em que Shane e Josh descobrem que ambos adoram pepperoni na pizza, e eu juro, Shane parece que vai chorar.

A conversa no jantar flui facilmente. Eu tinha esquecido o quão naturalmente carismático Shane poderia ser, e mesmo que ele esteja se esforçando demais, Josh parece não notar. Josh está um pouco deprimido desde que Tim foi preso, e este é um dos jantares mais agradáveis que tivemos desde aquela noite.

Depois que Josh sobe para terminar o dever de casa, Shane permanece na mesa da cozinha, sorrindo para si mesmo.

— O que? — Eu digo.

— Ele é um garoto legal — diz ele.

— Sim. Ele é.

— Ele também parece inteligente. — Ele inclina a cabeça. — Bom em esportes?

— Muito bom. Você deveria vê-lo rebater uma bola de beisebol.

Seus olhos se arregalam. — Posso?

— Bem, agora não. Mas quando o tempo melhorar. E a Little League começa na primavera. Você pode ir aos jogos dele, tenho certeza que ele adoraria.

Nunca vi o rosto de ninguém se iluminar com a perspectiva de assistir a um jogo de softball infantil, o que é reconhecidamente muito chato. — Obrigado, Brooke — diz ele.

— Por que?

— Por fazer um trabalho tão bom criando nosso filho.

Dou uma rápida olhada na escada. — Cuidado com o que você diz. As paredes são finas por aqui.

— Certo. Desculpe. — Ele limpa a garganta. — De qualquer forma, eu só queria dizer que agradeço por você ter me colocado aqui, e logo estarei fora de seu alcance.

Eu pisco para ele. — O que você está falando?

— Oh. — Ele levanta um ombro. — Eu esqueci de mencionar. Tive notícias do meu advogado e, aparentemente, a minha mãe deixou-me a casa da fazenda no seu testamento. Então, depois de limpar aquele lugar, poderei morar lá. Acho que irei amanhã.

A fazenda. O lugar onde tudo aconteceu. O *massacre*.

— Como você poderia querer morar lá? — Eu digo. — Depois de tudo o que aconteceu...

Suas sobrancelhas se erguem. — Essa foi minha *casa* por dezoito anos, Brooke. E honestamente, não é como se eu tivesse muitas opções.

— Você pode ficar aqui o tempo que quiser.

— Não quero impor.

— Você não estará.

Ele olha para o prato à sua frente, manchado de gordura de pizza. — Agradeço sua generosidade, mas esta não é minha casa. Eu preciso do meu próprio lugar. Você entende, certo?

Eu entendo, mas não gosto. Aquela casa de fazenda só aparece nos meus pesadelos hoje em dia. Não consigo imaginar como ele poderia querer morar lá. A ideia de chegar perto disso me deixa fisicamente doente.

— Se é isso que você quer — eu finalmente digo.

Só não me peça para visitar.

Limpamos tudo do jantar e subo com Shane para pegar algumas roupas de cama para o quarto de hóspedes. Pego um cobertor extra

para ele também, porque começou a nevar e o quarto parece um pouco frio. Ele insiste que pode arrumar a cama sozinho, então vou deixá-lo sozinho enquanto digo boa noite para Josh.

Josh terminou o dever de casa e está lendo silenciosamente na cama. Ele larga o livro quando me vê entrar.

— Eu escovei os dentes — ele me diz.

Eu me acomodo na beira da cama dele. Durante os primeiros cinco anos da vida de Josh, nós dois dividimos a cama por necessidade. (Foi excelente para minha vida amorosa.) E agora o garoto tem seu próprio quarto. — Bom trabalho. Todo o dever de casa está feito?

— Sim. — Ele hesita. — Mãe?

— Sim?

— Por que aquele cara, Shane, está ficando conosco?

— Ele é um velho amigo. — A mentira está ficando cada vez mais fácil. — Ele só vai ficar algumas noites. Por que?

Josh encolhe os ombros magros. — Sem motivo.

— Você não gosta dele?

Ele hesita e meu estômago afunda. Josh gosta de todo mundo. Embora eu pensasse que era possível que ele e Shane não fossem melhores amigos imediatamente, nunca me ocorreu que Josh não gostaria dele.

— Está tudo bem — Josh diz cuidadosamente.

— Ele foi mau com você?

— Não.

— Há algo que você não gosta nele?

— Não... — Mas, novamente, há aquela hesitação. Há algo que ele não está me contando, e fico louca por não conseguir arrancar isso dele.

Eu não sei o que Shane poderia ter feito de errado. Fiquei de olho neles praticamente o tempo todo desde que Josh chegou em casa. Shane tem sido ótimo com ele, considerando que ele não tem experiência com crianças. Quero dizer, Tim era professor. Isso era o que ele fazia para viver. Obviamente, ele era melhor em fazer amizade com um menino de dez anos do que com um cara que passou os últimos dez anos de sua vida na prisão.

— Quanto tempo ele vai ficar? — Josh pergunta.

— Como eu disse, não tanto tempo. Talvez algumas noites.

É minha imaginação ou Josh parece aliviado?

Não sei o que Josh tem contra Shane, mas não vou contar nada disso a Shane. Ele ficaria completamente arrasado. Tenho que fingir que Josh o achou ótimo.

Quando entro no quarto de hóspedes, Shane acabou de colocar os lençóis novos na cama. Ele está sacudindo o cobertor, mas o larga quando me vê. — Ei — ele diz.

— Ei.

— Então... — Ele esfrega a cicatriz na testa. — Josh disse alguma coisa sobre mim?

Não posso dizer a ele que Josh parecia feliz com a ideia de que não ficaria muito tempo. — Ele gostou de você.

Foi a coisa certa a dizer. Um sorriso se estende pelos lábios de Shane. — Fantástico. Você sabe, eu estava pensando, talvez até conseguir um emprego, eu poderia estar aqui quando Josh chegar da escola todos os dias e ficar de olho nele para você.

— Ah... — Eu desvio meus olhos. — Bem, a questão é que já temos alguém que está aqui todos os dias. Então...

— Mas isso economizaria dinheiro. E eu passaria um tempo com ele.

— Deixe-me pensar sobre isso — digo, embora não vá. Não vou me livrar de Margie de jeito nenhum, especialmente quando Josh não parece tão louco por Shane. — Escute, há algumas roupas que você poderia usar ali na gaveta de cima.

Shane abre a gaveta de cima da cômoda ao lado da cama. Ele tira uma camiseta masculina, que agora percebo que tem a palavra Syracuse na frente. É onde Tim fez faculdade, e pela expressão no rosto de Shane, ele sabe disso. — Esta é a roupa do *Tim*?

— Sim — eu admito. — Estava em casa então...

Shane deixa cair a camiseta enojado. — Ótimo.

— Desculpe. — Agora me ocorre o quão inapropriado isso era. Não parecia uma má ideia antes. Quero dizer, são apenas roupas. — Vou pegar outra coisa para você usar amanhã.

Ele solta um suspiro e cai na beira da cama. — Não, está bem. Não posso ser exigente. E são apenas roupas.

— Eu lavei — digo fracamente.

Ele olha para seu colo. — É minha culpa que você estivesse nesta posição. Se eu tivesse protegido você melhor dele naquela noite...

— Você tentou me avisar.

— Eu tentei... — Ele levanta os olhos. — Me mata que ele esteja se aproveitando de você desde que você chegou aqui. Nunca vou me perdoar por deixar isso acontecer.

Eu me acomodo ao lado dele na cama. — Não foi sua culpa. Você estava na prisão. De qualquer forma, no final deu certo. — Eu gentilmente coloco a mão na dele. — Estou feliz que você tenha saído agora.

Ele ri. — Eu também.

Ele olha para minha mão na sua e então seus olhos me percorrem. A saudade em seu rosto é inconfundível. Suponho que não deveria ficar

surpresa. O homem está preso há uma década. Ele nem sequer tocou numa mulher durante todo esse tempo.

E Shane ainda é *muito* atraente. Eu costumava desmaiar quando o via correndo pelo campo de futebol, e ele está ainda mais sexy agora que está mais velho. Ele é mais musculoso do que era no ensino médio – deve ter malhado muito na prisão. Ele é difícil de resistir.

Mas eu não posso fazer isso. E é melhor eu tirar minha mão da dele. Agora.

Quando ele percebe que me afastei dele, ele desvia o olhar. — Merda, me desculpe.

Tento manter minha voz calma. — Tudo bem.

— Não quero deixar você desconfortável de jeito nenhum — diz ele. — Eu não vou mentir – quando olho para você, eu quero... mas de qualquer forma, isso é problema meu. Não é seu. Eu prometo a você, serei um cavalheiro perfeito enquanto estiver aqui.

— Obrigada. — Eu sorrio para ele. — E você não deveria ter nenhum problema no departamento de romance. Você é muito gostoso.

Ele ri. — Eu sou? É bom saber.

— Estou apenas dizendo. Não acho que você terá muita dificuldade em encontrar uma mulher com quem compensar o tempo perdido.

— Ei, eu não quero uma mulher aleatória em um bar com quem eu não me importo. — Ele morde o lábio inferior. — Quero dizer, sim, já faz muito tempo. Mas ainda quero que seja com alguém de quem gosto. Alguém importante para mim.

— Shane...

— Como a mãe do meu filho...

Suas palavras mexem com algo dentro de mim. *A mãe do meu filho*. Shane é algo para mim que ninguém mais pode ser. Ele é o pai biológico de Josh. Depois de todos esses anos, ele é o único homem que

pode unir esta família. Ele quer estar aqui comigo, e nosso filho nunca será o segundo melhor para ele como eu temia que ele fosse para qualquer outro homem com quem eu escolhesse me casar.

— Brooke? — ele diz. Seus olhos estão cheios de luxúria inconfundível.

— Você deveria conseguir isso — digo a ele. — Você não deveria se acomodar. Você deveria ter essa conexão especial.

Quando ele se inclina e me beija, eu não o paro.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Acordo coberta de suor frio.

Shane e eu acabamos fazendo sexo ontem à noite. Eu não queria que isso fosse até o fim, mas eu poderia dizer que era o que ele queria muito, e não consegui dizer não. Afinal, ele estava privado disso há dez anos. Você não pode dizer não a dar um copo d'água para um cara que está perdido no deserto há dez anos.

Ok, percebo que não é a mesma coisa. Ainda.

Acabou rapidamente e depois me senti estranhamente vazia. Shane adormeceu quase instantaneamente, então não tivemos chance de conversar, o que foi o melhor. Saí do quarto de hóspedes e voltei para o meu próprio quarto, onde me revirei por mais de uma hora antes de finalmente cair em um sono agitado.

E claro, esse sono foi repleto de pesadelos.

Foi o mesmo pesadelo que sempre tive. Eu estava de volta à casa da fazenda, na sala escura com a tempestade forte lá fora. E aquele colar de floco de neve estava apertando meu pescoço. O trovão sacudiu a casa da fazenda e um elo do colar quebrou.

E foi aí que acordei às três da manhã, com a camisa de dormir encharcada.

Deito na cama tremendo. Não foi tanto um pesadelo, mas sim reviver o que aconteceu naquela noite. Tim me sufocando com aquele colar. E então o raio do trovão. E então...

Algo mais.

Ouvi outra coisa no momento em que o trovão irrompeu. Estou certa disso. Mas não consigo lembrar o que foi. A memória arranha a periferia do meu subconsciente e fecho os olhos com força, frustrada.

Bem, se não conseguir lembrar há dez anos, não vou lembrar agora.

Percebo que um som me acordou do sono. Algo de fora. Ainda há uma tempestade de neve lá fora, então foi difícil distinguir, mas quase parece...

Um motor de carro. Bem do lado de fora da minha janela. E algo mais:

A abertura do portão da garagem.

Saio da cama, minha cabeça girando. Ando pela escuridão até a janela que dá para a frente da minha casa. Está muito escuro lá fora, apenas com a luz fraca de um poste de luz, mas posso dizer que a porta da minha garagem está fechada. E...

Essas marcas de pneus estão na neve?

Aperto os olhos para a frente da porta da minha garagem, tentando decidir se devo dar uma olhada. Estou perdendo a cabeça aqui? Por que alguém estaria usando meu carro? A porta da garagem está trancada. Ninguém está entrando lá, exceto por dentro. E a única outra pessoa na casa é Shane, e ele nem tem carteira de motorista válida. Não que ele não seja capaz de dirigir, mas...

Meu coração está batendo forte demais para tentar voltar a dormir agora. Enfio meus pés em meus chinelos felpudos e rastejo pelo corredor até o quarto de hóspedes, onde Shane estava dormindo da última vez que o vi. E presumivelmente, ele ainda está.

A porta do quarto de hóspedes está fechada. Não há nenhum sinal de que Shane tenha saído do quarto. Pressiono meu ouvido contra a porta e quase consigo ouvir o som dele respirando profundamente. Não quero bater ou invadir. Ele parecia precisar de uma boa noite de sono.

Estou sendo paranoica. Ninguém estava usando meu carro. Ninguém está lá fora. O portão da garagem está fechado.

Claro, há uma maneira de verificar isso com certeza. Eu poderia ir até a garagem e ver se há neve no meu Toyota. Se houver, alguém o

dirigiu recentemente.

Só que quanto mais penso nisso, mais louco tudo parece. Acho que não ouvi o motor de um carro. Deve ter feito parte do meu sonho.

Preciso me acalmar e voltar a dormir.



Quando saio da cama pela manhã, me sinto realmente horrível. Minhas pálpebras parecem estar coladas e quase tenho que abri-las com os dedos. Antes mesmo de tomar banho, vou até a sala para pegar uma xícara de café.

Shane já está bem acordado e na cozinha. Ele está fazendo alguma coisa no fogão enquanto cantarola sozinho. Esfrego os olhos, observando-o por um momento até que ele finalmente me nota.

— Bom dia! — ele diz alegremente.

— Dia. — Bocejo alto. — Desculpe. Não dormi bem.

— Eu dormi muito bem. — Quando ele se vira para olhar para mim, as olheiras quase desapareceram. Sinto-me estúpida por pensar que ele estava vagando pela cidade em meu Toyota no meio da noite – ele estava claramente tendo a noite de sono que eu gostaria de ter. — Aquela cama é tão confortável.

Realmente não é. Mas sei como são horríveis os colchões da prisão.

— Estou acostumado a acordar cedo — explica. — Então eu fiz o café da manhã, se estiver tudo bem. Eu também fiz café, se você quiser.

Sirvo uma xícara de café da máquina. Normalmente coloco creme e açúcar, mas desta vez bebo puro. — O que você está fazendo?

— Panquecas.

— Josh adora panquecas. Especialmente se você adicionar algumas gotas de chocolate.

— Vou colocar.

Olho para a despensa. — Achei que tínhamos acabado a mistura para panquecas.

— Eu os fiz do zero, na verdade.

— Realmente? — Eu nem sabia que você poderia fazer isso. — Estou impressionada.

— Minha mãe e eu costumávamos fazer panquecas todos os domingos de manhã — diz ele. — Estou fazendo uma tonelada delas se você quiser acordar Josh e avisá-lo.

Ele diz essa última parte com certa timidez. Ele quer mais tempo com Josh. Eu entendo, mas ele não pode forçar isso.

— Depois do café da manhã — ele diz — vou sair e limpar a entrada da garagem, ok?

— Isso seria bom. — A neve parou em algum lugar durante as primeiras horas da manhã, deixando um cobertor grosso por toda a calçada e pela rua em frente à casa. Eu mesma tenho trabalhado com a pá - uma das muitas responsabilidades que recaem diretamente sobre mim como o único adulto da casa. É bom para Shane intensificar isso.

— E depois — acrescenta ele — pensei que poderíamos ir de carro até a casa da fazenda. Ver como está e talvez limpar um pouco.

Eu estava com a boca cheia de café e quase cuspi. — Dirigir para a casa da fazenda? *Hoje?*

Ele vira uma panqueca, que agora está dourada. — Por que não? Vai demorar um pouco para ficar pronto para eu me mudar para lá. É sábado. É melhor começar.

— Sim, mas... — Um suor frio surge na minha nuca. — Não sei se é uma boa ideia. Provavelmente está muito sujo e talvez até perigoso. Está vazio há muito tempo.

Ele franze os lábios. — Certo, e é por isso que preciso dar uma olhada. Não vai ficar mais limpo ficando ali parada.

Minhas mãos estão tremendo. Coloco a xícara de café na mesa da cozinha antes de deixá-la cair. — Eu simplesmente não me sinto confortável dirigindo por lá. Depois de tudo o que aconteceu, sabe?

Ele me olha surpreso. — Sério? Foi há onze anos.

Na verdade, acabamos de passar o aniversário de onze anos daquela noite horrível. — Sim, *com certeza*.

Ele larga a espátula que usa para virar as panquecas. — Bem, eu não sei o que vou fazer então. Não tenho carteira de motorista, então como vou chegar lá?

— Eu...

Ele franze a testa. — Você poderia pelo menos me dar uma carona? Você não precisa ficar ou entrar. Apenas me deixar.

Eu hesito.

— Por favor, Brooke?

Sinto uma pontada de culpa. O coitado não tem nem carteira de motorista, muito menos veículo. Tudo o que ele quer é voltar para a casa de sua infância para poder recuperá-la em condições habitáveis.

— Tudo bem — eu digo.

Mas mesmo quando as palavras saem da minha boca, sei que viverei para me arrepender delas.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Shane marca muitos pontos com suas panquecas. Josh come cerca de oito delas e, com a boca cheia, declara que são — as melhores panquecas de todos os tempos — Shane não poderia parecer mais feliz quando diz isso.

— Posso pegar alguns materiais de limpeza para levar para a casa da fazenda? — ele pergunta enquanto tira a comida da mesa.

— Claro... — Não quero dizer a ele que esperava que ele mudasse de ideia.

— Muito obrigado por fazer isso, Brooke.

Ele pousa a mão no meu ombro e dá um aperto. Eu me contorço, já que Josh ainda está à mesa. Sim, dormimos juntos ontem à noite, mas ele não entende que temos que ter cuidado com as informações que passam ao nosso filho de dez anos?

Com certeza, os olhos de Josh se arregalaram ligeiramente ao ver a mão de Shane no meu ombro. Mas ele não diz nada.

— Então — Shane diz. — Quando podemos ir?

— Indo aonde? — Josh fala.

Shane desliza de volta para um dos assentos da mesa da cozinha. — Sua mãe e eu vamos para uma fazenda muito legal no outro extremo da cidade. Eu morava lá há muito tempo.

— Ah — diz Josh. — Legal.

— Você quer ir? — Shane pergunta.

Eu respiro fundo. Eu estava pensando que Josh ficaria para trás enquanto eu levava Shane para a casa da fazenda. Mas, para minha surpresa, Josh balança a cabeça com entusiasmo. — Sim!

— Oh, querido — eu digo rapidamente. — Você não precisa ir conosco. Vai ser muito chato. Nós nem vamos entrar.

— Mas eu quero ir — Josh faz beicinho.

Acho que será uma viagem em família.

Shane sai para limpar a entrada da garagem e eu pego os materiais de limpeza da casa. Não sei exatamente o que levar e estou preocupada que a casa inteira esteja indescritivelmente suja. Não há carpete, então não me preocupo com o aspirador. Pego o esfregão e o balde, muito líquido de limpeza, alguns trapos e dois rolos de papel toalha. Shane terá um trabalho difícil para ele.

Depois de pegar todos os suprimentos, vou pegar as chaves do carro para jogar tudo no porta-malas. Guardo minhas chaves na estante bem ao lado da entrada da casa, na quarta prateleira a partir de cima, bem em frente ao dicionário Webster. Exceto quando vou alcançá-las, elas não estão lá.

Onde estão minhas chaves?

Uma fração de segundo depois, vejo as chaves na terceira prateleira. No mesmo local onde costumo colocá-las, exceto uma prateleira mais alta. Eu as pego na mão, olhando para o chaveiro como se procurasse uma pista.

Tenho certeza que coloquei as chaves na quarta prateleira. Eu as coloco lá todos os dias quando chego em casa da loja, do trabalho ou de qualquer lugar. É automático. Faço isso sem nem pensar. Então, embora não me lembre de ter colocado as chaves naquela prateleira, tenho certeza de que devo ter feito isso.

Claro, quando cheguei em casa ontem, muita coisa estava acontecendo. Eu estava trazendo para casa o pai do meu filho, um homem que esteve trancafiado na prisão durante a última década. Eu tinha muito em que pensar. Se houve um momento em que coloquei as chaves no lugar errado, foi ontem.

Ainda assim, isso me deixa desconfortável. Ontem à noite, quando acordei no meio da noite, tive certeza de ter ouvido o motor de um

carro do lado de fora da minha janela. E agora minhas chaves estão em um lugar diferente de onde as deixei.

Eu gostaria de ter verificado meu carro ontem à noite. Se alguém estivesse usando meu carro, haveria neve nele. Mas agora é tarde demais. Qualquer neve teria derretido.

A porta da frente se abre e Shane entra na casa, com as luvas cobertas de neve. Ele pousa a pá no canto perto da porta onde a encontrou e sorri para mim. — Você tem tudo que precisamos?

Isso é bobo. Devo ter colocado as chaves no lugar errado. Eu tenho muito em que pensar. Eu não deveria ficar louca analisando isso demais. E de qualquer forma, e se Shane levou o carro para algum lugar ontem à noite? Isso seria realmente a pior coisa que já existiu? Talvez ele só quisesse saber como era estar ao volante novamente depois de todo esse tempo. Eu não poderia culpá-lo.

— Sim — eu digo. — Eu peguei tudo.

Quinze minutos depois, carregamos o Toyota com os produtos de limpeza e eu pego a estrada com Shane no banco do passageiro e Josh no banco de trás. Tenho uma sensação horrível de mal estar quando entro na estrada, mas prometi a Shane que faria isso. Eu não posso desistir.

— Você sabe como chegar lá? — ele pergunta.

— Sim — eu respondo.

Ele fica quieto por um momento. — Você está bem?

Não, não estou bem. Estamos indo para a casa onde quase fui assassinada há onze anos. Não há nada nisso que esteja bem. Mas não posso exatamente dizer tudo isso na frente do meu filho. — Estou bem.

— Eu agradeço por você fazer isso.

— Sim.

Shane parece perceber que eu não quero mais falar sobre isso, então ele cala a boca e se recosta no assento. As estradas foram quase

todas limpas pela manhã, então, embora eu não tenha tração nas quatro rodas, não é tão ruim navegar por Raker. Só quando entro na estrada menor para chegar à casa da fazenda é que ela fica um pouco escorregadia. A estrada foi arada, mas não muito bem, e como está abaixo de zero, grande parte da neve restante se transformou em gelo.

— Jesus — Shane comenta enquanto o carro derrapa para o lado.
— Tenha cuidado, Brooke. Você não sabe dirigir na neve?

Não muito bem. Eu não tinha carro no Queens – apenas pagava o ônibus para onde precisava ir. Este Toyota é o primeiro carro que tive e este é meu primeiro inverno lidando com muita neve.

— Talvez você possa me dar algumas dicas algum dia — digo.

— Sim, talvez.

Dirijo devagar pelo resto do quilômetro até a casa da fazenda. Devo estar andando a menos de dezesseis quilômetros por hora. Depois de alguns minutos, a casa aparece.

Parecia ruim há onze anos e, se possível, parece ainda pior agora. A tinta vermelha está quase completamente gasta, exceto por algumas pequenas manchas, e os degraus da porta da frente estão quase completamente destruídos. O telhado está coberto de neve e parece que pelo menos está aguentando, mas aposto que há muitos danos lá também. Esta casa é um pouco mais que um consertador.

Shane está olhando para sua antiga casa, com as mãos segurando os joelhos. Não consigo ler seus pensamentos até que ele explode: — Olha! É meu velho Chevy!

Com certeza, o carro velho de Shane ainda está estacionado perto da casa, coberto por uma saudável camada de neve, mas ainda reconhecível. Tenho certeza de que o carro precisará de tanto trabalho quanto a casa para ficar em condições de uso. Paro ao lado do Chevy, esperando ainda poder pegar meu carro depois disso. O Toyota não é bom em dar ré em áreas com neve.

— É onde eu morava, Josh — Shane diz a ele.

— É como uma casa mal-assombrada — comenta Josh.

Shane pisca para mim. — Pode ser.

Eu não ficaria totalmente surpresa. Afinal, três pessoas morreram aqui. Parece que Shane não está sentindo a gravidade disso. Ele realmente parece feliz por estar aqui.

— Ei — Shane diz a Josh — você quer ver o interior?

— Claro!

Abro a boca para protestar, mas Shane e Josh já estão saindo do carro. Estou com tanta raiva de Shane agora que quero gritar. Tínhamos um acordo. Eu disse a ele que o deixaria aqui e depois iria embora. Mas se meu filho vai entrar na casa, obviamente não posso sair. Então não tenho escolha a não ser correr atrás deles.

Começo a gritar para Shane ter cuidado com os degraus, mas sem precisar ser avisado, Shane ajuda Josh a subir os quatro degraus até a porta da frente, certificando-se de que ele não escorregue ou caia. Sigo atrás, agarrando-me ao corrimão para não escorregar da escada gelada. Shane procura uma chave no bolso, que ele coloca na porta da frente. Enquanto ele destranca a porta, sinto uma sensação doentia de déjà vu, de quando Shane e eu estávamos namorando e ele me trouxe de volta para sua casa algumas vezes.

— Shane... — eu digo.

— Vamos dar uma rápida olhada — diz ele.

Ele luta um pouco para abrir a porta, entre a madeira lascada e podre e toda a frente da casa congelada. Ele tem que colocar todo o seu peso contra a porta, mas ela finalmente se abre. E então, contra o meu melhor julgamento, entramos.

O interior da casa é tão frio quanto o exterior. Não há energia, mas como é dia, não está tão escuro como naquela noite, onze anos atrás. Há teias de aranha presas no teto e todos os móveis estão cobertos por uma espessa camada de poeira. O cheiro de geada e mofo permeia o ar.

Mas pelo menos é melhor que sândalo.

— Nossa. — Shane olha em volta. — Este lugar certamente já viu dias melhores.

Meu olhar se desvia para a área em frente à escada. Foi lá que aconteceu. Foi lá que o Tim tentou estrangular-me com o meu próprio colar.

Josh passa o dedo pelo sofá. Ele levanta a ponta do dedo, que agora está revestida de preto. — Olha, mãe!

— Sim, está sujo.

— O sofá é uma causa perdida — diz Shane. — Mas eu poderia limpar o chão. E a cozinha...

Ele está olhando para mim com esperança. Ele quer minha ajuda. Ele precisa da minha ajuda. Ele vai levar o resto da vida para limpar este lugar sozinho. E agora que estou dentro da casa e não estou tendo um ataque de pânico, talvez isso não seja tão ruim quanto penso que será. Talvez eu finalmente supere o que aconteceu aqui naquela noite.

Talvez isso me ajude a curar.

— Ok, podemos ficar aqui algumas horas — digo. — E é isso.

Shane acena ansiosamente. — Muito obrigado, Brooke.

— Tudo bem — eu digo. — Vamos pegar os materiais de limpeza.

CAPÍTULO CINQUENTA

Nós três limpamos como uma família.

Até Josh entra nisso. Ele odeia limpar o quarto, mas esta é mais uma *aventura* de limpeza. Você não tem ideia das coisas nojentas que encontrará em cada esquina. Por exemplo, em uma lata de lixo vazia na cozinha, encontramos um rato congelado. É a coisa mais nojenta que já vi, mas Josh adora isso. E Shane se diverte com ele se divertindo com isso.

— Por favor, livre-se desse rato — murmuro para Shane. — Não quero que ele tente levar para casa para mostrar aos amigos.

Shane ri. — Você definitivamente entende a mentalidade do menino de dez anos.

Infelizmente, depois de cerca de duas horas de limpeza, liberamos uma boa quantidade de poeira no ar e Josh não consegue parar de espirrar. Seu nariz fica vermelho e seus olhos lacrimejam.

— Acho que você precisa sair — digo a ele. — Tome um pouco de ar fresco.

— Na verdade — diz Shane — poderíamos dar um passeio. A floresta por aqui é muito legal durante o inverno. Poderíamos até construir um boneco de neve. O que você me diz, Josh?

— Claro — Josh concorda.

Eu balanço minha cabeça. — Está frio demais. Não quero vagar pela floresta.

Shane olha para Josh e depois olha para mim. — Bem, eu mesmo poderia levá-lo se você quiser ficar para trás.

Um alarme dispara na minha cabeça. *Não deixe ele fazer isso.* — Não sei se é uma boa ideia.

Shane olha para mim por um momento, seus olhos escurecendo. — Por que não?

— Porque não é seguro.

— É perfeitamente seguro. — Ele franze a testa. — Eu costumava passar por essa floresta o tempo todo quando tinha a idade dele. Sozinho. E estarei com ele, cuidarei dele.

— Eu sei mas...

— Vou mantê-lo seguro. — O rosto de Shane fica levemente rosado. — Você não confia em mim?

Eu?

Fui eu quem garantiu que Shane fosse libertado da prisão. Eu o convidei de volta para nossas vidas. Ele é o pai do meu filho. Ele é a nossa chance de sermos uma família novamente e, se não posso confiar nele, tenho problemas muito maiores do que os dois passearem juntos em plena luz do dia.

Josh puxa meu braço. — Eu quero ir, mãe.

Até Josh quer ir. Os dois estão finalmente se unindo. Seria cruel impedir que isso acontecesse.

Shane enfia a mão no bolso e tira o celular que comprei para ele. Ele sacode no ar. — Eu tenho meu telefone. Você pode entrar em contato comigo se precisar. E eu tenho seu número se precisar de você.

— Tudo bem — eu digo. — Apenas tenha cuidado.

Shane coloca a mão em seu peito. — Eu juro, vou protegê-lo com minha vida.

Eu acredito nele.

Certifico-me de que Josh coloque o gorro e as luvas, e Shane faça o mesmo. Eu os levo até a porta e os observo entrar na pequena área arborizada ao lado da casa da fazenda. A certa altura, Josh escorrega em um pedaço de gelo, mas Shane estende a mão e o estabiliza.

Vai tudo ficar bem. Shane é o pai de Josh. Ele não vai deixar nada acontecer com ele.

Volto para a casa da fazenda, fechando a porta atrás de mim. Está ficando frio lá fora, definitivamente abaixo de zero. Aposto que depois de dez minutos Josh vai começar a reclamar e querer voltar para dentro. Embora ele não esteja tão incomodado com o frio quanto eu. Sempre tive que lutar para fazê-lo vestir o casaco para ir à escola, como se houvesse alguma chance de deixá-lo ir para a escola apenas com um moletom quando fazia vinte graus lá fora. Eu me pergunto se Shane era assim quando era criança.

Minhas costas doem um pouco por causa de toda a limpeza, então paro um minuto para sentar em uma das cadeiras que limpamos. Tiro meu telefone do bolso do casaco – mal consigo sinal. Uma barra para o serviço de celular, mas acho que é o suficiente. Abro o navegador da Internet e hesito por um momento antes de digitar: Timothy Reese.

Não sei por que continuo procurando por ele. Nada muda no dia a dia, agora que já se passaram dois meses desde sua prisão. Logo depois, seu nome foi estampado em todos os jornais. Era uma grande história: um diretor assistente bem-educado que matou uma ex-namorada e pode ter sido responsável por vários assassinatos anos antes.

Tim teve a ousadia de se declarar inocente – quase sinto como se ele estivesse fazendo isso para me torturar. O corpo de uma mulher foi encontrado em seu porão. Ele realmente acha que há alguma chance de sair da prisão depois de algo assim? Já me disseram que testemunharei em seu julgamento. Estou com medo, mas é isso que tenho que fazer. É minha culpa que ele não tenha ido para a prisão dez anos antes. Ele me enganou completamente.

Não vou perder mais tempo pensando nele. Excluo o nome dele do meu mecanismo de pesquisa.

Em vez disso, abro o site de notícias local no meu telefone. Vou folhear algumas histórias enquanto espero que Shane e Josh construam seu boneco de neve ou que Josh fique com frio e queira voltar, o que ocorrer primeiro. Demora uma eternidade para o site de notícias carregar. O texto aparece primeiro, com as imagens ainda carregando

na tela. Isso provavelmente vai esgotar minha bateria. Enquanto espero, vejo a primeira história:

Guarda prisional local encontrado morto

Olho para a manchete, meu coração afundando no estômago. Não pode ser. *Não pode.*

Tento clicar no título. Nada acontece. Por que a Internet tem que ser tão ruim aqui? A imagem ao lado do título está sendo preenchida praticamente pixel por pixel. O início de uma cabeça careca se materializa na tela.

Não pode ser Marcus Hunt. Não *pode.*

E então a imagem fica um pouco mais preenchida. Apenas o suficiente para que eu possa ver seus olhos.

Oh Deus. É ele. É Hunt. Ele foi encontrado morto – possivelmente hoje. Toco no artigo novamente, mas a tela congelou completamente. Não vou conseguir ler essa história. Não sei quando isto aconteceu ou como, mas de alguma forma, Marcus Hunt foi assassinado.

Esta é uma notícia de última hora. O que significa que eles devem tê-lo encontrado recentemente. Ele foi morto durante a noite? Eu não faço ideia.

Mas sei que esta manhã as chaves do meu carro estavam em um lugar diferente daquele em que as deixei quando voltei para casa ontem. E também sei que depois de tudo o que aconteceu na Penitenciária Raker, Shane deve desprezar Marcus Hunt com uma paixão ardente.

Minha cabeça está girando. Pulo da cadeira e ando pela sala como se isso pudesse me dar alguma pista sobre o que aconteceu ontem à noite. Mas é claro que a sala está completamente silenciosa. Sem pistas. Só muita poeira.

Congelo quando chego ao pé da escada. Descanso minha mão brevemente no corrimão. Como tudo mais, está empoeirado.

Era exatamente aqui que eu estava quando Tim tentou me estrangular. Eu tinha acabado de descer as escadas e sair correndo do quarto de Chelsea porque, por algum motivo maluco, coloquei na cabeça que ela poderia ter esfaqueado Brandon e Kayla. Mal sabia eu, ela também morreria logo depois, e minha decisão de sair do quarto custou a vida da minha melhor amiga.

Fecho os olhos, tentando não pensar naquela noite, mas isso só parece piorar as coisas. Quanto mais tento não pensar nisso, mais vívido tudo parece. Nos últimos anos, as memórias quase desapareceram. Mas agora que estou nesta casa de fazenda novamente, parece que tudo aconteceu ontem.

Saí correndo do quarto de Shane. Desci as escadas correndo o mais rápido que pude e tropecei. E então, rápido como um raio, Tim estava em cima de mim, apertando o colar em volta do meu pescoço enquanto o cheiro de sândalo enchia minhas narinas. Então houve um trovão, mascarando outro som que eu não conseguia entender.

Quase posso sentir o peso de seu corpo me esmagando. O ar sendo cortado dos meus pulmões. E tento gritar:

Shane, não!

Meus olhos se abrem novamente. Afasto-me da escada, meu coração batendo forte no peito. Com o passar dos anos, comecei a duvidar de mim mesma. Eu nunca vi o rosto dele, então poderia ter sido qualquer pessoa naquela noite. Só que não foi ninguém. Eu sabia quem era naquela noite. E eu sei quem foi agora.

Era Shane.

Eu estava namorando ele há meses. Eu conhecia seu corpo. Eu sabia que era ele em cima de mim. Não era Tim, que era mais magro e magro. Era Shane. Shane foi quem tentou me estrangular, e provavelmente foi ele quem assassinou Hunt na noite passada. Como eu poderia ter me iludido de outra forma?

Hunt estava certo. Shane é manipulador. Ele realmente me fez acreditar...

Todo o meu corpo está tremendo. Quase consigo sentir o estrondo do trovão que abalou a casa há tantos anos. E o som que quase mascarou. A peça que faltava no quebra-cabeça. Quase consigo ouvir. Era...

Um grito abafado.

Enquanto Shane me estrangulava no chão da sala, Chelsea gritava no quarto do andar de cima. Ela não estava gritando porque viu o que Shane estava fazendo comigo – porque a porta do quarto estava fechada. Ela estava gritando porque alguém estava vindo contra ela com uma faca.

Exceto que não era Shane. Não poderia ter sido.

Havia outro assassino na casa naquela noite. Dos três sobreviventes, havia apenas uma outra pessoa que poderia ter sido.

Oh meu Deus.

Tim e Shane fizeram isso juntos.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Faz todo o sentido. Não acredito que nunca vi isso até agora.

Na noite em que aconteceu, Shane me deixou quase na frente da casa de Tim. Ele nunca fez isso. E aconteceu que Tim estava lá fora, em seu quintal. Eles devem ter pensado que eu o convidaria. E se eu não tivesse feito isso, Tim teria conseguido um convite.

Assim que chegamos à casa da fazenda, apesar de alegarem que se odiavam, os dois de repente começaram uma conversa tranquila. Lembro-me da maneira como eles ficaram se olhando durante a noite. Achei que era porque eles se odiavam, mas, pensando bem, era mais do que isso.

Shane era o único que de alguma forma sabia que Tim havia namorado Tracy Gifford. Ficamos todos chocados por ele saber disso. Mas é claro que ele sabia. Eles provavelmente a mataram juntos. Ela era o treino deles naquela noite.

E depois que encontramos Brandon morto, Chelsea e eu deixamos Shane e Tim sozinhos na sala. Era quase perfeito demais para eles. Shane saiu, dando a Tim a chance de ir até o quarto de Kayla e acabar com ela.

E no segundo em que Chelsea e eu nos separamos, Shane tentou me estrangular na sala de estar. Eu acreditava ter tropeçado no corpo de Tim na sala, mas estava tão escuro que devo ter tropeçado em alguma outra coisa enquanto Tim estava escondido nas sombras. E enquanto minha traquéia estava sendo esmagada, Tim foi até o quarto de Shane para cuidar simultaneamente de Chelsea – o som do trovão quase mascarou o som de seus gritos. Nunca entendi muito bem quando o assassino teve tempo de se livrar de Chelsea, mas agora tudo faz sentido.

Quando perceberam que eu escapei da casa, devem ter pensado rapidamente. Era óbvio que a pequena facada na barriga de Tim não pretendia matá-lo. O objetivo era fazer parecer que ele era uma vítima.

A mesma coisa com o inchaço no couro cabeludo de Shane. Eles estavam apenas fingindo estar inconscientes. Talvez o plano fosse esperar nunca ter visto o rosto da pessoa que me sufocou, culpar um vagabundo por todo o massacre e alegar que as pegadas haviam sido apagadas.

Mas então, quando coloquei a culpa em Shane, Tim virou-se. Ele se voltou contra Shane, seguindo minha história para salvar sua própria pele. Isso deve ter deixado Shane louco, mas o que ele poderia fazer? Se ele dissesse a verdade, seria admitir que era um assassino.

Para sorte de Shane, Tim não conseguiu evitar matar novamente.

Meus joelhos dobram sob mim e mal consigo chegar à cadeira antes de desabar. Shane é louco. Ele tentou me matar naquela noite – não tenho mais dúvidas de que foi ele. E agora ele está na floresta com meu filho.

Nosso filho.

Minhas mãos estão tremendo demais para tirar o telefone do bolso do casaco. Preciso trazer Shane e Josh de volta aqui, e não posso deixar Shane saber que sei o que ele fez. Assim que voltarmos à cidade, irei direto à polícia. Vou contar a eles tudo o que sei.

O telefone toca cinco vezes, até que a voz de Shane chega do outro lado da linha: — Oi, Brooke.

Ele parece tão normal. Ele não parece um assassino. Não posso revelar o que sei. — Ei. Vocês vão voltar logo?

— Em breve — Shane diz vagamente. — Estamos nos divertindo muito aqui construindo aquele boneco de neve.

— Isso é ótimo. — Tento manter minha voz firme e normal. Como minha voz geralmente soa? Eu nem consigo me lembrar. — Mas está ficando tarde. Você deveria voltar.

— Tarde? Ainda é meio da tarde.

— É só que... está frio aí fora. Não quero que Josh fique doente.

— Ele está bem. Ele está todo agasalhado.

— Ainda. Acho que é melhor você voltar logo. Você sabe?

Há uma longa pausa na outra linha. — Não, eu não sei. Só estou tentando passar um tempinho com meu filho, Brooke. Você sabe, aquele que eu não via há dez anos e nem sabia que existia.

— Shane — eu respiro. — Escute...

— Não, escute você, Brooke. — Seu tom é cortante – destruí qualquer vantagem que tinha. — Perdi dez anos. Dez anos. Você nem me contou.

— Sinto muito — eu digo suavemente.

— Um pouco tarde para isso, não é? — Ele bufa. — Mas não se preocupe. Agora que estou aqui, vamos recuperar o tempo perdido. E talvez você veja como é perder.

— Shane... — Eu me levanto da cadeira, meu coração batendo forte. Corro em direção à porta da casa da fazenda. — O que você está falando?

— Acho que você sabe, Brooke.

Saio pela porta da frente da casa da fazenda. Eu olho para a floresta, na direção em que Shane e Josh desapareceram. Não consigo ver nada, apenas um branco ofuscante. Para onde eles foram?

— Poderíamos, por favor, conversar sobre isso em casa? — Eu imploro a ele. — Eu entendo como você está se sentindo, mas podemos resolver isso. Eu só quero ser uma família novamente. — Enfio a mão no bolso do casaco em busca das chaves do meu Toyota. — Diga-me onde vocês estão e eu irei buscá-los.

Vou dirigir pela estrada até vê-los. Vou encontrá-los nem que seja a última coisa que eu faça.

Exceto onde estão minhas chaves?

— Acho que será difícil para você nos buscar — diz Shane — já que tenho as chaves do Toyota.

— Mas... — Continuo verificando meus bolsos, certa de que ele deve estar errado. Tudo o que consigo encontrar são lenços de papel enrolados. — Por que?

— Acho que você sabe por quê, Brooke.

Isso não pode estar acontecendo. Não posso ser a responsável por ter libertado esse monstro e deixá-lo vagar pela floresta com meu filho. Este vai ser mais um daqueles sonhos dos quais vou acordar suando frio.

Acorde, Brooke!

Desço correndo os degraus até a porta da frente e entro na última. Minhas pernas deslizam e uma dor aguda atinge meu tornozelo direito. Meu telefone caiu das minhas mãos e está ao meu lado na neve. Eu agarro-o.

— Shane — eu suspiro. — Por favor... vamos conversar sobre isso.

— Ah, não se preocupe — ele diz. — Eu voltarei eventualmente. — Antes que eu tenha um segundo para me sentir aliviada, ele acrescenta: — Afinal, preciso ter certeza de que você sofrerá pelo que fez.

— Shane...

— Eu me pergunto — ele diz — se você gritará mais alto do que Tracy Gifford.

Minha boca se abre. Tento falar, mas nenhuma palavra sai.

— Adeus, Brooke. — Quase posso ouvi-lo sorrindo do outro lado da linha. — Ou devo dizer, vejo você mais tarde.

Pelo telefone, consigo ouvir a voz do meu filho. Sua risada. Talvez eu nunca mais o ouça rir.

— Shane! — Eu choro. — Por favor...

Mas é muito tarde. A linha está morta.

Tento ligar de volta para ele, mas cai imediatamente no correio de voz. Shane não vai trazer Josh de volta. Não sei onde ele está, mas ele sabe que descobri o jogo dele. Perdi minha vantagem. E mesmo que ele volte eventualmente para tentar me machucar, ele será esperto. Ele vai esperar muito tempo – até que o aquecimento acabe.

Por alguma razão, a ideia de enfrentar Shane não me assusta. O que me assusta é o que vai acontecer com meu filho. Não posso deixar aquele monstro escapar impune.

Agarro-me ao corrimão da escada para me levantar. No segundo em que tento colocar peso no tornozelo direito, ele grita de dor. Definitivamente está torcido, possivelmente quebrado. Tenho medo de tirar as botas para avaliar os danos, e isso não vai adiantar nada, de qualquer maneira. Isso não vai me ajudar a encontrar Shane e Josh.

Digito 911 no meu telefone com dedos trêmulos. Ele não vai escapar levando Josh. Haverá um alerta âmbar, eles o encontrarão e Shane voltará para a prisão. Ele nem tem carro — pode ter levado minhas chaves, mas o Toyota ainda está aqui. A polícia irá encontrá-los. Estou certa disso.

Exceto quando tento conectar a chamada, ela não é completada. Eu olho para a tela do meu telefone.

Sem serviço.

É quase uma coincidência que meu serviço tenha sido interrompido justamente quando Shane desligou comigo. Ele tem algum tipo de bloqueador para impedir o funcionamento dos celulares? Foi isso que ele e Tim fizeram naquela noite, onze anos atrás, para garantir que nenhum de nós pudesse pedir ajuda?

O que eu vou fazer? Se eu não tiver serviço de celular e nenhum veículo, minha melhor aposta é caminhar até a estrada principal. Mas não tenho certeza se consigo colocar peso no tornozelo.

Eu não tenho escolha. Mesmo que eu esteja andando com o tornozelo quebrado, não importa. Eu tenho que fazer isso por Josh. Não posso deixar aquele monstro roubá-lo e fazer Deus sabe o que com ele.

Coloquei um pouco de peso no tornozelo direito. A dor é quase cegante, mas eu a supero. Por Josh. Estou fazendo isso por Josh.

Manco pela estrada, cada passo parece uma faca me apunhalando no tornozelo. Não sei como vou fazer isso, mas vou fazer. Não vou parar de andar até chegar à estrada principal e então vou fazer sinal para um carro.

Mas, para meu choque e alívio, vejo um carro vindo na minha direção. É um SUV verde, como aquele que Margie dirige. Oh! Graças a deus. Não preciso continuar andando com meu tornozelo possivelmente quebrado. Balanço as mãos no ar como fiz naquela noite, onze anos atrás. O SUV derrapa e para.

— Me ajude! — Eu grito. — Meu filho foi sequestrado! Por favor ajude! Por favor!

A porta do lado do motorista se abre. Para minha total surpresa, Margie sai do carro, com as sobralhas grisalhas unidas. — Brooke! — ela chora. — Você está bem?

Que estranha coincidência que Margie estivesse vindo por esse caminho agora. Mas não posso me debruçar sobre isso. Não há tempo.

— Josh foi sequestrado! — Eu consigo enquanto manco em direção a ela. — Ele está em algum lugar na floresta. Precisamos chamar a polícia. Ele está em terrível perigo.

Os olhos de Margie caem para os meus pés. — O que aconteceu? Você está mancando.

— Eu escorreguei na neve. — Estou um pouco irritada por precisar explicar isso a ela quando há algo tão urgente acontecendo. — Não estou recebendo nenhum atendimento. Você pode ver se o seu telefone funciona para que possamos chamar a polícia?

— Claro! — Margie entra no carro e tira sua bolsa gigante. Ela vasculha até encontrar seu telefone. — Oh, droga, não há serviço.

Eu esperava isso. — Tudo bem, então teremos que dirigir até a delegacia. Vamos agora.

Margie gira a cabeça para olhar a floresta. — Tem certeza que ele está em perigo? Quero dizer, ele está com o pai. Tenho certeza que ele está bem.

— Margie... — eu começo a dizer, mas então paro.

Nunca contei à Margie que Shane era o pai do Josh. Eu nunca contei a ela que estava com Shane. E certamente nunca contei a ela onde estava hoje. Mesmo que ela não pareça nem um pouco surpresa em me ver aqui.

— Margie? — Eu digo.

Seus lábios se curvam ligeiramente. — Esse não é realmente meu nome. Já nos conhecemos e você me conhece pelo meu nome verdadeiro, mas duvido que se lembre dele. Claro que você não faria isso. — Ela dá uma risadinha. — Na verdade, vou te dizer uma coisa, Brooke. Se você puder me dizer meu nome verdadeiro, vou levá-la direto para Shane e Josh.

Olho para seu rosto enrugado, tentando desesperadamente identificá-la. Enquanto tento descobrir, ela vasculha sua bolsa novamente. Mas desta vez, em vez do telefone, ela saca uma arma.

E ela aponta direto para mim.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Eu não entendo o que está acontecendo aqui. Por que Margie tem uma arma? O que ela está fazendo aqui? Como ela sabe que Shane é o pai de Josh? Tenho certeza de que nunca contei isso a ela. Nunca contei a ninguém, exceto a Tim — e ele não teria contado a ela.

— Margie — eu suspiro. — Por que... por que você está fazendo isso? Eu pensei que eramos amigas.

— Amigas! — Margie joga a cabeça para trás e ri até a papada tremer. — Não. Não éramos *amigas*. Eu só tolerarei você para poder passar mais tempo com meu neto. Essa é a única razão pela qual não cuspi na sua cara.

Minha boca se abre. — Sua...

— Josh é um menino muito doce — ela reflete. — Não é tão doce quanto meu garoto, mas é claro, ele foi criado por você, não por mim. Todos esses anos, sua mãe bruxa nem nos contou que ele existia. Você pode acreditar nisso?

Só consigo balançar a cabeça. — Eu não entendo. E suas filhas? E os seus netos?

Ela cerra os dentes, os nós dos dedos embranquecendo enquanto ela aperta a arma com mais força. — Eu não tenho filhas. Tenho um filho e o vi apodrecer na prisão nos últimos dez anos. E tenho um neto que nem sabia que existia até um ano atrás.

— Você é a mãe de Shane — eu suspiro.

— Eu não esperava que você se lembrasse de mim. — Ela dá de ombros. — Nós nos encontramos apenas algumas vezes e foi há muito tempo. E não era como se eu significasse alguma coisa para você.

Não é só isso. Pamela Nelson parece muito diferente de há uma década. Lembro-me dela com cabelos escuros e corpo curvilíneo, mas a mulher que contratei para cuidar de Josh tinha cabelos grisalhos e era

agradavelmente rechonchuda. Ela mudou completamente sua aparência na última década. Eu não tive chance.

— Sra. Nelson... — Eu tenho que apelar para ela. Eu sei que ela se preocupa com Josh, e ele a adora – ela era muito melhor com ele do que minha mãe jamais foi. Talvez ela não perceba que tipo de monstro seu filho é. Claro, ela está segurando uma arma, então acho que ela deve entender alguma coisa. — Olha, eu sei que você ama Shane, mas ele fez algumas coisas terríveis. Eu estava errada sobre aquela noite, onze anos atrás. Não foi Tim. Quer dizer, era, mas ele estava trabalhando junto com Shane. Os dois mataram três pessoas naquela noite.

A Sra. Nelson zomba de mim. — Oh, por favor. É isso mesmo que você pensa?

— Sim! É a verdade. Tim e Shane estavam trabalhando juntos. Enquanto Shane me estrangulava na sala, Tim estava lá em cima e ele... ele esfaqueou minha melhor amiga.

— Não — ela diz. — Ele não fez isso.

— Você não sabe disso!

— Sim, eu sei. — Ela balança a arma para mim. — Porque fui eu quem esfaqueou Chelsea.

Todo o meu corpo fica dormente. *O que?*

— Você realmente acha que o bonzinho Tim Reese teria feito isso? — Ela bufa. — Ele era apenas nosso bode expiatório, começando com aquela garota com quem ele namorou... Tracy Gifford. Esse foi o plano que Shane e eu criamos: deixá-lo viver para que a polícia culpasse ele por tudo. E se você não tivesse fugido, teria funcionado.

Não acredito no que estou ouvindo. Isso não faz sentido. Eu sei o que vi no porão do Tim. — E aquela mulher, Kelli Underwood?

Ela lambe os lábios rachados. — Tive que tirar meu filho da prisão. Eu sabia que você iria para a casa do Tim naquele fim de semana, então preparei tudo. Até fiz uma denúncia anônima para a

polícia. E foi muito útil vocês dois terem trocado as chaves para que eu pudesse entrar no porão dele.

Olho para o cano da arma. Essa mulher é louca. Ela é completamente louca. Como é que eu nunca vi isso? Até liguei para uma referência e eles adoraram ela. Não consigo imaginar com quem eu estava falando — a referência era obviamente falsa.

— Fiquei com nojo de ver você namorando aquele homem. — Ela zomba de mim. — Observá-lo tratando meu neto como se fosse seu próprio filho. Mas eu tive que encorajar você a ficar com ele. Era a única maneira de limpar o nome de Shane. E, ah, meu Deus, você deveria ter visto sua cara quando ele lhe deu aquele colar que vendi para ele no flea market durante o verão. Encontrei aquele colar no chão da minha casa depois que você saiu correndo e pensei que poderia ser útil algum dia.

Meu rosto queima. Eu deveria saber. Sempre acreditei que Tim Reese era um bom homem. Eu deveria ter confiado no meu instinto.

— Porque você faria isso? — Meu tornozelo lateja, mas mal sinto. Preciso mantê-la falando, impedi-la de puxar o gatilho enquanto descubro uma maneira de sair disso. — Por que você e Shane matariam um bando de adolescentes inocentes?

— Matar os outros três foi uma pena — diz a Sra. Nelson com uma voz que não parece se importar muito. — Você era o alvo, minha querida. Uma lição precisava ser ensinada.

— Eu...?

Ela afasta uma mecha de cabelo grisalho do rosto. — Você já se perguntou por que seus pais foram tão inflexíveis que você não poderia namorar Shane? Você provavelmente pensou que era porque ele era um lixo branco. Eles nunca lhe contaram o verdadeiro motivo, não é? Porque se o fizessem, você teria ficado longe dele em vez de sair com ele pelas costas.

Balanço minha cabeça sem palavras.

— Quando Shane tinha cinco anos, me apaixonei pelo seu pai. — Sua voz falha ligeiramente. — Ficamos juntos por quase um ano. Ele deveria ter deixado sua mãe por mim. Ele me disse que faria isso. Ele deveria nos salvar – eu e Shane. Mas então ele decidiu que não poderia fazer isso. Ele não poderia deixar sua mãe e não poderia deixar você. Então ele nos deixou. Você viveu a vida que Shane e eu deveríamos ter tido.

— Eu... eu não tinha ideia...

— Claro que não! — Ela aperta ainda mais a arma. — Você estava muito ocupada vivendo sua vida encantadora. Você não tinha ideia do que seu pai fez conosco. E sua mãe sabia de tudo e não nos dava um centavo. Meu filho teve que trabalhar durante todo o ensino médio só para ajudar a pagar a hipoteca aqui. — Ela faz uma pausa. — Aqueles dois mereciam morrer. Eu teria feito isso de qualquer maneira, mesmo que não precisasse fazer isso para que você voltasse para cá.

Coloco a mão na boca. O acidente dos meus pais. Eu pensei que era um ato de Deus, mas aparentemente não. Esta mulher os matou. Ela é ainda mais louca do que eu imaginava.

Eu não era próxima dos meus pais. Eu nunca os perdoei pela maneira como me evitaram depois que decidi ter o filho de Shane. Embora agora eu entenda um pouco melhor. Entendo por que eles nunca quiseram que eu voltasse para Raker e esconderam minha gravidez de todos que conheciam. Não foi porque eles tinham vergonha de mim – eles não queriam que essa mulher maluca descobrisse que tinha um neto.

— Eu contei ao Shane o que eles fizeram comigo — diz ela — e planejamos tudo juntos. Foi tudo ideia dele. Ele é um filho tão bom. Ele faria qualquer coisa por sua mãe. Qualquer coisa.

— Sinto muito pelo que meus pais fizeram com você — digo com cuidado. Eu tenho que manter a calma. Pelo bem de Josh.

— Eles poderiam pelo menos ter me contado sobre meu neto! — ela explode. — Eles tiraram muito de mim. Eu merecia saber sobre Josh.

Eu merecia fazer parte da vida dele – não apenas dos últimos seis meses!

Há lágrimas nos olhos da Sra. Nelson. Talvez haja uma maneira de convencê-la a largar a arma. Talvez eu possa argumentar com ela. Afinal, ela ama Josh. Apesar de quão louca ela é, ela tem um lado bom. Ela não podia fingir o jeito que ela estava com ele.

— Sra. Nelson — eu digo lentamente. — Josh adora você. E você tem sido parte da família nos últimos meses. Não podemos encontrar uma maneira de resolver isso? Ser uma família unida?

Por um momento, ela quase parece estar pensando nisso. Ela abaixa a arma levemente, suas feições suavizando. Dou um passo hesitante à frente, mas então a arma volta a subir. — Não podemos resolver isso.

— Margie, por favor.. — eu digo, mesmo que esse não seja o nome verdadeiro dela.

— Não. — Sua voz é firme. — Não podemos confiar em você. Você vai nos trair, assim como seu pai fez. A única maneira de Josh, Shane e eu sermos uma família é se você estiver fora de cena.

— Por favor.. — Meus joelhos tremem embaixo de mim. — Por favor. Você não precisa fazer isso.

— Eu não fiz isso. — Um sorriso surge em seus lábios. — Um vagabundo passando fez isso. Enquanto Shane e Josh estavam na floresta, ele atirou na sua cabeça e roubou todo o seu dinheiro. Muito triste. Sorte que o pai de Josh está por perto para intensificar isso.

— Por favor...

Ela vai me matar. Shane e Josh vão voltar do passeio na floresta e vão me encontrar morta na neve. Josh sempre quis conhecer o pai, mas precisa de mim, da mãe. Ele não pode crescer sem mim. Eu não posso deixar isso acontecer. Não posso deixar esses dois maníacos criá-lo.

Mas não sei como impedir isso.

Então um baque retumbante ecoa pelo vento, vindo de algum lugar na floresta. A Sra. Nelson vira a cabeça para o lado ao ouvir o som, e agora vejo minha chance. Minha única chance.

Então eu avanço contra ela, agarrando seu pulso direito com tudo o que tenho.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

A arma disparou, mas não me atingiu. Deve ter disparado para longe. Eu luto contra a Sra. Nelson. Ela é muito mais forte do que eu imaginaria para uma mulher da idade dela, mas também estou em boa forma. Claro, estou com o tornozelo torcido, mas nem percebo mais. Eu tenho que dominar a Sra. Nelson. É minha única chance. Eu tenho que fazer isso por Josh.

E então a arma dispara novamente.

Desta vez a Sra. Nelson fica mole contra mim. A arma cai na neve abaixo de mim, que agora vejo que tem uma mancha vermelha se espalhando. Ela foi baleada.

Pego a arma da neve enquanto a Sra. Nelson desaba ao meu lado. Ela está com a mão em seu casaco marrom claro e o tecido está lentamente escurecendo. Ela levou um tiro no peito. A cor desaparece de seu rosto, sua vida escorrendo pela neve em um crescente círculo vermelho ao redor de seu corpo.

— Sra. Nelson? — Eu sussurro. — Margie?

Ela abre a boca, mas nenhum som sai. Um pouco de sangue escorre do canto de seus lábios. Deitada no chão, desarmada, ela não se parece com a mulher malvada que apontava uma arma para minha cara. Ela se parece com a avó gentil que preparava refeições caseiras e frescas para meu filho todas as noites e sempre chegava na hora para que ele nunca voltasse para uma casa vazia.

A bile sobe na minha garganta. Eu não queria fazer isso. Eu não queria atirar nela. Ela pode morrer por causa disso. Mas não foi minha culpa. Eu tive de fazer isto. Era ela ou eu.

De alguma forma, isso não torna tudo mais fácil.

Fecho os olhos por um momento e respiro fundo. Não tenho tempo para me preocupar com a Sra. Nelson. Eu tenho que continuar

andando. Ela pode não ser mais um perigo para mim, mas meu filho ainda está com aquele maníaco.

Eu tenho que salvá-lo.

Aguente firme, Josh!

Manco pela lateral do carro, segurando a arma na mão direita. Sinto-me confortável por tê-la, mas Shane pode ter uma também. E verdade seja dita, não sei como disparar esta coisa. Eu entendo que puxa o gatilho, mas isso é tudo. Eu certamente não posso mirar que valha a pena.

Mas quando entro na floresta, uma pequena figura surge entre as árvores. Demora um segundo para reconhecer que é Josh. Ele está sozinho e soluçando histericamente. Mas ele parece ileso.

— Mãe! — Ele administra. — Mamãe!

Enfio a arma no bolso do casaco para que ele não a veja. Ele corre para meus braços e se agarra ao meu corpo para salvar sua vida. — Josh, o que ele fez com você?

— Mãe! — Ele levanta o rosto, que está manchado de lágrimas. — Houve um acidente! Acho que Shane está ferido!

O que?

— Um monte de neve caiu sobre ele de uma árvore! — Josh soluça. — Ele está ali!

Meu tornozelo está gritando de dor, mas permito que Josh me arraste para mais fundo na floresta. Justamente quando não aguento mais um segundo, vejo o boneco de neve à distância – aquele que Shane e Josh estavam construindo juntos. Josh aperta meu braço com mais força. — É onde ele está!

Não quero continuar andando e isso não tem nada a ver com o fato de meu tornozelo estar me matando. Onze anos atrás, Shane Nelson tentou me matar. Há cinco minutos, a mãe dele tentou matar-me. Mesmo que ele esteja temporariamente incapacitado, não há como

dizer o que ele poderá fazer comigo aqui, sem nenhuma testemunha além de um garotinho assustado.

E se isso for um truque? E se ele estiver à espreita, e no segundo que eu chegar lá, ele vai pular e passar os dedos em volta do meu pescoço?

— Mãe! — Josh está puxando meu braço. — Você tem que ir ajudá-lo!

Enfio a mão no bolso e envolvo a arma com os dedos. Se ele tentar me atacar, estarei pronta para ele. Eu atirei na mãe dele. Eu posso atirar nele também.

Avanço pelos últimos dez metros, minha mão segurando a pistola. Logo após o boneco de neve, há uma figura deitada na neve. A figura parece completamente imóvel.

E não apenas isso, mas há gotas vermelhas em volta de sua cabeça, estragando o branco perfeito da neve.

— Ele está bem, mãe? — Josh limpa o nariz com as costas da mão. — O gelo daquela árvore ali caiu sobre ele de uma vez!

As árvores estão todas cobertas de pingentes de gelo congelados que pendem como enfeites de uma árvore de Natal. Na verdade, é muito bonito. Minha mão está tremendo em torno da arma enquanto eu me aproximo para ver melhor Shane, deitado na neve. Seu corpo está meio coberto de neve e gelo e seu rosto está ensanguentado. Há um corte em sua testa muito maior do que aquele que costurei meses atrás.

E seus olhos estão abertos e sem piscar.

— Você precisa chamar uma ambulância! — Josh puxa minha manga novamente. — Ele precisa ir para o hospital!

Não suporto contar a verdade a ele. Eu odiava esse homem, mas Josh não sabe disso. Ele não sabe que os pingentes de gelo da árvore podem ter salvado sua vida. Ele não sabe que o homem deitado na neve à nossa frente é seu pai – aquele que ele estava desesperado para conhecer todos esses anos.

Ele nem sabe que Shane está morto.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO UM MÊS DEPOIS

— Eu vi Tim hoje.

Josh joga esta informação em mim na mesa de jantar. Estou mastigando um pedaço de macarrão com queijo. E não estou falando de macarrão com queijo gourmet feito com quatro variedades diferentes de queijo, com uma camada de pão ralado crocante e amanteigado como Margie (desculpe, quero dizer, *Pamela Nelson*) costumava fazer. Estou falando de macarrão com queijo de caixa. Veio em um pacote de seis que custou três dólares. É aromatizado com queijo em pó rotulado como queijo número quarenta e dois.

Não sei o que aconteceu com os outros quarenta e um queijos. Eu não quero saber.

— Você viu? — Eu pergunto, querendo desesperadamente ouvir a história, mas não querendo realmente ouvi-la.

— Sim. — Josh estala os lábios no “m” o que se tornou um hábito irritante dele. — Quando fui até a esquina enviar aquela carta para você. Ele também estava enviando uma carta.

Um milhão de perguntas estão passando pela minha cabeça. Como ele estava? Ele está bem? Ele me mencionou? Ele me odeia profundamente? — Ele disse alguma coisa?

— Ele disse oi.

— E o que você disse?

— Eu disse oi de volta.

Esta poderia ser a história mais desinteressante que Josh já me contou, mas estou me apegando a cada palavra dele. — E então o que?

Josh levanta um ombro magro. — Eu voltei para casa.

A história de suspense de Josh encontrando Tim pela primeira vez desde que ele voltou da prisão parece ter acabado, e Josh volta a enfiar macarrão na boca. Vi o Oldsmobile na entrada da casa dos Reese há alguns dias e deduzi que os pais de Tim haviam voltado para Raker para buscá-lo e ajudá-lo a recompor sua vida depois que todas as acusações de assassinato acabaram sendo retiradas.

No final das contas, Pamela Nelson sobreviveu ao ferimento à bala, e foi uma boa coisa que ela fez. Ela acabou confessando tudo, o que é mais do que Shane jamais esteve disposto a fazer. Depois que ela descobriu que seu filho estava morto, ela não se importou mais. Ela contou tudo à polícia – toda a história chocante.

Por exemplo, ela contou a eles como ajudou a encobrir o assassinato de Tracy Gifford onze anos atrás, quando Shane veio até ela em pânico, com o sangue de Tracy nas mãos, e contou o que ele tinha feito. Mas escapar impune do assassinato de Tracy os deixou arrogantes. Ela contou à polícia como ela e Shane planejaram me matar naquela noite na casa da fazenda para se vingar de meu pai por não ter deixado sua esposa e filha por ela. Ela até contou à polícia como atraiu Kelli Underwood para a casa de Tim uma noite, quando ela sabia que ele passaria a noite comigo, enviando-lhe uma mensagem de texto supostamente de Tim. Então, quando Kelli entrou, Pamela Nelson fingiu ser a governanta de Tim e ofereceu-lhe uma bebida misturada com sedativos, dizendo que Tim chegaria em casa — a qualquer minuto — Depois que a bebida a nocauteou, Pamela rolou o corpo escada abaixo até o porão - a queda quebrou seu pescoço, mas foi Pamela cortando sua garganta que a matou.

O grande erro que cometi? Mídia social. Meus pais sempre me avisaram para manter minha imagem fora da internet, mas eu não tinha ideia de que a festa de Natal da família organizada pela empresa em que eu trabalhava no Queens tinha fotos do evento espalhadas por toda a página do Facebook. Foi assim que Pamela Nelson descobriu sobre Josh. E foi por isso que ela assassinou meus pais: para puni-los por esconderem o segredo dela... e também para me fazer voltar para Raker. Ela até garantiu que eu acabaria trabalhando na prisão ligando para

todos os consultórios médicos da região para reclamar dos meus péssimos cuidados médicos.

E claro, Shane também fez a sua parte. Ele livrou-se da minha antecessora Elise denunciando-a por distribuir drogas aos prisioneiros. Não que ela estivesse realmente fazendo isso – ela também foi exonerada.

Depois que as evidências de DNA confirmaram que Shane e Pamela Nelson foram os mentores de todos esses assassinatos, o promotor retirou todas as acusações contra Tim. Mas a justiça é lenta e ele só saiu da prisão alguns dias antes.

Não é de surpreender que ele não tenha parado para dizer olá.

— Talvez Tim possa vir aqui — sugere Josh. — Ele poderia consertar aquele barbante que saiu da luz do armário.

O barbante que acende a lâmpada do armário do corredor se soltou da minha mão há uma semana. Desde então, tenho procurado meu casaco no escuro todos os dias. Eu adoraria consertar isso. Mas tenho a sensação de que, se eu passar pela casa dos Reese, Tim não aproveitará a oportunidade para fazer reparos domésticos para mim. Terei sorte se ele não bater a porta na minha cara.

— Não acho que seja uma boa ideia — digo com cuidado.

— Por que não?

— Acho que Tim pode estar bravo comigo.

— Por que?

Não sei bem como explicar a Josh tudo o que aconteceu nos últimos meses, então não o fiz. Ele tem apenas dez anos. Levei-o para algumas sessões de terapia depois que o pobre garoto viu seu pai ser morto bem na sua frente em um acidente estranho. Claro, Josh não sabia que Shane era seu pai. Ele ainda não sabe. Espero que continue assim.

De qualquer forma, Josh parece bem agora. Ele sente falta de Margie. Acabei tirando-o da escola por algumas semanas quando tudo

explodiu online, só para minimizar as chances de ele descobrir o que sua amada babá tinha feito.

Ou que ela era realmente sua avó.

— Você deveria pedir ao Tim para vir, mãe — diz Josh.

— Eu deveria?

— Sim! Sinto falta dele.

Isso toca meu coração. Josh perdeu muito, alguns dos quais ele nem sabe. No último ano, ele perdeu o pai, um avô e duas avós. Tudo o que lhe resta agora sou eu.

Talvez Tim nunca me perdoe, mas se ele pudesse apoiar Josh, seria melhor do que nada.



Depois que terminamos o jantar, Josh fica para trás para fazer a lição de casa enquanto eu visto o casaco e as botas. Eu poderia levar Josh comigo para a casa de Tim, mas, caso sejamos bem recebidos, não quero meu filho por perto. Espero plenamente que Tim nunca me perdoe por isso. E de qualquer forma, esta não será uma conversa agradável.

Ainda há alguns centímetros de neve empoeirada no chão enquanto caminho pelo caminho familiar entre minha casa e a de Tim. Quantas vezes eu fiz essa jornada quando criança? Demais para contar. Cada vez que eu saía de casa, parecia que as últimas palavras que saíam da minha boca eram: *Indo para a casa do Tim! Volto mais tarde!*

Eu deveria ter confiado nele. Eu deveria saber que ele nunca faria algo tão horrível. Shane me fez uma lavagem cerebral completa. Não

que isso seja desculpa, mas eu queria muito acreditar que o pai do meu filho não era um monstro.

Eu estava errada.

Fico na varanda da frente da casa de Tim, me abraçando, criando coragem para tocar a campainha. Demoro pelo menos um ou dois minutos e, então, antes que eu possa me questionar, estendo a mão e enfio o dedo indicador na campainha.

Eu fico lá por quase mais um minuto. Há uma chance muito real de que eles não abram a porta para mim. Que talvez eu tenha que voltar para minha casa sem sequer conseguir falar com Tim, muito menos dizer a ele o quanto sinto muito e fazê-lo bater a porta na minha cara.

Mas então as fechaduras giram. Coloco um sorriso no rosto bem a tempo de a porta se abrir. Mas não é Tim quem está na porta. É Barbara Reese.

Não vejo a Sra. Reese há mais de uma década, mas ela parece pelo menos duas décadas mais velha — o mesmo que minha mãe parecia antes de Pamela Nelson matá-la. A última vez que a vi, seu cabelo era da mesma cor de bordo do Tim, mas agora ficou todo branco.

— Oi! — Eu torço minhas mãos. — Sra. Reese, sou eu... Brooke.

— Sim — ela reflete. — Eu sei.

Claro que ela sabe. Ela não vive em outro planeta há três meses.

— Eu... — Olho ao redor, estou tendo problemas para olhar nos olhos dela. — Eu queria saber se... se Tim está por perto?

— Sim — ela diz — ele está.

Ela não vai tornar isso fácil para mim. É o que eu mereço.

— Posso falar com ele? — Eu pergunto.

Barbara Reese me lança um longo olhar. Endireito os ombros, tentando estar à altura, embora já me sinta derrotada. A quem estou enganando? Estraguei tudo com Tim, não só por mim, mas por Josh também.

— Vou buscá-lo — diz a Sra. Reese finalmente.

Sinto uma onda de gratidão. — Obrigada. Muito obrigada.

Ela inclina a cabeça pensativamente. — Você parece bem, Brooke. Posso ver por que ele gosta tanto de você.

Com essa declaração um pouco desconcertante, a Sra. Reese desaparece da porta, fechando a porta parcialmente atrás dela. Fico ali, tremendo um pouco, com uma jaqueta que não é quente o suficiente para o tempo que estou nesta varanda. Ouço vozes altas dentro de casa — Tim e sua mãe discutindo. Só posso imaginar o que eles estão dizendo um ao outro. Ele não quer me ver. Isso está claro.

Depois do que pareceu uma eternidade, a porta se abre novamente. E lá está ele. Tim Reese. O garoto da casa ao lado. O cara por quem pensei que estava me apaixonando antes de mandá-lo *temporariamente* para a prisão por assassinato.

Oh garoto.

Ele não parece ótimo. Lembro-me de como desmaiei um pouco quando o vi parado do lado de fora da escola primária no primeiro dia de aula de Josh. Mas agora ele parece cansado e pálido e cerca de sete quilos mais magro.

E chateado como o inferno.

— Brooke. — Seus olhos são como punhais. — O que você está fazendo aqui?

Ele não me convida para entrar. Ele nem sai da porta.

— Hum. — Eu gostaria de ter planejado algo para dizer. Eu poderia ter escrito um pequeno discurso. Por que, ah, por que não escrevi um discurso? — Eu queria dizer oi.

Suas sobrancelhas se erguem. — *Oi?*

— E bem-vindo ao lar — acrescento.

Não há sequer um indício de sorriso nos lábios de Tim. — Não, graças a você.

— Olha... — Eu me contorço na varanda. — Isso também não tem sido fácil para mim, você sabe...

— Eu estava na prisão, Brooke.

— Sim, bem. — Eu levanto meus olhos para encontrar os dele. — O pai de Josh tentou me matar. Então, você sabe, não foi nenhum piquenique.

— Sem brincadeiras. — Tim cruza os braços sobre o peito. Ele está vestindo apenas um suéter, e meu casaco está frio, então ele deve estar congelando, mas não parece. — Eu estive lhe dizendo o tempo todo que Shane era perigoso. Eu não te contei? Eu não te avisei *repetidamente*?

Eu abaixo minha cabeça. Ele absolutamente fez.

— O cara me esfaqueou no estômago. — Seus dedos vão para a área do abdômen onde ele ainda tem aquela cicatriz. — Eu estava praticamente sangrando até a morte, quase inconsciente, e me arrastei do chão quando vi você fugir. Peguei aquele taco de beisebol do chão e bati em Shane com toda a força que pude, para que ele não fosse atrás de você. Eu nem sabia que tinha isso dentro de mim, mas sabia que se não fizesse isso...

Engulo um nó na garganta. Eu sei o que ele fez por mim naquela noite. E como eu retribuí ele? Recusei-me a acreditar nele quando ele foi acusado de assassinato. — Sinto muito — eu resmungo. — Você não tem ideia de como estou arrependida por não ter acreditado em você.

Ele pisca para mim. — Eu não sei o que dizer. É um pouco tarde para isso.

— Eu sei que você me odeia. — Eu torço minhas mãos. — Entendo. Mas olhe, não desconte em Josh. Ele perdeu todos, menos eu. E ele realmente gosta de você. Pelo menos... pelo menos passe algum tempo com ele. Isso significaria muito para ele. Eu poderia sair de casa se você quisesse, ou poderia mandá-lo aqui ou...

Estou tendo muita dificuldade em ler a expressão no rosto de Tim. Mas a sílaba que ele pronuncia faz meu coração cair. — Não — ele diz.

— Por favor, Tim. — Detesto implorar, mas farei isso se for preciso. Para o meu filho. — Apenas uma ou duas vezes. Eu sei que você se preocupa com ele.

Tim balança a cabeça. — Não — ele diz. — Isso não foi o que eu quis dizer. Eu quis dizer, não, eu... eu não te odeio.

O que?

— Quero dizer... — Suas sobrancelhas se franzem levemente, como se ele também estivesse surpreso com essa revelação. — Estou bravo com você. Estou *muito* bravo. Achei que depois de tudo que passamos juntos, você confiava mais em mim do que isso. Mas... Cristo, Brooke. Eu te conheço desde que usávamos fraldas. Você foi minha melhor amiga por toda a minha vida. Você foi a primeira garota que eu já... bem, você sabe. E naquela noite na casa da fazenda, quando eu disse a Shane que era melhor ele te tratar bem, eu falei sério. Porque você merece o melhor. — Seu pomo de adão balança. — Então não. Eu não te odeio. Eu nunca poderia...

Ele não me odeia. Tim Reese não me odeia. Quase choro de felicidade.

— Josh fica falando sobre o cordão da lâmpada do armário que se desfez — digo. — Ele quer consertar isso com você. Se você estiver livre...

Tim fica quieto por um longo tempo. Finalmente, ele acena com a cabeça. — Vou passar por lá neste fim de semana. Dar uma olhada.

— Obrigada.

— Não há de quê.

Ofereço um pequeno sorriso. — Vejo você então.

Quando ele fecha a porta para mim, eu percebo. Foi tão rápido que se eu tivesse desviado o olhar por um segundo, teria perdido. Mas era inconfundível – o canto dos lábios dele se curvando em um sorriso próprio.

Ele não me odeia. Isso é um bom começo. Amizades foram construídas com menos.

EPÍLOGO

TRÊS MESES DEPOIS

JOSH

Hoje foi um dia muito bom, porque fiz prova de matemática na escola e tirei nota máxima. Acertei todas as perguntas. Até acertei a pergunta bônus e fui o único aluno da turma que acertou!

Tim estava muito orgulhoso de mim. Ele e mamãe ficaram muito bravos um com o outro por um tempo, mas agora ele começou a vir de novo e me ajudou a estudar para a prova de matemática. E então, depois que fui dormir ontem à noite, ele e minha mãe ficaram conversando na cozinha. Além disso, quando me levantei para usar o banheiro, às seis da manhã, ele estava saindo do quarto da minha mãe descalço. Ele levou o dedo aos lábios para me avisar que eu não deveria contar à mamãe que o vi.

Tim é legal. Eu gosto dele e estou feliz que ele esteja andando mais pela casa novamente. Eu sei que ele não é meu pai verdadeiro, mas eu ficaria bem se minha mãe quisesse se casar com ele ou algo assim. De qualquer forma, quem quer que seja meu verdadeiro pai, parece que ele realmente não quer me conhecer.

Além disso, estou feliz que Tim esteja por perto porque não gosto da nova babá que mamãe arranjou para mim. Eu gostei da Margie. Ela era muito legal e cozinhou melhor do que qualquer outra pessoa, até mesmo minha mãe. E ela sempre me deixava ajudar e me dava os trabalhos mais divertidos. Margie costumava me dizer coisas como: — Você é minha pessoa favorita no mundo inteiro. Você sabe disso?

Mas então a mãe disse que a Margie fez algumas coisas más e que não podia mais vir. Vi Margie na TV logo depois que ela parou de vir. Mas eles a estavam chamando por um nome diferente. Pâmela Nelson. E então mamãe me pegou assistindo e desligou a TV.

De qualquer forma, é bom ter Tim por perto novamente. Ele deixa minha mãe muito feliz. E ele também é inteligente. Tipo, quando ele diz

alguma coisa, eu sempre escuto.

Por exemplo, há muito tempo, no início do ano letivo, quando me mudei para cá, Tim e eu estávamos sentados juntos no sofá e mamãe tinha saído para algum lugar. E ele me disse: — Há algo muito importante que preciso lhe contar, Josh.

— O que? — Eu disse. Fiz uma cara séria para que ele percebesse que eu tinha idade suficiente para ouvir algo importante.

— Você precisa saber — disse Tim — há um homem chamado Shane Nelson que pode entrar em contato com você algum dia e querer machucar sua mãe. Este homem, Shane Nelson – ele é um homem muito mau. Muito *ruim*. Então, se você o vir ou tiver notícias dele, você precisa saber que ele é perigoso.

Balancei a cabeça muito seriamente. Fiquei feliz por Tim ter confiado em mim o suficiente para me dizer isso. Mesmo que eu realmente não esperasse conhecer um homem chamado Shane Nelson.

Então você pode imaginar que fiquei super surpreso quando minha mãe trouxe para casa aquele hóspede chamado Shane Nelson. Ele parecia bastante legal, mas fiquei pensando no que Tim me contou. Que Shane queria machucar minha mãe. Tim disse que era muito importante.

E eu confio em Tim.

Então, quando Shane me levou para a floresta para fazer aquele boneco de neve, percebi que todas as árvores tinham muitos pingentes de gelo. Eles pareciam muito pesados e pontudos. Shane era muito maior que eu, então pensei que se quisesse proteger minha mãe, essa seria minha única chance.

Esperei até que Shane estivesse embaixo de um dos galhos. Estendi a mão e balancei os galhos, e todo o gelo caiu sobre ele.

Era muita neve e gelo. Foi o suficiente para fazê-lo cair. Fui até lá para ver se ele tinha nocauteado, como na liga infantil do ano passado, quando Jaden jogou a bola na cabeça de Oliver (acidentalmente). Mas

isso não derrubou Shane. Ele estava no chão, esfregando a cabeça, mas ainda estava bem.

Foi quando vi o grande pingente de gelo no chão.

Tinha pelo menos sete centímetros de espessura. Talvez sessenta centímetros de comprimento. Era quase do mesmo tamanho do taco da liga infantil, onde sou o melhor rebatedor de todo o time. Então peguei-o com as mãos enluvadas e balancei-o — do jeito que Tim me mostrou quando praticamos no outono. E eu balancei novamente. E de novo. E de novo.

Achei que poderia quebrar, mas o gelo era bem forte. Não quebrou. Ele se manteve muito bem.

A primeira vez que o pingente de gelo atingiu a cabeça de Shane, ele gritou. Mas não na segunda vez. Ou a terceira. Eventualmente, Shane parou de se mover. Não me lembro quantas vezes isso aconteceu antes que isso acontecesse.

Quando faço algo ruim, mamãe sempre me diz para pedir desculpas. Mas não sinto muito por ter batido na cabeça de Shane com aquele pingente de gelo. Eu tive de fazer isto. Tim disse que ele era perigoso e que iria machucar minha mãe. E pude ouvir quando ele estava falando ao telefone que não estava sendo legal com ela. Tim estava certo.

Eu tive que fazer o que fiz.

Afinal, eu faria qualquer coisa pela minha mãe.

Fim



Notas

[←1]

No caso, ela queria escrever “Amo” que no inglês é love.

[←2]

É um mercado ao ar livre com barracas que vendem produtos usados ou antigos a preços baixos.